

CHRONOS

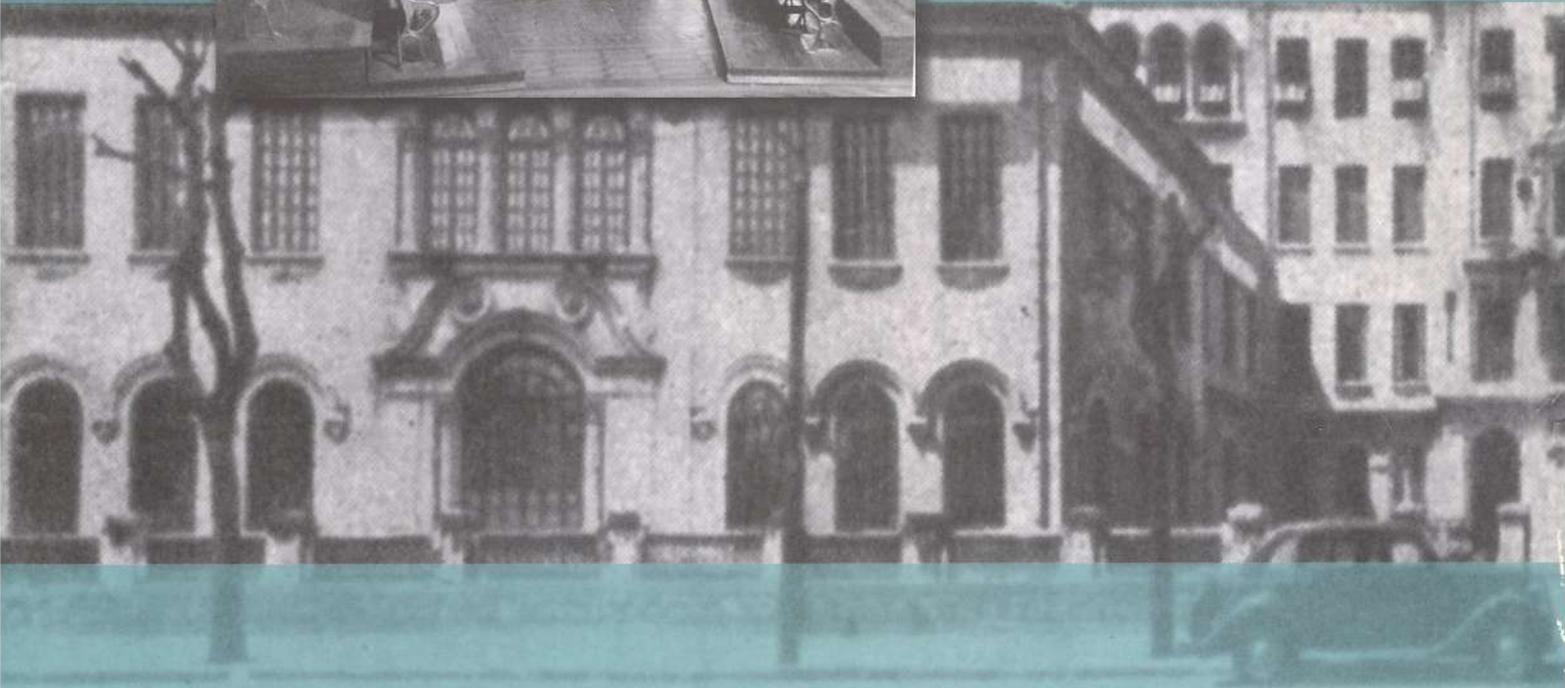
Publicação cultural da UNIRIO 2012 Nº 8 - ano 5

100 *anos*

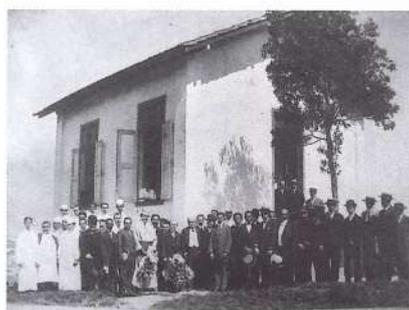


*Escola de
Medicina e Cirurgia*





100
anos



*Escola de
Medicina e Cirurgia*



Rio de Janeiro
2012

C557 Chronos : publicação cultural da UNIRIO / Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro. – Vol.1, n.8 (2012). –
Rio de Janeiro : UNIRIO, 2012.

v.

Semestral.
ISSN: 1809-4015

1. Cultura – Aspectos sociais. 2. Memória – Aspectos sociais.
3. Medicina. I. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(2003-).

CDD – 001.3

CHRONOS

Publicação cultural da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



CHRONOS

Publicação Cultural da UNRIO
Universidade Federal do Estado
Do Rio de Janeiro

Editor Executivo

Luciano Maia

Coordenação Temática

Maurício Borges

Conselho Editorial

*Edson Liberal, Luciano Maia,
Maria Tereza Serrano Barbosa,
Mário Chagas, Ricardo Silva Cardoso,
Simone Scheriber, Helena Uzeda*

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROExC

Pró-Reitor de Extensão e Cultura
Diógenes Pinheiro

Coordenadora de Cultura

Helena Cunha Uzeda

Assessoria Editorial

*Leticia Capone
Marcio Leandro Oliveira*

COMITÊ EDITORIAL

Projeto Editorial

Luciano Maia

Direção de Arte

Anita Santoro

Projeto Gráfico

Anita Santoro e Marina Duque

Fotos

*Arquivos do Instituto Hahnemanniano
do Brasil e Escola de Medicina e Cirurgia*

Normalização

Márcia Valéria Brito Costa

Revisão

*Luciano Maia, Simone Bastos Rodrigues
e Maurício Borges*

Apoio

Núcleo da Imagem e do Som – NIS UNIRIO

Graduandos – estagiários bolsistas

*Tamires Nascimento, Renata Benicá
e Wellington Dias*

Impressão

Gráfica Duo Print – Rio de Janeiro

Apresentação



Luiz Pedro San Gil Jutuca
Maria Lúcia Elias Pires
Carlos Alberto Basilio de Oliveira
Maurício Borges

A história e suas personagens



Artigos históricos;
Depoimentos;
Personagens da história;
Momentos da história;
Galeria dos fundadores.

Depoimentos Alunos



Carolina Maria Motta Stoefel
Laryssa Di Carli de Almeida Couto
André Ricardo Accacio Veloso
Julia Reich Camasmie
Lucas Franco Pacheco
Stephania Benikes Ferreira
Eduardo Alvarenga Junqueira Filho

Diretório Acadêmico Benjamin Baptista



História do Diretório
O DABB contra a ditadura militar
Depoimento da gestão atual

Galeria histórica
dos professores



105

Pós-graduação



117

Depoimentos
Ex-diretores



135

Artigo histórico;
Depoimentos;
Fotos das turmas.

Omar da Rosa Santos
Agostinho Manuel da Silva Ascensão
Mário Barreto Correa Lima
Márcia da Silveira Charneca Vaz

Turma do
Centenário



165

Imprensa



175

Galeria de Imagens



189



Com uma trajetória secular, a quarta escola de medicina mais antiga do nosso país, a Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), origina-se da reunião de vocações históricas de luta e saber, congregando abnegados das ciências médicas que transferiram seus ideais e conhecimentos a várias gerações de docentes, os quais consideram como cláusula pétrea a missão de formar médicos perpetuadores de um sistema de saúde que busca dar uma atenção digna à população brasileira.

A história da atual Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO pode ser contada a partir de 1859 quando se constituiu na capital do Brasil-Império uma sociedade civil de caráter científico-cultural e sem fins lucrativos, denominada Instituto Hahnemanniano do Brasil – IHB, com a finalidade de congregar seguidores da doutrina de Samuel Hahnemann, considerado o “Pai da Homeopatia”. A Escola de Medicina e Cirurgia, fundada como Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro e, a partir do empenho de médicos e farmacêuticos do IHB, reconhecida pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores por meio do Aviso 10.019 de 22 de janeiro de 1912, teve como data simbólica escolhida para a sua fundação o dia 10 de abril de 1912 em homenagem ao dia do nascimento de Samuel Hahnemann.

Sem perder seu compromisso com a qualidade do profissional médico que vem formando ao longo dos seus 100 anos de existência, a Escola de Medicina e Cirurgia foi nominada dez vezes devido às diversas mudanças regimentais ou estatutárias que sofreu nesse período. Sua última alteração nominal ocorreu ao completar 91 anos em 2003, quando passou a ser denominada Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Nesses 100 anos houve também mudanças de sede e hoje a encontramos no prédio da Decania do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UNIRIO.

Em 1914 inicia-se pelo corpo docente fundador da Escola a luta por um hospital de ensino. Na sua história e em épocas distintas, a Escola de Medicina e Cirurgia conseguiu dois hospitais próprios ao ensino: o Hospital Hahnemanniano por cessão gratuita do governo republicano ao IHB, de terreno e prédio na rua Frei Caneca em 1916 e, cinquenta anos depois, em janeiro de 1966, a incorporação à Escola do Hospital da Fundação Gaffrée e Guinle, hoje o único hospital de ensino vinculado à Instituição. Hospital que de forma inegável contribui para a boa formação dos nossos graduandos e pós-graduandos.

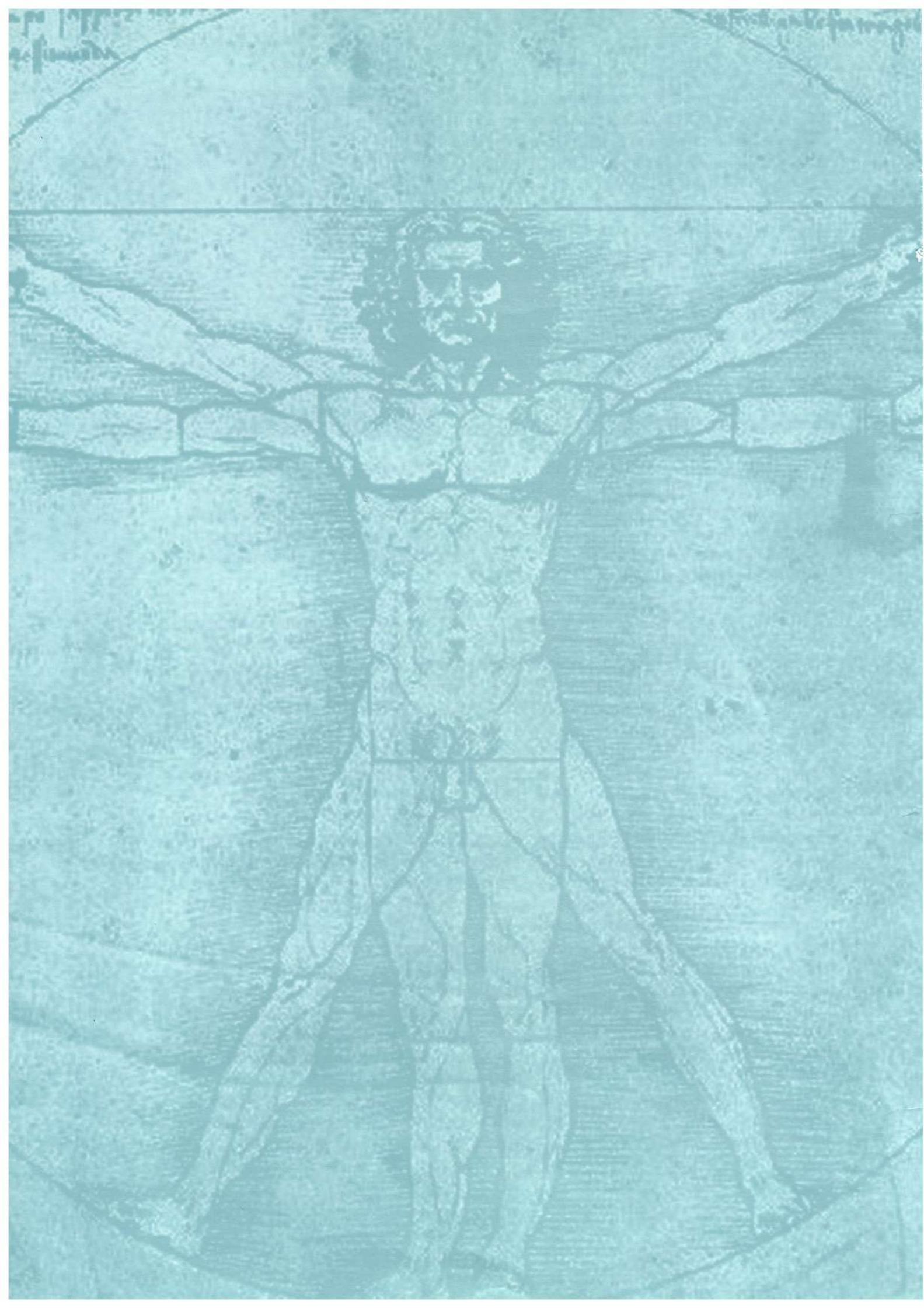
É com esse pequeno conhecimento da História da nossa Escola de Medicina e Cirurgia e com a percepção de um docente com mais de 30 anos na UNIRIO que afirmo, com total segurança, ser grande o orgulho de toda a comunidade de servidores da nossa Universidade por ter a Escola de Medicina e Cirurgia fazendo parte do conjunto de Escolas e Institutos que há algum tempo dão suporte à excelência, internacionalmente reconhecida, de nossa Instituição.

A UNIRIO vem crescendo, no entanto os ideais acadêmicos daqueles que embrionaram a Escola de Medicina e Cirurgia deverão sempre fazer parte daqueles que planejam e vislumbram novas Unidades e Programas voltados para o Ensino, Pesquisa e Extensão em nossa Instituição.

Parabéns, Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Que a atual e futuras Comunidades da Escola de Medicina e Cirurgia continuem a nos orgulhar com mais 100 anos de bons serviços prestados à nossa Nação!



Luiz Pedro San Gil Jutuca
Reitor da UNIRIO



Uma história que conta diversas outras histórias. A história da “nossa” Escola de Medicina e Cirurgia relaciona-se com as histórias do Instituto Hahnemanniano do Brasil, do Hospital Hahnemanniano, do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Idealizada desde 1880 e organizada logo após a promulgação da lei reformadora do ensino “Rivadavia Corrêa” em 1911, a Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO evoluiria conquistando o seu espaço e tradição. Há 100 anos reúne ícones do ensino médico para diplomar e pós-graduar gerações históricas de médicos, perpetuadores de um atendimento médico ainda digno à população brasileira.



Com o convite da Secretaria de Cultura, Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da UNIRIO, e a indicação por unanimidade pelo colegiado da Escola de Medicina e Cirurgia, assumi com muito orgulho a coordenação temática desta edição da Revista Chronos, publicação cultural e oficial de nossa universidade. Tamanha responsabilidade em desenvolver este documento histórico, felizmente, dividi com uma equipe obstinada e brilhante.

Dedico o meu espaço de apresentação aos agradecimentos especiais. Primeiramente ao Professor Luciano Maia, editor da Chronos, pelo profícuo trabalho de parceria e exemplo de amor por aquilo que faz. A Coordenadora de Cultura da UNIRIO, Profa. Helena Uzeda, pela orientação e apoio, e ao Pró-Reitor Prof. Diógenes Pinheiro pela confiança demonstrada. As tarefas foram cumpridas graças a uma equipe esforçada e responsável. Dentre os novos amigos, agradeço ao Márcio Oliveira, Letícia Capone, Tamires Nascimento e Simone Rodrigues, além da competente formatação e marcada artefinalização de Anita Santoro e Marina Duque, que tudo fizeram pela qualificação do conteúdo e identidade visual desta edição especial de Chronos.

Aos atuais docentes e aposentados, alunos e ex-alunos, que atenderam aos nossos convites, agradeço penhoradamente os testemunhos e depoimentos gentilmente fornecidos para consubstanciar a história aqui retratada.

Parabéns à Centenária Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO. Parabéns a todos os professores, servidores técnico-administrativos e alunos do passado, presente e futuro, que fazem desta faculdade de medicina um orgulho para o nosso país.

Mauricio Ribeiro Borges

Coordenador Temático Chronos VIII
Professor da Escola de Medicina e Cirurgia



A ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO. MEUS PROFESSORES E SUAS FAMOSAS ESCOLAS MÉDICAS.

Avinda da família real portuguesa, quando da invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão Bonaparte, criou as condições políticas para a implantação do ensino médico no Brasil. Pela primeira vez ocorreu a transferência de um reino europeu e quase toda a nobreza da corte para sua colônia, em continente americano, que se fez acompanhar de novos costumes, pompas, hábitos, virtudes e vícios. Seus navios desembarcaram nos trópicos, com acervos históricos, bibliotecas, obras de arte e maquinários, como também, chegou sua literatura, suas leis e projetos para o novo mundo.

Dom João, o Príncipe Regente, fez de início uma promulgação real (já pronta com a colaboração do Conde de Linhares e do Visconde de Cairu): abriu os portos às nações amigas. Neste Decreto havia a nítida intenção de favorecer o comércio com a Inglaterra e desestabilizar possíveis interesses territoriais da França no continente.

A primeira escola médica foi fundada em 18 de fevereiro de 1808 por Dom João, criando a Escola de Cirurgia na Bahia, quando a instância do Dr. José Corrêa Picanço aceitou a sugestão de ser instituído oficialmente o ensino da medicina no Brasil. Vindo pouco depois para o Rio de Janeiro, o Príncipe Regente, por Decreto de 02 de abril de 1808, nomeou o Professor Joaquim da Rocha Mazarem (lente da nova cadeira com funções no Hospital Militar) para as aulas de Anatomia e Cirurgia; este documento passou a ser considerado, por alguns, como a data de fundação do ensino médico no Rio de Janeiro. Em outro Decreto de 05 de novembro de 1808, o Príncipe Regente substituiu as aulas por um esboço de curso, embrião da futura Academia e, depois, Faculdade Medicina. Por isso, alguns outros autores registraram 05 de novembro como a data de criação da Faculdade no Rio de Janeiro.

O primeiro projeto para o ensino médico no Brasil, criado em 1830, traduz uma cópia do estatuto da Escola de Medicina de Paris. Regulamenta o curso médico com duração de seis anos e 14 disciplinas. Em 1854 ocorreu a primeira reforma curricular. O número de disciplinas passou a 18, agrupadas da seguinte forma:

1. Ciências Acessórias: Física, Química, Minerologia, Botânica, Zoologia, Medicina Legal e Farmácia;
2. Ciências Cirúrgicas: Anatomia Descritiva e Geral, Patologia Externa, Anatomia Topográfica, Medicina Operatória e Aparelhos, Doenças das Parturientes e Recém-Nascidos e Clínica Externa;
3. Ciências Médicas: Fisiologia, Patologia Geral, Patologia Interna, Matéria Médica e Terapêutica, Higiene, História da Medicina e Clínica Interna. A partir de 1901, passou a ser incluída a disciplina de Microbiologia.

Em 1829 foi fundada a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, que teve grande importância no futuro do ensino médico, ao qual esteve ligada desde o início, quando foi chamada a dar parecer sobre os seus planos de reorganização. Esta Sociedade teve como primeiro presidente Joaquim Cândido Soares Meirelles e, como secretário, Luiz Vicente De-Simoni, sendo transformada mais tarde em Academia Imperial de Medicina, e é hoje a Academia Nacional de Medicina. Somente no final do século XIX foi criada outra faculdade de medicina no Brasil - a Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, em



25 de julho de 1898, no Rio Grande do Sul, com a finalidade de promover uma descentralização na formação acadêmica que era uma antiga reivindicação política dos gaúchos. Esta medida levou a maior fixação de gerações de jovens nos estados do sul, pois havia um forte deslocamento de estudantes para fazer curso fora do país, principalmente, em Buenos Aires, na Argentina, tirando nossos promissores jovens do território nacional.

O período final do século XIX e o início do XX foram marcados por substituição do antigo modelo econômico agroexportador escravista por um modelo capitalista, que passou a incorporar a mão de obra livre dos imigrantes vindos para trabalhar no Brasil. Começa o fluxo de estrangeiros chegados do Japão, da Europa, maciçamente de portugueses, italianos e espanhóis, depois seguidos de alemães, de poloneses, e até suíços e árabes, constituindo colônias tradicionais, mantidas até os nossos dias, como aconteceu também com outros povos asiáticos. A última metade do século XIX foi uma fase de muitas atividades artísticas e científicas na Europa. A medicina apresentou um período de descobertas muito forte, principalmente na Alemanha com estudos sobre os conhecimentos morfológicos e os processos físico-químicos. Na França ocorreu crescente interesse pela bacteriologia, com a criação do Instituto Pasteur, o que permitiu o desenvolvimento dos fundamentos em Clínica Médica com particular interesse na Neurologia. Nessa mesma época, tomou corpo na Europa, primeiro na Alemanha, depois na França, o surgimento da Homeopatia, criada por Hahnemann (Cristian Friedrich Samuel Hahnemann), nascido em 10 de abril de 1755, em Meissen, na Saxônia (atual Alemanha).

Em 1859, foi fundado o Instituto Hahnemanniano do Brasil, que se tornou um centro de desenvolvimento para o estudo e a assistência homeopática entre nós. Já no século XX, logo em seu início, foi criada a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro em 10 de abril de 1912, data escolhida por referência ao dia e ao mês de nascimento de seu patrono Samuel Hahnemann. A relação histórica do Instituto Hahnemanniano do Brasil com a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro foi o início de nossa identificação. Havia necessidade da criação de alternativas para o ensino da Homeopatia na capital do Império, no Rio de Janeiro. A partir de 1881, passou então a ser requisitada a abertura de cadeiras para o ensino da Homeopatia na instituição médica oficial, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a antiga

Faculdade Nacional de Medicina, atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que se negou através de sua congregação, levando alguns de seus membros ao combate à prática da Homeopatia. Deste fato, partiu a convicção dos membros do Instituto de que só haveria uma solução para a questão: fundar uma escola médica própria, autônoma e privada, valendo-se dos benefícios oferecidos pela Reforma do Ensino (Lei Rivadavia Corrêa em 1911). Foi idealizada uma escola médica "completa", ou seja, dotada de conhecimentos alopáticos e homeopáticos a tomar corpo e forma com a fundação da efêmera Faculdade Homeopática do Rio de Janeiro, em 1912, e da sua sucessora, Faculdade Hahnemanniana, ainda no mesmo ano. Os professores Licínio Cardoso (Diretor), Alfredo Magghioni de Azevedo Maia (Vice-Diretor) e João Dias da Cruz (1º Secretário) formaram a primeira diretoria da Faculdade Hahnemanniana. Ambas as faculdades constituíram as raízes históricas da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Depois de uma fase de lutas e reivindicações, a Escola de Medicina obteve, em 05 de dezembro de 1924, equiparação às suas congêneres federais, com o que se possibilitou atribuir validade aos títulos de médicos de seus diplomas. Por exigência do Conselho Superior de Ensino passou a denominar-se Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano, nessa ocasião, muitos dos Professores fundadores já haviam sido substituídos, e tinham ingressado na Escola os professores Benjamin Vinelli Baptista, Deolindo Couto, Ugo Pinheiro Guimarães, Miguel Julio Dantas Salles e Custódio Martins. Dez anos mais tarde, vários desses professores foram, para atender a preceitos legais, levados a prestar concurso para as suas cátedras, fato que trouxe à Escola um conceito mais sólido, credenciando-a no meio do ensino médico brasileiro. Desta vez, prestaram concurso, através de provas, que se distinguiram pelo seu brilho, os Professores Hamilton Nogueira, Augusto Paulino Filho, Guerreiro de Faria, Paulo de Carvalho, Fioravanti Di Piero, Custódio Martins e Penna de Azevedo. Com tal iniciativa, a Escola assegurou número suficiente de professores concursados para, daí em diante, por si própria, ampliar seu magistério através de outros concursos públicos.

Em 1948, ante o vulto que a Escola alcançara, após delicadas gestões, desvinculou-se ela do Instituto Hahnemanniano e se organizou como sociedade civil, cujos sócios eram, exclusivamente, os membros da sua congregação. Seu estatuto, apro-

vado em 1949, foi, em 28 de abril de 1950, homologado pelo Ministério de Educação e Cultura, e após acordo entre o Instituto Hahemanniano e a Escola, pela Lei No 1.398, de 1951, foi transferida parte do patrimônio daquele para esta, com o que se possibilitou a demolição dos antigos imóveis onde funcionavam a Escola e o Hospital, para construção dos edifícios em que hoje funciona o Instituto Biomédico.

O impulso assim adquirido pela Escola fê-la, em 1954, estabelecimento de ensino subvencionado pelo Governo Federal, e, três anos mais tarde, pela Lei Nº 3.271 de 1957, foi a Escola incorporada ao Sistema Federal de Ensino, ficando subordinada ao Ministério de Educação e Cultura.

Depois de ser uma escola médica de ensino superior por muitos anos, foi federalizada em 1957, pelo ministro Salgado Filho. Na ocasião seu diretor era o Professor Fioravanti Di Piero. Depois, em 1969, passou a fazer parte da Federação das Escolas Federais e Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), posteriormente FEFIERJ, tendo como Presidente da Federação o Professor Alberto Soares Meirelles. Faziam parte desta federação, no momento de sua concepção, unidades de ensino superior que pertenciam a três ministérios: Ministério do Trabalho, Comércio e Indústria (Escola Central de Nutrição); Ministério da Saúde (Escola de Enfermagem Alfredo Pinto) e Ministério da Educação e Cultura (Escola de Teatro, Instituto Villa-Lobos, Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e Escola de Biblioteconomia e Documentação). O Instituto Nacional do Câncer viveu apenas dois anos como unidade congregada da FEFIEG. Em novembro de 1971 reintegrou-se ao Ministério da Saúde. A federação perdeu, então, uma de suas unidades, mas manteve o número sete, pois, um pouco antes, em agosto de 1971, tinha sido criado o Instituto Biomédico. O Hospital Gaffrée e Guinle pertencendo a Escola de Medicina e Cirurgia foi também incorporado. O Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, não por lei, mas por convênio, esteve também agregado à federação. Esta parceria durou a vigência de um convênio: de fevereiro de 1974 a dezembro de 1975. Dois outros estabelecimentos isolados do sistema federal de ensino foram depois incorporados: o curso de Museologia do Museu Nacional e o curso de Arquivologia do Arquivo Nacional. Em 1978, sob a orientação do Professor Guilherme de Figueiredo, foi criada a UNIRIO com a participação da Escola de Medicina e Cirurgia e todas as demais escolas federais isoladas. Por fim passou a Escola

de Medicina e Cirurgia, integrada a todos os outros estabelecimentos de ensino à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sendo Reitor o Professor Pietro Novellino, mantendo a mesma sigla.

Em um breve parêntese, pode-se dizer que a partir de uma campanha desencadeada em 1962 pelo Diretório Acadêmico Benjamin Baptista e com o apoio de vários grupos de professores houve a conquista do Hospital Gaffrée e Guinle, como hospital de clínicas, depois universitário, com início de suas efetivas atividades docentes e assistenciais em 1966, com os serviços de clínica médica e de cirurgia, em implantação regular.

Foi nesse cenário de conquistas e afirmações, pouco tempo depois de comemorar seu cinquentenário, que chegamos a Escola de Medicina e Cirurgia (EMC), tempo em que todas as disciplinas tinham professor catedrático e generosa equipe de assistente. Muitos de seus professores representavam escolas médicas famosas, com grande contribuição ao ensino médico nacional. A área básica tinha tradicionais figuras, desde a anatomia e a histologia, como a farmacologia, a técnica operatória e a patologia geral. No período de transição entre o ciclo básico e as clínicas médico-cirúrgicas, ficavam a anatomia patológica e a semiologia, completando depois as clínicas especializadas, a higiene e a Medicina Legal.

A Anatomia Humana representou forte tradição docente, o Professor Vinelli Baptista sustentou com sua atuação o crédito acadêmico da nossa Escola, durante muito tempo, diante do Ministério de Educação. Trouxe a tradição de Benjamin Baptista e da mais famosa escola anatômica do Brasil. Criou o Colégio Anatômico Brasileiro, que permitiu através de sua revista intenso intercâmbio com outras Escolas de anatomia da América do Sul e da Europa. Teve muitos assistentes como Baptista Netto, Alexandrino, Ramos Filho, Calonese, Severino Fonseca e Jarbas Delfino. Foi substituído por Jair Ramalho, grande professor e excelente didata. Criou um novo modelo para o ensino da anatomia humana com a aplicação de resinas e a formação de moldes vasculares para diversos órgãos como o coração, rim, pulmão e placenta.

A Histologia e a Embriologia tiveram em Ariovaldo Vulcano o príncipe da técnica histológica com belíssimos preparados. Para isso, basta citar sua tese para professor catedrático: o órgão de Jacobson. Pertenceu à Escola de histologistas da Praia Vermelha com uma sequência de grandes mestres como Chapot-Prevost, Antônio Dias de

Barros, Ernani Pinto, Bruno Alipio Lobo e Francisco Alipio Bruno Lobo.

A Anatomia Humana criou ainda as bases para a Disciplina de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, na formação de seus assistentes, que praticamente tiveram suas origens na disseções anatômicas, desde os seus primórdios. O Professor Sá Fortes Pinheiro, foi discípulo e assistente de Vinelli Baptista, antes de ocupar a Disciplina de Técnica Operatória, criando em continuidade numerosos outros assistentes, salientando a figura de Ataliba Macieira Belizzi, que foi livre-docente em ambas as disciplinas.

Devem ser lembrados os professores de Química Fisiológica, Ítalo Viviani Matoso; Física Biológica, Francisco Alcântara Gomes Filho; Fisiologia, Mário Vianna Dias; e seu primeiro assistente Charles Esberard; Parasitologia, Ruy Gomes de Moraes.

Na Anatomia Patológica ocorreu uma sequência ilustre de grandes patologistas desde Amadeu Fialho, que foi vice-diretor da Escola, Magarino Torres e Penna de Azevedo, culminando a partir de 1951 com Francisco Fialho, que pontificou em duas oportunidades como Diretor do Hospital Gaffrée e Guinle. Seus primeiros assistentes foram José Maria Barcellos e Leon Cardeman. A Patologia Geral teve no Professor Custódio Martins plena atividade multidisciplinar. Legou Nisio Marcondes Fonseca como seu continuador.

A Clínica Médica sofreu forte revolução didática com a chegada do Professor Jacques Houli, tornando-a dinâmica em todos os sentidos, constituindo equipe de assistentes que depois se multiplicaram, ocupando as demais cadeiras de Clínica Médica, inclusive de doenças infecciosas e parasitárias, com Mário Barreto Correa Lima. Os Professores Vasco Azambuja, Annibal da Rocha Nogueira Junior e João Monteiro de Carvalho coroaram o ciclo da Clínica Médica.

A Farmacologia teve em Lauro Sollero excelente mestre que soube honrar sua especialidade com a expressão do valor de Paulo de Carvalho e Pedro Pinto.

A Pneumologia tinha à sua frente o brilhante Professor Newton Bethlem, paraninfo da turma, excelente e exigente mestre. Pertenceu à escola de Antônio Ibiapina. Linandro Dias e Pereira Rego foram dois assistentes que o acompanharam no período de atividades clínicas no Hospital Universitário.

As disciplinas cirúrgicas tiveram grandes mestres, Josias de Freitas e Lúcio Galvão. Deve-se destacar a forte tradição da escola de Alfredo Monteiro. Cabe méritos a seus continuadores, José Galvão, Pietro Novellino e Antônio Helio Barros de Figueiredo. A Dermatológica brasileira teve em João Ramos e Silva sólida tradição médica, legou dois mestres excepcionais: Demétrio Periassu e Antar Padilha Gonçalves. As disciplinas de Oftalmologia e Otorrinolaringologia vieram de um tronco comum - David de Sanson: foram meus mestres Antônio Paulo Filho na oftalmologia e José Kós na otorrinolaringologia. Antônio Giardulli foi aluno da Escola e depois professor titular de Oftalmologia. A Neurologia teve em Deolindo Couto grande paradigma. Coube a Antônio Melo reger a disciplina com sua carismática amabilidade. A Psiquiatria tinha como professor titular José Alves Garcia. Estavam começando Mário Luiz Pellon Moreira e Talvane Marins de Moraes. Não podemos esquecer os professores de Ortopedia José de Lima Batalha e de Pediatria, Flávio Lombardi. A Homeopatia sobreviveu aos novos tempos e continua viva com a renovação de novos professores. Não podemos, entretanto, esquecer Alberto Soares Meirelles, José Barros da Silva, Alfredo Vervolet, Kalil Curi e David Castro.

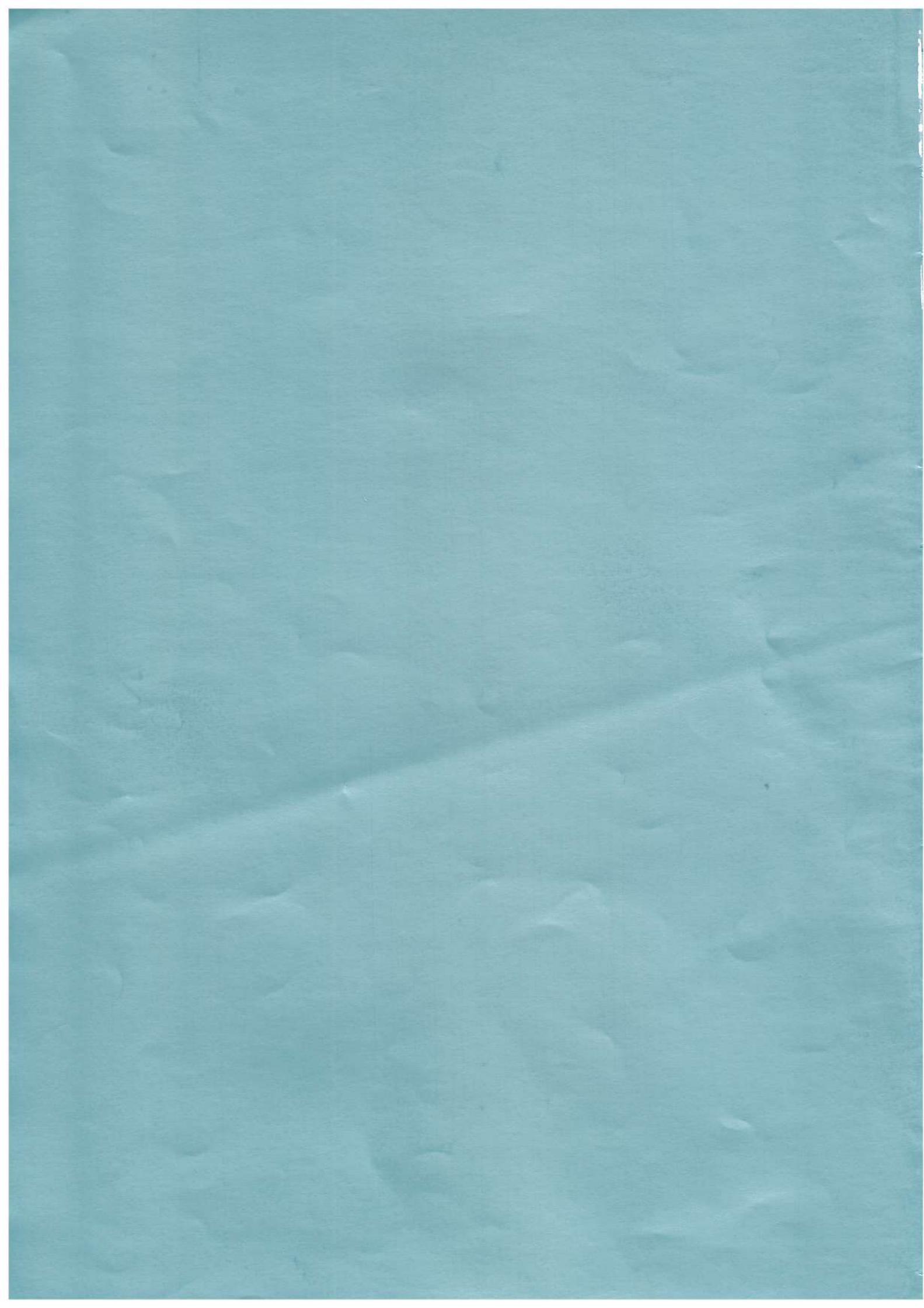
Assim passaram os nossos felizes anos do curso médico, com a dedicação de muitos professores. Transitamos de um período romântico do ensino médico para uma fase moderna, que permitiu atingir nossos dias e revisitar nossa história.

Prof. Carlos Alberto Basilio de Oliveira

Presidente da Comissão Organizadora do Centenário da Escola de Medicina e Cirurgia



A HISTÓRIA E
SUAS PERSONAGENS





A FUNDAÇÃO DA ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA

A história da Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro pode ser contada a partir de 1859 quando se constituiu na capital do Brasil Império uma sociedade civil de caráter científico-cultural e sem fins lucrativos, com a finalidade de congregar seguidores da doutrina de Samuel Hahnemann, o Pai da Homeopatia, denominada Instituto Hahnemanniano do Brasil, uma das mais antigas e tradicionais instituições médicas do país. Após a reforma de seus estatutos em 1880, seus fundadores se decidiram entre as estratégias de ensino e propagação da ciência homeopática pela criação de uma escola médica.

A homeopatia chegou ao Brasil no início do século XIX, aproximadamente em 1810, por meio de cartas trocadas entre Samuel Hahnemann e José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca da independência que era naturalista, dedicado à mineralogia e entusiasta do grande conhecimento na área da química de Hahnemann. Atendendo predominantemente à população pobre e escrava do Império, aquela alternativa à medicina oficial sofreu duro combate pelas instituições de ensino e assistência médica da época que sempre adiavam o debate sobre a legalização ou o reconhecimento das instituições homeopáticas. Alegavam que não era um sistema médico, carecia de comprovação científica e seus efeitos terapêuticos eram fruto de imaginação exaltada e fé, além do cuidado higiênico e repouso do paciente. A dicotomia prevista por Samuel Hahnemann para o pensamento médico da época, alopatia e homeopatia, seguiu em via turbulenta da segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX.

No período pré-republicano e nos primeiros 20 anos do novo regime político (até 1911), a homeopatia se expandiu para todo o país, através de associações, enfermarias, farmácias e dispensários, além de ganhar espaço no meio médico de atendimento às populações carentes, alternativa aos tratamentos alopáticos. No final do século XIX, após tentativas frustradas de criar por meios oficiais cadeiras de ensino da Homeopatia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ), devido ao preconceito e desprestígio junto ao governo, os médicos e farmacêuticos homeopatas do Instituto Hahnemanniano do Brasil, estimulados pela Lei reformadora do ensino superior denominada Rivadávia Corrêa, promulgada em 1911, que estimulou a criação de faculdades privadas, decidiram fundar a Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro.

A Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro

A oportunidade de fundar uma faculdade de medicina parecia viável com a promulgação da Lei Rivadávia Corrêa, instituída pelo decreto nº 8.659 em 11 de abril de 1911, que proporcionava autonomia didática e administrativa aos estabelecimentos de ensino superior. Organizada a partir de um plano de estudos apresentado em 1910 na Academia Nacional de Medicina pelo professor Hilário Soares de Gouvêa e da ação do Ministro da Justiça e Negócios Interiores Rivadávia da Cunha Corrêa, a nova lei reformadora do ensino permitia e estimulava a criação de faculdades privadas, e as novas faculdades de medicina não tinham mais a obrigatoriedade de seguir os programas de ensino das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Foi assinado de forma complementar o decreto nº 8.661, cujo artigo 1º definia que as faculdades de medicina seriam designadas pelo nome da cidade em que estivessem sediadas e deveriam oferecer cursos de Medicina e Cirurgia, Farmácia, Odontologia e Obstetrícia.

Havia se passado dez anos da última tentativa do Instituto Hahnemanniano do Brasil para introduzir o ensino da Homeopatia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quando uma comissão de professores catedráticos, entre eles Hilário de Gouvêa, negou o pedido e praticamente sepultou a pretensão de oficializar o ensino da homeopatia na faculdade oficial. O que Hilário de Gouvêa não poderia imaginar é que, ao ascender à direção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1910 e elaborar o estudo que originaria a Lei Rivadávia Corrêa, acabaria por reviver a quase falida pretensão “hahnemannista”.

Após 104 anos, uma nova escola médica na capital

Em 1911, logo após a promulgação da Lei Rivadávia Corrêa, um grupo de homeopatas, entre eles Domingos Marques de Oliveira, médico e membro do Instituto Hahnemanniano do Brasil, em sociedade com Marcos Evangelista de Negreiros Sayão Lobato, Francisco Pacheco de Oliveira e Antônio Guilherme Cordeiro, se organizaram com ideias e documentos e levaram a proposta da fundação de uma faculdade de medicina homeopática à congregação do Instituto. Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888, Domingos Marques de Oliveira, membro do Instituto Hahnemanniano desde 1904, era médico adjunto da Caixa de Socorro Dom Pedro V.

Calejados e relembrando os últimos 20 anos de luta, poucos foram aqueles que apoiaram a ideia. Inicialmente, os postulados da Reforma Rivadávia Corrêa não foram suficientes para estimular ou convencer os membros do Instituto Hahnemanniano. Entretanto, Licínio Athanasio Cardoso e seu irmão Saturnino Nicolau Cardoso apoiaram a proposta de Marques de Oliveira e a partir daí decidiram fundar a Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro, a segunda escola médica da capital e quarta do País, considerando as já instaladas: Faculdade de Medicina da Bahia, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (ambas em 1808) e Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre no Rio Grande do Sul (1898). Paralelamente, a Associação Médico-Cirúrgica de Minas Gerais organizava a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte nas Minas Gerais.

A Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro era uma escola médica privada, porém subvencionada pelo governo republicano. O Ministério da Justiça e Negócios Interiores concedeu pelo Aviso 10.019 de 22 de janeiro de 1912 uma subvenção anual de 30 contos de réis para a nova faculdade. Na sede do Instituto Hahnemanniano do Brasil na Avenida Rio Branco em 22 de março de 1912, os estatutos da Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro foram aprovados com 10 capítulos e 38 artigos. Organizada em dois cursos, o Anexo e o Superior, o objetivo da faculdade era formar médicos e farmacêuticos homeopatas. A direção da faculdade escolheu em comum acordo com os seus professores a data simbólica de 10 de abril de 1912 como marco de fundação, em homenagem ao nascimento do Pai da Homeopatia, Samuel Hahnemann.

A segunda escola médica da então capital republicana Rio de Janeiro ficou provisoriamente instalada em um pequeno sobrado na antiga Rua do Hospício (Hospital dos Irmãos da Ordem da Penitência), atual Rua Buenos Aires no centro do Rio de Janeiro. Ainda em 1912, a sede da faculdade foi transferida para o segundo andar do prédio de número 133 na Avenida Rio Branco. A nova faculdade foi registrada sob o número 547 no livro nº 1 do Registro Especial de Títulos e Documentos da Capital, Rio de Janeiro, objeto da publicação no Diário Oficial em 12 de maio de 1912, e a direção ficou assim definida: Diretor - Domingos Marques de Oliveira; Vice-Diretor - Paulo Barbosa da Cunha; 1º Secretário - Marcos Evangelista de Negreiros Sayão Lobato; 2º Secretário - Francisco Pacheco de Oliveira; e Tesoureiro - Antônio Guilherme Cordeiro.

O corpo docente integrava professores catedráticos





ticos (chefes de cadeira de ensino), substitutos e outros denominados preparadores, equivalente aos atuais Livres-Docentes. O primeiro quadro docente integrou homeopatas e membros do Instituto Hahnemanniano do Brasil convidados por Domingos Marques de Oliveira e Licínio Cardoso, entre os quais destacaram-se: Saturnino Nicolau Cardoso, Francisco Menezes Dias da Cruz (aquele que dá nome à principal rua do bairro do Méier), Umberto Auletta, Alfredo Maggioli de Azevedo Maia, Theodoro Gomes, João Dias da Cruz e Rodoval Soares de Freitas.

Os requisitos para a matrícula compreendiam idade superior a 15 anos, alfabetização completa, certidão de nascimento ou batismo e para o curso superior era obrigatória a certidão de conclusão do curso Anexo. O curso Anexo teria a duração de um ano e apresentaria matérias básicas e idiomas: Português, Francês, Inglês, Geografia, História, Aritmética e Geometria. O curso Superior teria a periodicidade de quatro anos e o programa curricular contaria com 16 cátedras como anatomia, histologia, fisiologia, obstetrícia, ginecologia, farmacologia e as demais relacionadas à matéria e terapêutica homeopática, além de exames teóricos e práticos.

A morte no berço

Ainda que iniciado o curso médico, a nova faculdade não resistiria por muito tempo e acabou extinta antes mesmo de completar um ano. Concorreram para a desativação da Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro: a crítica interna pelos membros do Instituto Hahnemanniano quanto ao programa de ensino em apenas quatro anos, omissão de cátedras consideradas fundamentais, dúvidas quanto à formação dos futuros

médicos (homeopatas ou alopatas?) e uma ação judicial que desferiu o golpe mortal. De fato, desde a sua fundação, a organização da nova faculdade não constituiu unanimidade. Licínio Cardoso adotara a estratégia de convencer os membros do Instituto a aderir à ideia de melhorar a nova faculdade e não apenas criticá-la. Seria imperativo não deixá-la minguar e sim apoiá-la com o objetivo de reformular seus estatutos e metas. Neste intuito, a congregação da faculdade decidiu por reformular os estatutos objetivando aperfeiçoar o ensino, complementar o conteúdo programático adequando-o à formação do médico e do farmacêutico homeopata, além de corrigir erros ou exageros. Na realidade, havia a preocupação com a possibilidade de não oferecer um ensino de qualidade, comparável às instituições alopáticas daquela época. Antônio Guilherme Cordeiro, entretanto, não se conformou com a substituição no cargo de tesoureiro e acionou judicialmente a faculdade que meses atrás ajudara a fundar. Em reunião urgente dos congregados, Marques de Oliveira apresentou a ideia de fechar a Faculdade de Medicina Homeopática e criar outra a fim de abortar o processo judicial. A proposta foi aceita, mas se reiterou o cumprimento do ano letivo, e assim finalizado, os alunos já matriculados seriam transferidos para a nova faculdade. O ato de “morte” da efêmera Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro foi celebrado ao final de 1912, com a entrega dos seus arquivos ao queixoso Antônio Guilherme Cordeiro.

vando aperfeiçoar o ensino, complementar o conteúdo programático adequando-o à formação do médico e do farmacêutico homeopata, além de corrigir erros ou exageros. Na realidade, havia a preocupação com a possibilidade de não oferecer um ensino de qualidade, comparável às instituições alopáticas daquela época. Antônio Guilherme Cordeiro, entretanto, não se conformou com a substituição no cargo de tesoureiro e acionou judicialmente a faculdade que meses atrás ajudara a fundar. Em reunião urgente dos congregados, Marques de Oliveira apresentou a ideia de fechar a Faculdade de Medicina Homeopática e criar outra a fim de abortar o processo judicial. A proposta foi aceita, mas se reiterou o cumprimento do ano letivo, e assim finalizado, os alunos já matriculados seriam transferidos para a nova faculdade. O ato de “morte” da efêmera Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro foi celebrado ao final de 1912, com a entrega dos seus arquivos ao queixoso Antônio Guilherme Cordeiro.



A Faculdade Hahnemanniana

A proposta da escola de medicina completa e livre, dotada de conhecimentos alopáticos e homeopáticos, começou assim a tomar corpo e forma, e a alma veio de Licínio Cardoso quando participou da fundação da efêmera Faculdade de Medicina Homeopática organizada por Domingos Marques de Oliveira a partir de 1911 ou da sua própria criação em 1912: a Faculdade Hahnemanniana.

Em setembro de 1912, Licínio Cardoso foi eleito Presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil, iniciando um período de realizações que marcaria a história do ensino médico e da Homeopatia no Brasil. A congregação do Instituto constituiu uma comissão formada pelos Professores Licínio Cardoso, Saturnino Cardoso, João Dias da Cruz e Alfredo Maggioli Maia, para organizar os estatutos de uma nova faculdade que pudesse oferecer um ensino de qualidade referenciado e comparável às instituições alopáticas daquela época. Em 28 de novembro de 1912, Licínio Cardoso apresentou a proposta de criação de uma nova Faculdade denominada "Hahnemanniana" em



Membros do Instituto Hahnemanniano do Brasil

homenagem ao Pai da homeopatia. O presidente do Instituto agregou a sua explanação inicial duas condições que lhe pareciam básicas e fundamentais para a sua proposta: a disposição liberal da Constituição Republicana quanto ao exercício do ensino e a esperança de ver aprovado na Câmara Legislativa o projeto do reconhecimento oficial do Instituto Hahnemanniano do Brasil com o reconhecimento de seus títulos, atribuindo-lhes o mesmo valor daqueles emitidos pelas faculdades de medicina alopáticas.

– Se o Estado deve, pois, proporcionar a livre concorrência das aptidões e profissões, protegendo a todos igualmente dentro da lei, é claro que os vencedores serão os que estiverem melhormente aparelhados. Já por este lado se vê que devemos criar uma faculdade de ensino médico o mais completo possível...E naquela noite, na Avenida Rio Branco, centro da capital Rio de Janeiro, na sede do Instituto Hahnemanniano do Brasil, Alfredo Maia pediu que se colocasse em votação a proposta de Licínio Cardoso e, a fim de solenizar o ato, propôs que permanecessem sentados aqueles contrários ao ideário do presidente. E todos ficaram de pé...

Em 02 de dezembro de 1912 foram aprovados os estatutos da Faculdade Hahnemanniana e eleito como primeiro diretor Licínio Cardoso, que exerceria a direção da nova faculdade por dez anos consecutivos (até 1922) e a presidência do Instituto Hahnemanniano do Brasil até 1926. Como Vice-Diretor foi designado Alfredo Maggioli de Azevedo Maia, e João Dias da Cruz Filho, o 1º secretário. De acordo com os seus primeiros registros documentais, a Faculdade Hahnemanniana consistia na Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano do Brasil. Como símbolo da nova faculdade foi mantido o símbolo do Instituto Hahnemanniano, no qual é desenhado um cacique empunhando uma cruz, símbolo da fé cristã, sobre uma região terrestre representando o Brasil sob a águia de Hahnemann, dilacerando a serpente de Galeno, acompanhado da denominação Faculdade

Prédio da Faculdade Hahnemanniana Praça Tiradentes 1913



Hahnemanniana. Através do decreto nº 10.011 de 23 de janeiro de 1913, o governo republicano do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca reconheceu a faculdade, concedendo-lhe uma subvenção anual de 30 contos de réis.

Em 1913, a primeira sede da Faculdade Hahnemanniana foi instalada em um prédio de três andares, número 52 da praça onde foi erguido o primeiro monumento cívico do Brasil, a Praça Tiradentes, no bairro do Centro do Rio de Janeiro. O Instituto Hahnemanniano do Brasil também fixaria a sua sede naquele prédio. A sede Tiradentes funcionou até a inauguração do Hospital Hahnemanniano em 1916, outra conquista da administração de Licínio Cardoso que impulsionou de vez a faculdade e trouxe os cenários de ensino prático de um hospital-escola próprio aos seus alunos.

O primeiro corpo docente

O corpo docente da Faculdade Hahnemanniana era similar ao da Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro, com membros do Instituto Hahnemanniano do Brasil, porém, devido ao maior número de cadeiras de ensino, foi acrescido de novos professores e com o passar dos anos recebeu importantes adesões de membros fora do Instituto e médicos alopatas, para a continuidade dos cursos Anexo e Superior, além de provimento dos novos cursos que a faculdade ofereceria: Odontologia e Enfermagem Obstétrica.

Destacaram-se na primeira formação do corpo docente da Faculdade Hahnemanniana: Licínio Cardoso e seu irmão Saturnino Cardoso, Francisco Menezes Dias da Cruz, Umberto Auletta, Alfredo Maggioli de Azevedo Maia, Theodoro Gomes, Alcides Nogueira da Silva, Antônio Benevides Barbosa Vianna, José Dias da Cruz, Rodoval Soares de Freitas, Domingos Marques de Oliveira, João Vollmer, Augusto Hygino de Miranda, João Vicente de Souza Martins, José Ribas Cadaval, Luiz Honório Vieira Souto, Eduardo Meinelles, Aleixo Nóbrega de Vasconcellos, Domingos de Goes e Vasconcellos Filho, Oscar Nerval de Gouvêa, Virgílio Ovídio da Costa, Mário Magalhães, Henrique Luiz Lacombe, Renato de Souza Lopes, Miguel Salles, Alberto Seabra, José de Castro, Henrique de Araújo e Armando Gomes.

Para o curso Anexo (preparatório) ampliou-se o quadro de docentes auxiliares, destacando-se: Ataliba Reis, Mendes de Aguiar, João Carneiro, João Ribeiro, Torquato de Mesquita, Roberto Gomes, Carlos de Laet, Francisco Cabrita, Gastão Ruch, Sylvio Romero



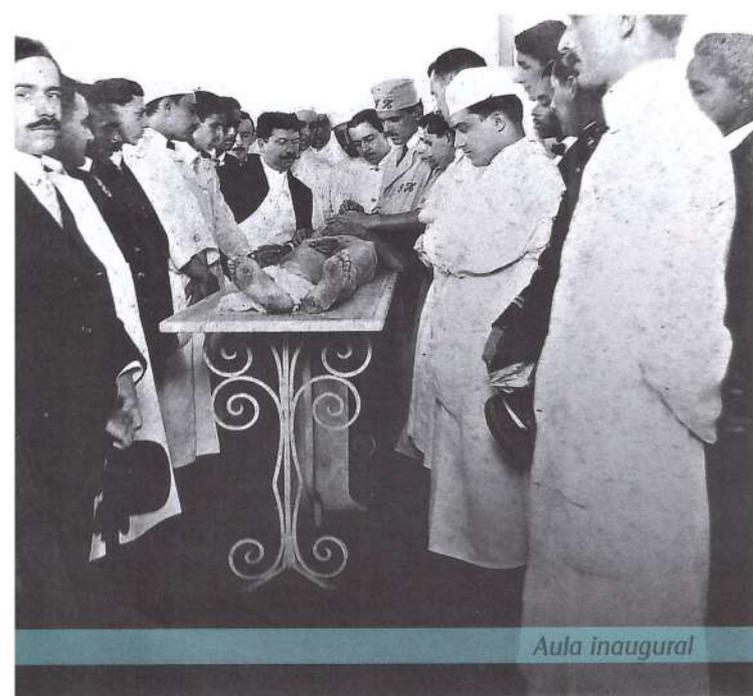
e Alberto Oliveira. Para a continuidade dos cursos já instalados (Medicina e Farmácia) e provimento dos novos (Odontologia e Enfermagem Obstétrica), ampliou-se o quadro docente, salientando-se: Alexandre Calaza, Arthur de Figueiredo, Chagas Leite, Manuel Murтинho Nobre, Júlio Xavier, Teixeira Lima e os cirurgiões-dentistas José Schainer, Antonio de Lima Neto, Milton de Carvalho, Eurico Suerboroun e Agenor Quaresma de Moura.

O primeiro corpo discente

Seis alunos se matricularam no curso de graduação em medicina da Faculdade Hahnemanniana, constituindo a primeira turma que, seis anos depois, diplomou médicos. Os nomes dos primeiros matriculados: Anibal Pompéia, Bento Theodoro da Rocha, Fernando Guilherme Hauffman, Henrique Barbosa de Assis Martins e João Pizarro, e o representante da turma era o Primeiro-Tenente cirurgião-dentista militar, Francisco Barbosa Moreira Martins.

A aula inaugural

O curso médico da Faculdade Hahnemanniana foi inaugurado oficialmente em 01 de março de 1913. A Cátedra de Anatomia Descritiva foi inaugurada com aula prática do professor Antônio Benevides Barbosa Vianna, no necrotério do Hospício de Nossa Senhora da Saúde no bairro da Gamboa, atual Hospital da Gamboa. A solenidade contou com a presença da direção e membros das congregações da Faculdade Hahnemanniana e do Instituto Hahnemanniano do Brasil, do provedor da Santa Casa, Miguel de Carvalho, alunos, familiares e representantes de autoridades. Diante de um cadáver indigente, Licínio Cardoso inaugurou o curso médico com uma introdução àquela aula prática, agradecendo o apoio da Irmandade Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro pela cessão das dependências do Hospício de



Aula inaugural

Nossa Senhora da Saúde. O professor Barbosa Vianna agradeceu as palavras do diretor, ressaltando que havia definido bem a posição do cadáver do homem frente à sociedade e que contava com a dedicação e o esforço dos colegas e alunos para que aquele trabalho acadêmico fosse o mais importante possível para a humanidade e para a nova Instituição. O primeiro professor catedrático daquela nova Escola introduziu aquela aula histórica com sábias palavras: “Na anatomia é que se faz o médico e o cirurgião...”. O representante dos alunos proferiu também um discurso e ofereceu buquês de flores naturais ao diretor Licínio Cardoso e ao professor Barbosa Vianna. A abertura dos trabalhos da segunda escola médica da capital da República foi noticiada pelo Jornal do Commercio.

A Faculdade Hahnemanniana, assim como outras faculdades de medicina brasileiras como a do Rio de Janeiro e de Porto Alegre, não possuíam um hospital de ensino anexo nos primeiros anos de funcionamento. A prestimosa colaboração das Santas Casas, além de outras irmandades, foi fundamental no processo inicial de formação de muitas faculdades de medicina no Brasil. O apoio da administração da Santa Casa de Misericórdia com os seus Hospitais Geral e da Gamboa assim como do Hospital da Irmandade Ordem Terceira do Monte do Carmo foram indispensáveis para afastar as dúvidas quanto aos alicerces didáticos da nova faculdade.

A organização das primeiras cátedras

A Faculdade Hahnemanniana começou a organizar o seu programa de ensino a partir de 1913, progressivamente abrindo as cadeiras e convocando os professores mais capacitados para regê-las ou auxiliá-las.

A Clínica Médica foi subdividida em três cátedras de ensino, com ênfase na Homeopatia e estudos comparativos com a Alopátia. Alcides Nogueira da Silva assumiria a primeira cátedra, denominada Clínica Propedêutica Médica, Theodoro Gomes e Umberto Auletta assumiram a segunda e terceira, respectivamente. Em 08 de abril de 1914, foi inaugurada a Cadeira de Clínica Propedêutica, e instalada na 6ª Enfermaria do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, sendo confiada ao professor Alcides Nogueira da Silva. No Hospital da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula na Rua General Canabarro, havia também um serviço de Clínica Homeopática disponível aos alunos da Faculdade Hahnemanniana, chefiado pelo professor Umberto Auletta.

A Clínica Cirúrgica foi programada em duas cátedras, quando os professores Augusto Hygino de Miranda e Rodoval Soares de Freitas assumiram a primeira e a segunda cátedras, respectivamente. O Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino Alencar, cedeu uma Enfermaria no Hospital da Marinha no Rio de Janeiro e o professor Rodoval Soares de Freitas fundou a 2ª Cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade Hahnemanniana, em agosto de 1916, correspondendo à aula inaugural do curso cirúrgico. Testemunharam a aula inaugural o Diretor Licínio Cardoso, professores e alunos da faculdade, além do Inspetor de Saúde de Guerra, General Ismael da Rocha, e autoridades navais. Augusto Hygino iniciou a primeira Cadeira de Clínica Cirúrgica em enfermaria do Hospital da Venerável Ordem Terceira do Monte do Carmo.

Outros hospitais também cederam suas instalações para o ensino prático da Faculdade Hahnemanniana como o Hospital da Venerável Ordem Terceira do Monte do Carmo, fundado em 1870 na Rua do Riachuelo no Centro do Rio de Janeiro, e o Hospital São Sebastião, hoje Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião – IEISS, na Rua Carlos Seidl, 395, bairro do Caju, este último importante para a introdução à Clínica Médica Alopática, por imposição do Conselho Superior de Ensino em 1918.

Na cadeira de “Anatomia Médico-Cirúrgica, Operações e Aparelhos” (antiga denominação da cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental), se destacou o professor Domingos de Goes e Vasconcelos Filho, e, posteriormente, Arthur de Oliveira Figueiredo seguiria com a Anatomia Descritiva. Ex-auxiliar acadêmico do “Serviço de Prophylaxia da Febre Amarela” da antiga Diretoria de Saúde Pública, Domingos de Goes e Vasconcelos Filho integrou a equipe de



Instituto Anatômico da Faculdade Hahnemanniana que, posteriormente, seria batizado de Benjamin Baptista em homenagem ao Pai da Anatomia Brasileira que viria lecionar na faculdade. Era filho de Domingos de Goes e Vasconcellos, provento cirurgião e membro da Academia Nacional de Medicina.

Licínio Cardoso atuou na organização das cadeiras de Clínica Médica Homeopática e Matéria Médica e assumiu a Cadeira de Doenças Nervosas ou Clínica Neurológica, posteriormente denominada Clínica Neurológica. A cadeira de Farmacologia foi confiada ao então vice-presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil Francisco Menezes Dias da Cruz, que mais tarde assumiria a primeira cadeira de Matéria Médica. Alfredo Maggiolli de Azevedo Maia, vice-diretor da faculdade, se destacaria na Cátedra de Patologia Geral e João Dias da Cruz, na organização das cadei-

ras do curso de Farmácia, assim como João Vicente de Souza Martins. O professor Souza Martins participaria também da regência das cátedras de Microbiologia e Química Fisiológica.

Eduardo Meirelles organizou a cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas e, ao longo dos primeiros anos da Faculdade Hahnemanniana, atuou nas cadeiras de Microbiologia, Histologia e Medicina Tropical. Chefe da 3ª Enfermaria de Pediatria do Hospital São Zacarias e do Serviço de Clínica das Moléstias Tropicais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Eduardo Meirelles ainda se destacaria como professor de Anatomia Patológica da Faculdade Fluminense de Medicina e Membro Titular da Academia Nacional de Medicina.

Na cátedra de Clínica Dermatológica e Sifiligráfica, se destacou, inicialmente, o professor José Ribas Cadaval. Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1886 e Oficial do Corpo de Saúde da Armada Imperial, Cadaval criou no Hospital da Marinha o Setor de Radioscopia em 1901, o Serviço de Eletricidade Médica em 1902, o Gabinete de Análises Bacteriológicas em 1906 e de uma escola de enfermeiros navais em 1917. Sucederam a Ribas Cadaval na cátedra de Dermatologia importantes personalidades da ciência médica brasileira como o venereologista Aureliano Werneck Machado e Paulo Figueiredo Parreiras Horta, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz.

Evoluindo a organização curricular, a cadeira de Fisiologia foi entregue aos professores Virgílio Ovídio da Costa e Chagas Leite, Física Médica a Henrique Luiz Lacombe, Medicina Legal a Miguel Salles, Farmacologia a João Vicente de Souza Martins e Alberto Seabra, assim como a de História Natural Médica ao professor Jayme Silvado. Ex-Inspetor de Profilaxia Marítima e Capitão-Médico do exército brasileiro servindo no famoso Batalhão de Benjamin Constant, Jayme Silvado era membro titular da Academia Nacional de Medicina desde 1909 e também lecionou Botânica e Biologia Geral na Faculdade Hahnemanniana.

Oscar Nerval de Gouvêa, médico, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, engenheiro e Doutor pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro onde se consagrou como professor catedrático de Mineralogia, também se destacou no curso Anexo da Faculdade Hahnemanniana. No curso Superior da faculdade, Nerval de Gouvêa também regeu a cadeira de Patologia Médica e, anteriormente à fundação da faculdade, já havia participado da criação da Escola Técnica de Comércio Cândido Mendes, atual Universidade Cândido Mendes, ao lado do Conde Cândido Mendes de

Sala de aula Hahnemanniana



Sala de projeções luminosas





Primeira Direção da Faculdade Hahnemanniana

ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA

Fundadores e Primeiro Corpo Docente



Licinio Cardoso



Marques de Oliveira



Francisco Dias da Cruz



Theodoro Gomes



Alcides Nogueira da Silva



João Dias da Cruz



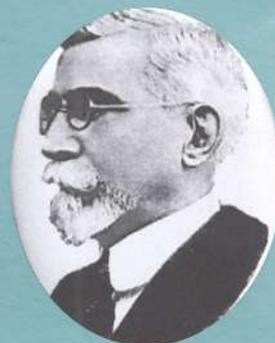
Alfredo Maggioli Maia



Saturnino Cardoso



Antonio Barbosa Viana



Vieira Souto



Souza Martins



Umberto Auletta



João Vollmer



Soares Pereira



Augusto Hygino



Virgilio Ovidio



Jayme Silvado



Murtinho Nobre



Milton de Carvalho



Domingos Góes Filho



Renato Souza Lopes



Custódio Milanez



José Ribas Cadaval



Nerval de Gouvêa



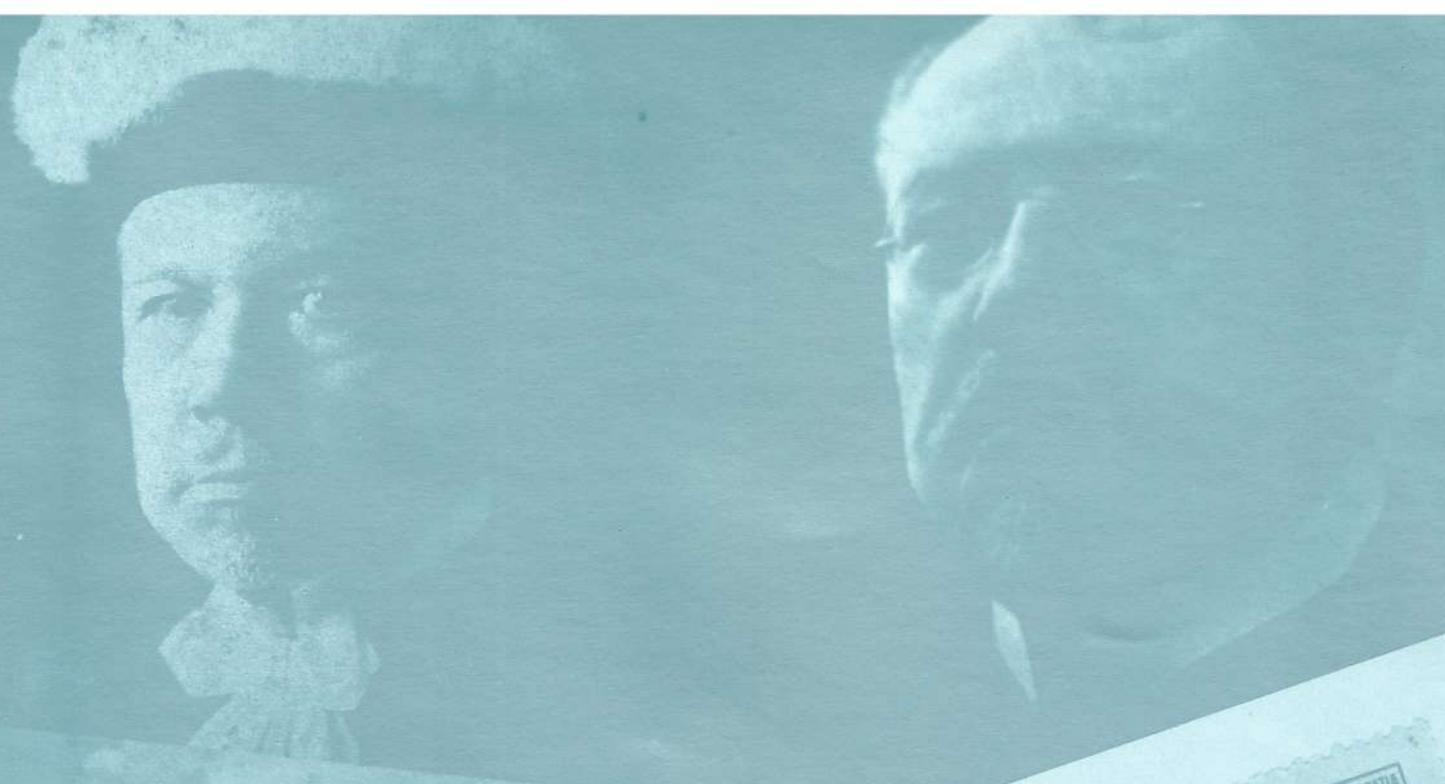
Aleixo de Vasconcellos



José Schainer



Benjamin Gonzaga



DISSERTAÇÃO

CADEIRA DE PATHOLOGIA GERAL

Concepção da Medicina

PROPOSIÇÕES

Tres sobre cada uma das cadeiras da Faculdade

THESE

APRESENTADA À

Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro

em outubro de 1899

E DEFENDIDA

NO DIA 23 DE JANEIRO DE 1900

PELO

Dr. **Luiz Athanasio Cardoso,**

Ex-catedrático de Medicina interna e de Ginecologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
Ex-catedrático de Sociologia e Moral da Escola Médica (hoje em disponibilidade pela aposentadoria)

NATURAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL,

Filho legítimo de *Vicente Xavier Cardoso e D. Estelina dos Santos Xavier Cardoso*

A fim de obter o grau de doutor em medicina,

TER sido APPROVADA COM DISTINÇÃO.

RIO DE JANEIRO

Typographia LEUZINGER



as suas funções na Escola Politécnica, na Academia Brasileira de Ciências e no Instituto; era um clássico exemplo da tradição, que existia entre os brasileiros com elevada formação cultural naquela época, de se dedicarem a múltiplas atividades e, muitas vezes, distintas de sua formação profissional original.

Licínio Cardoso seguia a sua trajetória obstinada e vencedora até o seu falecimento em 01 de junho de 1926, na cidade de Lisboa em Portugal, ocasião da sua viagem para um Congresso da Liga Homeopática Internacional. O traslado por navio do corpo para o Brasil completou-se a 2 de agosto de 1926, e o velório no salão nobre do Instituto Hahnemanniano do Brasil contou com a presença de autoridades como o senador Paulo de Frontin, o ministro Félix Pacheco, o vice-presidente da República Estácio Coimbra, entre muitos amigos, alunos e familiares. Licínio foi homenageado com um número especial dos *Annaes de Medicina Homeopática* em 1926, publicado pelo Instituto Hahnemanniano do Brasil; e sua filha Leontila Cardoso publicou a sua biografia em 1944 intitulada: *Licínio Cardoso, seu pensamento, sua obra, sua vida*. Em 1952, foi lançado um selo postal, além da

inauguração em 02 de maio de um busto em bronze na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no Parque Farroupilha ao lado da Pira da Pátria, por ocasião do IV Congresso Brasileiro de Homeopatia.

Durante alguns anos, a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro ofereceu a medalha de ouro "Licínio Cardoso", premiando os alunos que obtivessem notas "plenas e distintas" - na prática iguais ou superiores a oito - em todas as cadeiras de ensino, assim como havia o Prêmio Licínio Cardoso oferecido aos alunos que se destacassem na Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, hoje UFRJ. Em 05 de fevereiro de 1972, o IHB promoveu a inauguração de um monumento na Praça Tobias Barreto no bairro de Vila Isabel no Rio de Janeiro para homenagear grandes homeopatas como Licínio Cardoso, Joaquim Murтинho, Dias da Cruz e Braga e Costa. No bairro de São Francisco Xavier, na região conhecida como grande Méier da cidade do Rio de Janeiro, encontra-se a Rua Licínio Cardoso.

A maior expressão do legado de Licínio Cardoso é o Centenário da Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. ■

Inauguração do busto de Licínio Cardoso







Licínio Cardoso

Considerado o principal fundador da Escola de Medicina e Cirurgia, o médico, engenheiro e professor, Licínio Athanasio Cardoso participou ativamente da fundação da efêmera Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro, mas se consagrou ao fundar a Faculdade Hahnemanniana, e a partir daí, surgiria a atual faculdade de medicina da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO. Professor catedrático da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Ciências que daria a origem à Academia Brasileira de Ciências, Licínio Cardoso integrou o seleto grupo de fundadores de instituição de ensino superior em nosso País, e sob sua liderança, o Instituto Hahnemanniano do Brasil viveu o seu período áureo com a fundação de uma escola médica, a construção de um hospital e a oficialização da Homeopatia no Brasil.

Licínio Cardoso nasceu em 03 de maio de 1852 na cidade de Lavras do Sul, Rio Grande do Sul. Filho de família humilde, foi aprendiz de pedreiro e de farmacêutico. Ex-soldado da Corte Imperial nomeado pelo Patrono do Exército Duque de Caxias, formou-se engenheiro militar em 1879 na Academia Militar do Rio de Janeiro, onde, já em 1880, fazia parte do seu corpo docente, lecionando matemática elementar e Sociologia e Moral. Em 1887, foi nomeado professor regente da cadeira de Mecânica Racional da Escola Politécnica (atual UFRJ) após lograr o primeiro lugar em concurso, abandonando assim a carreira militar que galgara à Capitão do Corpo do Estado Maior da 1ª classe do Exército. Ainda na Escola Militar, Licínio conheceu Benjamin Constant Botelho de Magalhães, líder abolicionista da insurreição republicana, considerado o fundador da República Brasileira e criador da inscrição "Ordem e Progresso" da bandeira nacional. Por influência de Benjamin Constant, Licínio adotou o Positivismo de Augusto Comte, filósofo francês considerado o Pai da Sociologia. Vale destacar, bem a propósito do estudo da importância que teve Licínio Cardoso na gênese das Faculdades de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro e Hahnemanniana, que a aproximação entre a medicina homeopática e a doutrina positivista constituiu uma das estratégias utilizadas por aqueles que defendiam a sua legitimação no Brasil.

Em 03 de maio de 1916, no salão nobre da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, berço da engenharia brasileira e por onde passavam os nomes mais ilustres da engenharia nacional, Licínio integrou o grupo que fundou a Sociedade Brasileira de Ciências, sem fins lucrativos e com o objetivo de incentivar a produção científica com trabalhos inéditos em ciências matemáticas, físico-químicas e biológicas. Na realidade, a fundação da Sociedade Brasileira de Ciências, que em 1921 daria origem à atual Academia Brasileira de Ciências, foi uma reação de personalidades da Escola Politécnica, do Observatório Nacional, do Museu Nacional, do Instituto de Manguinhos, entre outros ligados ao ensino superior e à pesquisa científica, contra parte da elite intelectual brasileira que combatia a ideologia positivista.

Licínio Cardoso doutorou-se em Ciências Físicas e Matemáticas na Escola Militar e redigiu importantes obras como a Teoria Elementar das Funções, obra publicada em 1885 que o tornou conhecido no meio acadêmico, a



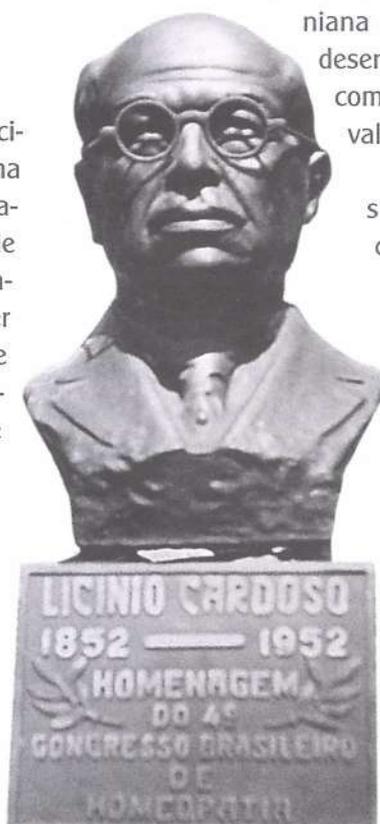
Teoria da Rotação dos Corpos em 1887, o artigo Relatividade Imaginária e o livro intitulado O Ensino que nos convém em 1925, contrário à reforma de ensino Rocha Vaz (1925). O artigo Relatividade Imaginária publicado em "O Jornal" após a conferência de Albert Einstein na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 08 de maio de 1925 rendeu-lhe grande polêmica. Licínio Cardoso, positivista convicto, tornara-se grande opositor da teoria de Einstein.

O médico

No período de 1894 a 1895, Licínio Cardoso decidiu obter o diploma de médico e se dedicar à Homeopatia matriculando-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, homenageando, assim, seu pai Vicente Xavier Cardoso que praticara a ciência de Hahnemann sem diploma. Formou-se em Medicina em 23 de janeiro de 1900 aos 48 anos de idade e devido à comunhão de ideias se aproximou dos sócios do Instituto Hahnemanniano do Brasil, agremiação que alcançara notoriedade desde 1859 no estudo e pesquisa da doutrina de Samuel Hahnemann. Ao in-

tegrar a congregação do Instituto Hahnemanniano após a sua renascença promovida por Francisco Menezes Dias da Cruz em 1900, funda a embrionária Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro cerca de 11 anos depois ao lado de Domingos Marques de Oliveira e, após assumir a presidência do Instituto Hahnemanniano em 1912, torna-se o principal fundador da Escola de Medicina e Cirurgia no momento em que cria a Faculdade Hahnemanniana e por ela dedica vários anos de luta para desenvolver o ensino e a prática da medicina, com especial atenção à Homeopatia, além de validar os seus títulos e diplomas.

Iniciou a vida médica em pequeno consultório numa farmácia no Largo do Machado ao final de janeiro de 1900 e, com a inauguração da Policlínica de Botafogo na Rua Bambina em 10 de junho, assumiu a chefia de clínica homeopática; nove anos depois, chefiaria a 6ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, sucedendo Saturnino de Meirelles. Professor catedrático de Clínica Neurológica e Clínica Homeopática, diretor da Faculdade Hahnemanniana e presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil, Licínio Cardoso conciliava com extraordinário senso de disciplina





A Escola de Medicina e Cirurgia conquistou em épocas distintas, 2 hospitais de ensino próprios em sua história: o Hospital Hahnemanniano por cessão gratuita do governo republicano ao Instituto Hahnemanniano do Brasil, de terreno e prédio à Rua Frei Caneca (Centro do Rio de Janeiro) em 1915 e, 50 anos depois, o Hospital Gaffrée e Guinle à Rua Mariz e Barros por desapropriação federal do hospital da extinta Fundação Gaffrée e Guinle no bairro da Tijuca, também no Rio de Janeiro. Esses hospitais tiveram histórias distintas, mas não menos interessantes, além disso, refletiram na época da incorporação à escola, sonhos há muito tempo acalentados.

Desde a sua inauguração, o Hospital Hahnemanniano do Brasil passou a abrigar também as sedes da Faculdade Hahnemanniana e do Instituto Hahnemanniano do Brasil. O prédio principal e os pavilhões que constituíam o Hospital Hahnemanniano foram demolidos ao final da década dos anos 1950 e deram lugar ao antigo prédio da Escola de Medicina e Cirurgia que hoje abriga o Instituto Biomédico da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e as atuais instalações do Instituto Hahnemanniano do Brasil.

Hospital-escola

A partir de 1880, o ensino médico, ainda no tempo do Império, começava a seguir o modelo alemão e a relação da clínica com a atividade laboratorial impulsionava as conquistas em diagnóstico, terapêutica e prevenção. Com a ruptura frente ao modelo francês - centralizador de ensino médico - que afastava as atividades práticas e laboratoriais do processo de formação médica, havia no início do século XX a tendência das escolas médicas a oferecer pesquisa ligada ao ensino, anatômicos, mesas de autópsias, bibliotecas e salas de leitura, preceptoria clínica, uso de tecnologias diferenciadas e avançadas, laboratórios e hospitais-escola. A correlação anátomo-clínica e a medicina experimental adquiriam cada vez mais importância e o hospital-escola passou a ser considerado item de importância primária e indicador de progresso institucional.



No século XIX, a partir de 1810, quando Samuel Hahnemann publicou a primeira edição do "ORGANON", a homeopatia se difundiu rapidamente pela Europa e Estados Unidos promovendo a instalação de enfermarias e dispensários homeopáticos em instituições tradicionais, além da construção de hospitais homeopáticos, também conhecidos como hahnemannianos. Os resultados promissores no tratamento de muitas doenças infecciosas como febre amarela, escarlatina e cólera, concorreram para a notorieda-



de das ideias de Hahnemann e investimentos materiais para a construção de nosocômios. Chamavam à atenção as baixas taxas de mortalidade dos hospitais hahnemannianos europeus em relação aos hospitais convencionais. Hospitais hahnemannianos foram criados nos cinco continentes e, no Brasil, antes da inauguração de um representante brasileiro, enfermarias homeopáticas foram instaladas em hospitais importantes da capital republicana: no Hospital da Ordem Terceira da Penitência em 1858; no Hospital da Beneficência Portuguesa em 1859; no Hospital da Ordem Terceira do Carmo em 1873; a sexta enfermaria da Santa Casa de Misericórdia em 1883 dirigida pelos homeopatas do Instituto Hahnemanniano do Brasil; no Hospital Central do Exército em 1902; e no Hospital Central da Marinha em 1909. No Brasil, a homeopatia cresceu nos primeiros 20 anos do período republicano, através de associações, enfermarias, farmácias e dispensários, ganhando espaço no meio médico de atendimento às populações desassistidas e posicionava-se como alternativa aos tratamentos alo-páticos preconizados na época. Apesar do preconceito,

a doutrina homeopática continuou crescendo no País até 1930, ao contrário do plano internacional.

O primeiro hospital e a ação de Félix Pacheco

No período entre 1914 e 1917 do governo do Presidente Wenceslau Braz, o Brasil passava por uma grave crise econômica por influência da primeira guerra mundial. O cenário econômico não era dos mais promissores, mas o Instituto Hahnemanniano do Brasil e a Faculdade Hahnemanniana procuravam crescer e prestar melhor atendimento aos pacientes além de oferecer melhores condições de ensino para os alunos de seus cursos. O sonho de um hospital homeopático era acalentado por vários anos e com a premência da Faculdade Hahnemanniana, a necessidade tornou-se imperiosa. Começava assim, em 1914, a luta pelo hospital de ensino próprio que culminou com a fundação em 1916 do Hospital Hahnemanniano do Brasil no centro da então capital federal Rio de Janeiro.

Às vésperas de comemorar o segundo aniversário de fundação da Faculdade Hahnemanniana, o diretor Licínio Cardoso propôs o envio de um projeto para a Câmara dos Deputados solicitando terreno e edificação necessários à instalação de um hospital homeopático para tratamento de pobres e indigentes. Licínio propôs a intermediação do amigo e deputado pelo Estado do Piauí, José Félix Alves Pacheco, cuja simpatia pela causa homeopática era notória. O requerimento foi então redigido em setembro de 1914 e pleiteava a cessão gratuita de um terreno de aproximadamente 6.100 metros quadrados localizado no bairro do centro da cidade do Rio de Janeiro, delimitado pelas Ruas Frei Caneca e do Areal (atual Moncorvo Filho), ladeado por uma repartição de obras públicas e por um terreno já cedido ao Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro ou Instituto Moncorvo Filho. O interesse era justificável graças à situação de abandono do local onde esteve instalado o quartel do Regimento de Cavalaria da Brigada Policial.

O objetivo do Instituto Hahnemanniano do Brasil e da congregação da Faculdade Hahnemanniana era edificar um hospital homeopático para assistência a pobres e indigentes e anexar cenários de ensino prático necessários ao progresso da faculdade. A Faculdade Hahnemanniana estava inconvenientemente instalada na capital e carecia de local destinado aos seus cursos e laboratórios de ensino, fundamentais à formação de médicos, dentistas, farmacêuticos e par-



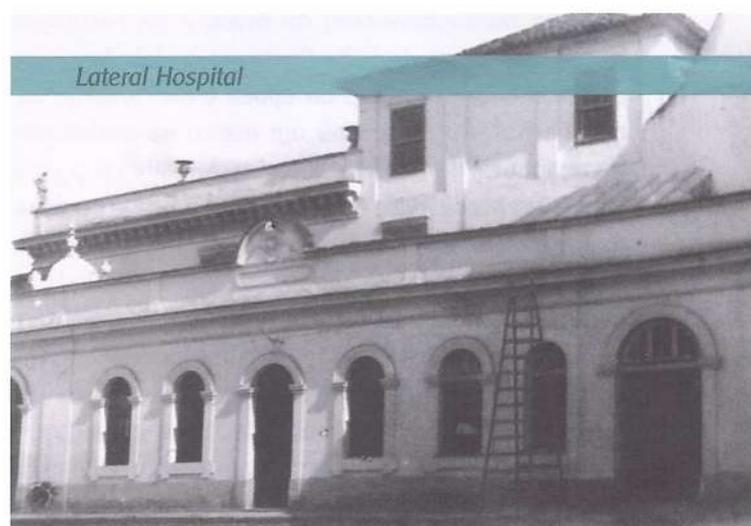


teiros. Alegava o instituto que as outras faculdades de medicina gozavam de privilégios que a Hahnemanniana não tinha e que os serviços sociais por ela prestados mereciam reconhecimento e apoio do governo republicano. De acordo com o planejamento inicial, o hospital seria de média proporção, construído em pavilhões de 2 andares e com capacidade total para 100 leitos. Havia a promessa de expansão (que se tornaria realidade em 1922 com a construção do Pavilhão Joaquim Murtinho) conforme as estratégias de captação que o instituto traçaria nos anos seguintes à incorporação. Justificou-se o instituto alegando o pequeno número de hospitais na época para assistência à população pobre e desassistida na capital do País.

Em 20 de setembro de 1914, o Deputado Federal José Felix Alves Pacheco, na época presidente da comissão de finanças da Câmara de Deputados, apresentou com eloquente pronunciamento à casa legislativa, o projeto do Hospital Hahnemanniano. No Congresso Nacional foi votado o projeto de concessão do terreno em 14 de dezembro de 1914. Após percorrer os trâmites legais, o projeto de Felix Pacheco converteu-se no artigo 20 da Lei 2.924 datada de 05 de janeiro de 1915 e o Presidente da República Wenceslau Braz, assinou o Decreto 11.473, publicado no Diário Oficial em 03 de fevereiro de 1915. Vale lembrar que Felix Pacheco já havia se destacado na relatoria de um projeto apresentado na Câmara Legislativa em 06 de dezembro de 1912, quando pleiteou a liberação oficial de um crédito para a construção

de um prédio para a Faculdade Hahnemanniana, que começava a ser organizada em novembro daquele ano. Aquele projeto não logrou êxito, contudo, deflagraria uma futura e promissora união de forças que, baseada na amizade por Licínio Cardoso e a simpatia pelos ideais do Instituto Hahnemanniano, integrou o nome de Felix Pacheco nas biografias de heróis da Escola de Medicina e Cirurgia.

Logo após a publicação do decreto, Licínio Cardoso compareceu ao velho casarão do Ministério da Fazenda na Avenida Passos no Centro do Rio de Janeiro, cujo titular na época era Sabino Alves Barroso Júnior, para a celebração do ato de posse do terreno. Procedeu-se a assinatura e registro da escritura e, posteriormente, a posse definitiva do terreno e edificações em 18 de março de 1915.





Diretor e Equipe de Enfermagem

A Inauguração no Palacete do Barão

No terreno doado ao Instituto Hahnemanniano do Brasil havia uma antiga edificação de dois andares que havia pertencido a Manuel Pereira de Souza Barros, o Barão de Vista Alegre, além de alguns pavilhões que foram ocupados pelo Regimento de Cavalaria da Brigada Policial do Rio de Janeiro. As obras de reconstrução e adaptação iniciaram após a posse do terreno em março de 1915. Os insuficientes recursos levaram ao Instituto Hahnemanniano do Brasil a restringir as obras ao edifício principal (palacete) e a um dos pavilhões. Priorizou-se, inicialmente, a construção de uma policlínica com 5 consultórios e 3 enfermarias com 30 (dez cada), sendo destinada a homens, mulheres e crianças, respectivamente, além dos laboratórios de suporte às enfermarias e a farmácia para aviamento de receitas.

Após um ano de obras de adaptação no prédio do palacete do Barão de Vista Alegre, mesmo com modestas instalações, inaugurou-se naquela quinta-feira de outono, 11 de maio de 1916, a maior obra filantrópica do Instituto Hahnemanniano: o Hospital Hahnemanniano do Brasil. Fruto da obstinação de Licínio Athanasio Cardoso e das congregações do Instituto Hahnemanniano do Brasil e da Faculdade Hahnemanniana, de Félix Pacheco, da filantropia de personalidades famosas da época e da caridade pública, o hospital se tornou um marco na assistência homeopática no Brasil e referência histórica para a Escola de Medicina e Cirurgia, pois foi o seu primeiro hospital anexo, além de abrigar a sua segunda sede. Com a inauguração, as sedes do Instituto Hahnemanniano do Brasil e da Faculdade Hahnemanniana foram transferidas para as dependências do Hospital. A solenidade de inauguração ocorreu um mês depois (11 de maio) da data oficial gravada em placa de mármore afixada no corredor do hospital que era 10 de abril (comemorativa do aniversário de

Samuel Hahnemann), porque não foi possível para a direção do hospital inaugurar naquela data, motivado por problemas como finalização de obras e arremates em geral.

Com a formalidade de grande acontecimento, a solenidade foi presidida por Licínio Cardoso e contou com ilustres convidados: o Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores Carlos Maximiliano Pereira dos Santos; o diretor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e engenheiro, André Gustavo Paulo de Frontin; o Presidente do Conselho Superior de Ensino, Barão de Brazílio Machado; o provedor da Irmandade Santa Casa de Misericórdia, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho; e representantes de autoridades do governo. Membros do Instituto Hahnemanniano do Brasil, corpo docente e alunos da Faculdade Hahnemanniana dentre outros presentes à seleta festa, testemunharam a inauguração do representante brasileiro dos hospitais hahnemannianos. Discursos de Licínio Cardoso, Francisco Menezes Dias da Cruz, José Dias da Cruz, João Vicente de Souza Martins e José Soares Dias abrilhantaram a solenidade e abriram-se as portas do Hospital Hahnemanniano do Brasil com a inauguração das suas dependências, destacando-se: o prédio da Faculdade Hahnemanniana, o "Dispensário Wenceslau Braz", o "Pavilhão Licínio Cardoso", as enfermarias "Félix Pacheco" e "Carlos Maximiliano", além da Farmácia "Souza Martins".

O primeiro diretor do Hospital Hahnemanniano do Brasil foi o professor catedrático de Clínica Médica da Faculdade Hahnemanniana, Theodoro Gomes, que havia sido presidente do Instituto Hahnemanniano no período 1911-1912. Sucederam-no ao coman-



Diretor no gabinete



do do hospital desde a fundação até a desativação: Licínio Cardoso, Alcides Nogueira da Silva, Rodoval Soares de Freitas, José Emygdio Rodrigues Galhardo, Sabino Theodoro da Silva Junior, Henrique Baptista da Silva Pereira, João Vicente de Souza Martins e Alberto Soares de Meirelles.

Ampliando as instalações

Além da Farmácia Souza Martins - originariamente estabelecida em 1866 na Rua da Quitanda no centro do Rio de Janeiro, cujas instalações foram doadas pelo professor João Vicente de Souza Martins - diversas aquisições materiais foram ampliando as instalações e os serviços prestados pelo Hospital Hahnemanniano.

Inaugurou-se em 25 de janeiro de 1919, o Laboratório de Microbiologia com instalações e equipamentos frutos de doação pelo Comendador Casemiro de Menezes, conhecido filantropo da época para instituições de caridade. Por intermédio do Monsenhor André Arcoverde, Licínio Cardoso firmou contrato com as Irmãs da Providência, originárias do Colégio do Sagrado Coração de Itajubá, a fim de dotar o hospital de um corpo administrativo moralizado, desinteressado e que promovesse assistência contínua aos pacientes, evitando desordens e desperdícios. O corpo de enfermagem do Hospital Hahnemanniano ficou instituído sob serviço religioso, uma capela foi inaugurada com toda a solenidade (com capelão permanente), além da disposição de refeitório e dormitórios para as freiras.

Em 19 de novembro de 1922 foi inaugurado o Pavilhão "Joaquim Murtinho" que ocupava o centro do terreno com 2 novos pavimentos para o hospital. No pavimento superior havia 7 quartos particulares, centro cirúrgico, sala de esterilização, sala de curativos sépticos, rouparia, banheiros, depósito de material cirúrgico, quarto para enfermeiros e co-



Visita do Prefeito Pedro Ernesto ao Hospital



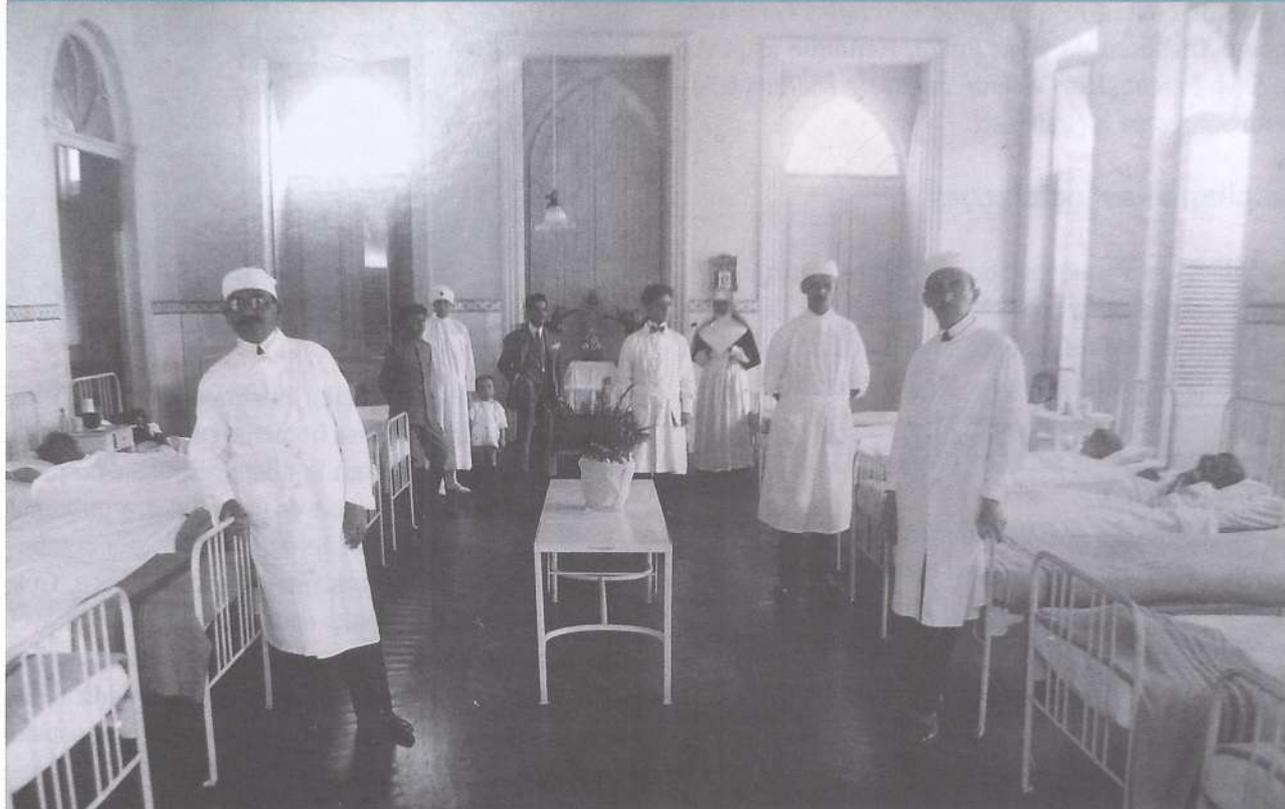
zinha. O pavimento inferior integrava 3 enfermarias espaçosas: cirúrgica para homens, cirurgia pediátrica e clínica médica. Ficaram também dispostos no pavimento inferior a secretaria do hospital e o gabinete do diretor. Além da doação de materiais por colaboradores, um dos maiores filantropos da época, Guilherme Guinle, colaborou com quantia considerável para a ampliação do Hospital Hahnemanniano. Em 1923, o professor catedrático de Clínica Médica Rodoval Soares de Freitas assumiu a direção do hospital e através de amigos e filantropos, consegue o patrocínio necessário à instalação de duas importantes enfermarias pediátricas de clínica médica e cirúrgica com o total de 64 leitos.

A notoriedade

Segundo estatísticas oficiais, em aproximadamente um mês de trabalho de assistência médica à população, o Hospital Hahnemanniano do Brasil havia prestado até 31 de maio de 1916: 209 consultas médicas ambulatoriais; 425 consultas no atendimento odontológico; e 348 receitas aviadas na farmácia do hospital. No primeiro quadrimestre até 31 de agosto de 1916, os indicadores de produção do Hospital Hahnemanniano saltaram para 2.283 consultas ambulatoriais, 2.965 consultas dentárias e 3.349 receitas foram aviadas, sendo todos esses atendimentos gratuitos. O dispensário "Wenceslau Braz" era o setor mais concorrido do hospital, onde o atendimento era feito das 7 às 10 da manhã, diariamente, quando dezenas de pessoas, em sua maioria das camadas mais desassistidas da população da capital Rio de Janeiro, se avolumavam na frente e no pátio interno do hospital na esperança de alívio para os seus males.

Mesmo recebendo uma subvenção do Governo Republicano, o hospital sempre necessitou de doações públicas ou anônimas, além de campanhas organizadas pelos membros do Instituto e professores

Enfermaria Homeopática



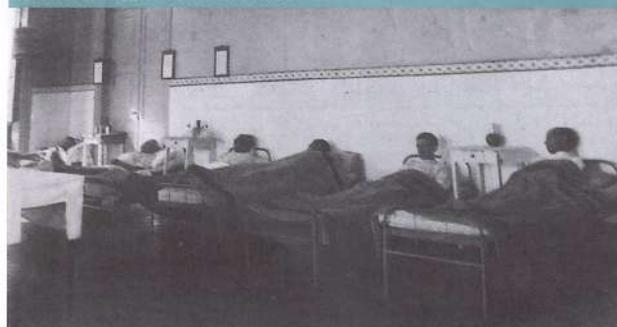
da Faculdade Hahnemanniana. Vale lembrar a festa beneficente que o hospital promoveu em 1924 quando o escritor mais lido do País na época, “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”, Coelho Neto, criador da expressão “Cidade Maravilhosa”, nacional e internacionalmente conhecida para o Rio de Janeiro (1908), proferiu uma grande conferência enaltecendo aquele marco histórico da Homeopatia brasileira. Ao final de 1927, o Hospital Hahnemanniano sofreu uma inspeção da Inspeção Técnica da Assistência Hospitalar do Brasil, equivalente ao Departamento Nacional de Assistência Pública, a fim de renovar a subvenção anual. O parecer foi amplamente favorável, ressaltando a quantidade e a qualidade do serviço prestado pelo hospital.

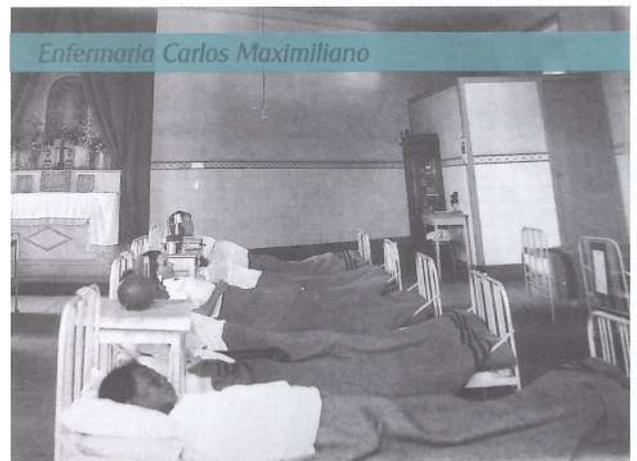
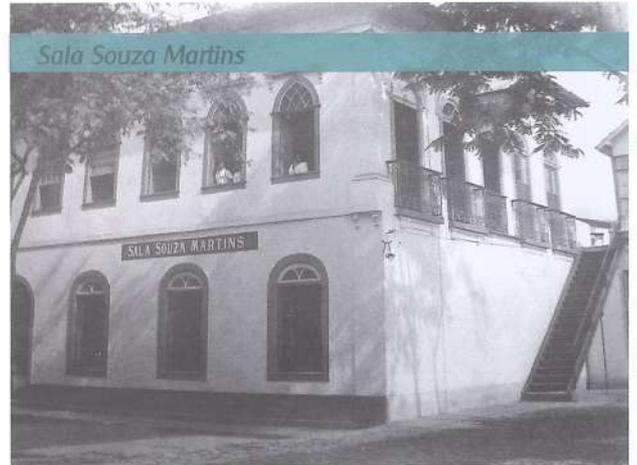
As inaugurações do pavilhão anexo Joaquim Murtinho, de novos laboratórios de Anatomia, Histologia, Microbiologia, de uma nova maternidade e serviço de Ginecologia, além das novas enfermarias pediátricas, levaram o Hospital Hahnemanniano a oferecer até 1928, mais de 7 mil internações e 600.000 atendimentos em seu dispensário. Em 1932, o Hospital contava com 200 leitos com enfermarias de clínica médica e cirúrgica, pediatria, ginecologia e maternidade. O hospital ganhou as páginas diárias dos jornais, a simpatia e a confian-

ça da população da capital do País, principalmente pobres e indigentes.

Vale lembrar que, ainda que estivesse o hospital em pleno funcionamento, a sua capacidade instalada não supria totalmente a demanda de ensino prático da Escola, o que era resolvido com serviços convenientes ou gentilmente cedidos. Ao final da década dos anos 1950, já degradados pelo tempo e uso, o prédio principal e os pavilhões que constituíam o Hospital Hahnemanniano do Brasil foram demolidos e deram lugar ao prédio da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro que hoje abriga o Instituto Biomédico da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e as atuais instalações do Instituto Hahnemanniano do Brasil. ■

Enfermaria Felix Pacheco





FELIX PAGHECO

A aliança de prata

CONCURSO INTERNA



FELIX PAGHECO
MAGISTRO BRASILEIRO DE LETRAS

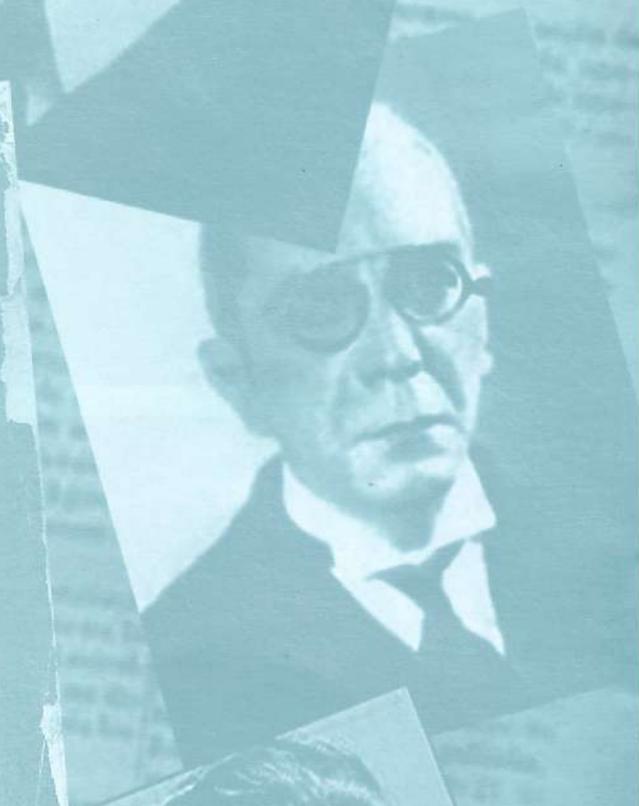
LIRIOS BRANCOS

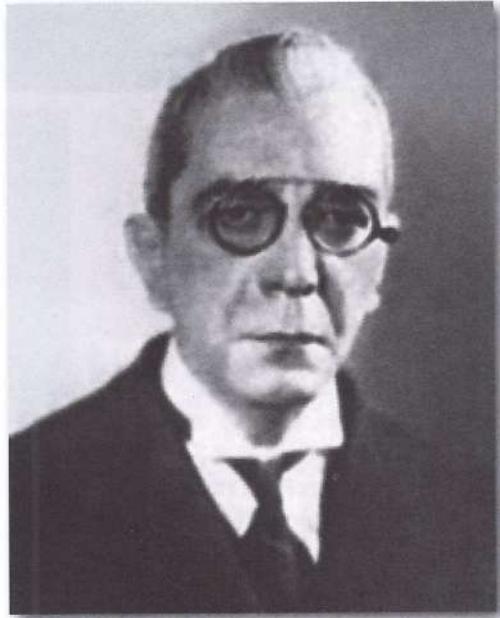
POEMAS DO LIRIO

IGNEZITA — MARTHA — AS IRMÃS



RIO DE JANEIRO
Tercina Ribeiro das Neves
Editora
Rua S. José, 82
19412





Félix Pacheco

Nascido em 02 de agosto de 1879, natural de Teresina, José Félix Alves Pacheco foi, além de um político promissor, jornalista, poeta e escritor. Introdutor no Brasil do Sistema de Identificação Humana criado por Juan Vucetich, gozava no início do século XX de prestígio político, tendo influenciado o Presidente Rodrigues Alves a assinar o Decreto Nº 4.764 em 05 de fevereiro de 1903 que instituiu a Dactiloscopia no País. Deputado por quatro mandatos, Félix Pacheco também foi Ministro das Relações Exteriores no governo do Presidente Arthur Bernardes e eleito Senador em 1921. Destacou-se como jornalista na redação do jornal O Combate e assumiu o cargo de diretor-redator-chefe do Jornal do Commercio em 1913. Como poeta foi o único representante do Simbolismo influenciado por Cruz e Souza que conseguiu chegar à Academia Brasileira de Letras (1912).

Amigo de Licínio Cardoso e simpático à causa da homeopatia, Félix Pacheco advogou muitas vezes em meio parlamentar a favor dos projetos do Instituto Hahnemanniano do Brasil, principalmente da Faculdade Hahnemanniana: Foi relator de um projeto para a construção de um prédio para a Faculdade Hahnemanniana apresentado logo após a fundação em 1912. Apresentou o projeto para o Hospital Hahnemanniano em 1914, após assumir a presidência da comissão de finanças da Câmara de Deputados, logrando êxito para a consecução do terreno e o palacete do Barão de Vista Alegre na Rua Frei Caneca, 94 (atual Instituto Biomédico da UNIRIO). Félix Pacheco ainda participaria de outro importante capítulo da história da Homeopatia no Brasil com a aprovação dos projetos de Lei da oficialização do ensino da Homeopatia e o reconhecimento do Instituto Hahnemanniano do Brasil como associação de utilidade pública em 1918, concorrendo para a validação de títulos e diplomas pela Faculdade Hahnemanniana. Considerado como uma das personalidades políticas que mais ajudou o Instituto Hahnemanniano do Brasil e a Faculdade Hahnemanniana, o nome de Félix Pacheco integra as biografias de heróis da Escola de Medicina e Cirurgia.

Félix Pacheco foi homenageado em 1941 com seu nome imortalizado no órgão técnico da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro que planeja, dirige e executa atividades inerentes aos dados da criminalidade no apoio às autoridades policiais e judiciárias: o Instituto de Identificação Félix Pacheco. ■

Francisco José de Freitas

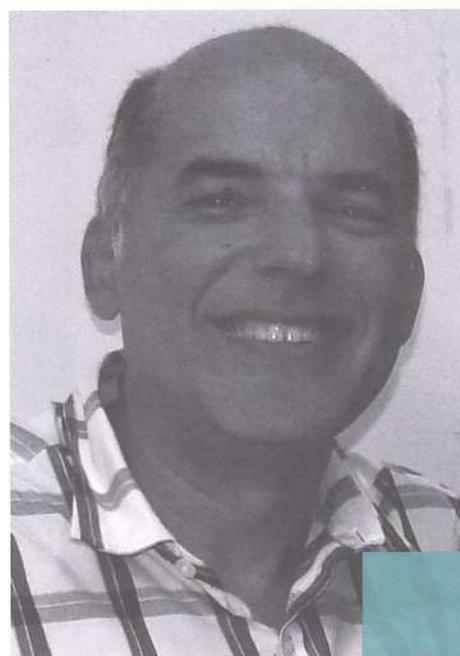
*Professor Responsável pela Disciplina de Matéria Médica Homeopática
Chefe do Departamento de Estudos Homeopáticos
Ex-Presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil*

A Escola de Medicina e Cirurgia (EMC) da Universidade Federal do Estado do Rio Janeiro (UNIRIO), a quarta faculdade de medicina mais antiga do Brasil, com o apoio da reitoria da Universidade, comemora o seu primeiro centenário. Inegavelmente, esta edição da revista CHRONOS chega em boa hora. A importância de se olhar para o passado para entender o presente faz com que reflitamos sobre as melhores estratégias a serem tomadas para pensar o futuro. Neste completar de 100 anos de existência, surge uma questão: o que a Homeopatia, especialidade médica reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina em 1980 e que a cada ano se encontra mais consolidada no meio científico devido aos estudos realizados, tem em comum com a EMC?

A criação da Escola de Medicina e Cirurgia foi realizada por médicos homeopatas do Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB). Portanto, para podermos compreender a relação entre essas duas instituições – EMC e IHB –, além do entendimento do atual trabalho que a Homeopatia vem realizando nestes últimos anos no seio da UNIRIO, um pequeno histórico se faz necessário a partir do relato de alguns acontecimentos marcantes ao longo dessa história.

No século XVIII, o médico Christian Friedrich Samuel Hahnemann, nascido em 10 de abril de 1755, na cidade de Meissen – Alemanha, preocupou-se com uma nova maneira de analisar doentes e doenças, devido ao insucesso da terapêutica predominante na época. Dedicou-se ao estudo do princípio hipocrático conhecido como Similia Similibus Curentur, que, após muitos anos de observações, experimentações e publicações, ocorrendo a primeira em 1796, desenvolveu uma nova metodologia clínico-farmacoterapêutica denominada Homeopatia. Para Hipócrates, o tratamento era constituído por três princípios básicos: a) *Natura medicatrix* – a natureza se encarrega de restabelecer a saúde do doente, e cabe ao médico tratar o paciente imitando a natureza, a fim de reconduzi-lo a um perfeito estado de equilíbrio; b) *Contraria Contrariis* – chamada lei dos contrários, em que os sintomas são tratados diretamente com medidas contrárias a eles; e c) *Similia Similibus* – chamada lei dos semelhantes, dizia que a doença poderia ser debelada pela aplicação de medidas semelhantes à doença.

As ideias de Hahnemann chegaram ao Brasil em 1836, à cidade do Rio de Janeiro e, em 1840, foram sistematicamente propagadas pelo médico francês Benoît Mure. No ano de 1859, foi



fundado o primeiro Instituto Hahnemanniano do Brasil, que, após algumas dissidências internas, foi extinto. No dia 17 de agosto de 1880, após a reforma dos estatutos do Instituto Hahnemanniano Fluminense (oficializada pelo Decreto Imperial nº 7.794), este passou a se denominar Instituto Hahnemanniano do Brasil, que tinha como finalidade o aprendizado, o aperfeiçoamento e a propagação da doutrina de Hahnemann (homeopática) utilizando algumas estratégias, entre elas a fundação de uma escola homeopática. O IHB se tornou um centro de estudo da Homeopatia, além da congregação de importantes vultos da ciência brasileira como os seus primeiros presidentes, a saber: Saturnino Soares de Meirelles (1878-1904); Joaquim Duarte Murinho Nobre (1904-1911); Theodoro Gomes (1911-1912); Licínio Athanásio Cardoso (1912-1926); e Francisco Menezes Dias da Cruz (1926-1930). Todos estes exerceram influência, direta ou indireta, para a fundação da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Por ocasião da proclamação da República, em 1889, o Conselheiro Dr. Saturnino Soares de Meirelles, um dos membros-fundadores da Academia Imperial de



Medicina, aproveitando a circunstância de ter sido o Marechal Deodoro da Fonseca seu condiscípulo na Escola Militar, tentou, sem resultado, introduzir o ensino da Homeopatia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde o preconceito ainda reinava muito forte.

Os membros titulares do IHB decidiram, então, fundar uma escola própria, autônoma e privada, aproveitando-se dos benefícios oferecidos pela Reforma do Ensino Rivadávia Corrêa em 1911. Organizada por Domingos Marques de Oliveira, a efêmera Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro foi desativada antes mesmo de completar um ano, devido à dissidência interna. Esta foi sucedida pela Faculdade Hahnemanniana, idealizada por Licínio Athanasio Cardoso, considerado o seu principal fundador, após migração do corpo docente e discente de forma organizada e definitiva. Ambas as faculdades constituíram as raízes da atual Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (EMC/UNIRIO), segunda escola médica do Rio de Janeiro, então capital da República, e quarta do país, cuja data oficial de fundação é 10 de abril de 1912, não considerando 28 de novembro do mesmo ano, data da fundação da Faculdade Hahnemanniana.

As aulas da Faculdade Hahnemanniana eram realizadas no Hospital Geral da Santa Casa ou no Hospital da Gamboa, sendo que, em 10 de abril de 1916, o IHB fundou o Hospital Hahnemanniano, a fim de atender às exigências do ensino médico, na Rua Frei Caneca 94, no centro do Rio de Janeiro. Local onde ainda funciona até hoje o IHB, junto com o Instituto Biomédico da UNIRIO. Distintamente das outras escolas médicas brasileiras da época, o curso médico da Faculdade Hahnemanniana apresentava a particularidade de ensinar a medicina alopática em conjunto com a homeopática. A clínica e terapêutica eram ensinadas para determinado caso ou patologia, e os mestres salientavam as diferenças entre situações em que a Alopática e a Homeopatia pudessem ser empregadas em conjunto ou individualmente. Em dezembro de 1924, como consequência do Conselho Superior de Ensino do Governo Republicano, a Faculdade Hahnemanniana trocou de nome para Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano do Brasil, sofrendo mudanças no seu estatuto e grade curricular. Em 1932, o Conselho Nacional de Educação, no intuito de adequar a Escola de Medicina e Cirurgia aos padrões vigentes, ocorreu à desobrigação de seus alunos de cursarem as cadeiras de ensino da Homeopatia, além de obrigar seus professores a

prestar concurso da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

O IHB manteve a sua faculdade durante a primeira metade do século XX até 1948, quando foi desvinculada, denominando-se Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Nos anos 1950, durante o processo de federalização da Escola, destacaram-se dois grandes médicos homeopatas, membros titulares e presidentes do IHB e professores da EMC que contribuíram de forma significativa nesse processo: Amaro Guilherme de Barros Azevedo e Alberto Soares de Meirelles, este último diretor da EMC no período da criação da Fundação Escola de Medicina e Cirurgia e Federação das Escolas Federais do Estado da Guanabara (FEFIEG), núcleos da futura Universidade do Rio de Janeiro, a UNIRIO, fundada em 1979 por Guilherme Figueiredo, sempre mantendo um Departamento abrigando as disciplinas de Homeopatia. Após 31 anos, a Escola de Medicina e Cirurgia volta a ser dirigida por um médico homeopata e membro do IHB, onde, ainda na sua gestão, sacramentou-se a incorporação do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle em 1966, fruto da luta do seu antecessor, Professor Fioravanti Alonso Di Piero.

Em 1980, a Homeopatia foi reconhecida como especialidade médica pelo Conselho Federal de Medicina, devido aos seus avanços técnicos e científicos. Ganhou um novo impulso significativo com a obrigatoriedade do ensino de uma de suas disciplinas por meio da reforma curricular da EMC, desenvolvida em 1998 e consolidada em 1999, fato histórico no ensino médico nacional. Em 2000, o Departamento de Estudos Homeopáticos passa a se denominar Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar, a fim de congregar disciplinas afins. Foi estruturado no ano de 2001 e efetivado em 2007 o Programa de Extensão "Homeopatia: Saúde e Qualidade de Vida", contendo projetos de ensino, de pesquisa e de extensão vinculados, além de cursos, eventos científicos, publicações e produtos, a citar: cartilhas informativas, materiais didáticos, softwares, entre outros. Este Programa tem o enfoque nas áreas de Saúde (principal), de Educação, e de Tecnologia; como base teórico-metodológica, as Diretrizes Curriculares para o Curso de Medicina (CNE, 2001), os mecanismos de flexibilização curricular e as metodologias participativas. A dinâmica das atividades desenvolvidas possibilita a articulação ensino-pesquisa-extensão. Sua relevância social se expressa na aplicação da Homeopatia desenvolvida em ambulatório e em enfermaria (Pediatría e outras) no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle - HUGG/UNIRIO, como tratamento principal

ou coadjuvante para os pacientes, em especial no segmento da infância e da terceira idade, quando diretamente envolvidos nos projetos do Programa. Sua abrangência acadêmica na Universidade se destaca no trabalho conjunto com outros Programas e Projetos de Extensão, a citar: o “Programa Interdisciplinar de Promoção à Saúde e Qualidade de Vida do Idoso – Grupo Renascer”; nas ações integradas a outras unidades acadêmicas, a exemplo do Projeto de Extensão, vinculado ao presente Programa, Sistema de Informações da Ficha de Identificação Clínico-Homeopática (SIFICH-UNIRIO) que integra a Escola de Informática Aplicada (EIA/CCET/UNIRIO) com a EMC. Visa também a aprimorar a assistência homeopática à saúde da sociedade e favorecer a formação e qualificação dos estudantes dos cursos de Medicina de graduação e pós-graduação.

No ano de 2004, iniciou-se a primeira Residência Médica em Homeopatia no país, que possui duração de dois anos e acesso direto, regulamentada e aprovada pelo Conselho Nacional de Residência Médica. Em 2010, foi criado o terceiro ano de Residência Médica em Homeopatia (R3) suplementar com enfoque na infância e terceira idade devido à demanda criada pelo programa de residência básico R1-R2. Atualmente, seis residentes integram o trabalho interdisciplinar e multiprofissional.

A Homeopatia brasileira e a Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO, com suas raízes entrelaçadas, aguardam os próximos 100 anos para contar uma nova história. ■





A LUTA PELA EQUIPARAÇÃO OFICIAL ANOS 1920 - 1930

E a faculdade progrediu. Prosseguiu inaugurando cadeiras de ensino e serviços em parceria, nomeando professores e procurando configurar adequadamente os seus cursos. Transferiu-se para uma sede mais ampla e apropriada. Conquistou o seu tão sonhado hospital de ensino 4 anos após a sua fundação, além de novo prédio que lhe ofereceu novos anfiteatros e laboratórios. A Escola de Licínio Cardoso gradativamente aumentava o número de alunos matriculados e grande parcela deles constituída de profissionais liberais como engenheiros, bacharéis em matemática, física, direito, além de professores e funcionários públicos.

A Faculdade Hahnemanniana começou a diplomar médicos em 1918, o que já acontecera com farmacêuticos e cirurgiões-dentistas desde 1916. Portanto, com a fundação do hospital de ensino (Hahnemanniano) e os primeiros diplomados, frutos colhidos, enfim, se anunciava um período tranquilo de evolução e glórias para a segunda escola médica da capital do País. Ledo engano. Em 1915, uma nova reforma do ensino denominada Carlos Maximiliano, além de reorganizar o ensino secundário e superior da República, restringiu os direitos, as facilidades e a liberdade que a Lei Rivadávia Corrêa havia proporcionado às novas instituições de ensino. Foi necessário o reconhecimento oficial da faculdade pelo Conselho Superior de Ensino e pela Diretoria Geral de Saúde Pública.

Começaria para a Faculdade Hahnemanniana um período de árdua luta para a equiparação às escolas médicas oficiais e validação de seus diplomas, que por sua vez demandaria talvez mais esforços do que propriamente para a sua fundação.

A luta pela igualdade

Ao final dos anos 1920, a Faculdade Hahnemanniana lutava em duas frentes: com o Hospital Hahnemanniano contra a gripe espanhola atendendo centenas de enfermos, e pela validação dos diplomas de seus formados. Havia a necessidade de equiparar-se às congêneres federais para realizar concursos internos para docentes e validar os seus títulos.

Em 25 de setembro de 1918, foi publicado no Diário Oficial o decreto 3.540 que reconheceu o Instituto Hahnemanniano do Brasil como Associação de Utilidade Pública, além de oficializar a Homeopatia no Brasil.



Fruto de um projeto do deputado Felix Pacheco, o decreto poderia trazer o reconhecimento dos títulos do Instituto, contudo, seus dispositivos foram alterados nas votações no Congresso. Ainda que Felix Pacheco gozasse de prestígio no meio parlamentar, havia reticências quanto à Homeopatia e a concessão de poderes ou privilégios ao Instituto Hahnemanniano, concorrendo para a modificação dos artigos originais do projeto, limitando a ação do instituto e criando embaraços aos seus formados. Os diplomados seriam reconhecidos, porém, com atividades restritas à clínica homeopática. A nova legislação trouxe a proibição do exercício da alopatia pelos médicos diplomados pela Faculdade Hahnemanniana.

O primeiro diploma foi impugnado

O registro do primeiro diploma conferido pela Faculdade Hahnemanniana ao farmacêutico Rodolpho Marques de Oliveira foi requerido ao poder público pelo Diretor Licínio Cardoso, mas foi impugnado pela Diretoria Geral de Saúde Pública, mesmo se tratando de uma instituição reconhecida pelo governo federal através do decreto 10.011 de janeiro de 1913. Somente 15 meses depois, em 17 de julho de 1915, o novo Ministro Carlos Maximiliano Pereira dos Santos deferiu o pedido.

Em 1918, Licínio Cardoso enviou requerimento ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Urbano Santos, solicitando o registro dos diplomas dos primeiros médicos formados pela Faculdade Hahnemanniana, o que foi deferido em 14 de março de 1919, entretanto, este respondeu que somente poderiam exercer a clínica e a terapêutica homeopática. O

registro dos diplomas era negado pela Diretoria Geral de Saúde Pública, alegando que faltava a assinatura de um inspetor de ensino além de questionar a legalidade da prática alopática por aqueles formados. O Ministério da Guerra proibia a inscrição em concursos para o Exército Brasileiro. Restrições e perseguições aos médicos diplomados pela Faculdade Hahnemanniana também foram verificadas quanto ao aviamento de receitas e no exercício da profissão.

Até aquele momento, pareciam infrutíferas as tentativas de demonstrar que a grade curricular da faculdade estaria organizada para o ensino integrado da Alopatia e da Homeopatia, o que não era verificado em outras escolas médicas oficiais.

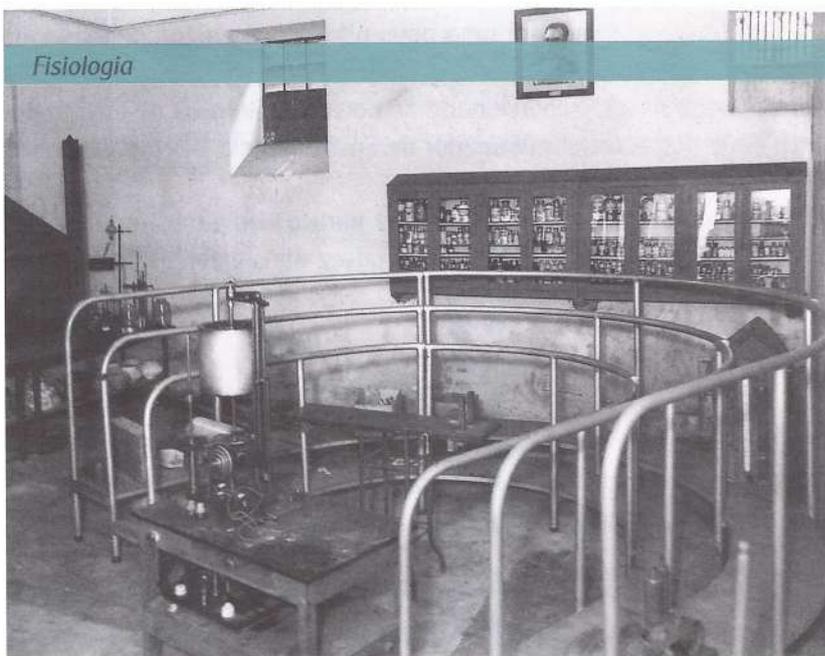
A Equiparação oficial

Em 18 de março de 1915, o Ministro da Justiça Carlos Maximiliano Pereira dos Santos referendou o decreto 11.530 ou lei de ensino que substituiu a Reforma Rivadávia Corrêa, restringindo muito de seus direitos e facilidades, além de reorganizar o ensino superior da República. Os estabelecimentos privados de ensino deveriam ser previamente fiscalizados por órgãos competentes como o Conselho Superior de Ensino, a fim de que pudessem expedir títulos e diplomas válidos. A gestão do ensino superior coube ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores até 1930, quando a reforma político-administrativa do Presidente Getúlio Vargas promoveu a criação do Ministério da Educação e Saúde.

Como se pode concluir, a Faculdade Hahnemanniana deveria se equiparar às outras escolas médicas, através de um processo de fiscalização pelo Conselho

Superior de Ensino que nomearia um inspetor qualificado. Com a colação de grau e emissão dos diplomas para a primeira turma de médicos em 26 de dezembro de 1918, a direção da Faculdade Hahnemanniana aguardava a próxima reunião do conselho em fevereiro de 1919 para pleitear a validade daqueles títulos. Entretanto, descortinou-se, assim, uma atitude contrária às pretensões da faculdade no conselho e fatos subsequentes revelariam o porquê e a quem não interessava a oficialização da segunda escola médica da capital do Brasil.

A alopatia constava no currículo da Faculdade Hahnemanniana e era ensinada não somente pelos mem-



bros do Instituto Hahnemanniano, mas também por professores convidados da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Contradições como essas eram tão comuns quanto denúncias de irregularidades, restrições e perseguições.

O então presidente do Conselho Superior de Ensino, Barão de Ramiz, preceptor dos filhos da Princesa Isabel e netos do Imperador Pedro II, era apontado como um grande inimigo da Homeopatia, assim como Aloysio de Castro, diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, eram apontados pelo Instituto Hahnemanniano como responsáveis pelos maiores obstáculos à equiparação oficial da Faculdade Hahnemanniana. O Barão de Ramiz ascenderia em 1921 ao cargo de primeiro Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, hoje UFRJ.

O Presidente da República Epitácio Pessoa nomeou um inspetor para a Faculdade Hahnemanniana em 17 de novembro de 1919. Em 24 de novembro de 1919, Licínio Cardoso comunicou ao corpo docente que o processo de fiscalização da faculdade se iniciara e aproveitou para nomear pela última vez sem concurso, membros para o quadro docente. Até a futura equiparação às congêneres federais, a faculdade nomeava diretamente seus professores sem a obrigatoriedade de concursos. Em janeiro de 1920, após numerosas visitas à sede da faculdade e freqüentes avaliações das instalações, o inspetor concluiu que apesar de alguma deficiência material, estava apta a ensinar, desenvolver, aperfeiçoar e difundir as artes médico-cirúrgicas integradas. O inspetor federal desmistificou a crença daqueles que afirmavam que a Faculdade Hahnemanniana estava somente a serviço da doutrina de Hahnemann.

A contrariedade e a má-vontade do conselho quanto à equiparação da faculdade tornaram-se evidentes, quando seus membros desconsideraram todo o relatório do inspetor. Alegavam que a Faculdade Hahnemanniana ministrava sistemas "opostos" de terapêutica, Homeopatia e Alopátia, e sob forte acusação, alguns declaravam que faltava idoneidade para o ensino. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pressionava o conselho e órgãos oficiais a não concederem à Faculdade Hahnemanniana, o direito da equiparação oficial às outras escolas médicas.

Em 16 de agosto de 1920, discordando da atitude do Conselho Superior de Ensino que revogara indevidamente o seu ato de nomeação, Epitácio Pessoa ordenou que o inspetor reassumisse as suas funções, contudo, o Conselho determinou a imediata diferenciação da Alopátia na organização curricular da Faculdade Hahnemanniana, considerando um re-



Colação de Grau - Médicos 1922



Instituto Anatômico



Laboratório de Física





Arquivo da Escola



Anfiteatro

quisito para fins de equiparação. Reunida em 20 de agosto de 1920, a congregação da Faculdade Hahnemanniana decidiu estabelecer a diferenciação da Alopátia em seu currículo, por imposição oficial do Conselho Superior de Ensino. Estabelecidas então, duas novas cátedras: a Clínica Médica Alopática e a Terapêutica Alopática. Professores lembraram a redundância do fato, pois, a Faculdade Hahnemanniana sempre ensinou Alopátia integrada ao estudo da Homeopatia, única escola médica que assim agia no País. Em 08 de setembro de 1920, a congregação nomeou os novos catedráticos: Raul Leitão da Cunha assumiu a cátedra de Clínica Médica Alopática e Garfield Augusto Perry de Almeida, a cátedra de Terapêutica Alopática. Alguns anos depois, seriam sucedidos por José Vieira Romero e Artidonio Pamplona, respectivamente. Independentemente dos fatos, parecia inevitável uma mudança de paradigma, principalmente a partir de 1930 com o declínio da Homeopatia no Brasil. A sobrevivência parecia de-

pende não exatamente do abandono de tradições, mas de adaptação aos currículos médicos oficiais.

A propósito da justiça, não havia a generalização, ou seja, não era unânime o preconceito, vide a relação de professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que auxiliavam a Faculdade Hahnemanniana nas suas cadeiras de ensino e a própria opinião pública, já que centenas de pessoas procuravam o dispensário e os ambulatórios do hospital da faculdade diariamente.

Um novo inspetor federal foi nomeado em julho de 1921. O relatório foi minucioso e fundamentado com fotos, plantas, planilhas estatísticas e mapas, além da observação do cotidiano profissional de professores e alunos. A Faculdade Hahnemanniana sofreu uma dupla inspeção.

A Escola perdeu...mas levou

A Comissão de Institutos de Ensino Superior do Conselho Superior de Ensino integrava naquela época, os diretores das 3 unidades que formavam a Universidade do Rio de Janeiro, atual UFRJ: Conde Afonso Celso, então diretor da Faculdade de Direito; o Diretor da Escola Politécnica, José Agostinho dos Reis; e o Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Aloysio de Castro. Considerando o relatório do segundo inspetor, a Comissão elaborou parecer favorável à equiparação da Faculdade Hahnemanniana e propuseram votação aos membros do Conselho, ainda que considerassem o voto contra de Aloysio de Castro. Vale destacar que 2 dos 3 diretores das unidades de ensino superior que integravam a primeira universidade brasileira e que exercia poderosa influência no Conselho Superior de Ensino, apoiaram a Faculdade Hahnemanniana. A direção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro se mantinha contrária à equiparação da segunda escola médica da capital da República.

A reunião do Conselho Superior de Ensino que selaria o destino da Escola de Medicina e Cirurgia enquanto Faculdade Hahnemanniana ocorreu em 02 de agosto de 1921. Mesmo com a eloquência dos discursos do grupo favorável à equiparação, 7 dos 12 membros presentes votaram contra. Digno de nota é a constatação de que 3 dos 4 doutores em medicina presentes votaram contra a equiparação. A maioria votou contra, contudo, não era o fim. Segundo a Lei 3.454 de 06 de janeiro de 1918, o parecer só poderia ser rejeitado por maioria absoluta, ou seja, metade dos votos mais um. O Conselho Superior de Ensino estava constituído por 16 membros, logo a maioria



absoluta seria de 9 votos, entretanto, somente 12 compareceram. Não surtiu efeito legal a proposta de que 7 votos contra em 12 membros seria a maioria absoluta naquele momento, pois, 16 seria o número considerado legal, mesmo com ausências justificadas. A conclusão daquela importante reunião foi irônica, pois, a faculdade que formava médicos, se manteve viva graças aos votos de advogados e engenheiros.

Em nova tentativa de bloquear o processo, o Barão de Ramiz comunicou ao então Ministro da Justiça Joaquim Ferreira Chaves, o resultado da reunião que equiparou a Faculdade Hahnemanniana mas, o aconselhou a não permitir tal regalia. Licínio Cardoso solicitou uma audiência com Epitácio Pessoa quando dispôs à mesa, documentos e fartos argumentos a favor da equiparação. Suas principais palavras a favor do ensino conjunto da homeopatia e alopatia foram: "Ensinar todas as modalidades para que o profissional as siga conforme seu critério e suas preferências, isso é que é ensinar medicina. Ensinar o todo pela comparação dos seus elementos componentes, isso é o culto à ciência; ensinar uma parte do conjunto ocultando o conhecimento das outras, isso é vassalagem ao preconceito." Epitácio Pessoa ordenou a Joaquim Chaves que equiparasse a Faculdade Hahnemanniana.

Com ares de grande acontecimento, em 02 de fevereiro de 1922 colou grau a primeira turma de médicos da Faculdade Hahnemanniana após a equiparação oficial, mercedores de diplomas agora devidamente reconhecidos em todo o Brasil. Testemunhada por altas autoridades do governo republicano como Félix Pacheco, a cerimônia foi presidida pelo Ministro Joaquim Chaves. Os discursos do Patrono Licínio Cardoso, do Paraninfo Eduardo Meirelles e do formando orador da turma, José Emygdio Rodrigues Galhardo, abrilhantaram o evento. Daquela turma histórica, se destacariam Raul Eloy dos Santos que foi o primeiro professor nomeado por concurso de títulos e provas da Faculdade Hahnemanniana e José Galhardo, o segundo professor nomeado, que também se destacaria como catedrático, diretor do Hospital Hahnemanniano, além de alcançar notoriedade como historiador da Homeopatia no Brasil.

Um alopata na direção e a troca de nome da faculdade

A congregação da Faculdade Hahnemanniana promoveu em abril de 1923, a alteração em seus estatutos que permitia a eleição de professores alopatas para os cargos de diretor e vice-diretor. Em 11 de



maio de 1923, o professor catedrático de Terapêutica Alopática, Garfield Augusto Perry de Almeida, assumiu a direção da faculdade em substituição ao professor Alcides Nogueira da Silva, após ser eleito por sufrágio unânime. A Faculdade Hahnemanniana pretendia demonstrar com a reforma dos seus estatutos e a eleição de Garfield de Almeida, que não havia



sectarismo em seus ideais.

Havia quem imaginasse que a direção da Faculdade Hahnemanniana exercida por um alopata seria um contrassenso ou, inversamente, uma administração "alopata" acalmaria os ânimos e minimizaria os ataques motivados pelo preconceito contra a Homeopatia. Nem um nem outro. A administração de Garfield de Almeida foi marcada pelo enfrentamento em 1924 a uma comissão de inquérito presidida pelo Barão de Ramiz que mesmo depois da Equiparação Oficial, pretendia anular matrículas e diplomas da Faculdade Hahnemanniana. Ainda que sofresse uma nova devassa, a Faculdade Hahnemanniana saiu vitoriosa, entretanto, por imposição oficial foi obrigada a banir a origem homeopática do nome. Surgiu, assim, no horizonte do ensino médico, a Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano do Brasil, equiparada oficialmente às congêneres federais, dirigida por um alopata e em franco desenvolvimento. O hospital de ensino da Escola já adquiria notoriedade, ganhando as páginas diárias dos jornais, além da simpatia e a confiança da população da capital brasileira. ■



FACULDADE HAHNEMANNIANA





Epitácio Pessoa

Na empreitada por via parlamentar, Félix Pacheco e Licínio Cardoso não estavam sozinhos e receberam prestimosa ajuda no encaminhamento e aprovação do projeto que reconhecia o Instituto Hahnemanniano do Brasil como Associação de Utilidade Pública, na Câmara dos Deputados e Senado, vinda do Senador paraibano Epitácio Pessoa, que alguns meses depois assumiria a presidência da República. Félix Pacheco e Epitácio Pessoa foram grandes heróis nas lutas do Instituto Hahnemanniano e da Faculdade Hahnemanniana.

Nascido em 23 de maio de 1865, natural de Umbuzeiro na Paraíba, formou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1886, iniciando sua carreira pública como Promotor interino de Bom Jardim em Pernambuco. Eleito Deputado pelo Estado da Paraíba em 1890 e nomeado professor Catedrático da Faculdade de Direito do Recife em 1891, foi ministro da Justiça e Negócios Interiores no Governo Campos Sales, Ministro do Supremo Tribunal Federal (1902) e Procurador-Geral da República, também elaborou em 1909 o projeto do Código de Direito Internacional Público a pedido do Barão do Rio Branco. Epitácio Pessoa foi o primeiro nordestino a comandar o Brasil e, curiosamente, estava fora do País como chefe da delegação brasileira na conferência de Paz em Versalhes por ocasião do fim da primeira guerra mundial, quando foi lançado candidato à presidência em oposição a Rui Barbosa. Rodrigues Alves, recém-eleito para um segundo mandato, faleceu e novas eleições foram marcadas. Mesmo ausente, derrotou Rui Barbosa e retornou ao Brasil para assumir o cargo em 28 de julho de 1919. Seu mandato transcorreu em período conturbado, marcado por agitações políticas, greves e uma relação pouco amistosa com os militares que se iniciou quando nomeou civis para comandar os ministérios da Guerra e da Marinha.

Em meio àquele período conturbado da história republicana a partir de 1919, o Senador Epitácio Pessoa que já tinha auxiliado na aprovação do Decreto 3.540, o qual reconhecia o Instituto Hahnemanniano do Brasil como Associação de Utilidade Pública, ao se eleger Presidente, também ajudou o Instituto Hahnemanniano do Brasil e a Faculdade Hahnemanniana. Interveio em favor do ensino superior naquela Instituição em 1921, no imbróglgio junto ao Conselho Superior de Ensino, que, fomentado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, criava empecilhos para a sua equiparação oficial e reconhecimento dos seus diplomas.

Epitácio Pessoa não atendeu aos apelos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro na voz do Barão de Ramiz, presidente do então Conselho Superior de Ensino, e Aloysio de Castro, diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, para que não concedesse a equiparação oficial à Faculdade Hahnemanniana. Mesmo com a decisão desfavorável no Conselho Superior de Ensino em que a maioria votou contra a Faculdade Hahnemanniana, ordenou a equiparação e não permitiu o seu fechamento. Juiz daquela questão crucial para a existência da segunda escola médica da capital, Epitácio Pessoa fez justiça e gravou o seu nome em “ouro” na história da Escola de Medicina e Cirurgia. ■





A RENOVAÇÃO DOS ANOS TRINTA ANOS 1930 - 1940

A sociedade brasileira experimentava as mudanças provocadas pela Revolução de 1930 capitaneada por Getúlio Vargas, movimento político da história que acabou com a primeira República e o mundo vivia a crise do capitalismo deflagrada desde 1929 no famoso crash da bolsa de valores de Nova Iorque. Criado em 14 de novembro de 1930, o Ministério da Educação recebeu como primeiro nome, Ministério da Educação e Saúde Pública, já que estava associado também à promoção de saúde. O primeiro titular da pasta foi o advogado e jurista Francisco Luís da Silva Campos, conhecido reformador da educação pública nas Minas Gerais. Revolução no Brasil e renovação na Escola.

A Escola de Medicina e Cirurgia caminha para o vigésimo aniversário e, progressivamente, vai aumentando o número de alunos chegando a 188 novos matriculados no período 1931-1932 e ultrapassando a marca histórica de 500 alunos. O declínio da Homeopatia no Brasil se refletiu também na Escola, onde as cadeiras de ensino da ciência de Hahnemann tornaram-se optativas. Os anos de 1932 e 1933 deixaram cicatrizes profundas na estrutura tradicional da Escola de Medicina e Cirurgia quando passou por revezes significativos como a desobrigação de seus alunos em cursar as cadeiras de ensino da Homeopatia, a desqualificação de sua congregação pelo Conselho Nacional de Educação e o êxodo desenfreado de seus alunos para a Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, atual UFRJ.

As cicatrizes e a renovação

A primeira geração dos professores da Escola se caracterizou pela fundação das Faculdades de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro e a Hahnemanniana além do primeiro hospital de ensino, o Hahnemanniano do Brasil. Com a liderança de Licínio Cardoso, o corpo docente fundador, predominantemente formado de homeopatas e membros do Instituto Hahnemanniano do Brasil, se caracterizou pela aptidão à luta frente ao preconceito do meio médico da época mas, já cansados da labuta ou com membros falecidos, era preciso passar o bastão e constituir assim a segunda geração de professores.

Com 20 anos de existência, a Escola de Medicina e Cirurgia, já equiparada oficialmente às escolas federais e abrigando mais de 500 alunos, já apresentava um corpo docente em número insuficiente para completar seus quadros de ensino. Os docentes começaram a ocupar interinamente ou por contrato as cadeiras, contudo, não havia professores concursados ou efetivos na congregação em número suficiente para integrar bancas com o

Posse Joaquim Murinho 03/06/1934



intuito de examinar seus pares em concursos internos e homologar assim títulos oficiais. Os dois-terços exigidos por Lei não estavam sendo respeitados.

O Conselho Nacional de Educação desqualificou a congregação da Escola de Medicina e Cirurgia e não permitiu que organizasse concursos internos. A congregação fez diversos questionamentos ao Ministro da Educação, entretanto, a determinação não foi revogada e os novos concursos deveriam ser realizados na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha (atual Faculdade de Medicina da UFRJ). Paralelamente ao processo de desqualificação da congregação, havia também um crescente movimento entre os seus alunos que reivindicava o fim do ensino obrigatório da Homeopatia.

Desde 1922, após a equiparação oficial, a maioria dos médicos diplomados pela Escola optava, gradativamente, pelo exercício profissional da alopatia e dez anos depois, os alunos se organizaram em comissão e requereram ao órgão fiscalizador do ensino do Ministério da Educação e Saúde Pública, o critério de opcionalidade para as cadeiras de ensino e especialização em Homeopatia. A turma de médicos diplomada em 1921, ano da equiparação oficial, foi a última em que a maioria optou pela assistência homeopática. No segundo semestre de 1932, o Conselho Nacional de Educação emitiu parecer favorável ao requerimento de um grupo de alunos da Escola de Medicina e Cirurgia que pleiteavam a não obrigatoriedade de cursar as cadeiras de ensino da Homeopatia. Com veementes protestos a congregação da Escola se manifestou, mas de nada adiantou a alegação de que o ensino da Homeopatia era,

tradicionalmente, ligado à sua fundação e que sua grade curricular já havia sido adaptada à semelhança da faculdade oficial, fruto das obrigações necessárias à equiparação oficial.

A partir de 1931, 3 importantes decretos que legislaram sobre o ensino superior foram assinados pelo Presidente Getúlio Vargas e referendados pelo Ministro Francisco Campos. Os decretos 19.851 e 19.852 de 11 de abril de 1931 regulamentaram os estatutos das universidades brasileiras e a organização da Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ), respectivamente.

O terceiro decreto, 20.179, assinado meses depois, em 06 de julho de 1931, dispôs sobre a equiparação dos institutos de ensino superior e sobre a inspeção em institutos livres para reconhecimento oficial de seus diplomas. Os regulamentos dos cursos de ensino superior deveriam ser revistos e aprovados para alcançar a legalidade e o princípio da equivalência entre os programas curriculares deveria ser obedecido. Baseado no decreto 20.179, o Conselho Nacional de Educação desferiu um duro golpe naquela tradicional Escola Hahnemanniana, considerando a equivalência dos cursos médicos ministrados no País e, assim, a opcionalidade da Homeopatia.

O pavio foi aceso

Uma corrente de homeopatas dentro do Instituto Hahnemanniano do Brasil passou a propor que a Escola do jeito que ficou – alopatia obrigatória e homeopatia optativa – não interessava mais àquela agremiação, reivindicando, inclusive, a sua entrega a uma instituição pública ou outra privada que a administrasse, ou até mesmo o seu fechamento. Em 1935, membros do Instituto chegaram a propor a entrega da Escola de Medicina e Cirurgia à administração da Prefeitura do Rio de Janeiro, aproveitando assim o bom trâmite com o popular prefeito Pedro Ernesto, contudo, se fazia uma exigência: que a Escola se mudasse das dependências do instituto à Rua Frei Caneca. Pregava-se, assim, a ideia de que uma tradicional escola hahnemanniana não poderia ensinar obrigatoriamente a Alopatia, em detrimento da Homeopatia, entretanto, o grupo de descontentes não se sobrepôs àqueles que defendiam a manutenção e o Instituto



continuou a administrar as suas criações, Escola de Medicina e Cirurgia e Hospital Hahnemanniano.

Inevitavelmente, o pavio foi aceso em 1932. Os desacordos entre homeopatas e alopatas, os desconfortos com a legislação do ensino superior da época, e o processo autônomo de desenvolvimento didático e científico que a renovação docente dos anos 1930 promoveria na Escola de Medicina e Cirurgia, acabariam por promover o ideário da emancipação. Os movimentos pró-emancipação ganharam força na década seguinte (anos 1940) quando dois processos históricos se desenvolveram paralelamente: a construção de uma nova sede e a desvinculação do Instituto Hahnemanniano do Brasil.

Livre-docência

A Escola de Medicina e Cirurgia passou a investir na qualidade do ensino, conferindo títulos de Livre-docência e nomeando importantes professores que dignificaram a instituição. De origem alemã e constituindo importante grau acadêmico restrito a ilustres professores, a Livre-docência foi habilitada no Brasil pela Reforma do Ensino Superior “Rivadavia Corrêa” em 1911. Os Livre-docentes passaram a ser valorizados com privilégios como organizar cursos, integrar mesas de exames, assento na congregação e escolher representantes.

A partir de 1932, os primeiros concursos para a habilitação à Livre-docência na Escola de Medicina e Cirurgia foram realizados e o primeiro professor a conseguir tal honraria foi o importante pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz, Evandro Chagas, primogênito de Carlos Chagas, um dos mais importantes cientistas médicos brasileiros, nomeado pela congregação em 6 de maio de 1932. Dois anos depois, a Escola de Medicina e Cirurgia conferia em 1934 o segundo título de Livre-docência a Aluizio Marques, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, membro Titular da Academia Nacional de Medicina e diretor do Serviço de Psiquiatria do antigo Estado da Guanabara. A partir de 1935, promoveram-se 28 concursos de Livre-docência na Escola de Medicina e Cirurgia até o final da década, quando

importantes professores receberam tal honraria. Não raro, os Livre-docentes acabavam ascendendo a catedráticos e assumindo definitivamente várias cátedras de ensino como Cláudio Amorim Goulart de Andrade, José Guilherme Dias Fernandes, Flávio Lombardi, João Monteiro de Carvalho, Jorge Fonte de Rezende, Antônio Ibiapina, Italo Viviani Mattoso, Antônio Paulo Filho e Rubens de Siqueira.

O episódio Miguel Couto

A insuficiência do corpo docente da Escola de Medicina e Cirurgia marcou também o período em que deixou de formar médicos em número suficiente para justificar sua existência. Fato explicado pela transferência maciça dos alunos para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro na Praia Vermelha. Na época, entre escolas equiparadas, era livre à transferência de alunos e, além do maior prestígio da faculdade oficial, o rigor de um de seus professores, colaborava para que alunos se transferissem a partir do quinto ano da Escola de Medicina e Cirurgia para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O “inchaço” das matrículas e a grande quantidade de alunos ocupando até o quarto ano do curso médico da Escola de Medicina e Cirurgia se tornara ilusório quando ao atingir o quinto ano, a transferência ocorria em massa.

O êxodo dos alunos da Escola também se explicava pelo receio da hostilidade na vida prática, pois em seus diplomas estaria gravado o nome de uma escola de tradição homeopata. Em 1933, o prestigiado clínico Miguel Couto, então presidente da Acade-



Os novos Cathedraticos da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro



mia Nacional de Medicina, professor catedrático de Clínica Propedêutica e membro do Conselho Técnico-Científico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, frente à situação das transferências, requereu no Conselho Nacional de Ensino a desiquiparação ou fechamento da Escola de Medicina e Cirurgia. Ainda que alguns membros da congregação da Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano atribuissem à atitude de Miguel Couto, o preconceito “embutido” contra a Homeopatia, a situação das transferências em massa tornara-se insustentável. Os anos de 1932 e 1933 deixariam cicatrizes na história da Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto que lutava para manter a doutrina de Samuel Hahnemann em sua metodologia de ensino.

Os concursos históricos na Praia Vermelha

Em maio de 1934, Jorge do Amaral Murinho, professor catedrático de Clínica Médica e Terapêutica Clínica Homeopática, foi eleito Diretor da Escola de Medicina e Cirurgia e cumpriria o segundo maior mandato de direção, 9 anos, até maio de 1943. Inicialmente, o novo diretor se dedicou a recuperar a Escola do desgaste do episódio Miguel Couto e aos concursos impostos pelo Conselho Nacional de Ensino, a fim de criar as condições necessárias para oferecer e gerir concursos internos podendo assim nomear professores catedráticos, substitutos e assistentes de nível superior, proporcionando a renovação das cátedras.

Os concursos de 1934 foram realizados no mês de julho de acordo com o decreto 22.782, assinado em 30 de maio de 1933, frente à Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ), no seu memorável prédio na

Praia Vermelha no bairro da Urca no Rio de Janeiro. Oportunamente, naquele ano, Raul Leitão da Cunha, ex-professor catedrático de Clínica Médica da Faculdade Hahnemanniana com atuação importante em um momento que a Escola perseguia a sua equiparação oficial no início dos anos 1920, ascendeu à reitoria da Universidade do Rio de Janeiro, o que contribuiu ainda mais para um ambiente de alto nível e harmonia naqueles concursos. Os novos professores catedráticos foram nomeados pela congregação da Escola de Medicina e Cirurgia em 09 de agosto de 1934, após concorrida posse no Salão de Honra do prédio da Faculdade de Medicina na Praia Vermelha. Os professores que prestaram àqueles concursos de títulos e provas sendo dignamente aprovados foram: Fioravanti Alonso Di Piero; Hamilton de Lacerda Nogueira; Augusto Paulino Soares de Souza Filho; Antônio Emmanuel Guerreiro de Faria; Paulo de Carvalho; Custódio Figueira Martins; Benjamin Vinelli Baptista; e Octávio Rodrigues Lima. A congregação estava definitivamente qualificada.

Os grandes concursos de 1934 na Praia Vermelha e aqueles realizados até 1950 na própria Escola de Medicina e Cirurgia foram responsáveis pela formação de sua segunda geração docente. Geração que desenvolveria o ensino até, aproximadamente, o cinquentenário da Escola (1962), período em que alterações estatutárias e estruturais marcariam definitivamente a Escola como a demolição dos antigos prédios da Faculdade Hahnemanniana e do Hospital Hahnemanniano, construção do novo prédio e sede (hoje Instituto Biomédico), além da desvinculação do Instituto Hahnemanniano do Brasil e o processo de federalização. ■





Os Baptista

O Pai da Anatomia Brasileira inaugura o Instituto Anatômico

Em 1928, o Pai da Anatomia Brasileira, Benjamin Baptista, então professor catedrático, fundou e inaugurou o Instituto Anatômico anexo à cátedra de Anatomia da Escola de Medicina e Cirurgia. O Anatômico era o Instituto mais antigo, tratando-se de uma Instituição autônoma com administração e ensino regulados por estatutos próprios. Desde 1930, o Instituto passou a ser dirigido por Benjamin Vinelli Baptista, filho de Benjamin Baptista, e consistia num centro de pesquisas que oferecia cursos de formação, de extensão e de pós-graduação. Compreendia os departamentos de Anatomia, com as seções Anatomia Humana, Anatomia Comparada e Antropologia Geral; e o de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental com as seções de técnica e cirurgia. Naquela época funcionavam no IABB as cátedras de Anatomia, Patologia Geral, Parasitologia, Anatomia e Fisiologia Patológicas e a de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental. Após o falecimento de Benjamin Baptista, ser-lhe-ia conferido, postumamente, o título de patrono do Instituto, atribuindo-lhe seu nome.

Natural de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, João Benjamin Ferreira Baptista nasceu em 07 de julho de 1869. Diplomado farmacêutico em 1888 iniciou os estudos em Medicina, doutorando-se em 1895 pela Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro (atual UFRJ). Em 1896, iniciou a carreira anatômica ao lograr êxito em concurso para Preparador de Anatomia Descritiva, título equivalente à atual Livre-Docência, e, um ano depois, ascende a membro da Academia Nacional de Medicina. Foi também preparador da cadeira de Anatomia Médico-Cirúrgica e da cadeira de Histologia em 1899. Lecionou nos cursos de Anatomia Médico-Cirúrgica da boca e Anatomia Descritiva para alunos de Odontologia a partir de 1904, além de criar o curso de Histologia Dentária em 1909. Em 1910, publicou o trabalho Anatomia Descritiva da Cabeça que consistia em um compêndio de aproximadamente 15 anos de sua experiência.

Em 1911, Benjamin Baptista foi indicado pelo governo republicano para estudar a organização e instalação de anfiteatros de anatomia na Europa. Em 1912, retornou ao Brasil determinado a desenvolver o ensino integral da Anatomia. Nomeado professor catedrático de Anatomia Médico-Cirúrgica e Operações em 29 de junho de 1921, edita com a colaboração de Alfredo Monteiro o seu Manual de Anatomia, e publica nos Anais do Museu Histórico Nacional um importante trabalho de antropologia anatômica com um cadáver ameríndio de uma indígena brasileira, auxiliado por Roquete Pinto, então etnólogo de renome.

Considerado o chefe da Escola Anatômica Brasileira, Benjamin Baptista criou em 1926 o Serviço de Cirurgia Experimental na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, promovendo o ensino da Técnica Operatória. Dezenas de importantes trabalhos publicados, diversos cursos ministrados e a prestação de serviços referenciados legaram a Benjamin Baptista o título de Pai da Anatomia Brasileira.

Em 05 de novembro de 1928, Benjamin Baptista presidiu a inauguração do Instituto Anatômico anexo à Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano do Brasil em uma concorrida cerimônia com





professores e alunos. A equipe do Instituto Anatômico integrava, além do professor catedrático, o filho Benjamin Vinelli Baptista como chefe de laboratório, Domingos de Góes Filho como professor Assistente, Sylvo D'Ávila como auxiliar técnico, três monitores, e logo são convidados docentes (ex-alunos) e cirurgiões de outros institutos técnicos que auxiliavam o mestre, na maioria das vezes, sem nenhuma remuneração.

Em 1930, Benjamin Baptista passa o bastão para o seu filho Benjamin Vinelli Baptista, quando viajou para Europa a fim de visitar institutos científicos em várias capitais do velho continente, retornando dois anos depois para a chefia da cátedra de Anatomia da Escola de Medicina e Cirurgia. Em 28 de novembro de 1934, faleceu em sua residência no bairro de Botafogo no Rio de Janeiro, e, ao sepultamento, compareceram o corpo docente da Escola, muitos alunos e funcionários. Em concorrida sessão solene da Academia Nacional de Medicina em 18 de maio de 1935, o diretor Jorge Murinho representando a Escola de Medicina e Cirurgia e o aluno Olintho Pillar, então presidente do Diretório Acadêmico, discursaram em homenagem ao saudoso professor Benjamin Baptista, eternizado como patrono da 25ª Cadeira daquela academia.



Baptista Filho

Benjamin Vinelli Baptista foi cirurgião, dentista, professor, anatomista, pesquisador e cientista. Neto de Kossut Vinelli, criador do primeiro Laboratório de Fisiologia Experimental do Brasil na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e filho do "Pai" da Anatomia Brasileira, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em dezembro de 1922. Mais conhecido como Professor Vinelli Baptista, foi nomeado catedrático de Anatomia Humana da Escola de Medicina e Cirurgia, cargo que ocupava interinamente desde setembro de 1925, e atuou como diretor do Instituto Anatômico Benjamin Baptista desde 1930. Foi professor Titular das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Fluminense de Medicina, além da Escola Superior de Agronomia e Veterinária, chefe da 11ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia durante vários anos, cirurgião no Hospital de Pronto Socorro, hoje Souza Aguiar, Membro Titular das Academias Nacional de Medicina e Brasileira de Ciências, além do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Como cientista, escreveu importantes trabalhos pioneiros de Anatomia e Antropologia. Formou-se também em odontologia com importantes obras escritas e foi fundador e patrono da Cadeira 22 da Academia Brasileira de Odontologia. Diretor interino da Escola de Medicina e Cirurgia no período de 10 a 30 de maio de 1943, aposentou-se em 1971. ■





A EMANCIPAÇÃO E A NOVA SEDE ANOS 1940 - 1950

As repercussões da segunda guerra mundial atingiam em maior ou menor escala todas as nações. No Brasil ocorreria um surto industrial e o rádio tem a sua época de ouro. Em 1945, ainda que à custa de bombas atômicas, enquanto o mundo comemorava o fim da segunda Guerra Mundial, as obras para a nova sede da Escola de Medicina e Cirurgia foram iniciadas na Rua Frei Caneca, centro do Rio de Janeiro.

A década dos anos 1940 ficou marcada na história da Escola de Medicina e Cirurgia, por dois episódios que se desenvolveram paralelamente: a construção da nova sede e o processo de desvinculação do Instituto Hahnemanniano do Brasil, quando seus professores, almejando um caminho com autonomia administrativa e financeira, decidiram propor a emancipação. Surgiu assim no horizonte do ensino médico brasileiro, a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

O novo prédio

As instalações do antigo Hospital Hahnemanniano e seus pavilhões já estavam degradadas pelo tempo e o Instituto Hahnemanniano do Brasil decidiu construir uma nova sede e hospital. O projeto de construção foi idealizado em 1940 quando o Instituto Hahnemanniano do Brasil decidiu por encaminhá-lo aos trâmites legais.

A congregação da Escola de Medicina e Cirurgia presidida por Jorge Murinho aprovou o projeto de construção do novo complexo hospital-escola apresentado pela presidência do Instituto Hahnemanniano em 25 de janeiro de 1943. Foi assinado um contrato com o IAPI, antigo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, para o financiamento da construção de um grande conjunto de prédio e pavilhões, a fim de abrigar a Escola de Medicina e Cirurgia, o novo Hospital Hahnemanniano e um Instituto de Otorrinolaringologia. A edificação de diversos hospitais e conjuntos habitacionais foram exemplos da aplicação dos recursos dos antigos institutos de previdência com administração própria.

Contratado em 14 de dezembro de 1944, o arquiteto franco-suíço Francisque Cuchet concebeu um projeto inicial grandioso, orçado em 35 milhões de Cruzeiros e constava de 5 pavilhões, dos quais um teria 3 andares, 2 com 6 andares e outros 2 maiores com 9 andares, com fachadas imponentes, escadarias, grande hall, salas de conferências, anfiteatros, repetidas salas de operações, duas bibliotecas, largas dependências para cada professor e suas clínicas especializadas, laboratórios, instalações amplas para o Instituto e secretaria, além de

uma moderna casa de saúde com 100 quartos. Em parceria com Archimedes Memória, Francisque Cuchet havia projetado alguns dos mais imponentes edifícios da então capital brasileira, Rio de Janeiro, como o Palácio Tiradentes destinado à Câmara dos Deputados (1921), o Palácio das Grandes Indústrias e plano urbanístico da Exposição Internacional do Centenário da Independência (1922), o Jockey Club Brasileiro (1924) e a sede do Botafogo Futebol Clube e Regatas (1928).

A prefeitura do Rio de Janeiro aprovou a planta do projeto em 20 de março de 1945. As obras iniciaram naquele mesmo ano sob a supervisão de uma comissão de avaliação das obras presidida pelo professor catedrático de Cirurgia Sílio Pereira Lima, entretanto, diversos infortúnios assombraram os primeiros cinco anos do período de construção. Empresas construtoras negligentes e falidas, alicerces frágeis e orçamentos que se demonstraram imprecisos, minaram o projeto. O prédio do Instituto de Otorrinolaringologia por exemplo, foi arrendado pelo professor catedrático José Kós, originando a tradicional clínica de mesmo nome na Rua do Matoso.

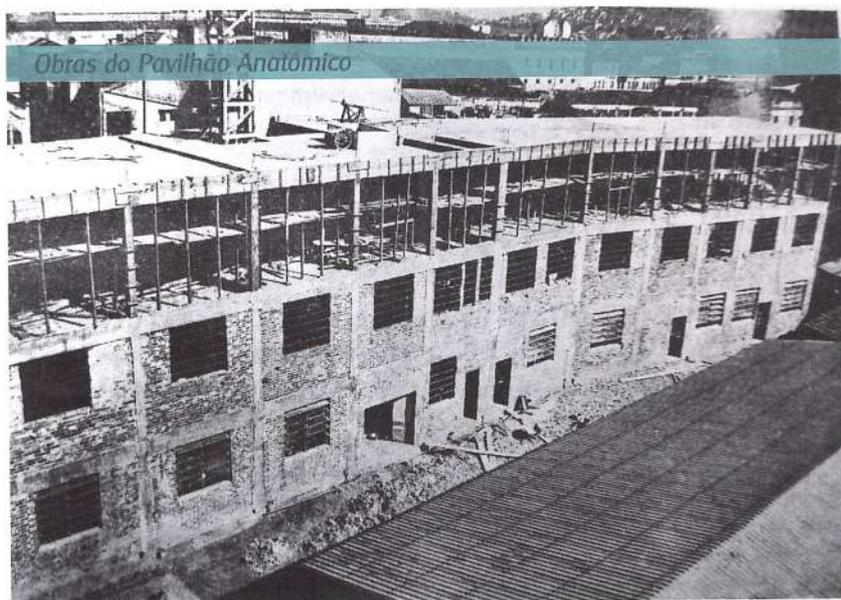
Com um projeto menor e o reinício das obras em 1950, foi construído um pavilhão provisório para os serviços e laboratórios da Escola de Medicina e Cirurgia, aproveitando a área do pavilhão B do projeto inicial, onde se encontravam fundações em bom estado e laje pronta para andar térreo. Em 6 meses, o pavilhão foi construído com instalações para os laboratórios e um anfiteatro com capacidade para 80 alunos.



A Emancipação

Em meio ao confuso processo de obras dos novos prédios, a congregação da Escola promoveu a desvinculação do Instituto que a criou. Na gestão do professor catedrático de Clínica Cirúrgica, Augusto Paulino Soares de Souza, que assumira a direção em 06 de abril de 1946, a Escola de Medicina e Cirurgia caminhava no sentido de conseguir sua autonomia, mas continuava subordinada ao Instituto Hahnemanniano do Brasil, administrativa e financeiramente. O processo de emancipação da Escola de Medicina e Cirurgia foi liderado pelo professor catedrático de Clínica Cirúrgica Sílio Pereira Lima e foi deflagrado em 15 de outubro de 1948 quando a congregação se rebelou quanto à nova fundação denominada "Joaquim Murtinho" criada pelo Instituto Hahnemanniano do Brasil para gerir as suas atividades. Professores acusavam o Instituto Hahnemanniano de ter criado uma nova fundação somente para se desfazer da Escola de Medicina e Cirurgia, enquanto outros afirmavam que era uma alternativa para diminuir responsabilidades e custos, mantendo, porém, a propriedade da instituição. Também era do conhecimento geral que resquícios dos desentendimentos entre alopatas e homeopatas ainda existiam e o próprio desenvolvimento autônomo de ensino que a Escola de Medicina e Cirurgia desenvolvia naquela época.

Na reunião do Conselho Técnico-Administrativo da Escola de Medicina e Cirurgia em 25 de novembro de 1948, foram avaliadas as declarações do professor catedrático



de Matéria Médica Homeopática Sylvio Braga e Costa que, ocupando interinamente a presidência do Instituto Hahnemanniano, revelou que havia um sentimento predominante no instituto de emancipar a sua escola de medicina. O desgaste nas relações entre o Instituto e a Escola já era nítido. Trinta e seis anos depois de fundada, a Escola de Medicina e Cirurgia congregaria professores, funcionários e alunos para a sua emancipação.

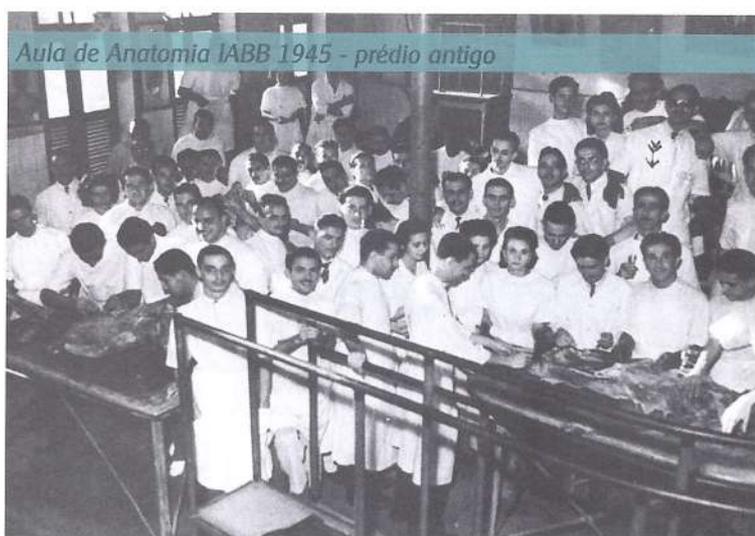
A Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro

Sílio Pereira Lima oficializou a proposta da emancipação da Escola de Medicina e Cirurgia em 30 de novembro de 1948. Em 07 de dezembro de 1948, na assembleia geral do Instituto Hahnemanniano do Brasil presidida por Sylvio Braga e Costa, o instituto concordou com a autonomia de sua escola de medicina que, reconhecidamente, já seguia um desenvolvimento didático e científico de padrão autônomo. Sylvio Braga e Costa, também professor da Escola, atuou como importante interlocutor dos interesses das instituições que naquele momento redefiniam seus papéis.

Em 9 de dezembro de 1948, a presidência do Instituto Hahnemanniano autorizou ao professor Sílio Pereira Lima a tomar as providências legais e oportunas para o processo de emancipação que deveria ser reconhecida oficialmente. A congregação da Escola decidiu que procederia inicialmente à resolução das questões jurídicas da emancipação, bem como a comunicação aos órgãos oficiais e a distribuição dos cursos para o ano de 1949. Designada pela congregação, tais responsabilidades couberam a uma comissão que integrava os professores Sílio Pereira Lima, Antonio Guerreiro de Faria e José Kós.

Em 12 de abril de 1949, o então tesoureiro da gestão de Augusto Paulino Soares de Souza na direção da Escola, Sílio Pereira Lima, foi eleito Diretor com mandato até 1952. Autor da proposta de emancipação, Sílio Pereira Lima se destacaria na história da Escola de Medicina e Cirurgia como diretor por três mandatos não consecutivos, presidente da comissão de obras do novo complexo hospital-escola, tesoureiro, secretário, membro do Conselho Técnico-Administrativo e gestor do período de transição no processo de desvinculação do Instituto Hahnemanniano do Brasil.

Foi organizada a Sociedade Civil Escola de Medicina e Cirurgia, com sede à Rua Frei Caneca no 94, cujos sócios seriam, exclusivamente, os professores



catedráticos e membros da congregação. A Sociedade tinha como finalidade manter a faculdade de medicina privada, então denominada Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Os estatutos da nova faculdade foram aprovados por sua congregação em 15 de setembro de 1949 e registrados no Registro Civil das Pessoas Jurídicas do Rio de Janeiro em 26 de setembro, além da publicação no Diário Oficial no





Corpo Docente 1935-1945

mesmo ano. O ofício 173 do Ministério da Educação e Saúde, assinado em 6 de março de 1950 pelo Ministro Clemente Mariani Bittencourt, congratulou a Escola pelos “auspiciosos índices de aperfeiçoamento e disciplina registrados nas atividades escolares”. O Conselho Nacional de Educação aprovou os estatutos da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro em 28 de abril de 1950. Em 10 de julho de 1950, o diretor Sílio Pereira Lima comunicou oficialmente à congregação, através da leitura dos ofícios, pareceres e documentos pertinentes, a desvinculação da Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano do Brasil. O professor catedrático Rubens de Siqueira propôs a data de 26 de setembro de 1949, ocasião de seu registro em cartório, como a data de fundação da nova Escola. Entretanto, a tradição prevaleceu e o “10 de abril de 1912”, aniversário de Samuel Hahnemann e data de fundação da extinta Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro, foi mantida.

Por mútuo acordo, o Instituto Hahnemanniano do Brasil concordou em ceder uma parte de seu patrimônio à Escola, que consistia em dois-terços do imóvel situado à Rua Frei Caneca no 94, dois terços da área total do terreno, o 2º, 3º, 4º pavimentos do prédio principal e cinco pavilhões anexos do Instituto. A cessão foi regulamentada pela Lei 1.398 em 16 de julho de 1951 proclamando-se a coexistência do Instituto Hahnemanniano do Brasil e a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro no mesmo endereço.

O novo símbolo

O tradicional símbolo com o cacique empunhando uma cruz, a águia de Hahnemann e a serpente de

Galeno, que representou as Faculdades de Medicina Homeopática e Hahnemanniana, além da própria Escola quando ainda do Instituto Hahnemanniano do Brasil, saiu de cena. O símbolo da nova Escola traz a tradicional cobra do símbolo de Asclépio, Deus Grego da Medicina, em posição diferente daquela enrolada comumente utilizada. A cobra rasteja sobre um brasão que contém a inscrição Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro que se dispõe em contorno com a forma do símbolo. O ano de fundação “1912” foi gravado abaixo da cabeça do réptil. Ainda que a Escola viesse a receber outras denominações diferentes como partícipe de fundação, federação ou universidade, este símbolo foi mantido com a inscrição original de Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, com pequenas variações de forma ou concepção artística. Tradicionalmente, é um símbolo que representa a Escola e homenageia a sua emancipação.



A nova casa

Na segunda metade da década dos anos 1950, as obras foram finalizadas e o novo prédio da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro surgiu imponente na Rua Frei Caneca no centro do Rio de Janeiro.

Com quase 50 anos de vida dedicada ao ensino e assistência, o antigo Palacete do Barão de Vista Alegre e os pavilhões que abrigavam o Hospital Hahnemanniano e o antigo prédio da Faculdade Hahnemanniana foram demolidos devido à degradação de suas estruturas. Milhares de pacientes e centenas de alunos frequentaram aqueles recintos de ciência médica onde foram erguidos os alicerces da tradicional Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

A partir de 1954, as cadeiras de ensino foram sendo gradativamente instaladas nos andares do novo prédio principal e pavilhões anexos, com os professores catedráticos assumindo a chefia dos serviços e laboratórios. No sétimo andar do prédio principal foi instalada a cadeira de Histologia e Embriologia com salas de aula, laboratório com 40 microscópios, preparação de lâminas e outra para pesquisas. A cadeira de Física Biológica ocupou o sexto andar com sala para demonstrações e laboratórios para atividades práticas e estudos com radiações. O quinto andar foi reservado para a Farmacologia e Terapêutica Experimental com laboratório de experimentação animal e sala de aula com enfoque à farmacodinâmica e suas aplicações. No quarto andar foi instalado o ensino da Bioquímica que contaria com biblioteca, 2

laboratórios para aulas práticas e pesquisas, além de um auditório para aulas e demonstrações. Com duas salas de aulas e outra para neurofisiologia com eletroencefalógrafo, a cadeira de Fisiologia foi instalada no terceiro andar do prédio principal. Com o tempo, o segundo andar seria reservado para a biblioteca e atividades de leitura e estudo, e o primeiro para atividades ambulatoriais como Pediatria, Ginecologia e Homeopatia.

As obras do prédio que abrigaria o Instituto Anatómico Benjamin Baptista ou Pavilhão Anatómico foram finalizadas em 1953, antes mesmo do Prédio Principal, e compreendia uma área de 1.700 metros quadrados com 4 andares, duas salas de aula amplas com capacidade para 156 e 140 alunos, respectivamente, além de sala com mesas para provas escritas, oficina para um desenhista, sala de fotografia, gabinetes e laboratórios para os professores das cátedras, além das instalações para a conservação de cadáveres e salas de dissecação no primeiro andar. O ensino da Anatomia ocuparia os 2 primeiros andares. No terceiro andar do prédio do Instituto foi instalada a cadeira de Parasitologia com 2 laboratórios para aulas e demonstrações e pequenos outros para o preparo de material e montagem. O terceiro pavimento também recebeu o Instituto de Patologia que abrangeu as cadeiras de Patologia Geral e Anatomia Patológica com laboratórios pertinentes. Instalada no quarto andar, a cadeira de Microbiologia e Imunologia recebeu laboratórios práticos, microscopia, preparo de meios, esterilização e imunoserologia. ■



Formatura da EMC de 1950 - Teatro Municipal



Sílio Pereira Lima

Em 23 de agosto de 1930, Sílio Pereira Lima foi nomeado Professor Catedrático de Clínica Cirúrgica através de concurso de títulos e provas na Escola de Medicina e Cirurgia. Tenente-coronel médico do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (Rio de Janeiro) e Doutor em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 19 de dezembro de 1913, Pereira Lima se destacou anos depois, por assumir a direção da Escola de Medicina e Cirurgia em duas décadas diferentes e por três mandatos não consecutivos nos períodos 1943 - 1946, 1949 - 1952 e 1952 - 1955. Tesoureiro, secretário, membro do Conselho Técnico-Administrativo, Pereira Lima liderou o processo de emancipação da Escola de Medicina e Cirurgia desvinculando-a do Instituto Hahnemanniano do Brasil, além de presidir a comissão de obras dos prédios hoje ocupados pelo Instituto Biomédico da UNIRIO na Rua Frei Caneca, 94. Faleceu pouco tempo depois da emancipação, sendo homenageado em sessão especial da Congregação em junho de 1955, presidida pelo diretor interino Benjamin Vinelli Baptista. ■





Os Fialho

Amadeu e Francisco, os Fialho. Assim como Benjamin Baptista e Vinelli Baptista, pai e filho também fizeram história na Escola de Medicina e Cirurgia.

Amadeu Fialho

Diplomado médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1918 e renomado anatomopatologista, Amadeu da Silva Fialho foi nomeado professor catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Faculdade Hahnemanniana em 16 de abril de 1923 sucedendo a Eduardo Meirelles, fundador da cadeira. Foi eleito, em 8 de junho de 1927, vice-diretor da faculdade, casa em que demonstrou grande entusiasmo pelo ensino da Anatomia Patológica.

Nos anos 1930, Amadeu Fialho desenvolveu marcante carreira acadêmica, consagrando-se como livre-docente em 1933, catedrático em 1946 e Emérito na tradicional faculdade da Praia Vermelha. Em 1939, tornou-se o patologista do Centro de Cancerologia, embrião do atual Instituto Nacional do Câncer (INCA), sendo considerado um dos fundadores, onde o centro de estudos leva o seu nome. Um dos maiores mestres da Anatomia Patológica e formador de gerações referenciadas de anatomopatologistas, Amadeu Fialho ascendeu a membro titular da Academia Nacional de Medicina em 1943 e foi eleito Presidente Honorário da Sociedade Brasileira de Patologia no encontro de patologistas em 1954, ocasião de sua fundação no Paraná.

Francisco Fialho

Formado médico em 1941 pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, atual UFRJ, onde também se consagrou como Livre-Docente, o carioca Francisco Fialho foi nomeado professor catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Escola de Medicina e Cirurgia em 27 de abril de 1951.

Membro Emérito da Academia Nacional de Medicina, Francisco Fialho se destacou no Instituto Nacional do Câncer onde por dois mandatos (1963-1967 e 1969-1970) foi seu diretor-geral e também integrou o seletivo grupo de pioneiros da Cancerologia no Brasil como Assistente do Serviço Nacional de Câncer entre 1942 e 1947. De 1947 a 1971 foi Chefe da Seção de Anatomia Patológica. Nomeado Diretor em 1963, iniciou a construção do bloco anexo ao prédio da Praça Cruz Vermelha, composto de oito pavimentos, hoje sede do INCA. Administrou o INCA na época em que passou a ser administrado pela Escola de Medicina e Cirurgia do RJ, ocasião da criação da Fundação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG).

Francisco Fialho participou ativamente do processo de federalização da Escola de Medicina e Cirurgia e se destacou, ainda, como Decano do Centro de Ciências Biológicas da Saúde da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e diretor do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. ■

Tito de Abreu Fialho

Ex-aluno diplomado em 1950

Professor de Oftalmologia da UFRJ

Médico da Rede Hospitalar do Estado do Rio de Janeiro

Patrono do Centro de Estudos do Hospital

Estadual Albert Schweitzer e Literato



A Escola de Medicina e Cirurgia que conheci. Ligo meu humano computador fabricado há quase nove décadas em que uma parte da memória R.A.M. começa a apresentar defeito. Sem apontamentos, notas ou quaisquer outros meios, e dada a premência do tempo, apresento apenas o que ficou indelevelmente gravado. Vou citar alguns dos grandes professores, todos eles Mestres dedicados e competentes que sempre se esforçaram para transmitir corretamente aos seus alunos os ensinamentos, as bases, as diretrizes que os levariam a desempenhar eficientemente as atividades aprendidas de Hipócrates e seus seguidores. É assim pensando que vou procurar transcrever aqui impressões colhidas e indelevelmente gravadas no cérebro e no coração daquele jovem que no meado da década dos anos 40, passados mil e novecentos da Era Cristã, transpunha as portas do belo casarão da Rua Frei Caneca, número 94, já bastante maltratado pelo tempo.

Eram tempos difíceis aqueles. O mundo envolto em sangrento conflito canalizava quase a totalidade dos recursos para as atividades bélicas. Os transportes eram precários, as conquistas científicas caminhavam lentamente. Em nosso particular caso, a Escola de Medicina e Cirurgia ressentia-se da falta de boas instalações. A principal sala de aula, o salão nobre da Escola, dava frente para a rua onde mais de 20 linhas de bondes barulhentos trafegavam em dois sentidos (subindo e descendo para os bairros ou centro da cidade). *O Hospital da Escola fechando suas portas para propiciar a construção do novo prédio e do novo Hospital. O material didático acondicionado de maneira a ser preservado para a futura instalação. Somente o mínimo ficava disponível. Foi assim que iniciamos nosso Curso Médico em 1945 quando os segredos da Anatomia Humana nos foram apresentados e minuciosamente transmitidos em aulas teóricas e práticas (Profs. Benjamin Vinelli Baptista, Baptista Neto, Sá Fortes Pinheiro e Jair Pereira Ramalho), bem como a Histologia (Profs. Bruno A. Lobo e Vulcano) nos foi ensinada.*

Ao término do primeiro ano, surgiram as disciplinas de Física Médica (Profs. Eloy Santos e Piedade), Química Biológica (Prof. Ítalo V. Mattoso) e Fisiologia (Profs. Alves Cerqueira e Mário Ulysses Vianna Dias). Supriam a falta de laboratórios, as criatividade dos Mestres. Todos visando sempre ao melhor para o ensino. E veio o

terceiro ano com a Farmacologia (Prof. Paulo de Carvalho), a Patologia Geral (Prof. Custódio Figueira Martins), a Microbiologia (Profs. Abdon Estelita Lins, Donário e Milton Antônio Aguiar) e as Clínicas Propedêuticas Cirúrgica (Profs. Augusto Paulino e José Carlos Vinhaes e Paranaguá) e Médica. No quarto ano, Anatomia Patológica (Profs. Penna de Azevedo e Sebastião Coutinho), Parasitologia (Prof. Ruy), Doenças Tropicais (Profs. Rubens Siqueira e Vianna), Terapêutica (Profs. Arthidonio Pamplona, Oswaldo Fraga Guimarães e Annibal), Semiologia (Prof. Monteiro de Carvalho) e Dermatologia (Profs. João Ramos e Silva, Demétrio Periassu e Danilo Cozzolino). No quinto ano, 1ª Clínica Cirúrgica (Prof. Sílio Pereira Lima), 1ª Clínica Médica (Profs. Costa Cruz, Ivolino de Vasconcellos e Luís Filipe Saldanha da Gama Murguel), Ginecologia (Prof. Cláudio Goulart de Andrade), Tisiologia (Profs. Antônio Ibiapina e Newton Bethlem), Urologia (Prof. Guerreiro de Faria) e Higiene e Puericultura (Prof. Hamilton Nogueira). No sexto ano, 2ª Clínica Cirúrgica (Prof. Augusto Paulino Filho), 2ª Clínica Médica (Profs. Fioravanti Di Piero e João Albuquerque), Otorrinolaringologia (Prof. José Kós), Oftalmolo-



gia (Profs. Antônio Paulo Filho e Antônio Giardulli), Neurologia (Prof. Robalinho), Psiquiatria (Profs. Alves Garcia e Lusitano), Ortopedia Infantil (Prof. José de Lima Batalha), Obstetrícia (Profs. Jorge Rezende, Ivan de Oliveira Figueiredo e Isaac Amar), Pediatria (Prof. Flávio Lombardi) e Radiologia (Prof. Osborne). E era um desfilar de alunos em caravana pelo centro da cidade através dos bairros, em bondes peregrinando da Rua Frei Caneca (Sede) para o Hospital São Francisco, Santa Casa, Hospital São Sebastião, Instituto de Neurologia, Maternidade São Cristóvão e Maternidade Pró Matre. Por “acordo” as aulas terminavam cinco a dez minutos “antes”, e as seguintes iniciavam cinco a dez minutos “após”. O intervalo era consumido todo no transporte através dos meios já citados.

Nada obstante, superando tudo, a dedicação dos Mestres (Titulares, Assistentes etc.) e o interesse dos Alunos, tudo, repito, concorreu para que, ao findar o ano de 1950, dos 108 que ingressaram naquele grupo no primeiro ano, 87 concluíssem recebendo o grau de Médico em cerimônia solene no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O Diretor da Escola, por autorização do Presidente da República, dava direito ao exercício da profissão. Naquele momento, vi-me transportado para o ano de 1815 em pleno Brasil-Colônia quando um antepassado (meu bisavô) recebia das mãos do Barão de Goiana (Conselheiro José Correia Picanço), Cirurgião-Mor da Corte por autorização de Dom João por graça de Deus... Era, nessa ocasião, o jovem José Antônio de Abreu Fialho componente da primeira turma de médicos formada no Brasil. Em 1950, 135 anos após, a mesma cena em diferente cenário!

Não existiam, em 1950, residência médica nem pós-graduação. Todavia, nós, por vontade própria, compensávamos essas lacunas no ensino com estágios voluntários naqueles serviços e hospitais onde o ensino era o principal escopo de seus profissionais

aliado ao tratamento que procuravam administrar em seus pacientes. Aquela turma mostrou seu valor pelos vários ramos da Medicina. Assim seus componentes exerceram atividades médicas generalizadas. Muitos cursaram a Medicina Homeopática, que, diga-se de passagem, tinha sido o motivo inicial pelo qual fora criada a Escola Hanemaniana, e tornara-se optativa.

Atualmente a Escola de Medicina e Cirurgia, Centenária, continua seu papel de Celeiro de grandes profissionais da Medicina Brasileira.

Penhorado, desculpo-me pela omissão dos nomes de alguns Mestres e vários Colegas pelos motivos já expostos acima. Bem haja, todavia, pelo muito que fizeram e contribuíram para o engrandecimento da Escola e da Medicina. ■

*Quedo, mudo e sincero,
A Deus sempre agradecendo,
Dever cumprido, espero,
Medicina exercendo
Do jeito que m'ensinaram,
E que muito divulgaram!*

*E as aulas recebidas,
Foram pois assimiladas
Todas elas aprendidas
E depois bem divulgadas:
M'ensinaram, aprendi,
E depois, as transmiti!*

*Praza aos Céus que o Centenário
Que agora é comemorado
Possa ser belo cenário
De outros a ser somado
“Medicina e Cirurgia”
Cem anos a cada dia!*

João José Buarque Lima

Diplomado em 1934, Livre Docente e Regente da Cadeira de Clínica Cirúrgica da Escola de Medicina e Cirurgia

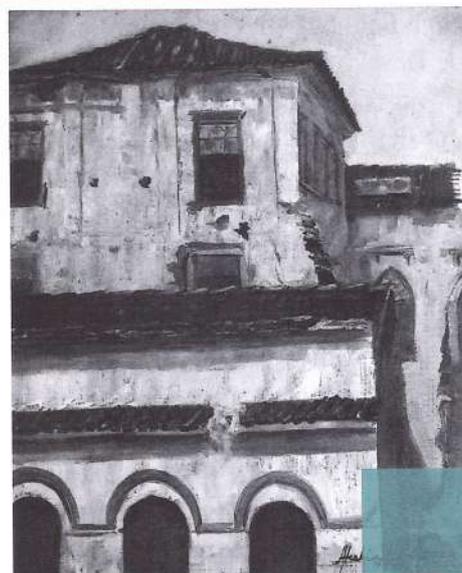
Acontece, porém, que a velha Escola e o Hospital Hahne-manniano foram abaixo, para, sobre o mesmo terreno, levantarem os tempos modernos e seus novos templos. Vendo, certo dia, esboroadas aquelas paredes que foram tão amigas e tão gazalhosas, eu fui sem querer, recordando homens e fatos que mais fortemente se haviam fixado na memória.

Queremos, entretanto defender a excelência das lições que ouvimos, entre paredes húmidas e muros carcomidos à luz de lâmpadas desnudas, fazendo fila para os microscópios pouco numerosos, apertando-nos em laboratórios estreitos sentando-nos em bancos desconfortáveis mas fazendo ótimas disseções com Vinelli Baptista e perigosas provas de técnica operatória com Augusto Paulino Filho.

Quantas vezes a noite nos encontrou nessa faina, assistindo autopsias de Magarino Torres e estudando aqueles corações que nos apresentava em bandejas e que eram tanto do gosto desse sábio. Outro professor, que nos encheu de encantamento, é Rodrigues Lima. Na sua linguagem, a Obstetria perdeu completamente a tradição de especialidade restrita para alcandorar-se à eminência, que os povos mais adiantados de há muito, lhe concederam. Entre os docentes daquela época, Jorge de Rezende destacou-se por uma imensa boa vontade conosco.

O professor é a luz e não a sombra. Oscar Vieira de Souza ficava conosco na cadeira de Química, até às 21 horas, preocupado em ministrar o ensino com o maior desvelo possível. Tivemos muita sorte, em nosso curso, na Escola de Medicina e Cirurgia, pois, de um modo notável, os professores não eram faltosos. Deolindo Couto, por exemplo, era de uma precisão cronométrica. Nunca ria na aula e parecia sempre mal humorado, trazendo os cenhos carregados. Mas que aulas! Claro, metódico, profundo, nunca vacilou, nem tão pouco a grande cultura atrapalhou jamais a sistemática lúcida e brilhante da aula. Custódio Martins dava matéria em quantidade. Ameaçava todo o mundo, dentro da sua camaradagem e podia fazê-lo, sem ferir, porque todos gostavam muito dele e éramos sinceros admiradores das suas qualidades de ensino.

Guerreiro de Faria, desde o primeiro instante entrou na posse absoluta da nossa simpatia. Arranjava sempre casos elucidativos em doentes de sua clínica privada, servia-se de seus instrumentos,



queria que todos olhassem no citoscópio, que examinassem radiografias, que palpassem, que introduzissem beniqué, que sondassem, que examinassem fazendo diagnósticos diferenciais, que assistissem às intervenções, tudo na máxima camaradagem e boa vontade.

Paulo de Carvalho não manda dizer, diz. É rigoroso, mas equilibrado nas notas. Não dá um grau de favor a ninguém, porque o grau não lhe pertence, antes, é patrimônio do aluno e o aluno ganha o que merece. Si todo professor fosse do feitio de Paulo de Carvalho, fazer um curso de medicina seria tarefa para poucos. Podia-se dividir o curso em duas etapas: antes e depois de Paulo de Carvalho.

Ugo de Pinheiro Guimarães é, antes de tudo, um mestre, é professor para professores. Como professor excede a capacidade do aluno, transpõe o limite das suas atribuições e vai, pela vertente a fora, como um rio caudaloso em terreno acidentado, a dar saltos de cachoeira, ao longo do curso. Conhecemos o professor Augusto Paulino já cansado. O brilho das suas aulas era o mesmo que seus discípulos mais antigos descreviam. A história da Cirurgia no Brasil, de há tempos reservou um lugar, muito especial e muito destacado à sua veneranda figura.

Na velha Policlínica Geral, encontramos certa manhã, de começo de ano letivo, o professor Ramos e Silva. Naquele serviço a cargo do professor Parreiras Horta, víamos desde a escabiose banal à lepra terrível, e um mundo de sofredores resignados, envergonhados, tementes, enxameavam pelos corredores e salas, uns com a repugnância dos outros, mas todos tocados de uma tristeza inconsolável. Era de ver a brandura com que o professor Ramos e Silva fazia ansiosamente desfilar, ante seus olhos de sábio, aquela multidão ansiosa de ouvi-lo, conhecedora da sua tradição de especialista notável.

Galhardo era um dos apaixonados da medicina, desses que encarnam a alma do médico e que, de começo ao fim da sua carreira, vivem em permanente desvelo e abnegação. Muitos alopatas de valor foram ao seu consultório para tratar-se e a pessoas de sua família. Entre os professores homeopatas que tivemos, Dias da Cruz foi absolutamente brilhante. As aulas do professor Dias da Cruz tinham a assistência,

quase total da turma, a presença de médicos e estudantes de fora, e, por isso, a sala regurgitava.

O professor José Guilherme ainda não era catedrático de Radiologia, em nosso tempo, nós, porém, assim, o considerávamos. Tendo feito na Alemanha minucioso curso da sua especialidade convivendo com notáveis, veio para o nosso meio com o entusiasmo e o otimismo de uma alma excelente.

Vieira Romero foi o nosso paraninfo, escolhido num pleito honesto, que a ninguém surpreendeu. Várias gerações anteriores o haviam já consagrado. Seu nome espalhou-se pelo Brasil e pelo continente, nas páginas amigas dos seus livros, modelos de ordem, de equilíbrio, de clareza, de observação. ■

Excertos do livro "A Escola Velha", 1946



A FEDERALIZAÇÃO ANOS 1950 – 1960

A Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, privada e desvinculada do Instituto Hahnemanniano do Brasil, trilharia nos anos 1950 o caminho para se tornar um patrimônio público. A televisão chegou ao Brasil. A seleção do país do futebol perdeu a copa no maior estádio do mundo na cidade maravilhosa; perdeu também um ditador carismático naquele trágico agosto de 1954 e a pequena notável Carmem Miranda um ano depois, mas chega ao final da década, campeão do mundo em 1958 e com uma nova capital, a Brasília de Juscelino Kubitschek em 1960, em um período de crescimento poucas vezes visto na história da República.

Na história da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, a década dos anos 1950 ficou marcada pela diplomação do dumilésimo médico e a conquista da federalização, mas, os anos começaram difíceis para aquela instituição, recém-desvinculada do Instituto Hahnemanniano do Brasil. A Escola, sem patrimônio, enfrentava toda sorte de dificuldades desde as repercussões do atraso das obras do novo prédio, dívidas tributárias e trabalhistas, além do imbróglio com os membros do Instituto Hahnemanniano do Brasil onde havia uma dissonância com a presidência do Instituto, o que dificultava a concretização das metas do acordo de desvinculação de 1948.

A discordância e os primeiros passos para a federalização

A primeira tentativa na esfera político-administrativa para a federalização da Escola se deu quando o Deputado pelo Distrito Federal José Fontes Romero apresentou em 23 de julho de 1951 no plenário legislativo, o projeto de Lei no 886, que tinha como objetivo textual a federalização da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e demais providências relacionadas, nos termos da Lei 1.254 de 1950 que regulamentava o sistema federal de ensino superior. A investida inicial foi infrutífera e havia a discordância da Presidência do Instituto Hahnemanniano do Brasil quanto ao processo de autonomia e a federalização de sua pródiga filha, a Escola de Medicina e Cirurgia, quando defendia apenas uma subvenção federal, preservando a sua autonomia. Ainda em 1951, 3 anos depois da desvinculação oficial, a autonomia da Escola não era ainda reconhecida pela presidência do Instituto Hahnemanniano. Sem um acordo bem delineado e diretrizes ambíguas, a Escola não foi federalizada e continuava em situação financeira difícil.

A preocupante situação financeira da Escola concorreu para que seus corpos docente e discente apresentassem propostas de solução para aquela situação de quase fechamento. Subvenção federal, federalização, rateios, campanhas, dentre muitas soluções eram pensadas, até as mais radicais como a de requerer a sua inclusão em outras universidades. Em 03 de agosto de 1951, o Diretório Acadêmico propôs em votação com os alunos, a inclu-



são da Escola na recém-criada Universidade do Distrito Federal (atual UERJ). Apresentada no XIV Congresso Nacional dos Estudantes, a proposta foi encaminhada à Câmara Municipal do Distrito Federal, entretanto, a tentativa foi infrutífera e a incorporação não foi possível porque não houve o interesse da UDF, que além de já integrar a Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro e seus respectivos alunos, o aporte do corpo discente da Escola de Medicina e Cirurgia extrapolaria a capacidade de ensino e estrutural daquela universidade; considerando, também, as implicações político-administrativas que na época estavam desfavoráveis.

A Escola só para médicos. O ano de 1951 marcou também a suspensão do curso de Enfermagem Obstétrica, último daqueles que integravam a formação multiprofissional da Escola de Medicina e Cirurgia, além de Odontologia e Farmácia, cursos extintos pela congregação em 1927 e 1934, respectivamente. A extinção do curso de Enfermagem Obstétrica coincidiu com o jubileamento do professor catedrático Octávio Rodrigues Lima que, ao lado do professor Jorge de Rezende, se destacaram na organização didática e prática do curso que diplomou 200 enfermeiras obstetras ao longo de 32 anos.

A subvenção paliativa

Com o atraso das obras do novo prédio e da transferência de patrimônio do Instituto, a Escola sem bens estava pobre, sobrevivendo somente com a contribuição mensal do alunado. Mesmo com turmas anuais que por vezes superavam os 100 alunos, as mensalidades não cobriam as despesas do expediente. Os salários dos funcionários atrasavam. Auferir lucros, nem pensar. Um rateio entre os professores foi necessário, mas a contribuição voluntária dos docentes também não cobria todas as despesas.

A federalização da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro parecia a solução, pois a organização em sociedade civil e a independência não trouxeram melhores resultados. A resistência, ainda que às vezes não localizável, da presidência e de membros do Instituto Hahnemanniano do Brasil quanto à efetivação da transferência do seu patrimônio ou à federalização da Escola, contribuiu para o quadro de fragilidade.

A luta da congregação da Escola pela federaliza-

ção já alcançava alguns anos quando na gestão de Sílio Pereira Lima - que assumira em março de 1952, após a renúncia do professor Antônio Emmanuel Guerreiro de Faria - foi conseguida uma subvenção do governo federal em 1954. Após a apresentação de projeto de Lei pelo Deputado pelo Amazonas, André Vidal de Araújo, o presidente do Senado Federal, João Café Filho, assinou a Lei 2.242 em 22 de junho de 1954 sendo publicada no Diário Oficial da União em 28 de junho do mesmo ano, caracterizando a Escola como estabelecimento de ensino superior subvencionado pelo Governo Federal com dotação orçamentária anual de 3,5 milhões de Cruzeiros. Ainda que bastante providencial, a subvenção federal acabaria por não satisfazer totalmente a necessidade da Escola endividada que já havia diplomado 2.136 médicos até então (1953).

O processo de Federalização

A Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, mesmo subvencionada e matriculando, em média, 100 alunos por ano, continuava endividada. Os funcionários, cada vez em menor número, eram vencidos pelo cansaço e, rendidos à rebeldia, processavam a Escola pela Justiça do Trabalho a fim de receber os salários atrasados. Os docentes sem salário, ainda colaboravam muitas vezes com rateios em prol da Escola. A situação era alarmante e a federalização da Escola se tornou objetivo maior de sua congregação, funcionários e alunos.

Na gestão do Senador da República e Professor Catedrático de Higiene Hamilton de Lacerda Nogueira, à frente da direção da Escola a partir de 20 de junho de 1955, então Presidente da Comissão de Saúde da Câmara Federal, se deram os primeiros passos concretos para a efetivação do processo de federalização. A proposta para a federalização foi apresentada por Hamilton Nogueira em 14 de setembro de 1955 e aprovada pela congregação. A federalização era a oportunidade que a Escola de Medicina e Cirurgia precisava para ombrear com as outras escolas de medicina federais do Rio de Janeiro naquela época: Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, Faculdade Fluminense de Medicina e Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Distrito



Federal, atualmente conhecidas como: Faculdades de Medicina das Universidades Federais do Rio de Janeiro (UFRJ) e Fluminense (UFF), além da Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), respectivamente.

Circunstâncias fortuitas como a gestão do General Amaro Guilherme de Barros Azevedo à frente do Instituto Hahnemanniano do Brasil e a nomeação do professor Clóvis Salgado da Gama para o Ministério da Educação e Cultura, foram fundamentais para concretizar o ideal da federalização.

O General Amaro Azevedo, médico homeopata e farmacêutico, assumiu a presidência do Instituto Hahnemanniano do Brasil em 1959 e exerceu o seu mandato até 1962. O maior mérito de sua gestão foi o cumprimento do acordo entre a congregação da Escola e a Presidência do Instituto Hahnemanniano emperado desde 1948. Amaro Azevedo, também professor da Escola, colaborou leal e progressivamente para a sua federalização.

A ação de Clóvis Salgado

A congregação da Escola de Medicina e Cirurgia designou uma comissão formada pelos professores Mário Ulysses Viana Dias, Alberto Soares de Meirelles, Rubens de Siqueira e Fioravanti Alonso Di Piero, que delegou representatividade a este último, para os movimentos dedicados à federalização com entendimentos junto ao então Ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado da Gama. Assim como Fioravanti, outros professores da Escola também foram colegas de turma de Clóvis Salgado, diplomados na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro em 1930. Clóvis Salgado permaneceu durante todo o governo de Juscelino Kubitschek à frente do ministério graças a sua capacidade política de congregar forças opostas no Congresso Nacional, e sua atuação na luta para a federalização da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, um dos berços tradicionais de cultura médica do país, concorreu para que esta sobrevivesse e, semelhante à Fenix, renasceria da penúria para tempos mais tranquilos.

A luta pela federalização remontava o passado quando foi travada a luta pela equiparação oficial às congêneres federais a fim de validar os seus diplomas. A Escola privada que lutava para ter os mesmos direitos das federais, pleiteava agora, integrar este seletivo grupo. Graças a ação efetiva da gestão de Hamilton Nogueira e a intermediação de

Fioravanti Di Piero que congregou professores e alunos, além dos préstimos políticos de Clóvis Salgado e também do próprio Presidente da República, Juscelino Kubitschek, ambos médicos e professores universitários, procedeu-se a criação da Lei 3.271. Assinada em 30 de setembro de 1957 e publicada no Diário Oficial em 02 de outubro de 1957, a lei categorizou a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro como estabelecimento federal mantido pela União.

Em 16 de outubro de 1957, Fioravanti Di Piero comunicou oficialmente a federalização da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, marco de grande aspiração gravado nos anais da história daquela tradicional instituição. Digno de nota é que o professor catedrático de Física Biológica e famoso pesquisador, Carlos Chagas Filho, já havia feito um pronunciamento favorável à Escola na então Faculdade Nacional de Medicina (atual UFRJ), quando o projeto de federalização foi aprovado no Senado Federal.

O Conselho Técnico-Administrativo da Escola de Medicina e Cirurgia designou uma comissão formada pelos professores Fioravanti Alonso Di Piero, Alberto Soares de Meirelles, Mario Ulysses Vianna Dias e Rubens de Siqueira, para os entendimentos necessários com o Ministério da Educação e Cultura a fim de regularizar aquela nova situação. Foram relacionados bens móveis, imóveis - a fim de incorporação pelo Patrimônio Nacional - e os professores catedráticos, assistentes e funcionários, a fim de aproveitamento pelo Serviço Público Federal. A Escola recebeu um crédito de mais de 25 milhões de Cruzeiros para despesas com pessoal e material.

Como se pode concluir, um novo tempo chegara para a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, agora federalizada. A federalização iniciada por Hamilton Nogueira em 1955 foi então concluída na gestão de Fioravanti Di Piero a partir de 1958, sendo designado interventor. Clóvis Salgado e Juscelino Kubitschek seriam eternamente homenageados ao receberem da congregação, por votação unânime em 29 de novembro de 1960, o título de Doutor Honoris Causa. Às 10 horas do dia 20 de janeiro de 1961 no Salão Nobre da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em sessão solene da congregação, foram entregues os títulos Honoris Causa ao Presidente e Ministro que colaboraram de forma significativa para a progresso da instituição. ■





Hamilton Nogueira

Em 1946, um professor catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia se destacaria no panorama político do País.

Médico, professor, escritor, pintor, Deputado Federal, Presidente da Comissão de Saúde da Câmara Federal e Senador, Hamilton Nogueira era tio do polêmico político Carlos Lacerda e irmão do comunista Nelson Lacerda Nogueira. Professor catedrático de Higiene e Livre-Docente da antiga Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (hoje UFRJ), catedrático de Medicina Legal da PUC-Rio e professor fundador da Faculdade de Filosofia da Universidade Santa Úrsula, Hamilton Nogueira também se destacou como membro titular das Academias: Nacional de Medicina, Fluminense de Letras, Nacional de Cultura (Brasília) e membro fundador da Academia Brasileira de Letras e das Sociedades, Brasileira de Tuberculose e da Medicina e Cirurgia de Niterói.

Apresentador do programa *Conversa em Família* da Rádio Globo no Rio de Janeiro, considerado o precursor dos programas de debates radiofônicos, Hamilton Nogueira também se destacou na área política. Simulando uma conversa informal e familiar à mesa do jantar sobre temas importantes da atualidade, *Conversa em Família* marcou a história do Rádio no Brasil e conseguia altos índices de audiência também abordando assuntos políticos. Célebres foram as ações do senador popular, Hamilton Nogueira, contra a discriminação racial e a preocupação quanto à democracia cristã. O manifesto com a reivindicação sobre uma lei antidiscriminatória para o Brasil lançado em 1946 na Convenção Nacional do Negro, na cidade de São Paulo, promovida pelo Teatro Experimental do Negro criado por Abdias do Nascimento, foi lido na Assembleia Nacional Constituinte naquele mesmo ano por Hamilton Nogueira. O Senador propôs, em 17 de junho de 1946, um dispositivo constitucional definindo a discriminação racial como crime de lesa-pátria. A proposta de Hamilton Nogueira foi veementemente defendida por Gilberto de Mello Freyre, então Deputado Federal por Pernambuco e escolhido pelos estudantes pernambucanos para representá-los na Assembleia Constituinte de 1946 e na Câmara Federal.

Agraciado com as honrarias da Cruz Vermelha Brasileira e a Grã-Cruz do Mérito Médico, nove anos depois, finalizado o mandato como Senador da República, Hamilton Nogueira reassumiu as funções de professor catedrático de Higiene e, em 20 de junho de 1955, foi eleito diretor da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, apresentando a proposta de federalização da segunda faculdade de medicina fundada na então capital brasileira e deflagrando um movimento importante para aquela tradicional Instituição. Fioravanti Di Piero, então diretor a partir de 1958, efetivaria aquele sonho institucional.



Na gestão de Hamilton Nogueira à frente da direção da Escola de Medicina e Cirurgia, deram-se os primeiros passos concretos para a efetivação do processo de federalização desde a apresentação da proposta à congregação em 14 de setembro de 1955. Após votação unânime e considerando a preocupante situação da Escola de Medicina e Cirurgia, Hamilton Nogueira obteve o apoio à proposta da federalização e designação para agir na esfera político-administrativa, em nome da congregação. Para os corpos docente e discente, a federalização era a oportunidade de que a Escola de Medicina e Cirurgia precisava para ombrear com as outras escolas de medicina públicas do Rio de Janeiro naquela época: Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, Faculdade Fluminense de Medicina e Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Distrito Federal, atualmente conhecidas como: Faculdades de Medicina das Universidades Federais do Rio de Janeiro (UFRJ) e Fluminense (UFF), além da Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), respectivamente. ■



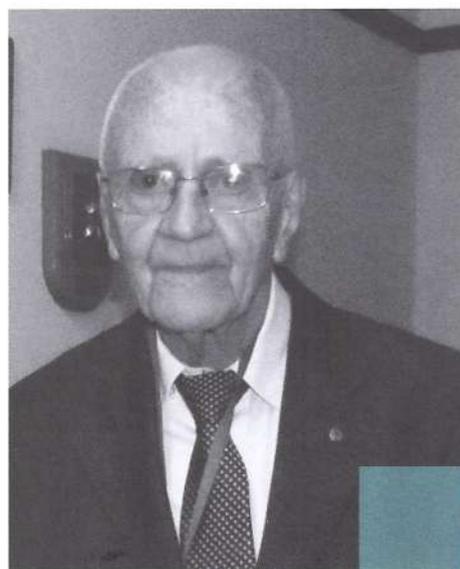
Sebastião Till

Presidente do Diretório Acadêmico Benjamin Baptista na época da Federalização

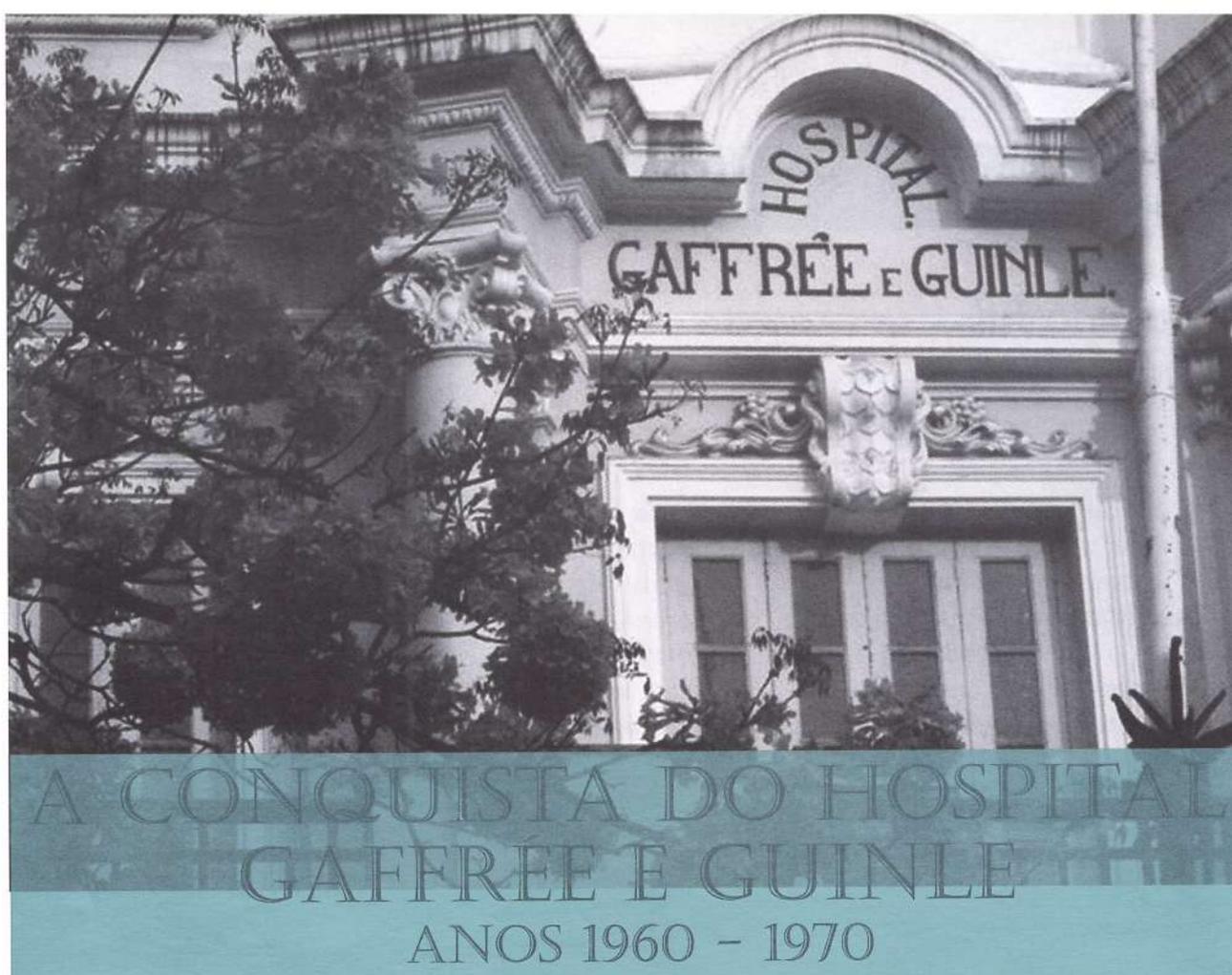
Desde os idos de 1953 já vinha trabalhando no sentido de elevar mais e mais o nome da nossa Escola que caminhava com muitas dificuldades, carência de material adequado que possibilitasse melhor funcionamento, dificuldades de ordem financeira, o que impossibilitava a contratação de maior número de Professores: aqueles que já se encontravam eram verdadeiros abnegados, tendo em vista os irrisórios salários, e as condições de trabalho oferecidas não eram satisfatórias, sem dúvida foram anos difíceis, mas, graças a um trabalho constante dos Professores, dos alunos, as coisas foram caminhando de maneira bastante lenta mas sempre se acreditando em dias melhores.

Na época eram quatro Escolas de Medicina. A Nacional, a então Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, assim era conhecida a que mais se destacava, pois contava com recursos do Governo Federal, a Ciências Médicas, hoje UERJ, a Faculdade Fluminense de Medicina e, finalmente, a nossa Medicina e Cirurgia, a então pobrezinha, porém em troca o curso era muito bom. Os nossos Diretórios eram muito bem-entrosados, as campanhas realizadas eram sempre conjuntas. O Diretório da Fluminense estava sempre mais próximo do nosso, daí ter sempre colaborado com as nossas iniciativas, a cujo Presidente Waldenir Bragança somos sempre agradecidos por todo o apoio recebido. Mas sem dúvida o nosso dia tinha que chegar, até que numa reunião do Diretório, diante de tantos problemas, tantas dificuldades, surgiu a ideia da Federalização. Naquele momento ficou resolvido que iríamos ao Diretor da Escola, na ocasião Professor Hamilton Nogueira, e após a exposição da decisão do Diretório, prontamente ele concordou, nos alertando que seria muito difícil uma vez que o Governo não desejava encampar mais Escolas, ele, na qualidade de Senador, bem sabia ainda mais que o pensamento era até de fechar algumas, mas mesmo assim não nos desanimou concluindo: sem luta nada se consegue.

Assim começamos o nosso trabalho, procurando deputados daqui e dali, uns aceitando bem o nosso desejo, outros achando que ia ser muito difícil, outros consideravam impossível uma vez que a ideia do Governo era cortar despesas, mas mesmo assim, embora reconhecendo as dificuldades encontradas, o trabalho em torno da Federalização prosseguiu. Mais tarde, houve a mudança do Diretor da nossa Escola, tendo assumido o ilustre Professor Fioravanti Di Piero, ocasião em que as coisas mudaram pois passamos a ter do nosso lado não apenas o Diretor mas um líder nato que com o seu enorme conhecimento e o grande desejo de ver a Escola Federalizada começou a manter contatos com os políticos, o



que nos ajudou muito foi o fato de os Órgãos Federais estarem todos aqui no Rio de Janeiro, Presidência da República, Senado, Câmara dos Deputados, Ministérios, e ainda o fato de o Presidente da República Dr. Juscelino Kubstichek ser médico, famoso Urologista lá das Minas Gerais. Ainda encontrávamos na chefia da Casa Civil o Embaixador Sete Câmaras que muito nos ajudou, facilitando a nossa entrada no Gabinete Presidencial, conversando com Deputados, enfim um grande amigo. Na Câmara dos Deputados o trabalho junto às lideranças mereceu destaque. Havia dois grandes líderes, Vieira de Mello e Carlos Lacerda: líder do Governo e oposição severa ao governo, respectivamente, tanto é que o Deputado Carlos Lacerda em momento algum disse que nos apoiaria, já o Deputado Vieira de Mello desde os nossos primeiros contatos afirmou que votaria a nosso favor, e de fato assim aconteceu – com relação ao Deputado Carlos Lacerda, não compareceu para votação de acordo com a sua promessa. Algumas pessoas contribuíram para que se chegasse a um final feliz, porém com o maior destaque para o ilustre Professor Fioravanti Di Piero, nosso grande amigo que lutou até o final, sem esmorecer em momento algum. ■



Com a melhora financeira a partir do período da federalização, a década do cinquentenário da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro reservaria mudanças importantes como a aproximação, convênio e a incorporação do grande hospital da importante Fundação Gaffrée e Guinle. Ícone da Venereologia brasileira, o Hospital Gaffrée e Guinle já perseguia a sua quarta década de vida quando ocorreu a extinção da fundação que lhe mantinha e a oportunidade bateria à porta daquela Escola então cinquentenária.

O regimento de cavalaria sem cavalos

A campanha por um novo hospital de ensino começou com o tema “uma escola de medicina sem hospital é um regimento de cavalaria sem cavalos”, criado pelo visionário professor Fioravanti Di Piero que desde que assumiu a direção da Escola de Medicina e Cirurgia em 1958, tomou como uma de suas metas prioritárias. Desde a demolição do Hospital Hahnemanniano, que também já não supria totalmente a necessidade de ensino prático, a conquista de um hospital de ensino próprio e anexo à Escola se tornou lema para aquela geração de professores e seus alunos. A Escola não podia abdicar da qualidade do ensino, o que somente seria alcançado ao nível ótimo, com a consecução de um hospital próprio: palco e plateia do aprendizado da medicina. O ensino prático na Escola estava concentrado fora dos seus domínios, longe de sua sede, em ambulatórios e enfermarias de clínicas, hospitais e faculdades conveniadas ou serviços gentilmente cedidos.

O hospital de clínicas conveniado

Desde janeiro de 1958, já havia um convênio entre a primeira Cadeira de Clínica Cirúrgica da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e a Fundação Gaffrée e Guinle assinado pelo professor catedrático Lúcio Villa Nova Galvão, para a utilização do seu Instituto de Pesquisas Cardiovasculares criado em 1957 no prédio anexo ao Hospital Gaffrée e Guinle voltado para a Rua Souza Ramos. Posteriormente, este convênio originaria o Instituto de Pesquisas Cirúrgicas da Escola em 1960.

Na gestão de Fioravanti Di Piero na Escola de Medicina e Cirurgia, então diretor e interventor no período de federalização, foi estabelecido em 1959 um convênio com a Fundação Gaffrée e Guinle presidida pelo gran-

de empreendedor e filantropo Guilherme Guinle, para aproveitamento das instalações do Hospital Gaffrée e Guinle. Inaugurado em 01 de novembro de 1929 com uma das mais belas arquiteturas da então capital federal Rio de Janeiro, o Hospital Gaffrée e Guinle se traduziu na maior conquista da Fundação Gaffrée e Guinle, criada em 15 de setembro de 1923 fruto do investimento e da filantropia de Guilherme Guinle, um dos maiores empresários da história do Brasil e sob a orientação do respeitado sanitarista Carlos Chagas e o sifilógrafo Francisco Eduardo Rabelo, que se consagrou como uma das maiores e mais importantes organizações de promoção de saúde pública do mundo, destacando-se com uma rede de ambulatórios, um instituto de pesquisas e um hospital nas ações de pesquisa, diagnóstico e tratamento de doenças venéreas, principalmente a sífilis considerada à época flagelo nacional.

A estratégia inicial estava clara: concentrar o ensino prático naquele hospital, proporcionando a seleção de pacientes para o aprendizado nas enfermarias e nos ambulatórios das clínicas médicas e cirúrgicas



além de especialidades. Junto ao então Ministro da Saúde, Mário Pinotti, médico e farmacêutico indicado ao Prêmio Nobel em Medicina em 1959 pela criação de um novo método de combate à malária, foi conseguido uma verba suplementar à Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro para custear o aluguel de 100 leitos do hospital da Fundação Gaffrée e Guinle. O projeto do hospital conveniado integrava 100 leitos subdivididos em 10 enfermarias com 10 leitos cada, distribuídas aos professores catedráticos das disciplinas: Clínica Médica, Semiologia, Clínicas Cirúrgicas, Pediatria, Dermatologia, Ginecologia, Obstetrícia, Urologia e Oftalmologia.

A direção da Escola de Medicina e Cirurgia designou em 1960 como primeiro diretor do hospital de clínicas conveniado, o professor e Livre-docente de Clínica Médica, Jayme da Graça Ribeiro, e a chefia dos serviços ambulatoriais correspondentes cou-

be ao então professor assistente de Urologia, Lino Lima Lenz. Posteriormente, assumiriam a direção do hospital conveniado, o professor Livre-docente de Clínica Médica João de Albuquerque em 1961, sendo sucedido pelo Livre-Docente em Clínica Médica Homeopática, Alfredo Di Vernière.

Além do Professor Annibal Nogueira Junior que respondeu pelo plano de obras necessárias à adaptação da Escola ao Hospital Gaffrée e Guinle, também se destacaram no árduo trabalho de adaptação e cooperação nesta fase de planejamento do hospital conveniado, os professores: Antônio Paulo Filho, Delolindo Couto, Francisco Alcântara Gomes, José Kós, João Ramos e Silva, Ugo Pinheiro Guimarães e Antônio Guerreiro de Faria. O regimento interno da Escola constando o hospital de clínicas seria aprovado por decreto em 12 de junho de 1961 pelo Presidente da República Jânio Quadros.

Mesmo com o aporte de 100 leitos, logo se percebeu que não seria suficiente para adequar a grande demanda de ensino prático, o que levou à direção da Escola de Medicina e Cirurgia a dar partida nos

estudos de viabilidade de aquisição de um hospital, fosse o Hospital da Fundação Gaffrée e Guinle ou outro disponível no Rio de Janeiro. Reeleito para a direção da Escola, paralelamente à estruturação do hospital conveniado, o professor Fioravanti Di Piero designou em 1960 uma comissão de notáveis para estudar a viabilidade de compra ou incorporação de algum hospital ora disponível no Rio de Janeiro. A comissão foi presidida pelo professor Antônio Paulo Filho e integrava mais 5 catedráticos: Annibal Nogueira Junior, Francisco Fialho, Ítalo Viviani Matoso, Lúcio Villa Nova Galvão e Lauro Sollero. No início dos anos 1960 estavam disponíveis alguns hospitais na cidade do Rio de Janeiro, destacando-se: o Hospital da Fundação Gaffrée e Guinle no bairro da Tijuca; Hospital Pedro Ernesto, da rede hospitalar da Secretaria de Saúde do então Distrito Federal, em Vila Isabel; Hospital dos Bancários, do Sindicato dos Bancários

Anfiteatro do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle



Hospital Universitário Gaffrée e Guinle



HUGG - Enfermarias antigas



do Rio de Janeiro, na Lagoa; e o Hospital dos Radiologistas, da Associação Brasileira de Rádio, no Humaitá. Após visitas in loco, estudos e discussões sobre a viabilidade daqueles nosocômios, a comissão decidiu apontar o Hospital Gaffrée e Guinle como o mais apropriado para ser incorporado pela Escola, até porque ali se encontrava a sua maior base instalada de ensino prático.

Depois de Guilherme, Carlos Guinle

Guilherme Guinle já havia participado da história da segunda escola médica criada no Rio de Janeiro, ao colaborar sob quantia generosa com as ampliações do extinto Hospital Hahnemanniano, seu primeiro hospital de ensino e, agora, participaria com a Fundação Gaffrée e Guinle que construiu o hospital de mesmo nome, objeto de desejo da então direção da Escola de Medicina e Cirurgia. Durante os primeiros contatos ocorreu o falecimento de Guilherme Guinle em 20 de maio de 1960, o que levou a direção da Escola a tratar da desapropriação amigável do hospital da Fundação Gaffrée e Guinle com o seu novo presidente, Carlos Guinle, irmão de Guilherme e herdeiro dos negócios da famosa Família Guinle. Empresário, engenheiro industrial e médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1906, Carlos Guinle também era compositor.

A oportunidade era real, palpável e fundamental ao futuro da Escola, pois, além do terreno e prédio do Hospital Gaffrée e Guinle, as demais instalações da Fundação Gaffrée e Guinle também seriam incorporadas. Com a concordância de Carlos Guinle e o encaminhamento do acordo com a Direção da Escola de Medicina e Cirurgia, se iniciou o processo de desapropriação amigável em 25 de agosto de 1961. Carlos Guinle foi homenageado com o título de Doutor Honoris Causa pelos relevantes serviços prestados ao ensino médico, na sessão da congregação da Escola de Medicina e Cirurgia em 22 de dezembro de 1965, época da posse definitiva do hospital em cartório.

O cinquentenário da Escola

Em 10 de abril de 1962, a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro comemorou o cinquentenário de sua fundação. Estabelecimento isolado de ensino superior, a Escola já federalizada, com o aporte de verbas públicas e perto de adquirir o seu segundo hospital de ensino, vislumbrava novo caminho de ordem e progresso, saindo do endividamento de quase duas décadas. A tradicional escola de medicina cinquentenária contabilizava em 1962, 3.425 médicos formados desde 1918 quando diplomou sua primeira turma.

A sede da Escola estava localizada no novo prédio construído no terreno da Rua Frei Caneca 94, no Centro do Rio de Janeiro e, para comemorar o cinquentenário foi organizada uma semana festiva de eventos pelo Diretório Acadêmico Benjamin Baptista. Dentre as atrações, se destacou a vinda do conhecido ator teatral, Rodolfo Mayer. Do quilate de Osca-



rito, Grande Otelo, Dercy Gonçalves, Dulcina, Jaime Costa e Laura Garrido, o monstro sagrado do teatro encenou o monólogo “As mãos de Eurídice” na Escola de Medicina e Cirurgia. Escrito por Pedro Block em 1948 e considerado o primeiro monólogo interpretado no Brasil, “As Mãos de Eurídice” estreou nos palcos cariocas em 13 de maio de 1950 interpretado por Rodolfo Mayer e devido ao grande sucesso foi encenado nos teatros mais famosos do Brasil e daí partiu para todos os continentes sob vários idiomas. A Caixa Econômica Federal patrocinou a produção de brindes comemorativos como a xícara do cinquentenário, pequeno símbolo de uma época.

Queremos o Gaffrée!

Era 16 de maio de 1963, uma quinta-feira, o Centro do Rio de Janeiro era castigado por chuva densa, mas um aglomerado barulhento de jovens, bandeiras e faixas chamava a atenção. Era a passeata de calouros da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro que pedia passagem, comemorando o trote que iniciara por tradição em março. Naquela tarde, a caminho da Cinelândia, tradicional praça do centro carioca, os barulhentos rapazes portavam faixas que traziam pintadas em seus panos, as palavras do sonho: hospital de ensino. Os gritos “queremos o Gaffrée, queremos o Gaffrée” competiam com o poluente trafegar dos carros e os valentes alunos caminharam indiferentes à chuva e aos carros. O Diretório Acadêmico, na época já denominado Benjamin Baptista, incitava o corpo discente a acompanhar os anseios do corpo docente da Escola, e todos compartilhavam

do mesmo sonho: a incorporação do Hospital Gaffrée e Guinle. Os entendimentos com a Fundação Gaffrée e Guinle evoluíram através da Direção da Escola e comissão que integrava os professores Ítalo Viviani Matoso, Annibal da Rocha Nogueira Junior e Lauro Sollero, que solicitou a verificação de informações documentadas, móveis e imóveis daquela instituição filantrópica. O ofício no 65 da Fundação Gaffrée e Guinle que relacionou os seus bens, assinado por Carlos Guinle em 28 de maio de 1963 e destinado à direção da Escola de Medicina e Cirurgia, continha 245 páginas datilografadas.

Em 28 de junho de 1963 se reuniram no Salão da Congregação os professores catedráticos e Livre-docentes da Escola, além do representante do Centro Acadêmico Benjamin Baptista Darcy Silvestre Viecher, a fim de deliberar sobre os entendimentos com a Fundação Gaffrée e Guinle e a posição da congregação sobre a aquisição do Hospital Gaffrée e Guinle. Colecionados os documentos da Fundação Gaffrée e Guinle, laudos e pareceres, além da carta de concórdia de Carlos Guinle, o professor Ítalo Matoso expôs o material e as condições operacionais daquela instituição. Discutiui-se sobre o andamento da incorporação, avaliação de bens, aproveitamento de funcionários e custos de manutenção. O relator concluiu ao final que se tornara inadiável a transformação da Escola em fundação. Ficou acordado que um documento detalhado seria redigido, como anteprojeto a ser enviado diretamente à Presidência da República para apreciação e decreto.

A proposta do controlador da Fundação Gaffrée e Guinle, Carlos Guinle, foi então aceita, assim como

a minuta do anteprojeto de Lei que transformava a Escola em fundação, no intuito de aproveitar a infraestrutura da obra filantrópica de Guilherme Guinle. A partir daquela reunião histórica da congregação se avistava no horizonte uma instituição de ensino e assistência maior, reunindo a fundação idealizada por Guilherme Guinle, Carlos Chagas e Eduardo Rabello e a então tradicional e cinquentenária Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

O anteprojeto que reunia os documentos neces-



sários à efetivação da desapropriação amigável dos bens e instalações da Fundação Gaffrée e Guinle, foi encaminhado pela direção da Escola de Medicina e Cirurgia em 22 de outubro de 1963, diretamente ao então Presidente da República, João Belchior Marques Goulart. Nesta ação particular, se destacou o professor de Clínica Médica da Escola, Moacyr Alves dos Santos Silva, então diretor do Serviço Nacional de Câncer, que encaminhou, pessoalmente, o anteprojeto ao então amigo e também seu paciente, Presidente João Goulart. A ação de Santos Silva foi oportuna e por demais necessária, pois se queimaram longas e demoradas vias burocráticas, em um intervalo de tempo vital para a Escola. João Goulart seria deposto pela ditadura militar pouco tempo depois, mas daria tempo de assinar o decreto 53.385 publicado no Diário Oficial em 23 de dezembro de 1963 que desapropriou o Hospital Gaffrée e Guinle, ambulatórios, instalações e benfeitorias da Fundação Gaffrée e Guinle. Na véspera do natal de 1963, o Professor Fioravanti Di Piero, paraninfo da turma de médicos, antes da entrega solene dos diplomas no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, comunica em alto e bom som aquela grande notícia: O Gaffrée é nosso! Aplausos à parte, alma lavada, Fioravanti realizara um sonho que não era sua propriedade, mas um bem coletivo, uma grande vitória para professores e alunos.

Depois da publicação do decreto, discutiram-se as exigências do acordo com a Fundação Gaffrée e Guinle como a obrigatoriedade de se manter a denominação Gaffrée e Guinle para o hospital e o fim específico de tratamento de doenças venéreas. Em relação à primeira exigência, não houve maiores contrariedades, contudo, a segunda suscitou manifestações de preocupação quanto ao futuro do hospital de ensino, que não poderia ter um foco único de aprendizado e a questão foi resolvida a contento com as cadeiras e serviços de Clínica Urológica e Clínica Dermatológica e Sifiligráfica. Conquistada a harmonia nesses quesitos, a Escola estaria pronta para receber e administrar o seu segundo hospital de ensino. Fioravanti Di Piero submeteu à congregação os nomes do Presidente da República, João Belchior Marques Goulart, e do Ministro interino da Educação e Cultura, Júlio Sambaquy, a fim de honrá-los com o título de Doutor Honoris Causa, em agradecimento as suas ações colaborativas e decisivas para a conquista que

mudou os rumos da Escola na década dos anos 1960 com grande repercussão no meio universitário.

Últimos capítulos da luta pelo hospital

Processos no Ministério da Educação e Cultura se avolumavam até a promulgação do decreto de desapropriação ao final de 1963, que por si somente, não foi capaz de encerrar a luta pelo Hospital Gaffrée e Guinle. Ao alvorecer de 1964, o episódio da transferência do hospital para a rede hospitalar dos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPS), comunicado à direção da Escola de Medicina e Cirurgia pela Casa Civil do governo da então ditadura militar, quase sustou o processo de incorporação. Hábil e tenaz, o diretor da Escola não esmorecia e com a persistência que lhe era peculiar, conseguiu a tramitação da última fase do projeto de incorporação. Publicada no Diário Oficial em 11 de novembro de 1964, a Lei 4.461 promulgada em 04 de novembro, garantiu a disponibilidade dos 600 milhões de Cruzeiros em títulos da Dívida Pública, valor arbitrado de indenização à Fundação Gaffrée e Guinle. A missão de Fioravanti Di Piero que, liderando a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro até 1964, conseguiu a efetivação dos processos de federalização e incorporação do Hospital Gaffrée e Guinle, seria concretizada de fato e por direito legal em 27 de janeiro de 1966, quando foi assinado o termo de acordo e imissão de posse do hospital e dos bens da Fundação Gaffrée e Guinle, no cartório sob o Juízo de Direito da 1ª Vara da Fazenda Pública da Cidade do Rio de Janeiro, pelo então diretor da Escola de Medicina e Cirurgia Alberto Soares de Meirelles.

A incorporação do Hospital Gaffrée e Guinle pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro se traduziu vantajosa para ambos. Na segunda metade da década dos anos 1960, o hospital sofreu uma grande reforma a fim de adaptar a sua estrutura e capacidade instalada às finalidades de ensino. Diversos serviços como os de Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Dermatologia, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Reumatologia, Endocrinologia, Gastroenterologia, Ginecologia, Radiologia, Cardiologia e Laboratório de Análises Clínicas foram ampliados e dispostos, aproximadamente, em 40 quartos particulares, 300 leitos em enfermarias, 50 ambulatórios e um centro cirúrgico modernizado. ■





Fioravanti Di Piero

Fioravanti e eu convivemos há 66 anos. No início de 1946 chegava eu ao Jardim da Infância e ele era o Secretário de Educação e Cultura do, então, Distrito Federal. Em fins de 1958 fui-me inscrever para os exames vestibulares na Escola de Medicina e Cirurgia, e o Diretor era ele.

Sob sua preclara ordem transcorreu meu curso até o segundo semestre de 1964, quando foi substituído na Direção, acusado em 5 inquéritos administrativos. Recusou advogado; defendeu-se pessoalmente e foi absolvido em todos, recebendo louvor ao final. Seguiu na 2ª Cadeira de Clínica Médica (9ª Enf. do H. U. Gaffrée e Guinle) até 1969, quando aposentou-se. Prosseguiu, vigilante, residindo a uma quadra do hospital. Só no fim dos anos setenta é que lhe foi feito o reconhecimento; na unção emerencial de um grupo de ex-professores. Sua esposa, D^{ra} Nair, o representou ... Doeu não vê-lo na fotografia oficial.

Pelo fim dos anos oitenta nos reaproximamos. Concorria eu a uma vaga na Academia Nacional de Medicina e terminei por merecer a honra maior: vir a sucedê-lo na Cadeira 17 da Seção de Medicina, com a sua ascensão a Membro Emérito. A partir dali, mal mereci frequentá-lo num "curso intensivo" que durou dezoito anos, de convívio familiar, universitário e acadêmico, até seu falecimento, na entrada do outono de 2006, quando completaria 102 anos.

Fioravanti Alonso Di Piero nasceu em Itatinga (SP) em 13 de maio de 1904 e formou-se na Praia Vermelha em 1929. Desde o sexto ano incorporou-se, como Interno, ao Corpo Docente da Cadeira de Clínica Propedêutica e Semiologia Médica, do Professor Rocha Vaz. Já em 1932 era professor na Escola de Medicina e Cirurgia (EMC). Na época, a severidade de um Professor da Praia Vermelha estimulava os alunos a virem cursar a EMC e só no 4º ano transferirem-se, em massa, (na época as transferências eram automáticas) para a Praia Vermelha onde colavam grau, deixando jejunas as formaturas na EMC. A autoridade da voz do Prof. Miguel Couto, Deputado Federal, fez-se ouvir da Câmara pedindo o fechamento da EMC. Deu-se solução à questão procedendo-se a Concursos Públicos,

realizados na Faculdade da Praia Vermelha, para dotar a EMC de uma Congregação própria. - Naqueles memoráveis prélios sagraram-se vencedores: Hamilton Nogueira (Higiene); Guerreiro de Faria (Histologia); Vinelli Baptista (Anatomia); Custódio Martins (Patologia Geral); Penna de Azevedo (Anatomia Patológica); Paulo de Carvalho (Farmacologia); Rodrigues Lima (Obstetrícia); Augusto Paulino Filho (Clínica Cirúrgica) e Fioravanti Di Piero (Clínica Médica Propedêutica). - Estes pioneiros é que, a partir de 1935, escolheram os demais catedráticos: Deolindo Couto (Neurologia); Ramos e Silva (Dermatologia); José Guilherme (Radiologia); Monteiro de Carvalho (Semiologia Médica) e os demais, que conferiram à EMC status de igualdade universitária.



Fioravanti Di Piero e o Diretório Acadêmico Benjamin Babista





Paralelamente às carreiras médica e docente, Fioravanti foi jornalista festejado, Diretor Geral da Gazeta de Notícias, jornal ultracentenário, integrando a Academia de Jornalismo da qual era Vice-Presidente ao falecer. - Na vertente pública, foi Diretor Médico da Caixa de Pensões dos Industriários e, em seguida, Consultor Geral do Ministério do Trabalho até aposentar-se em 1974. - Secretário de Educação; substituto de Rocha Vaz na Congregação da Praia Vermelha até 1938, quando exonerou-se premido pela acumulação de cargos; Criador da Feira do Livro; Fundador da Escola Normal Carmela Dutra; Representante Brasileiro em uma dezena de Congressos Internacionais de Previdência Médica e Social; Criador, em 1949, do Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência, o saudoso SAMDU que tanto aproveitou à população. Sempre Professor de Clínica Médica na EMC, viria, depois de aposentar-se, a criar duas Faculdades de Medicina no Estado do Rio de Janeiro. Numa delas prosseguiu até ministrar a última aula-inaugural em 2006, dois meses antes de falecer.

Foi, sem dúvida, o Professor de Clínica Médica Propedêutica que por mais tempo (75 anos) apostolou entre nós. - Da sua pena prolífica fluíram milhares de linhas nas letras médicas, além de uma dezena de livros na área literária. Sua Memória de 750 páginas: O Corpo, A alma e o Médico (Introdução à Medicina Psicossomática), 1956, para a Academia Nacional de Medicina, o inclui entre os arraigadores da Medicina Psicossomática.

Era eu então o Diretor da EMC (1988/92) quando pudemos, em memorável sessão solene aniversária do 79º ano da EMC, reconhecer novo grupo de Professores Eméritos (Francisco Fialho, Jorge de Rezende, Alcântara Gomes, Jacques Houli, Newton Bethlem, Aníbal Nogueira) havendo então o Prof. Fioravanti comparecido para receber o diploma de Emérito, há tanto tempo merecido. Desde então tornou a frequentar o Hospital que ele mesmo angariara nos anos sessenta. Foi durante sua firme colaboração com o Diretor Hamilton Nogueira, então Deputado Federal, que seu colega de turma e Ministro de Educação de Juscelino Kubitschek, Clovis Salgado, impulsionou o processo de Federalização da EMC. Fioravanti encarregou-se de to-



das as providências que permitiram o auspicioso fato. Assumindo a Direção da Escola (1958/64) dedicou-se, corpo e alma, à conquista do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle que conseguiu alcançar em 1963.

Na Academia Nacional de Medicina (1956-2006) participou de seis Diretorias (Orador, 1º Secretário, Secretário Geral 2 vezes, 2º e Vice-Presidente). Da sua lavra são as três magníficas pinturas que exornam o Salão Austregésilo. Em sua honra foi recentemente, na 18ª sessão aniversária, introduzida bela Serpente Asclepiade, sob a Presidência do Acad. Pietro Novellino. Antes, na ocasião do seu centenário, em 2004, fora o seu busto entronizado no saguão do 7º andar. Do mesmo modo teve o busto fixado na entrada do H.U. Gaffrée e Guinle, entre os dois fundadores do Hospital. Havendo falecido em 2006, tivemos a honra de assistir a atribuição do seu nome a uma rua vizinha do prédio da Academia, no centro da Cidade Maravilhosa, no dia do médico, em 2008. Naquele Centenário, em 2004, seus amigos organizaram o livro Fioravanti Di Piero Centenário, Fortunato Senex, que lhe perpetua a celebridade.

Consta que o Prof. Fioravanti Di Piero faleceu em março de 2006. Para mim não é bem assim! Ele me tem visitado em devaneios desde então, da última vez, há dias, quando me trouxe o Professor Maurício Borges o convite para escrever esta página em sua Memória. Ele me disse: "Não esqueça de suplicar... Breve serão completados os oitenta anos daqueles Concursos na Praia Vermelha ... A Congregação da EMC está hoje definhada ... É a hora de rejuvenescê-la com novos Concursos Públicos para Professores Titulares, para recompor um colégio de homens livres, independentes, sábios e moderados. Ah! Não se esqueça: provas de tese, escritas, práticas e didáticas, bem difíceis, para afastar da cidadela os arrivistas que sempre aparecem nessas ocasiões ...

Fioravanti Alonso Di Piero encarna o espírito da Escola de Medicina e Cirurgia. ■

Prof. Omar da Rosa Santos

Professor Titular Emérito
Ex-Diretor da Escola de Medicina e Cirurgia

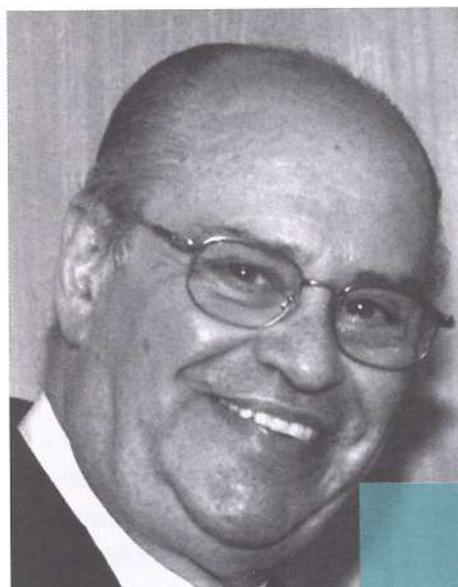


Sérgio Augusto Pereira Novis

Professor Emérito da Universidade Federal
do Rio de Janeiro - UFRJ
Ex-aluno

Nos idos de 1958, no prédio da Rua Frei Caneca, sede da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, um grupo barulhento, nervoso, de mãos frias e suadas, pupilas dilatadas, de jovens recém-saídos da adolescência, se espichavam para ver no quadro de avisos a tão esperada e desejada lista de candidatos aprovados no vestibular de Medicina. Entre gritos e exclamações de alegria pelo bom resultado, os choros e lamúrias pela derrota... Para felicidade minha lá estava meu nome entre os aprovados. Corri para o consultório de meu pai, com o coração em festa pelo sonho se fazendo realidade... Ouvi de meu pai o comentário de que ele esperava que eu entrasse para a velha e tradicional escola da Praia Vermelha, a famosa Nacional de Medicina. Confesso minha decepção naquele dia.

Fomos conversar com o Professor Deolindo Couto, amigo da família, também Professor da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Aquele momento, pela primeira vez, ouvi falar do ilustre Professor Fioravanti Alonso di Piero. Mestre Deolindo de imediato não se colocou a favor das restrições de meu pai, e de forma enfática e segura passou a fazer considerações elogiosas à Escola, e, usando como argumento convincente do que afirmava, desfiou um rosário de nomes de Professores Catedráticos de elevado valor que compunham a Congregação. Entre esses, citou o nome do Professor Catedrático de Clínica Médica - Fioravanti di Piero, para logo acrescentar às elevadas qualidades importantes, de muitos conhecido, da experiência do jovem que havia, durante crise grave de gastroenterite, ingerido certa quantidade de pães mofados, e ficara bom. Fioravanti, ao relatar o fato curioso, chamara a atenção para a possibilidade de que naquele mofo houvesse algo que tivesse poder germicida ... Era 1929, muitos anos antes da descoberta de Fleming ... Convencido meu pai das qualidades da nova Escola matriculei-me, e aí tive meu primeiro contato pessoal com Mestre Fioravanti. Era ele Diretor da Escola. De forma pioneira, e creio eu não mais, infelizmente, repetida, determinara que os novos alunos deveriam se submeter a exame médico. Ele próprio, o Diretor, em seu consultório particular, nos recebia. Não era pequena a emoção dos alunos, logo ingressados na escola superior, já serem recebidos pelo Diretor, vestido de Médico, afável e educado, a nos dar as boas-vindas da Escola e numa conversa amigável e cordial nos informar da importância do exame periódico de saúde. Era, igualmente, nossa primeira experiência em participar, já como estudantes de medicina, do ato médico por excelência, a consulta clínica. Mestre Fioravanti, de forma minudente e cuidadosa, ia colhendo



a anamnese, seguindo-se detido e perfeito exame físico. Quantos de nós nos beneficiamos dessa avaliação médica. Quantas verminoses, tuberculoses, alergias, foram diagnosticadas e tratadas. Podemos afirmar que, naqueles saudosos tempos, os alunos da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro tinham a primeira aula do Curso Médico, com o Diretor da Escola, Mestre Fioravanti, em seu consultório, onde estabelecíamos contato com as qualidades fundamentais do médico - competência profissional aliada à capacidade de saber ouvir o paciente, saber explicar-lhe os eventuais problemas encontrados, saber, enfim, orientá-la. Como Professor, Fioravanti era exigente, avaliando-nos com muita frequência. Bem me lembro da importância que dava à Semiologia de Vieira Romeiro, que nos obrigava a saber, de cor e salteado, e praticá-la com esmero. Suas aulas práticas, em que discorria longamente sobre os problemas do paciente terminando por realizar discussão fundamentada sobre diagnóstico diferencial, encantavam aos alunos. Suas reiteradas eleições para Paraninfo e Homenageado das turmas da Escola, bem dizem de sua excelência como Professor. ■

Depoimento em *Fortunate Senex*, 2005.
Homenagem ao Centenário
do Prof. Fioravanti



Evangelista Pereira

Ex-aluno diplomado em 1963.

Presidente do Diretório Acadêmico Benjamin Baptista na época do Cinquentenário (1962)

Ingressei na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro em 1958, onde obtive bolsa de Estudos Integral por ter sido classificado em 1º lugar no Concurso Vestibular. Comecei a apresentar-me como um futuro líder democrata e lutador pelos direitos dos estudantes, bem como, pela melhoria no aprendizado do ensino médico. Já havia, àquela época, sido iniciado um movimento, para tomar a Escola um Órgão Público Federal; quando, em 19/2/1959, fui, após eleições no Centro Acadêmico, empossado como 2º Secretário do Centro Acadêmico, tendo como presidente do mesmo Norival Rodrigues Soares (reeleito) e como Secretário Geral José Francisco Wotzaseck, meu colega de turma.

Em 1961, já no 4º ano médico, fui nomeado pelo então Presidente do Centro Acadêmico, Sr. Armando Filardi, já então conhecido como Centro Acadêmico Benjamim Baptista – CABB, como Diretor Social; aí inicia-se uma nova fase de desenvolvimento cultural e social do nosso CABB: nesse período, é construída e montada a Sala de Música Prociex, com conjuntos de sofás, sistema de som, piano (onde tocou o músico Oscar Castro Neves), bateria onde tocava o então Diretor de Festividades, o colega Antônio Sidnei Vecchi e lindo painel pintado e doado pelo grande espatulista Vicente Ayres. Nesta fase fazíamos acontecer encontros com outras faculdades femininas ou mistas, por meio de bailes semanais, debates em torno de trabalhos científicos e torneios esportivos (fomos campeões em várias modalidades, por diversos anos). Foi nomeado o colega Ivan Cordovil como Diretor de obras, que reformou os banheiros dos estudantes, bem como, barbearia, serviços de engraxate e livreiros, por exemplo. Iniciamos campanhas de doações para pavimentar a área interna da Escola, após sermos desafiados pelo então Catedrático de Obstetrícia – Prof. Jorge Rezende – um dos homens mais elegantes da época, segundo o Colunista Ibrahim Sued, e que se negava a entrar na Escola quando chovia, pois o chão era de barro sujando os seus sapatos brancos. Desafio feito, desafio vencido: fomos à luta e conseguimos a doação total do piso, da firma Blokret (placas de concreto em forma hexagonal), o qual lá está até hoje, o restante do material foi doado por firmas de materiais de construção e a mão de obra, com mutirão feito por colegas da Escola e funcionários da Blokret; este fato foi conseguido com o



trabalho eficaz de nosso colega, na época nosso Tesoureiro Sr. Manoel Tavares, e daquele que seria, posteriormente, por nós nomeado como Presidente dos Festejos dos 50 anos da Escola de Medicina e Cirurgia David Horwacz. Naquele momento, dos Festejos dos 50 anos, informamos ao Diretor da Escola Fioravanti Di Piero o nosso objetivo principal para o futuro, que seria o de sacramentar a Federalização da Escola, aquisição de Hospital, congregávamos todo o Corpo Docente para estar conosco nesta luta, mesmo que tivéssemos que recorrer a Ministérios e Presidência da República; alguns relutaram, mas e novamente a vitória final nos sorria.

Nesse período (1962) organizamos os festejos para o Cinquentenário da Escola; publicamos um pequeno livro apresentando as cadeiras do currículo; apresentamos o monólogo de Teatro com o Ator Rodolfo Mayer – As Mãos de Eurídice; tivemos a apresentação da Escola de Samba da Portela; criamos produtos que marcassem a data e que poderíamos vender, fazendo lastro para as despesas, como entradas para festas e bailes, xícara e pires comemorativos; além de extraordinário baile no Copacabana Palace e inauguração do calça-



mento interno da Escola. Fizemos uma Reunião de Congregação da Escola, no Anfiteatro, totalmente lotado, onde homenageamos o então Governador da Guanabara – Sr. Carlos Lacerda – que recebeu o título de Benemérito, o qual muito nos ajudou quando fechamos a Escola e fomos desligados da UME, quando de nossa greve geral, pela Federalização da Escola; com isso, suspenderam o direito de nossos colegas fazerem suas refeições no Calabouço (entidade mantida pelo Governo Federal), regalia que era administrada por um grupo de antidemocratas no Calabouço. Por meio do Governador, fomos apresentados a um empresário – Sr. José Salgueiro – que providenciou todas as alimentações para nós, enviava-as à Escola na Rua Frei Caneca e mandava servir, a todos, diariamente. Iniciamos campanhas nos jornais e fomos encaminhados ao grande apresentador de TV Flávio Cavalcanti que tinha um programa aos domingos, na TV Tupi, chamado NOITE DE GALA, patrocinado pela empresa REI DA VOZ, cujo proprietário, Sr. Abraão Medina, colocou um espaço à disposição de nossa causa, ajudando-nos a receber doações em dinheiro, alimentos, com a opinião pública a nosso favor.

Para encerrarmos a tal Federalização da Escola, tivemos que fazer uma greve geral e fomos para Brasília, junto com o colega Manoel Tavares, onde nos reunimos com o Diretor do Ensino Superior do MEC – Sr. Durmeval Trigueiros – que solicitou a presença, em Brasília, do Diretor da Escola na época – Prof. Dr. Fioravanti Alonso Di Piero, juntos, debatemos nossos problemas, e ele ficou de resolvê-los (como o fez). Nesse momento, conhecemos a primeira dama – Sra. Tereza Goulart (esposa do Presidente da República, Sr. João Goulart); esta senhora teve tal empenho em nossas soluções: hospedou-nos no Hospital Distrital de Brasília, tivemos encontros com o Ministro da Educação e o Presidente da República. Ao Rio de Janeiro, para tomar conhecimento de tudo o que foi relatado, veio o Prof. Durmeval Trigueiros. Esteve no Hospital Gaffrée e Guinle, onde já tínhamos aulas de algumas cadeiras por contratos; levamo-lo, de surpresa, à nossa Escola na Rua Frei Caneca onde conheceu in loco os graves problemas pelos quais passávamos

(alguns professores, pela minha ousadia, quiseram me expulsar da Escola) porém nossa força e nossos ideais eram maiores e já transpunham os muros da Escola; foi ele convidado, aceitou e deu a Aula Inaugural da já Faculdade em 1963.

Entre tantas soluções para a Escola, como restaurante, calçamento interno, Federalização, aquisição do Hospital Gaffrée e Guinle, melhoria do ensino e das instalações já realizadas no ano anterior, ainda tivemos que resolver a relocação da caixa de força da Light para a Rua Frei Caneca, arborização das áreas internas (era tudo árido e o piso de saibro e pedrinhas), Biblioteca, Departamento de Esportes, Departamento Social, criamos a nova carteira Estudantil da Faculdade, de tamanho menor, flexível, com a assinatura do aluno (servia como identidade) e a inclusão – fomos os primeiros, do grupo sanguíneo e Fator Rh, que nos ajudariam nas futuras campanhas que teríamos de doação de sangue. Para efetuar o calçamento interno, tivemos que providenciar a rede pluvial, criamos nova rede de abastecimento de água (a anterior estava totalmente entupida), trocamos todos os vidros de portas e janelas quebrados, foram colocadas persianas nas salas de Anatomia, criamos a ideia de marcação de provas parciais pelos representantes de cada turma (e não pela Secretaria, como era antes, quando marcavam duas provas ou mais, para o mesmo dia); o Centro de Estudos do CABB que era para uso de no máximo 15 alunos foi ampliado para 70, com conforto, e encaixamos nos currículos do 4º ano matérias exigidas para os Concursos Públicos do SAMDU e da SUSEME.

Não pode ser esquecido o nome do Dr. Moacyr dos Santos Silva, médico particular da Presidência da República e futuro Diretor do Instituto Nacional do Câncer (INCA), que, constantemente, encontrava conosco e com o Diretor da Escola, trazendo soluções e levando problemas: como gratidão, a minha Turma de Formatura de 1962 – Turma Guerreiro de Faria (em homenagem ao professor que falecera naquele ano) – prestou-lhe homenagem em seu quadro de honra. ■



O hospital em novas mãos

Após o período de transição que se iniciou em 1959, quando foi estabelecido o “hospital conveniado” com dez enfermarias lotadas por serviços de ensino da Escola de Medicina e Cirurgia, além do processo de desapropriação amigável deflagrado a partir de agosto de 1961 com a Portaria 335 do Ministério da Educação e Cultura, oficialmente, em janeiro de 1966, se iniciou a administração do hospital pela então Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

De acordo com o artigo 141, em seu inciso primeiro, do regimento aprovado pelo decreto nº 50.785 de 12 de junho de 1961, seria mantido um hospital-escola com administração subordinada à direção da Escola de Medicina e Cirurgia, cabendo ao diretor nomear o então diretor do Hospital Gaffrée e Guinle cujo nome seria indicado e aprovado pelo Conselho Departamental.

Rebatizado desde 1965 como Hospital de Clínicas Gaffrée e Guinle, este passaria a ser dirigido por professores da Escola de Medicina e Cirurgia desde o desligamento oficial da Fundação Gaffrée e Guinle. Oficialmente, o primeiro diretor do Hospital de Clínicas Gaffrée e Guinle, pós-fundação Gaffrée e Guinle e administrado pela Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, foi o professor catedrático de Urologia, Alberto Gentile, que exerceu a direção do segundo hospital da Escola no período de janeiro de 1966 a 15 de maio



Inauguração da 8ª Enfermaria do Hospital Gaffrée e Guinle, primeira cadeira de Clínica Médica da Escola de Medicina e Cirurgia; da esquerda para direita, Mauri Svartman, Antonio Vitorino da Penha, Newton Cheventer, Newton Albuquerque, Fernando Ferreira dos Santos, José Carlos Spielman, o professor catedrático Jacques Houli, (dois por trás), Emilio Medauar, Annibal Mathias, Mario Correa Lima, (um atrás), Eduardo Vilhena Leite, Paulo Gontijo, por trás: Onofre de Castro, Benedito Nunes, Alfredo Peynaud e último à direita, Omar da Rosa Santos. Fonte: Arquivo Professor Omar da Rosa Santos.



de 1967. Alberto Gentile se destacou no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, onde introduziu o primeiro aparelho de rim artificial após treinamento em Boston e Harvard, e integrou a equipe que realizou o primeiro transplante de órgão no Brasil, ao lado do Clínico Jayme Landman e do Cirurgião Pedro Abdalla, em abril de 1964.

Seis meses depois da posse oficial do Hospital Gaffrée e Guinle, a convite do diretor da Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Professor Alberto Soares de Meirelles, o então Presidente da República Humberto de Alencar Castello Branco inaugurou, em setembro de 1966, as enfermarias entregues à chefia de

professores da Escola. Após um veemente discurso de fundo nacionalista, o Presidente que iniciou o período da Ditadura Militar no Brasil inaugurou as instalações, quando os professores catedráticos de Clínica Médica, Jacques Houli e João Monteiro de Carvalho, assumiram a 8ª e 10ª Enfermarias do Hospital Gaffrée e Guinle, respectivamente, remodeladas após obras de infraestrutura e adequação ao ensino médico. A 8ª Enfermaria encontrava-se praticamente pronta para a equipe de enfermagem e internação dos pacientes, ao passo que a 10ª ainda carecia dos últimos cuidados.



Jacques Houli e equipe



O mestre cirurgião. O professor catedrático de Clínica Cirúrgica Josias de Freitas com assistentes e alunos no Hospital Gaffrée e Guinle. À direita de Josias, o professor Antônio Hélio Barrós de Figueiredo. Fonte: Arquivo Prof. Carlos Alberto Basilio de Oliveira.

A inauguração simbólica serviu para selar definitivamente a incorporação do então rebatizado em 1965 Hospital de Clínicas Gaffrée e Guinle, definindo o novo cenário de ensino prático para a Escola de Medicina e Cirurgia que começava a trilhar um caminho direcionado à universidade. ■

A prisão de JK

13 de dezembro de 1968. Um dia inesquecível na vida daqueles barulhentos calouros da Escola de Medicina e Cirurgia que fizeram aquela histórica passeata no centro do Rio de Janeiro em maio de 1963, gritando “queremos o Gaffrée” na campanha por um hospital de ensino. No Theatro Municipal do Rio de Janeiro se realizaria a formatura daquela turma, e as honras caberiam ao Paraninfo Professor Alberto Soares de Meirelles, então diretor da Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, e ao ex-presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira, escolhido Patrono. No início da década, Juscelino Kubitschek já havia sido homenageado pela congregação da Escola de Medicina e Cirurgia com o título de doutor Honoris Causa por sua atuação colaborativa, ao lado de seu Ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado, no processo de federalização.

Entretanto, o mesmo 13 de dezembro reservaria para o Brasil um dia triste. Naquela noite de festa para os alunos, o Ministro da Justiça Luis Antônio da Gama e Silva, representando o Presidente Arthur da Costa e Silva, anunciou na televisão, em rede nacional, a decretação do Ato Institucional número 5, instrumento autoritário e repressor que decepcionou definitivamente a liberdade no Brasil, em resposta à crescente preocupação do governo militar quanto aos movimentos de contestação política e luta contra a ditadura e a favor dos direitos humanos e da democracia por diversos setores da sociedade, marginalizados politicamente. No dia do “golpe dentro do golpe”, poderes absolutos foram conferidos ao Presidente e seus três ministros militares que, além da repressão indiscriminada e suspensão das garantias individuais, promoveram o recesso do Congresso Nacional, intervenção nos estados e municípios, cassação de mandatos parlamentares, direitos políticos dos cidadãos, confisco de bens ditos ilícitos e suspensão de habeas corpus. No mesmo dia, 110 deputados federais, 161 deputados estaduais, 163 vereadores, 22 prefeitos e até quatro ministros do Supremo Tribunal Federal foram cassados. Tropas federais cercaram o Palácio das Laranjeiras, sede do governo do Estado da Guanabara, exercido à época por Francisco Negrão de Lima.

Naquela noite de festa no Theatro Municipal, o diretor da Escola de Medicina e Cirurgia, professor Meirelles ainda não havia finalizado o seu longo discurso quando uma plateia ansiosa começou, ainda que timidamente, a chamar: “Juscelino..Juscelino”. Com o crescente chamado e o agradecimento final do diretor, foi dada a palavra ao convidado ilustre da noite.

Juscelino Kubitschek proferiu um belo, inflamado e nacionalista discurso que saudou aqueles novos médicos e incitou a todos os presentes na cerimônia a pensar em um país próspero e livre. Foi agraciado por longa sequência de aplausos de respeito e concordância àquele que representou o ideário do “cinquenta anos em cinco”. Entretanto, nem tudo acabaria em festa.

Na plateia do Theatro Municipal não havia somente familiares, amigos ou simples convida-



patrono
dr. juscelino kubitschek de oliveira

Álbum de formatura de 1968. Reprodução da página em homenagem ao Patrono da Turma, Juscelino Kubitschek de Oliveira. Fonte: Arquivo do Prof. Omar da Rosa Santos.





Formatura de 1968. Presentes à mesa, da esquerda para direita: Jair Pereira Romalho; Lusitano Rodrigues Feneira; Arioaldo Volcano; Lúcio Vilanova Galvão; Demétrius Bezerra Peryassú; X; Alberto Soares de Meirelles; Juscelino Kubitschek de Oliveira; e Deolindo Couto. Do outro lado da mesa, ainda são percebidos: Antônio Paulo Filho, Antão Padilha Gonçalves e Newton Bethlen. Fonte: Arquivo Omar da Rosa Santos.

dos, mas também policiais federais e militares à paisana que, cumprindo a determinação do AI-5, após a cerimônia, investiram contra Juscelino Kubitschek na saída do teatro onde duas viaturas pretas da Polícia Federal se encontravam próximo ao seu carro. Acompanhado pelo então Diretor da Escola de Medicina e Cirurgia, Alberto Soares de Meirelles, pelo presidente do Diretório Acadêmico e recém-formado, Carlos Alberto Morais de Sá, pelo professor assistente Omar da Rosa Santos, além de outros convidados, Juscelino deixava o Theatro quando um policial à paisana lhe deu voz de prisão, argumentando que o ex-presidente infringira a Lei quando proferira um discurso político, e a partir daquela data, qualquer manifestação política estava proibida no país, fruto da imposição do AI-5 promulgado naquela mesma noite. Um final de festa constrangedor para o homenageado.

Altivo, Juscelino não reagiu à prisão, porém, retrucou que um Presidente da República não iria preso no carro de Polícia ou dos "outros", mas no seu próprio carro. Juscelino e seu motorista entraram no carro e seguiram então escoltados pelos policiais com destino ao um quartel na cidade de Niterói. Após alguns dias confinado em um pequeno quarto com todos os movimentos observados através de um buraco no teto, Juscelino pôde retornar para casa, quando cumpriu um mês de prisão domiciliar.

Além de JK, o elenco carcerário da República militar tinha políticos influentes como Carlos Lacerda, intelectuais e artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ferreira Gullar e Carlos Heitor Cony, além de milhares fichados no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). O poder de exceção e a truculência dominante levaram muitos ao exílio até 1979 quando foi promulgada a anistia no governo de João Baptista Figueiredo, último da ditadura militar. ■



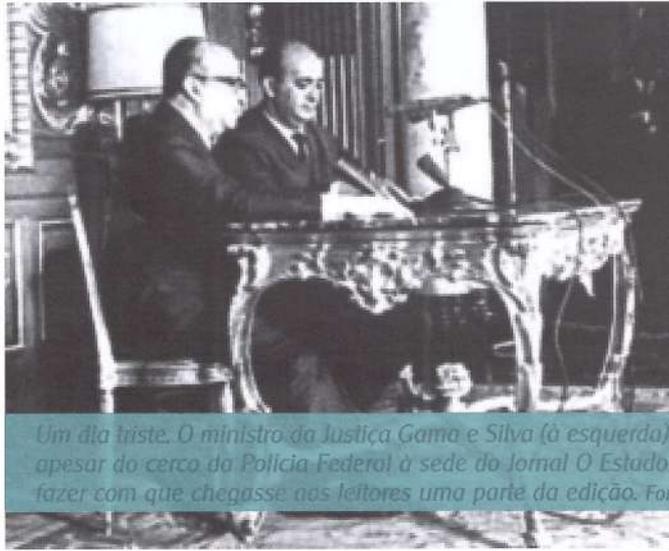
O Patrono e o Parainfo da Turma de 1968. O ex-Presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira e, à sua direita, o Diretor da Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Prof. Alberto Soares de Meirelles. Fonte: Arquivo Omar da Rosa Santos.



Recordação. O Patrono da Turma de 1968.
Fonte: Arquivo Omar da Rosa Santos.



Juscelino Kubitschek parte para o exílio, com Dona Sarah entre as filhas Maria Stela e Márcia



Um dia triste. O ministro da Justiça Gama e Silva (à esquerda) e o locutor Alberto Curi, anunciam a decretação do AI-5 e, apesar do cerco da Polícia Federal à sede do jornal O Estado de São Paulo e do Jornal da Tarde, este último conseguiu fazer com que chegasse aos leitores uma parte da edição. Fonte: Fundação Perseu Abramo.



ATOS DO PODER LEGISLATIVO
I — ATO INSTITUCIONAL
ATO INSTITUCIONAL Nº 5, DE 13 DE DEZEMBRO DE 1968

O Presidente da República Federativa do Brasil, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e

Considerando que a Revolução Brasileira de 31 de março de 1964 teve, conforme decorre dos Atos com os quais se institucionalizou, fundamentos e propósitos que visavam a dar ao país um regime que, atendendo às exigências de um sistema jurídico e político, assegurasse autêntica ordem democrática, baseada na liberdade, no respeito à dignidade da pessoa humana, no combate à subversão e às ideologias contrárias às tradições de nosso povo, na luta contra a corrupção, buscando, deste modo, "os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, política e moral do Brasil, de maneira a assegurar a ordem interna e imediato, os grandes objetivos da ordem interna do Ato Institucional

Considerando daqueles objetivos permitir que pesso tramem os ajam com o povo brasileiro o Ato Institucional que a Revolução revolucionário em c

Considerando o Presidente da República votar e promulgar representar "a inst deveria "assegurar a onat" nº 4 de 7 de

Considerando, n dos mais distintas s mentes jurídicas, qu defesa, desenvolvimen para combatê-la e d

Considerando que impeçam sejam frustra a ordem, a segurança cultural e a harmonia política e social do país comprometidos por processos subversivos e de guerra revolucionária:

Art. 5º A suspensão dos direitos porta, simultaneamente, em:

- I — cessação de privilégio de fóro por prerrogativa de função;
- II — suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;
- III — proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;
- IV — aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:
 - a) liberdade vigiada;
 - b) proibição de frequentar determinados lugares;
 - c) domicílio determinado.



Tropas do Exército cercam o Palácio das Laranjeiras, sede do governo da Guanabara, em 13 de dezembro de 1968. Fonte: Fundação Perseu Abramo.





A ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA E A UNIRIO ANOS 1970 - 1980

Com o objetivo de administrar o hospital desapropriado da extinta Fundação Gaffrée e Guinle e idealizando um núcleo de futura universidade, a Escola se transforma na Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro durante a gestão do professor Alberto Soares de Meirelles em 1965 e lidera ao final da década a criação da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara, a FEFIEG, que daria origem dez anos depois à Universidade do Rio de Janeiro, conhecida como UNIRIO.

A nova fundação

O anteprojeto da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro como Fundação foi apresentado ainda na gestão de Fioravanti Di Piero, a fim de acolher os dispositivos da Lei de Diretrizes Básicas da Educação e também para cumprir o acordo com a Fundação Gaffrée e Guinle, efetivando a incorporação de seu grande hospital e demais bens.

O processo de transformação em fundação foi deflagrado em 20 de junho de 1962. Constituindo um imperativo legal, o então conselheiro Clóvis Salgado da Gama apresentou no Conselho Federal de Educação o anteprojeto de transformação da Escola de Medicina e Cirurgia em Fundação, o que foi aprovado em maio de 1964. Com o objetivo de elaborar o anteprojeto de lei e estatutos para a então Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, foi constituída uma comissão que integrava os professores catedráticos Benjamin Vinelli Baptista, Antônio Paulo Filho, João Monteiro de Carvalho e Achilles Scorzeli Junior.

Na gestão de Alberto Soares de Meirelles como diretor, foi efetivada a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, instituída oficialmente pela Lei nº 4.730 de 14 de julho de 1965. Segundo os seus estatutos com 5 capítulos e 19 artigos aprovados pelo Decreto nº 57.471 de 30 de dezembro de 1965, a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro foi concebida com personalidade jurídica, sede e foro na cidade do Rio de Janeiro, além de gozar de autonomia didática, financeira, administrativa e disciplinar. A Fundação manteria a Escola de Medicina e Cirurgia e o Hospital de Clínicas Gaffrée e Guinle, e tinha como objetivos: ministrar o ensino da medicina e ciências afins; promover pesquisas no campo de suas atividades; e formar e aperfeiçoar os seus corpos docentes e discente. O regulamento da Fundação foi aprovado pela Congregação em 08 de setembro de 1966.

Alberto Soares de Meirelles foi efetivado como Presidente após elaboração de lista tríplice enviada ao Ministério da Educação e Cultura e indicou para vice-presidência o professor catedrático de Ginecologia, Cláudio Amorim Goulart de Andrade, escolhido por aclamação em sessão extraordinária da Congregação em 10 de agosto de 1966. O corpo docente da Fundação contava com 230 professores distribuídos em 35 disciplinas, destacando-se quatro disciplinas para Clínica Médica e também para a Cirurgia Geral. Os departamentos e as disciplinas foram distribuídos no prédio da Rua Frei Caneca, no recém-adquirido Hospital Gaffrée e Guinle e demais serviços em hospitais gentilmente cedidos ou por convênio.

Presidida por Alberto Soares de Meirelles, a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro existiria por quatro anos, quando, em outubro de 1969, perdeu esta situação jurídica para assim integrar a FEFIEG, Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara.

A Escola da Federação

A ideia de constituir federações de escolas foi debatida e incluída no relatório do grupo de estudos que originou a reforma universitária de 1968, a fim de permitir a reunião de faculdades isoladas em determinadas regiões do país onde não houvesse a possibilidade de constituir universidades pelo processo de fusão. No modelo de ensino vigente no Brasil, o sistema de ensino superior estava constituído por três tipos de estabelecimentos, organizados como universidade, faculdade isolada ou federação. As universidades configuravam espaços integrados de ensino, pesquisa e extensão; as faculdades isoladas continuavam a se dedicar à formação profissional com atividade focada pouco integrada; e as federações consistiam em um tipo de universidade que reunia faculdades antes isoladas, com diversidade intelectual e até com o desenvolvimento da pesquisa científica, mas com o tempo revelavam deficiências no comprometimento com a unidade.

Em 25 de fevereiro de 1969, o diretor Alberto Soares de Meirelles comunicou oficialmente à Congregação da Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro a intenção do governo federal em criar no então Estado da Guanabara a Federação que reuniria as escolas federais isoladas daquela região. A articulação política no governo militar acabaria por legar a presidência daquela federação ao então diretor da Escola e General Alberto Soares de Meirelles.

A Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do

Rio de Janeiro alterou em 20 de agosto de 1969 a situação jurídica de fundação própria estabelecida em 1965, para integrar a FEFIEG, Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara, de acordo com o Decreto-Lei no 773 publicado no Diário Oficial em 21 de agosto. A Escola recebeu a partir daquela integração a sua sexta denominação histórica: Escola de Medicina e Cirurgia da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara.

O Instituto Biomédico

Em 14 de agosto de 1971, fruto da reorganização proposta pela reforma universitária de 1968 e obedecendo ao Estatuto da FEFIEG, criou-se o Instituto Biomédico, executor do embasamento didático, técnico e científico de alunos dos cursos de Medicina, Nutrição, Enfermagem e Ciências Biológicas. Ocupando o terreno e as dependências do antigo complexo-sede da Escola de Medicina e Cirurgia e local histórico do desenvolvimento da Faculdade Hahnemanniana e instalação do Hospital Hahnemanniano na Rua Frei Caneca, o Instituto Biomédico ocupa hoje o campus mais antigo da então Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO. Com a criação do Instituto Biomédico e dos departamentos de ensino, a Escola



de Medicina e Cirurgia perderia na sua organização curricular a seriação característica das disciplinas em seis anos de curso médico. Desde a desativação dos cursos preparatórios, a organização das disciplinas dos dois primeiros anos do curso médico no Instituto Biomédico e a transferência de disciplinas e serviços para o Hospital Gaffrée e Guinle, a Escola caminhava para a integração universitária, respondendo pelo ciclo profissional do curso de graduação em medicina.

A Escola da Universidade

Como federação estadual, a FEFIEG, até então lotada no Estado da Guanabara (antigo Distrito Federal), perdeu esta condição com a fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, efetivada em 15 de março de 1975. Com a fusão dos estados, a Escola de Medicina e Cirurgia então dirigida pelo professor catedrático de Medicina Legal, Nilton Salles, sofreu a sétima alteração de nome em 17 de dezembro de 1975, de acordo com o Decreto nº 7.683, passando a ser denominada Escola de Medicina e Cirurgia da FEFIERJ ou Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro, presidida à época pelo professor José Maria Bezerra Paiva, que havia sucedido Alberto Soares de Meirelles desde 14 de março de 1974.

Ao final da década dos anos 1970, a FEFIERJ presidida pelo professor Guilherme de Oliveira Figueiredo, irmão do então Presidente da República João Baptista de Oliveira Figueiredo, foi transformada em universidade e a Escola de Medicina e Cirurgia dirigida na época pelo professor catedrático de Terapêutica Clínica, Annibal da Rocha Nogueira Junior, recebeu o oitavo nome de sua história: Curso de Medicina do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade do Rio de Janeiro.

A partir de 1975, ano de criação da FEFIERJ, os dirigentes da federação iniciaram o processo de transformação de sua estrutura, convertendo-a em um “todo orgânico”, constituído por departamentos reunidos em centros com estrutura para coordenação do ensino e da pesquisa. Pavimentava-se o caminho da futura universidade. Enquanto João Figueiredo encarava a tarefa de capitanear a transição do regime ditatorial para a democracia no Brasil, assinou a Lei nº 6.655 em 05 de junho de 1979, referendada pelo então Ministro da Educação Eduardo Mattos Portella, que transformou a FEFIERJ na Universidade do Rio de Janeiro, a UNIRIO, uma fundação de direito público integrante do sistema federal de ensino superior. Guilherme Figueiredo foi o primeiro Reitor de uma

universidade privilegiada geograficamente, com a maior parte de seus centros acadêmicos na zona sul do Rio de Janeiro: Praia Vermelha, Urca e Botafogo, além do Instituto Biomédico no bairro do Centro e do Hospital Universitário e da Escola de Medicina e Cirurgia na Tijuca.

Assim como a maioria das universidades brasileiras, a Universidade do Rio de Janeiro, UNIRIO, foi fundada através da reunião de escolas isoladas, e a evolução histórica de uma de suas unidades federadas marcou a sua trajetória: a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. A marca histórica da Escola de Medicina e Cirurgia esteve presente na criação e na condução da universidade, desde a criação da FEFIEG em 1969, federação que daria origem à UNIRIO, liderada pelo então diretor Alberto Soares de Meirelles.

Após dez anos ocupando a reitoria da UNIRIO, o professor Guilherme de Figueiredo transmitiu em 21 de julho de 1988 o cargo para o professor titular de Ginecologia da Escola de Medicina e Cirurgia Osmar Teixeira Costa e inaugurou um período de 16 anos seguidos com docentes da Escola à frente da administração da Universidade até 2004. Na gestão de Osmar Costa, a partir de 10 de agosto de 1988, por ordem de serviço da Reitoria da UNIRIO, o Curso de Medicina do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde voltou a se chamar Escola de Medicina e Cirurgia, retornando à sua origem histórica. Com o mandato de reitoria finalizado em 10 de julho de 1992, Osmar Costa foi sucedido por três professores da Escola de Medicina e Cirurgia: o Professor Adjunto e Livre-Docente de Pneumologia, Sérgio Luiz Magarão que exerceu a reitoria no período de 13 de julho de 1992 a 12 de julho de 1996; o Professor Adjunto e Livre-Docente de Cardiologia, Hans Jürgen Fernando Dohmann (15 de julho de 1996 a 9 de julho de 2000); e o Professor Titular de Clínica Cirúrgica e membro da Academia Nacional de Medicina, Pietro Novellino (10 de julho de 2000 a 09 de julho de 2004). ■

Giovanni Nicola Umberto Italiano Colombini

Professor Responsável pela Disciplina de Oftalmologia da Escola de Medicina e Cirurgia

Após uma reprovação no vestibular de 1972, fui orientado a exercer algum trabalho. Com a indicação de meu Tio, Antonio Giardulli, trabalhei por um ano no serviço de oftalmologia, auxiliando o mestre Professor Antonio Paulo Filho, então catedrático da Disciplina de Oftalmologia da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Naquela ocasião, organizava o arquivo de slides e montava a sequência das aulas curriculares de acordo com um roteiro elaborado, previamente, pelos professores do serviço de oftalmologia, para que ministrassem suas aulas na graduação. Entre os professores, podemos citar: Antonio Paulo Filho, Antonio Giardulli, Maria Heloisa Paulo Filho de Carvalho, Maria Lúcia Paulo Filho di Piero, Gilberto Fornaciari de Andrade, Gilson Fornaciari de Andrade, Wilton Campos Tavares e Gilvanda Maria Campos Tavares. Nesse período tive meu primeiro contato com as atividades acadêmicas e a Escola de Medicina e Cirurgia.

Na minha educação, além da formação ética, moral e espiritual, recebi de meu tio, Antonio Giardulli, a influência de seguir a profissão de médico, na especialidade Oftalmologia. Na minha infância, lembro-me que o observava organizando as aulas que daria em cursos, simpósios, congressos e mesas-redondas, como também organizando o material cirúrgico, quando da realização de algum procedimento; sempre, e em todo o momento, não faltava a oportunidade de explicar o que estava fazendo, além da função de cada instrumento. Foi assim que comecei a me interessar pela profissão que hoje desempenho.

Após ser aprovado no vestibular de 1973, contemplado com a primeira opção, entrei para a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Para formalizar a matrícula, faziam-se necessários alguns documentos e entre eles um atestado de sanidade física e mental. Com seus conhecimentos de pessoa bem relacionada e boa conduta entre os colegas, Antonio Giardulli apresentou-me ao Professor Domingos Macieira Bellizzi, professor da Disciplina Medicina do Trabalho, para emitir o dito documento. Ele prontamente se ofereceu, porém com algumas ressalvas, por exemplo, a dificuldade de emitir um documento para uma pessoa que com suas faculdades mentais normais não poderia ter escolhido a medicina como profissão e em primeira opção a escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Este foi o cartão de visitas que recebi, ao ingressar na faculdade de medicina.



Durante o curso de medicina, tive a oportunidade de vivenciar várias situações. No primeiro dia de atividades, no Instituto Biomédico, fui recebido por um funcionário cujo nome não lembro, mas seu apelido é inesquecível, Pelé, até hoje mantenho algum contato através do ambulatório de Oftalmologia onde faz sua rotina oftalmológica. E ainda, conheci o técnico em Anatomia, Fratani, que nos dava os “macetes” para colocarmos os ossos em posição anatômica.

Primeiro dia de aula! Curso de Anatomia. Tivemos a apresentação do Prof. Jair Pereira Ramalho. Em sua explanação não poupou esforços em comentar seu trabalho que culminou com uma tese que versava sobre os Estudos Antropométricos dos Índios Bororos. Neste curso, tive a oportunidade de conhecer o Professor Vinelli Baptista que ministrava suas aulas sentado, fumando charuto e usando sua bengala para indicar os objetos apresentados nos slides.

Fato interessante foi a apresentação do Professor Ariovaldo Vulca no, professor titular das disciplinas de Histologia e Embriologia, quando no curso de embriologia, para melhor situar o aluno, dando-lhe uma ideia mais concreta do desenvolvimento embrionário do ser humano, utilizava uma bisnaga



de pão partida ao meio, fazendo um sanduíche: mostra o ectoderma, o endoderma e a mortadela no meio do pão, representando o mesoderma.

No segundo ano, na disciplina de Fisiologia, nas aulas práticas, quando os animais utilizados eram coelhos, após serem sacrificados, os contínuos disputavam a sua carne. Ainda nesse ano, tivemos aulas de Genética em que tive a oportunidade de ter como monitora a Carmem Lúcia Antão e a saudosa amiga Regina Lugarinho. Na Microbiologia, tive como professor Milton Aguiar e professora Rosa, entre outros, quando pelo meu descuido fiquei em recuperação; durante este curso de férias, uma das atividades era desenvolver um projeto. Escolhi o tema “Microbiologia das Águas Salgadas da Costa da Cidade do Rio de Janeiro”. O tema teve um desdobramento tão grande que fui dispensado do curso de férias, sendo aprovado pela disciplina.

Início do ciclo profissional. Finalmente, entro em contato com o paciente, nosso objetivo maior. No 3º ano me inscrevi na 7ª enfermaria do Prof. Anibal Nogueira. Nela tive o curso de semiologia, ministrado pelos professores Freitas, Waldemar, Pedro Franco, Roberto, Alvaro, Égon e Ivan Cordovil, todos de excelente cultura médica, enriquecendo substancialmente as reuniões clínicas. Apesar de não participar da 8ª enfermaria, sempre nos momentos livres, ia assistir às seções clínicas do Prof. Jacques Houli, reuniões extremamente ricas, pela sua forma de conduzi-las, instigando o aluno a pensar a respeito do tema apresentado. Ainda no 3º ano, tive aulas de Anatomia Patológica com os professores Carlos Alberto Basilio de Oliveira e Francisco Fialho, que sempre comentava a importância de mantermos uma rotina de exame, pois,

se não fugíssemos a ela, nada passaria despercebido.

Quinto ano do curso de medicina! Além do contato com várias especialidades médicas, tive a oportunidade de vivenciar de modo oficial a Oftalmologia. Acompanhava meu tio em cirurgias desde o 3º ano, e a partir de agora, frequentava o ambulatório interagindo com os professores da disciplina e com os pacientes. E assim foi até o internato no 6º ano. Já naquela ocasião, Antonio Giardulli era o Professor. Titular. Conheci o caráter profissional de vários colegas da Oftalmologia, a competência acadêmica de cada um deles: Gilberto e Gilson Fornaciari de Andrade, Maria Lucia Paulo Filho di Piero, Maria Heloisa Paulo Filho de Carvalho, Wilton Campos de Tavares, Gilvanda Maria Campos Tavares, Ana Maria da Silva Campos, Marco Antonio Esteves Areal e Eliane dos Santos da Silva Porto. Todos excelentes colegas! Em todos eles poderíamos observar o aspecto profissional e o humano influenciados não só pelas suas origens, mas também pelo exemplo de dedicação e ensinamentos de seus mestres Antonio Paulo filho e Antonio Gardulli.

Nesse período até 26 de novembro de 2007, dia de sua morte, e por que não dizer até os dias de hoje, meu tio, Antonio Giardulli, “imprimiu” em mim seu caráter centrado, humanista e justo, que se fez sentir até seus últimos dias no relacionamento com os pacientes, colegas e alunos que o solicitavam. Como sobrinho e seguidor de seus passos, nunca me faltou uma palavra de pai ou orientação acadêmica, nem tão pouco como colega, uma palavra de ordem moral e ética. Seus ensinamentos perpetuam entre todos que viam nele a figura exemplar de médico e mestre. ■

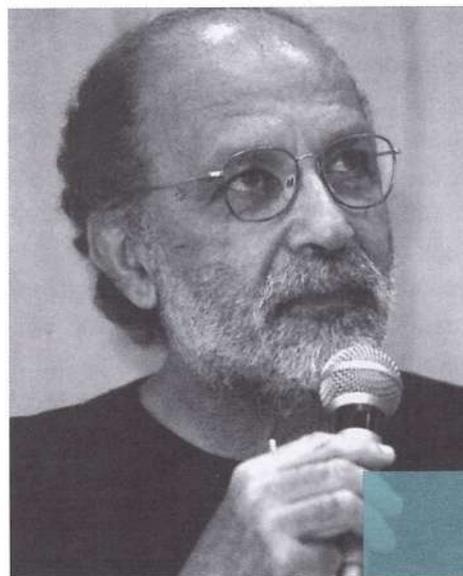


Jorge Darze

Presidente do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro e ex-aluno

Como ex-aluno da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, foi com satisfação que recebi o convite para escrever este depoimento, alusivo à comemoração do centenário da instituição. A EMC sempre esteve presente na minha vida, pois sou filho de um médico já falecido, que se formou pela Escola, na turma de 1947. Desde muito jovem eu já tomava ciência das reuniões periódicas de sua turma e em algumas até estive presente. Portanto, antes mesmo de optar pela Medicina, a EMC já era importante para mim. Movido pelos mesmos sentimentos que levam os jovens a buscar a carreira médica e impulsionado pela presença forte de meu pai, fui levado a seguir por esse caminho. Aprovado no vestibular, iniciei a vida universitária, em 1968, nesta já respeitada Escola, ao lado de outros 400 colegas. Com um corpo docente da melhor qualidade, incluindo muitos mestres que são referência em suas áreas de atuação, dentro e fora do país, a nossa Escola sempre recebeu reconhecimento destacado no cenário do ensino médico brasileiro. Ela, que teve o seu nascedouro no Brasil Império, e, mais tarde, a sua criação reconhecida pelo governo da República, em 1911, nestes 100 anos de existência, construiu um grande e respeitável acervo científico, que garante a qualidade dos cursos ministrados e a posição da faculdade como referência nacional. Entre os estudantes do Rio ela é uma das mais procuradas no período de vestibular, tendo taxa de evasão menor que 1%, o que se explica pelo alto padrão de ensino que oferece.

O processo de qualificação da Escola viveu períodos não só de bonança mas também de enormes dificuldades, até porque no Brasil a educação nunca foi prioridade de governo. Destaco, neste aspecto, a década de 1960, quando o professor catedrático Jacques Houly com os professores Mário Barreto Correa Lima e Omar da Rosa Santos, entre outros, além de alunos à época e que hoje são mestres, unificaram esforços para investir no redirecionamento e aprimoramento da Escola. Na mesma década, principalmente após 1964, o país mergulhou no período ditatorial, e a EMC não ficou indiferente à reação da sociedade em favor



da redemocratização. Vários setores sociais se organizaram para reagir ao golpe militar e ao que veio depois, e os estudantes não fugiram à sua responsabilidade.

Peço licença aos demais expositores, nesta revista, para homenagear os estudantes e professores que ousaram dizer não ao que acontecia no Brasil naquele momento. Parte deles, que foram meus companheiros e dirigiram o nosso diretório acadêmico Benjamim Baptista, eu não poderia deixar de citar: Carlos Alberto Morais de Sá, professor da EMC, que hoje compartilha comigo a direção do SinMed/RJ, Carlos Alberto Nascimento Santos e Luiz Lagamine (já falecidos), Eteline Lewis, Eduardo Neve Ferreira dos Santos, Thelman Madeira de Souza, Sonia Maria Coelho Chaves (Soninha), Nelson Nahon e alguns outros colegas da Escola, que entenderam que a luta armada seria a opção viável para enfrentar a ditadura. São merecedores de especial homenagem três estudantes que foram brutalmente assassinados, naquele período, pelos militares: Elmo Correia, meu colega de turma, que cursou até o 3º ano, Lúcia Maria de Souza, que foi até o 4º ano, e Luiz Renê Silveira, recém-aprovado no



vestibular de Medicina, que estava ainda no 1º ano. Foi na EMC que estes jovens deram passos decididos na busca por um Brasil melhor. E a sua luta não foi em vão. Temos, desde 1988, uma constituição cidadã, que destaca, entre os direitos assegurados ao nosso povo, a saúde como dever do Estado. Hoje, os jovens estudantes da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro devem ter a consciência de que essa realidade não caiu do céu. Foi fruto do grande esforço e sacrifício de alunos e professores, que, ao longo de um século, ajudaram a instituição a alcançar o atual patamar.

É preciso ressaltar que há muito ainda o que se fazer. Precisamos cobrar dos governos os investi-

mentos que a educação merece, tanto em recursos humanos quanto na área estrutural, para que possamos continuar nessa árdua, mas gloriosa tarefa de formar os médicos brasileiros. Embora tenhamos que percorrer pela frente um longo caminho de desafios, ao formar profissionais capazes e conscientes da sua função de sustentáculos do Sistema Único de Saúde, a nossa Escola continua cumprindo um papel de grande relevância, o que muito nos orgulha. Por tudo isso, é para mim um grande privilégio fazer parte dessa trajetória e poder comemorar com os nossos colegas os 100 anos da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. ■



A AIDS E O ENCONTRO DE VOCAÇÕES ANOS 1980 - 2000

O feliz encontro da Escola de Medicina e Cirurgia e do Hospital Gaffrée e Guinle que completara 20 anos em 1983 resultou, a partir daquele ano, na união das vocações de luta que caracterizaram aquelas tradicionais instituições. A Escola de Medicina e Cirurgia, mais antiga, se caracterizou pela luta contra o preconceito contra a Homeopatia, e o Hospital Gaffrée e Guinle se destacou na luta contra as doenças venéreas, particularmente a Sífilis. Ambos vitoriosos, pois a Escola ficou de pé ainda que enfrentasse diversas tentativas de fechamento e o hospital da extinta Fundação Gaffrée e Guinle logrou êxito ao fazer descendente a curva de casos de sífilis e suas repercussões de morte e invalidez na então capital Rio de Janeiro.

Pouco tempo depois da incorporação da Escola de Medicina e Cirurgia à UNIRIO e recebendo a denominação de "universitário", o Hospital Gaffrée e Guinle congregou professores e alunos, além de médicos, enfermeiros e funcionários, na maior luta daquele hospital contra uma epidemia depois da Sífilis. Luta esta, que classificou o Hospital Universitário Gaffrée e Guinle como ícone da assistência e da pesquisa da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, conferindo-lhe, oficialmente, o título de Centro de Referência Nacional em Aids.

A epidemia

Em 1982, 14 países declararam ter casos de Aids, inclusive o Brasil que diagnosticou o seu primeiro caso. Um ano depois, 3.000 casos e mais de 1.200 óbitos nos EUA levaram o CDC (Centers for Disease Control) a classificá-la como epidemia. Embora casos isolados já fossem identificados desde os anos 1950, descortinava-se, assim, uma doença sem um agente causador identificado, relacionada à revolução sexual que se iniciara desde os anos 1960 e se caracterizaria como uma das maiores ceifadoras de vidas já conhecida pela ciência médica. Uma síndrome que, além de sinais e sintomas, carregava preconceitos e modificação de costumes sem precedentes, com a peculiaridade de aproximar o médico a um relacionamento mais humano com o paciente.

Uma das características marcantes da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida é a multidisciplinarida-





10ª Enfermaria, Clínica Médica B. Núcleo do Centro de Referência Nacional em Aids do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. Fonte: Arquivo Clínica Médica B.

de. Praticamente, todas as especialidades médicas foram envolvidas no atendimento aos pacientes, e a extensão para o ensino foi inevitável. Os conceitos clínicos e especiais daquela “doença do medo” foram incorporados às disciplinas do curso médico. Depois da enorme procura inicial pelos homossexuais, logo mulheres, crianças e até idosos ocupavam os ambulatórios do Hospital Gaffrée e Guinle com o fatídico resultado laboratorial: anti-HIV positivo.

A estratégia corajosa

Detectando precocemente a gravidade daquela misteriosa síndrome que adentrava o Brasil no início dos anos 1980, professores da Escola de Medicina e Cirurgia e profissionais do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle desenvolveram uma estratégia vitoriosa de diagnóstico e pesquisa, além da assistência àqueles pacientes à mercê de diversas infecções oportunistas e preconceito social. A corajosa estratégia incluiu o tratamento sem discriminação dos pacientes, a incansável busca de conhecimento e produção científica sobre a doença, o recrutamento inter-relacional de profissionais de saúde em todos os níveis, a captação de apoio da comunidade integrando empresas, organizações não governamentais e setores da imprensa, a promoção de simpósios e congressos, além de muita determinação, entusiasmo e criatividade.



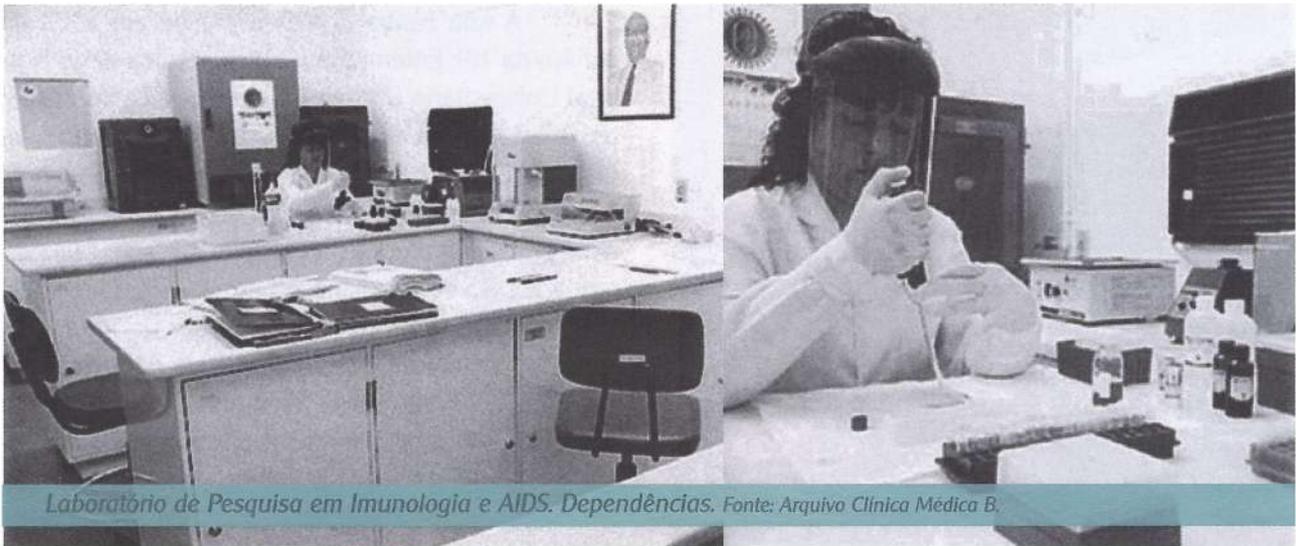
LAPIA. Laboratório de Pesquisa em Aids. Fonte: Arquivo Clínica Médica B.

A luta contra a Aids começou em 1983 no serviço da 10ª Enfermaria (Clínica Médica B) do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle que compreendia as especialidades de clínica médica, alergologia, imunologia, cardiologia, hematologia e cancerologia, além de constituir ambulatórios e enfermaria para o aprendizado prático de alunos da Disciplina de Clínica Médica da Escola de Medicina e Cirurgia. Liderados pelo professor Titular Carlos Alberto Moraes de Sá, os corpos docente, clínico e de enfermagem daquele serviço constituíram um grupo abnegado que enfrentou a epidemia que se avizinhava. A partir daquele serviço partiram os tentáculos do ensino, pesquisa e assistência que, associando a experiência de outros setores do hospital, conseguiram alcançar significativas vitórias contra a doença.

O recrutamento inter-relacional de profissionais de saúde em todos os níveis como médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas, auxiliares de enfermagem, além de voluntários leigos, demonstrou que os critérios de multidisciplinaridade e interdisciplinaridade promoveriam o sucesso daquela empreitada. Os psicólogos, por exemplo, buscavam o enfoque psicoterapêutico nos ambulatórios, ao passo que o Serviço Social centrou sua atenção à enfermaria devido à discriminação e abandono a que os pacientes eram submetidos. Profissionais da Clínica Médica B participaram ativamente da criação da primeira organização não governamental de apoio a doentes com Aids no Rio de Janeiro em 1985, o GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção à Aids), e um ano depois, a ABIA, Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids.

Os dramas pessoais vivenciados pelos pacientes e presenciados por professores e alunos nos ambulatórios e enfermarias do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle eram marcantes. A angustiante exposição da sexualidade das pessoas caracterizava meses de acompanhamento ambulatorial e estudos para pesquisas epidemiológicas. A depressão após um resultado fatídico, o estigma social, a combinação de uma doença nova com miséria e pobreza, o drama familiar ao assistir a morte lenta

e progressiva de ente querido foram exemplos das diversas faces do drama social que significava aquela doença que encontrava no preconceito da sociedade um aliado em seu caminho.



Laboratório de Pesquisa em Imunologia e Aids. Dependências. Fonte: Arquivo Clínica Médica B.

Desde 1984, a 10ª Enfermaria do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle lançou-se na polêmica estratégica de não isolar os pacientes com Aids. Grande trunfo para a estratégia desenvolvida pela Clínica Médica B foi a promoção de uma política de “portas abertas” a familiares e comunidade, o que ajudou a combater a solidão e a angústia dos pacientes. Vale destacar que, na Conferência Latino-Americana de Aids realizada em Puerto Rico em 1988, o tratamento integrado dos pacientes já despertava grande interesse na comunidade científica e o Hospital Gaffrée e Guinle era considerado não somente como centro de referência brasileiro mas também latino-americano com produção científica de nível internacional.

Em 1984, o professor de Clínica Médica Fernando Samuel Sion e o grupo responsável pelo programa de pesquisa na área de imunologia da Clínica Médica B produziram o primeiro projeto brasileiro de pesquisa em Aids intitulado “Estudo Epidemiológico, Clínico e Imunológico da Infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana”, apresentado à Secretaria de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde, do qual originou uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A partir de uma revisão e melhora do projeto por Paulo Chagastelles Sabroza e Márcia Cristina Rachid de Lacerda e intervenção de Bernardo Galvão Castro, chefe do Departamento de Imunologia da FIOCRUZ, conseguiu em 1987 um financiamento da FINEP, Agência Financiadora de Estudos e Projetos do Ministério da Ciência e Tecnologia. Em 28 de maio de 1987, o Jornal do Brasil no Rio de Janeiro anuncia: “O maior projeto de pesquisa sobre a Aids no Brasil acaba de ser aprovado pela FINEP”. No mesmo ano, o INAMPS creditou ao hospital, então Centro de Referência Nacional em

Aids, cerca de 600.000 mil dólares. Em fevereiro de 1988, com a percepção dos recursos da FINEP e do INAMPS, foi possível a instalação de um moderno laboratório de pesquisa, possibilitando a aplicação de técnicas sofisticadas de avaliação imunológica dos pacientes, além da detecção de antígenos e anticorpos anti-HIV.

O Laboratório de Pesquisa em Aids do Hospital Gaffrée e Guinle era o único da América Latina localizado dentro do ambiente hospitalar próximo aos pacientes, o que revelava a preocupação de seus idealizadores em promover a associação da pesquisa com a assistência médica. Destaca-se também a cooperação com o CDC – Center for Diseases Control – que forneceu equipamentos, reagentes e assistência técnica para o estudo da história natural da Aids no Rio de Janeiro, possibilitando a produção sob rígidos protocolos de um formidável banco de dados sobre a doença.

Os primeiros trabalhos científicos com os dados obtidos no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle foram apresentados em 1986, sobre a soro-epidemiologia, manifestações clínicas e alterações imunológicas da Aids, em congressos, conferências, simpósios, e publicados em periódicos e boletins nacionais.

O HIV foi isolado pela primeira vez no Brasil e América Latina em 1987, a partir do sangue de um paciente do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, pelo grupo de pesquisas em HIV/ Aids da Fundação Oswaldo Cruz liderado por Bernardo Galvão Castro. Os primeiros testes anti-HIV por Imunofluorescência (técnica especial que utiliza corantes fluorescentes) realizados no Brasil pela pesquisadora britânica Peggy Pereira, além de Helio Gelli Pereira e Bernardo Galvão Castro no Departamento de Imunologia da FIOCRUZ com células infectadas pelo HIV, também

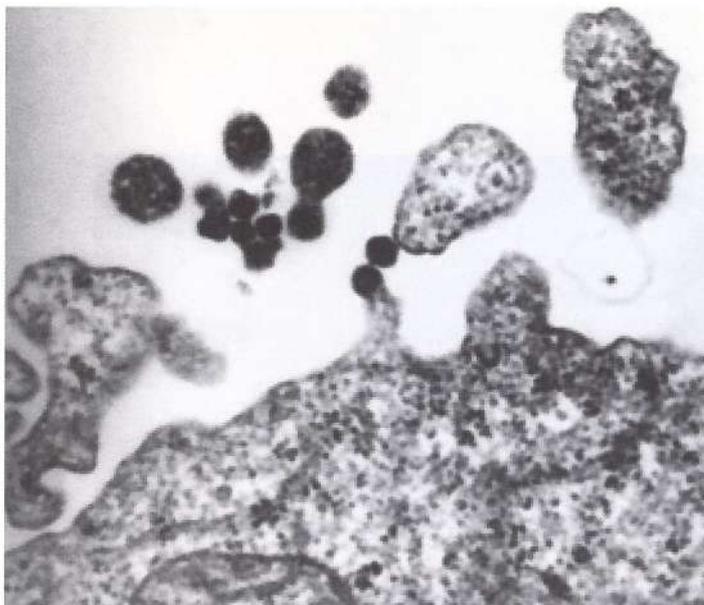
utilizaram soros de pacientes atendidos no Hospital Gaffrée e Guinle. As técnicas de diagnóstico laboratorial permitiram a avaliação dos principais grupos de risco, além de investigar o risco de contaminação de familiares de pacientes e equipe de saúde.

Em 13 de outubro de 1987, o Hospital Universitário Gaffrée e Guinle foi credenciado pelo Ministério da Saúde, como Centro de Referência Nacional em Aids. Celebrado em todo o mundo desde 1987 no dia 1 de dezembro, o Dia Mundial Contra a Aids passou a ser comemorado no Brasil a partir de 1988 com o objetivo de firmar a necessidade de ações de prevenção e a conscientização sobre a pandemia, promovendo a integração de órgãos públicos com a sociedade. Profissionais do hospital participaram da organização do primeiro Dia Mundial Contra a Aids em colaboração com a Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro e da primeira reunião sobre vacinas contra o HIV na FIOCRUZ com pesquisadores de todo o país.

A parceria com a FIOCRUZ era promissora e, em 1988, o suíço Pierre Bauer, microscopista eletrônico da Fundação, identificou partículas do HIV em fragmentos de cérebro em pacientes vítimas da Aids no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. À época, a descoberta chamava a atenção para a ação do HIV em outros tecidos humanos e não somente o sistema imunológico, além da observação de que distúrbios neurológicos, psiquiátricos ou psicológicos poderiam ser considerados como indicadores de doença manifesta.

Em janeiro de 1989, o jornal de maior circulação no Rio de Janeiro anunciou: "Brasil leva a reunião sobre Aids recorde de pesquisas". Na V Conferência Internacional sobre Aids realizada na cidade canadense de Montreal em 1989, pesquisadores do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle apresentaram um número recorde em termos brasileiros de estudos e pesquisas sobre a infecção/Aids, em 38 trabalhos selecionados pelo Comitê Internacional da conferência.

No Hospital Universitário Gaffrée e Guinle foi identificado o primeiro caso de Aids pediátrica no Rio de Janeiro, dando início ao atendimento às crianças infectadas. Norma de Paula Motta Rubini, professora de Clínica Médica, foi, provavelmente, a primeira pediatra brasileira a se especializar em Aids e mereceu o Prêmio de Melhor Trabalho (tema livre) no XXVI Congresso Brasileiro de Pediatria realizado na capital mineira, Belo Horizonte, em 1989, com o título "Aids Pediátrica: Aspectos Epidemiológicos, Clínicos e Laboratoriais", baseado na experiência do ambulatório



Primeira imagem do HIV obtida no Brasil. O HIV foi isolado pela primeira vez no Brasil e América Latina em 1987, a partir do sangue de um paciente do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, pelo grupo de pesquisas em HIV/AIDS da Fundação Oswaldo Cruz.

de Aids pediátrica do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. Também em 1989, o hospital organizou um Centro de Testagem e Aconselhamento Anônimo, primeiro núcleo brasileiro verdadeiramente anônimo, desenvolvendo aconselhamento pré e pós-teste individual, liderado por uma equipe de assistentes sociais, que já havia orientado mais de 3.000 pessoas e realizado mais de 2.000 testes anti-HIV quando, em 1993, passou a ser denominado Centro de Orientação e Apoio Sorológico.

Com o tempo, observou-se que um dos mais rápidos caminhos para a obtenção de recursos para financiar projetos e melhorar a infraestrutura do hospital seria as empresas privadas, e a troca de palestras em campanhas educativas por doações foi realizada pelos professores e profissionais de saúde da Clínica Médica B. Outros tentáculos de ação se dirigiram para setores da imprensa e a captação de apoio de celebridades e artistas da mídia nacional. Vale destacar que personalidades do meio artístico nacional e internacional eram vítimas da doença e chocavam a opinião pública na época como os atores Rock Hudson, Lauro Corona e o cantor Cazusa. Desde 1987, quando artistas fizeram uma série de shows no Circo Voador no Rio de Janeiro em prol da campanha SOS Gaffrée e Aids, foram promissoras as campanhas de solidariedade deflagradas pelo Hospital Gaffrée e Guinle e as festas promovidas pela 10ª Enfermaria quando artistas de televisão visitavam os pacientes. Após a morte de Cazusa em julho de 1990, sua mãe, Lucinha Araújo, decidiu honrar a sua memória e ajudar vítimas da Aids, quando se associou aos profissionais da Clínica Médica B e fundou em 17 de outubro daquele ano a Sociedade Viva Cazusa:



Amigos da Décima Enfermaria do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, nome sugerido pelo professor e Chefe do Setor de Hematologia, Luiz Carlos de Brito Lyra, que teve marcante participação na gênese daquela associação, autor de importantes trabalhos na área de hematologia na Aids auxiliado pela professora Marilza Campos de Magalhães. A Organização Não Governamental Viva Cazuzu, voltada para crianças e adolescentes portadores de HIV, revelou-se uma das mais promissoras experiências de cooperação de uma instituição pública com uma sociedade civil organizada.

Pouco tempo depois de alcançar o título oficial de Centro de Referência Nacional em Aids, o Hospital Universitário Gaffrée e Guinle foi credenciado como Centro de Pesquisa em Imunologia e Aids pelo Conselho Nacional de Saúde em sessão plenária de 14 de fevereiro de 1990 no Ministério da Saúde. O hospital seria confirmado como Centro de Referência Nacional em 25 de março de 1993 pela Portaria 350 do Ministério da Saúde integrando o grupo que compreendia o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRI, o Instituto de Infectologia Emilio Ribas em São Paulo, o Hospital das Clínicas da UFRGS em Porto Alegre e o Hospital Geral de Pediatria do Instituto Materno-Infantil de Pernambuco no Recife.

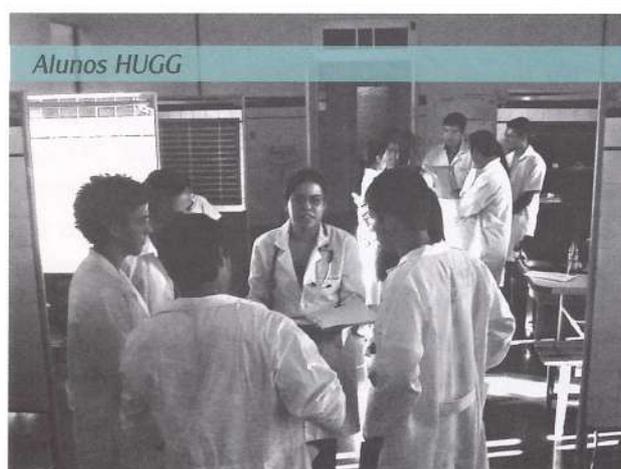
O caminho da imprensa falada e escrita também foi promissor. Além das reportagens esclarecedoras sobre a doença e atuação obstinada dos profissionais de saúde, lançava-se mão dos meios de comunicação para divulgar campanhas pró-Gaffrée e também para denunciar falta de verbas e a negligência dos governos. Vale destacar que a produção de vacinas sem definição dos padrões sorológicos vigentes no país foi duramente combatida por Carlos Alberto Moraes de Sá, então diretor do Centro de Referência Nacional em Aids, contrariando interesses do Ministério da Saúde que apoiavam o teste de vacinas no Brasil, de Laboratórios produtores, além de gestores no próprio hospital e da UNIRIO. Os embates acarretaram, além

das animosidades internas e externas, o bloqueio de verbas e a destituição do cargo de Moraes de Sá.

Ao completar em 1993 a primeira década contra a doença do século, o Hospital Gaffrée e Guinle colecionou vitórias, porém enfrentou as dificuldades inerentes à maioria dos hospitais brasileiros: a falta de recursos materiais e financeiros. Em dez anos, mais de uma dezena de cursos de capacitação em Aids para mais de 100 médicos de todo o país com carga horária média de 80 horas, através de convênios com os Ministérios da Saúde e da Educação, havia sido ministrada no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. Com o objetivo de comemorar a primeira década de luta contra a Aids, os especialistas do Serviço da Clínica Médica B/10ª Enfermaria organizaram eventos que se transformaram em fóruns importantes para discussões sobre pesquisa, assistência e tratamento como o IMUNOVIR RIO 93 (Congresso Brasileiro de Doenças Biológicas e Infecções causadas por Vírus) no período de 25 a 28 de maio no Hotel Glória e o TOPMED RIO 93 (Congresso Brasileiro sobre Avanços no Diagnóstico e Tratamento em Medicina Interna) realizado no Centro de Convenções do SENAI no Rio de Janeiro de 01 a 05 de dezembro.

Além de participar de vários eventos científicos e culturais com significativa produção científica como as mais importantes Conferências Internacionais sobre Aids, a Clínica Médica B/10ª Enfermaria também organizou congressos com expressividade internacional como o Simpósio Internacional Aids: Controvérsias e Perspectivas, de 26 a 29 de novembro de 1995, no SENAI Rio de Janeiro, que contou com a presença de autoridades internacionais como Jay Levy, diretor do Laboratório de Pesquisa de Tumor e Aids da Universidade da Califórnia e um dos maiores estudiosos sobre o vírus HIV/ Aids.

Deflagrada a luta contra a Aids a partir de 1983, cerca de 5.500 pacientes portadores do HIV (doentes



ou assintomáticos) foram atendidos na Clínica Médica B do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle até 1993, constituindo um percentual de 85% de todos os atendimentos prestados no serviço de Aids do hospital. O restante cabia aos outros serviços do hospital, ainda que recessos nos primeiros anos, começaram a despertar para a necessidade de estudar, pesquisar e desenvolver tratamento adequado para aqueles pacientes que demonstravam um quadro florido de sintomas.

Fenômeno coletivo

Além da Clínica Médica B, diversas disciplinas da Escola de Medicina e Cirurgia associadas a serviços do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle se destacaram na luta contra a Aids com produção assistencial e científica referenciada nacional e internacionalmente, como as Clínicas Médicas A e C e suas diversas especialidades integradas, os serviços de Obstetrícia/Maternidade, Pediatria e Anatomia Patológica.

No serviço da Clínica Médica C, o campo da nefrologia na Aids foi desenvolvido e referenciado em publicações científicas nacionais e internacionais. Liderado pelo professor Titular de Clínica Médica, Omar da Rosa Santos, o grupo da então 7ª Enfermaria acumulou significativa experiência no estudo da sintomatologia e tratamento das manifestações renais e infecções facilitadas pelo vírus da Aids.

O serviço de Pediatria do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, chefiado pelo professor Titular da disciplina de Pediatria da Escola de Medicina e Cirurgia Azor José de Lima, acumulou significativa experiência desde o berçário, puericultura, enfermaria, até o acompanhamento ambulatorial das crianças portadoras do HIV. As crianças sofriam bastante por diarreia, infecções respiratórias, além de necessitarem de cuidados especializados de enfermagem. A maioria ainda sofria com a desnutrição – pois vinham de populações pobres – e o preconceito nas escolas, o que configurava um quadro trágico no conjunto da



Ambulatório e ambulatório infantil



Alunos na enfermaria, tempos de Aids.

obra. Anos mais tarde, em 1992, o Serviço de Pediatria promoveu a fundação da Sociedade dos Amigos da Pediatria do Hospital Gaffrée e Guinle, sem fins lucrativos e que objetiva a assistência e promoção humana às crianças atendidas no hospital, com especial atenção às gravemente doentes, portadoras do vírus da Imunodeficiência Humana e àquelas abandonadas.

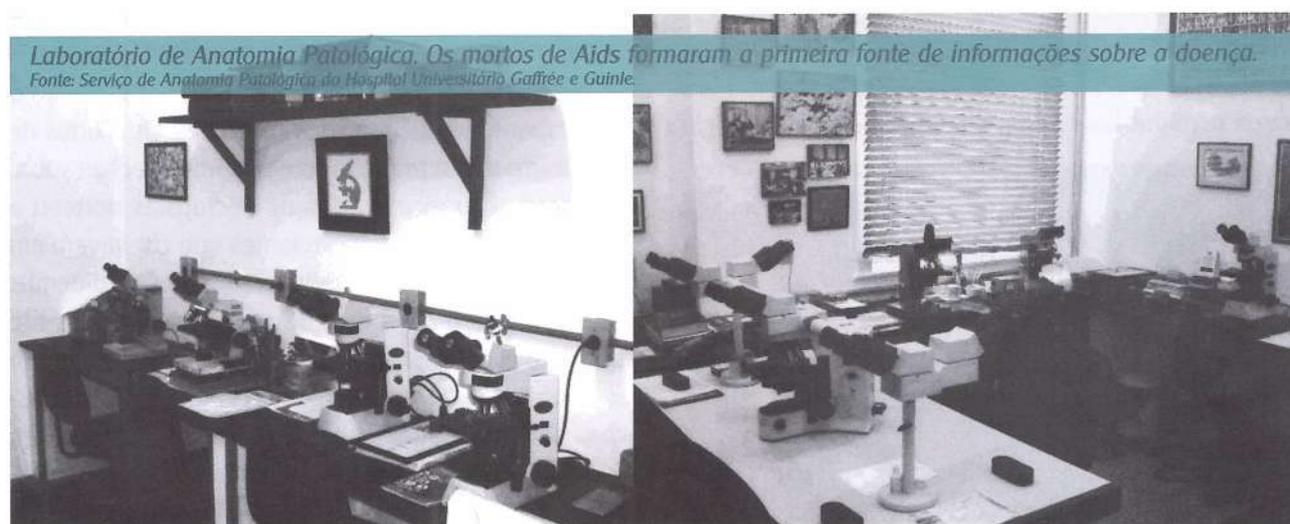
A nova maternidade do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle foi inaugurada em outubro de 1982 e seu primeiro chefe, então professor Titular de Obstetrícia, Luiz Beethoven Dantas do Amaral, reuniu esforços com 12 docentes contratados e delegou a chefia da Clínica ao professor Rogério Rocco. Com o prematuro falecimento do professor Beethoven, os professores Rogério Rocco e Elmo Pereira Louro continuaram o seu trabalho, organizando um serviço que desenvolveu importante trabalho no acompanhamento da gestante portadora do HIV. Em setembro de 1987 foi criada a primeira unidade materno-infantil especializada em Aids em um hospital geral no Brasil, no Serviço de Obstetrícia do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, que o credenciou a oferecer pré-natal, parto, acompanhamento pós-parto e atendimento ao recém-nato.

De maneira silenciosa, fora dos noticiários, mas participe importante da luta contra a Aids, o Laboratório de Anatomia Patológica do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle atuou de maneira decisiva para o alinhamento terapêutico dos pacientes. Os mortos de Aids formaram a primeira fonte de informações sobre a doença. A prática seriada de necropsias norteou a conduta terapêutica aos pacientes que chegavam em estado dramático ao hospital no início da epidemia. Pacientes resistentes ou que evoluíam rapidamente ao óbito sem desenvolver resposta ao tratamento apresentavam à luz da Anatomia Patológica diagnósticos distintos daqueles que os clínicos apregoavam ou daqueles baseados nos primeiros dados internacionais. Com a elucidação da causa mortis os médi-

cos não tratavam mais tuberculose como pneumonia, por exemplo, ou, por outro lado, pacientes com quadro sintomático sugestivo já seriam tratados mais assertivamente de acordo com o aprendizado legado pelos mortos. O padrão de excelência dos diagnósticos da equipe de médicos e técnicos do Laboratório da Anatomia Patológica, chefiado pelo professor catedrático Francisco Fialho até 1988 e sucedido pelo professor Carlos Alberto Basilio de Oliveira, credenciou o corpo clínico do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle ao tratamento dos pacientes nos anos mais difíceis da epidemia, quando não havia certezas nem medicamentos específicos contra o vírus.

Conquista plural

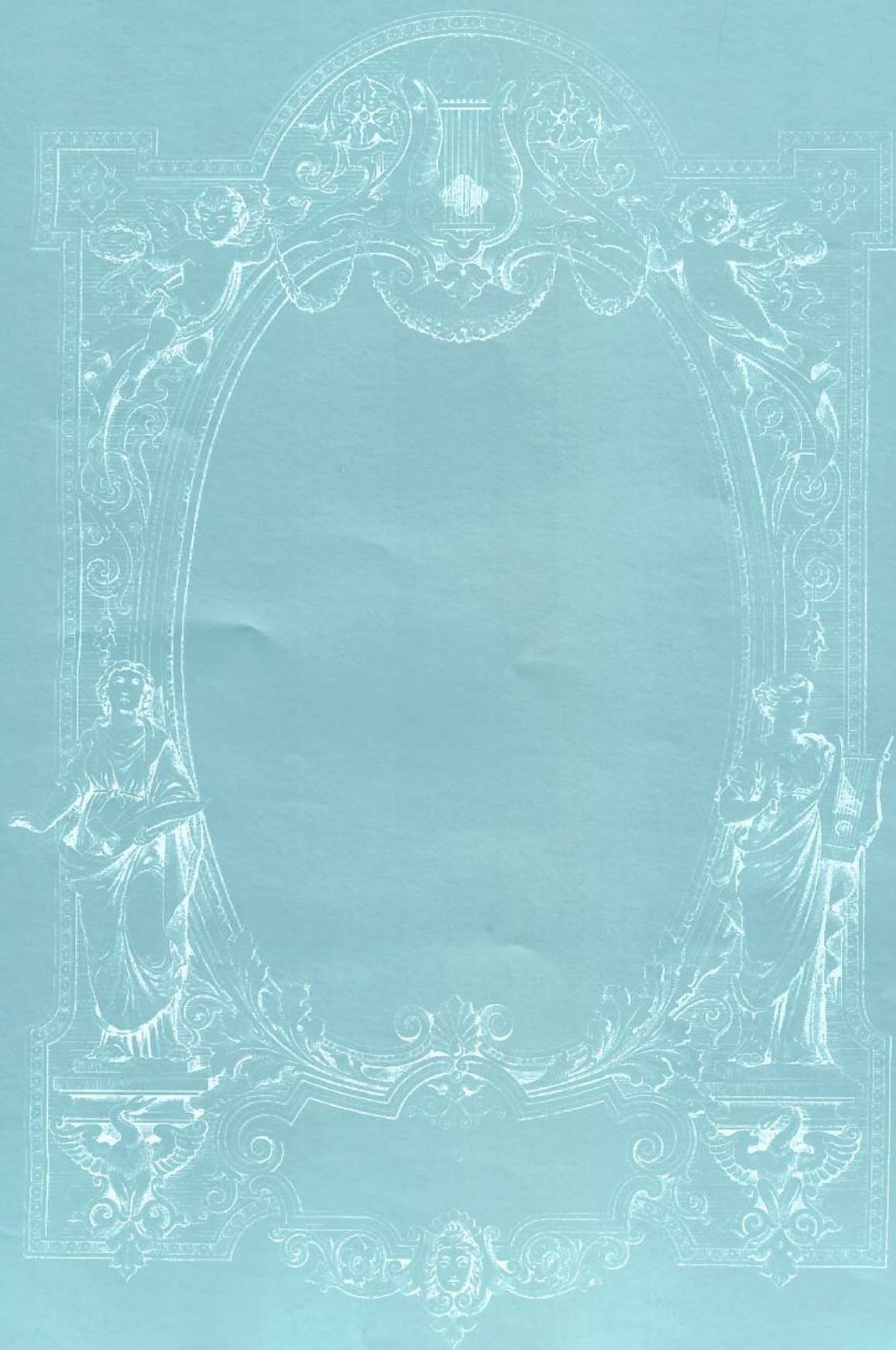
A luta contra a Aids no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, então cenário de ensino da Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO, foi um fenômeno coletivo de incansável busca de conhecimento, produção científica e assistencial sobre a doença, que fez de um hospital público, sinônimo no Brasil de pobreza, ineficiência e desânimo, um centro pioneiro de tratamento e pesquisa da doença, reconhecido nacional e internacionalmente. A lição foi clara: com dedicação, seriedade e criatividade, é possível “poder”, “ter” e “realizar”. ■





GALERIA HISTÓRICA
DOS PROFESSORES

Catedráticos, Titulares, Eméritos





Benjamin Baptista



Álvaro de Paula
Guimarães



João José de Castro



Plínio Olinto



Aureliano Furquim
Werneck Machado



Paulo Figueiredo
Parreiras Horta



Amadeu da Silva Fialho



Lauro Travassos



Carlos Bastos
Magarino Torres



Garfield Augusto
Perry de Almeida



José Vieira Romero



Artidonio Pamplona



Henrique de Toledo
Dodsworth Filho



Henrique Baptista
da Silva Pereira



Sabino Theodoro



Antônio Alves
Cerqueira





Raul Leitão da Cunha



Jorge do Amaral Murtinho



José Emygdio Rodrigues Galhardo



Augusto Paulino Soares de Souza



Evandro Chagas



Sílio Pereira Lima



Benjamin Vinelli Baptista



Hamilton de Lacerda Nogueira



Lúcio Villa Nova Galvão



Ugo de Castro Pinheiro Guimarães



Achilles Scorzelli Júnior



Lauro Sollero



Francisco Alcântara Gomes Filho



Custódio Figueira Martins



Octávio Rodrigues Lima



Demétrio Bezerra Gonçalves Peryassú





Raul Leitão da Cunha



Jorge do Amaral Murinho



José Emygdio Rodrigues Galhardo



Augusto Paulino Soares de Souza



Evandro Chagas



Sílio Pereira Lima



Benjamin Vinelli Baptista



Hamilton de Lacerda Nogueira



Lúcio Villa Nova Galvão



Ugo de Castro Pinheiro Guimarães



Achilles Scorzelli Júnior



Lauro Sollero



Francisco Alcântara Gomes Filho



Custódio Figueira Martins



Octávio Rodrigues Lima



Demétrio Bezerra Gonçalves Peryassú

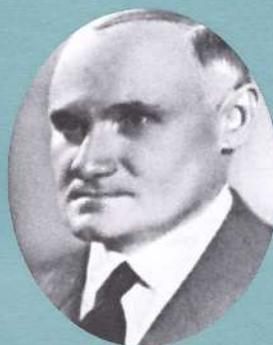




Fioravanti Alonso
Di Piero



Antônio Emmanuel
Guerreiro de Faria



Deolindo Augusto
de Nunes Couto



José Arthur
de Carvalho Kós



Archanjo Penna
de Azevedo



João Ramos e Silva



Ruy Gomes
de Moraes



Ítalo Viviani Mattoso



José Guilherme
Dias Fernandes



Cláudio Amorim
Goulart de Andrade



João Monteiro
de Carvalho



Antônio Ibiapina



Paulo de Carvalho



Augusto Paulino
Soares de Souza Filho



Francisco Alípio
Bruno Lobo



Abdon Eloy
Estelita Lins



Jorge Fonte
de Resende



Nilton Salles



José Alves Garcia



Flávio Lombardi



Mário Ulysses
Vianna Dias



Rubens de Siqueira



Sebastião Coutinho
da Silveira



João de Albuquerque



José Gomes Vianna



Oswaldo Fraga
Guimarães



Mario Magalhães
Pêcego



Francisco Fialho



Túlio Sabóia Chaves



Kamil Curi



Luiz Augusto
Basto de Armando



Alberto Soares
de Meirelles





José Paulo de
Azevedo Sodré



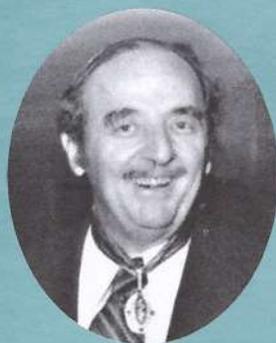
Annibal da Rocha
Nogueira Junior



Josias de Freitas



Antônio Paulo Filho



Jacques Houli



Newton Bethlem



Nicola Casal Caminha



Ariovaldo Vulcano



Luiz Carlos de Sá
Fortes Pinheiro



Lusitano Rodrigues
Ferreira



Nuno Álvares Pereira



Rubens Tânner
de Abreu



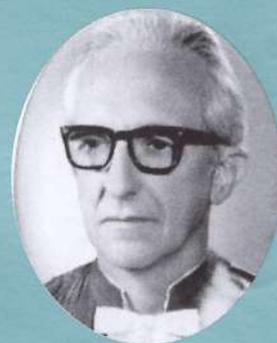
David Castro



Sylvio Braga e Costa



Hélio Hungria Hoffbauer



Antar Padilha Gonçalves



Milton Antônio Aguiar



José Maria
Pinto Barcellos



Jair Pereira Ramalho



Alberto Gentile



Vasco Escobar
de Azambuja



Antonio Giardulli



Jamil Rachid



Luiz Beethoven
Dantas do Amaral



Antônio Rodrigues
de Melo



Helion Póvoa Filho



Waldemar Kischinhevsky



Mário Barreto
Corrêa Lima



Pietro Novellino



Domingos Arthur
Machado Filho



José Henrique
Belfort Galvão



Nisio Marcondes





Rômulo Pereira
Macambira



Osmar Teixeira da Costa



Sérgio Luiz Magarão



Jayme da Graça



Ronald Nyr
Alonso da Costa



Jonas Talberg



Moacyr Alves
dos Santos Silva



Rosa Pressman



Pedro Diniz de
Araújo Franco



Avanir Jorge



Yeda Barroso
de Medeiros



Anna Kossak
Romanach



Carlos Américo de Barros
Vasconcellos Giesta



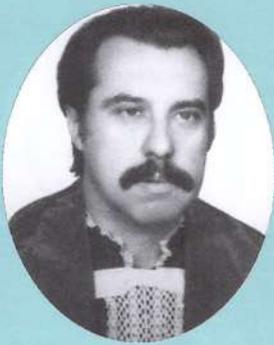
Antônio Hélio
Barros de Figueiredo



Hélio Copelman



Rogério Rocco



Azor José de Lima



Omar da Rosa Santos



Carlos Alberto
Basilio de Oliveira



Aldy Aduino
Barbosa Lima



Lino Lima Lenz



Hécio Alvarenga



Mario Gáspar
Giordano



Mario dos Santos
Moreira Pelón



José Leonardo
Machado Vaz



Agostinho Manuel
da Silva Ascensão



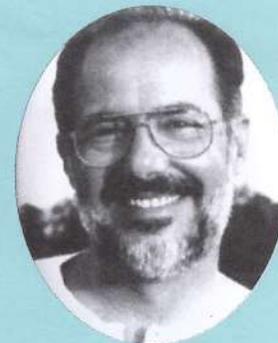
Fernando Sérgio
de Melo Portinho



Carlos Alberto
Morais de Sá



Antonio Carlos Iglesias



Ricardo Marques Dias



Rossano Kepler
Alvim Fiorelli



Antonio Luiz de Araújo



Pedro Diniz de Araújo Franco

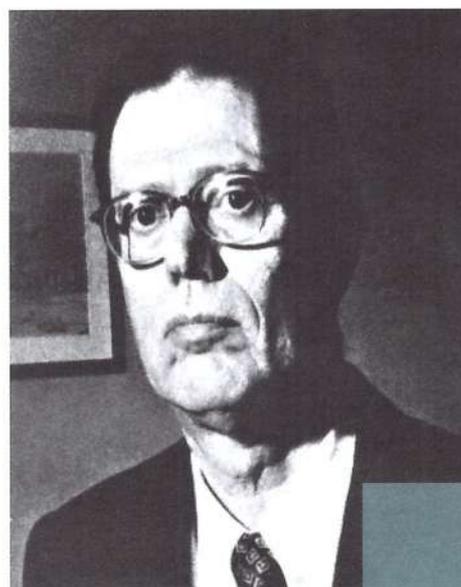
Professor Emérito

Comecei na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro em 1957. Orador da Turma do Cinquentenário (1962), Professor Concursado da EMC, Superintendente Médico do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle e Professor Emérito da UNIRIO. E onde fui, ou vou, inclusive nos caminhos literários, levo a EMC e o HUGG.

O Hospital, o Professor e a Aposentadoria

Entrava no Hospital Gaffrée e Guinle com outra percepção, apesar de já frequentá-lo há mais de 30 anos. Naquele velho hospital dera os primeiros passos na carreira, ainda aluno. E continuara ali. Aquele conjunto de paredes amarelas e dificuldades ficava agora muito diferente. A saudade antecipada modificava todos: prédio, alunos, doentes, enfermeiras, colegas, amigos. Seus olhos alongavam-se pela larga enfermaria, de amplos boxes azulejados e cortinas azuis, como se quisessem reter imagens, fotografar tudo e gravar bem o bulício dos alunos, as longas conversas com colegas, alguns que haviam sido seus professores e outros seus alunos, as gozações dos amigos, alguns compadres até. Quase 40 anos é muito tempo... E como vira doentes e desgraças nesse tempo e nunca se acostumara, ou deixara-se vencer sem luta, ou estudo. Estude para seu doente, era seu permanente conselho aos alunos. Entrara ali rapaz, iria sair em breve, pasmem, avô de três netos e um pouco mais vivido do que entrara. E não tinha muito a reclamar, ainda que estivesse em moda ser vítima. Fora até da Diretoria nos idos de 80. Bons tempos. Quanta recordação...

É, não teria que acordar tão cedo, não teria que buscar uma atualização permanente, que aluno não perdoa, no que faz muito bem. Deixaria de ter que preparar aulas à noite, depois do consultório, mesmo quando a mulher avisava que havia um bom filme na televisão. Viria ao hospital, quando quisesse, diriam. Talvez até



convidassem para dar uma aula. Quem sabe sobre insuficiência cardíaca diastólica, sua última pesquisa? Mas andaria naqueles corredores, sem que os alunos reconhecessem. Nenhum aluno pediria que examinasse um eletrocardiograma, quando estivesse descendo a escada, para correr apressado para o consultório. É, ainda que procurasse se convencer do contrário, morreria um pouco com aquele afastamento, sabia. Eram muitos anos de magistério, levado muito a sério, com extremado interesse e ternura, ainda que só ele e a mulher soubessem desta ternura. Os dois anteviam como seria difícil viver bem, sem que ele estivesse sempre indo ao hospital, sua terceira casa, onde era tão bem tratado, quanto na primeira e no consultório. E ninguém poderia perceber esta tristeza no contato dos últimos dias. Tinha que dar aulas, ver doentes, dar notas, sem que ninguém percebesse a tristeza da despedida. Nem perceberiam, nem sentiriam sua falta, sabia e aceitava. Era apenas mais um Professor de Medicina que se aposentava! Outro logo tomaria o seu lugar, suas aulas, com mais ânimo e ciência e, tomara, com o mesmo amor, que tanto sentira, sem aparentar, ou dizer. ■

DISCURSO DE FORMATURA

DA

TURMA DO CINQUENTENÁRIO

DA

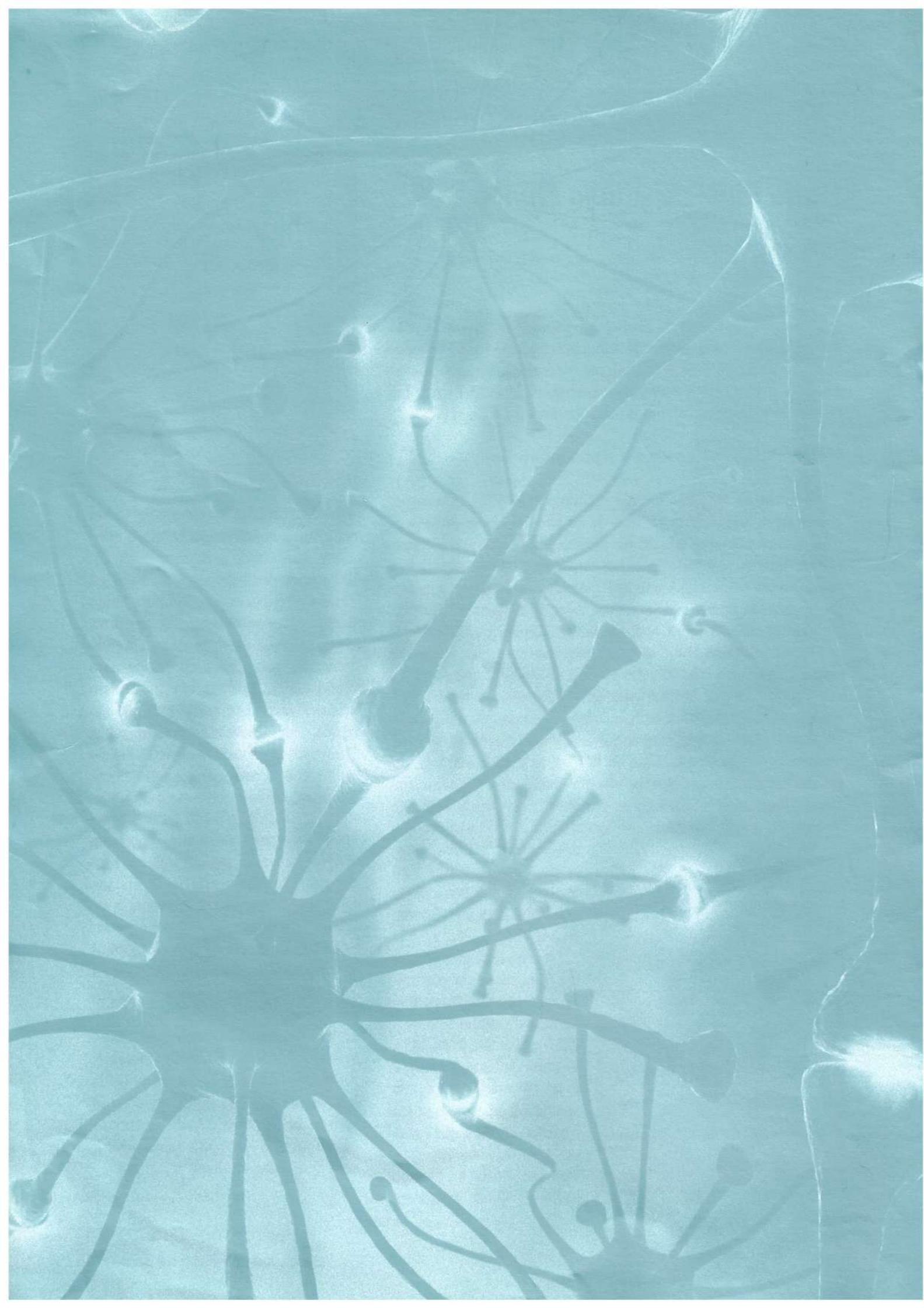
Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

14 DE JANEIRO DE 1963

ORADOR

Ddo. Pedro Diniz de Araújo Franco





Rossano Kepler Alvim Fiorelli

*Professor Titular da Escola de Medicina e Cirurgia
Coordenador do Mestrado Profissional
Presidente da Comissão de Residência Médica do HUGG*

No início do curso básico, no Instituto Biomédico, logo despercebi interesse pela anatomia, cujo titular da cadeira, Prof. Dr. Jair Pereira Ramalho, antropólogo de renome internacional, discípulo do lendário Prof. Dr. Benjamim Vinelli Baptista, cativou-me de modo a prestar concurso para monitoria, logo aprovado, permanecendo como monitor até o final do curso e posteriormente como professor convidado.

No ciclo clínico, no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, após frequentar a Disciplina de Clínica Cirúrgica B, cujo Professor Titular era o insigne Prof. Dr. Josias de Freitas, decidi que realmente a cirurgia seria a minha labuta. Realizei internato fixo na Disciplina de Clínica Cirúrgica B, cujo Professor Titular após brilhante concurso à vaga do Prof. Dr. Josias de Freitas foi o Prof. Dr. Pietro Novellino, por quem tinha grande admiração desde as aulas ministradas no Curso de Mastologia.

Alguns meses depois, 1988, estávamos ali, becados, ouvindo as palavras do patrono, Prof. Dr. Azor José de Lima, e do paraninfo, Prof. Dr. Carlos Alberto Basílio de Oliveira, em nossa diplomação: "Quando, finalmente, conseguimos reunir alguma bagagem, relativamente precária, porém suficiente para satisfazer-nos, já era tarde, tínhamos que partir, era chegada a hora, era hoje, era agora...". Minha memória me leva para os meus caros e prezados colegas da turma de julho de 1988.

Minha homenagem aos insignes mestres da época: Jair Pereira Ramalho, João Carlos Cortes, Charles Alfred Esberard, Ariovaldo Vulcano, Nísio Marcondes, Rosa Maria Pressman, Carlos Alberto Moraes de Sá, Mario Barreto Corrêa Lima, Omar da Rosa Santos, Rômulo Macambira, Josias de Freitas, Pietro Novellino, José Galvão, Antonio Hélio B. Figueiredo, Ronald Nyr Alonso, Osmar Teixeira Costa, Lino Lima Lens, José Leonardo Machado Vaz, Luiz Bethoven D. Amaral, Rogério Rocco, Newton Bethlem, Azor José de Lima, Mario Pelon, Hélio Copelman, Hélcio Alvarenga, Waldemar Kischinhevsky, Francisco Fialho, Carlos Alberto Basílio de Oliveira, Antar Padilha, Héllion Pova, José Maria Barcellos, Antonio Giardulli, Fernando Portinho, Carlos Giesta, Alfredo Eugênio Vervloet, entre muitos outros importantes mestres.

Em 1990, o Professor Pietro Novellino implantou a Residência



Médica em Cirurgia-Geral no HUGG, e tive a oportunidade de iniciar meu treinamento em cirurgia-geral que depois foi estendido à cirurgia torácica no Serviço do Professor Jesse Teixeira.

Em setembro de 1992, com a abertura de concurso público para uma vaga de Professor Auxiliar da Disciplina de Clínica Cirúrgica B da Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO, candidatei-me, e após passar por prova escrita, de títulos e de aula, ingressei na carreira de magistério superior, profissão que me repleta de júbilo e orgulho. Posteriormente com o apoio e respaldo do Professor Novellino reiniciamos a Cirurgia Torácica no HUGG, com o Professor Agostinho Ascensão e posteriormente com a Professora Maria Morard, montando um setor que hoje é referência na especialidade.

A partir de 2000, em razão de suas atividades como Reitor, o Prof. Dr. Pietro Novellino me encarregou de ser o Coordenador do Programa de Residência Médica em Cirurgia-Geral do HUGG e Coordenador do Curso de Pós-Graduação Lato sensu em Cirurgia-Geral, além de continuar exercendo as atividades na 3ª Enfermaria do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. Em 2000 assumimos a coordenação da Comissão de Residência Médica do HUGG am-



pliando os programas de Residência Médica de 05 para 45 e o número de médicos residentes de 35 para 120, para tanto, firmamos convênio com a Secretaria Estadual de Saúde para financiamento das bolsas. Da mesma forma, em 2010, em projeto conjunto, conseguimos a recomendação pela CAPES do primeiro Mestrado Profissional da UNIRIO e o único contido na área III (cirurgia), com área de concentração em técnicas videoendoscópicas. Temos trabalhado no sentido de internacionalizar as atividades com convênios com Universidades Americanas que permitam a mobilidade dos discentes e docentes (Miami e San Diego).

Numa análise retrospectiva, o decorrer de meu exercício profissional foi sempre dependente de minhas atividades acadêmicas e da orientação de grandes mestres. A Universidade como princípio, meio e fim... Do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle retenho as boas memórias que forjaram a minha formação acadêmica e, sobretudo, a minha formação médico-profissional. Como profissional, é possível, com certa lógica, colocar minhas atividades profissionais futuras como oscilantes entre o ensino e a pesquisa, pois transferir conhecimentos é uma tarefa que afeta profundamente a preservação e a evolução do conhecimento e, de uma maneira mais ampla, o estabelecimento de novos modelos de comportamento, à medida que as gerações vão se sucedendo umas às outras. Um dos grandes desafios para a transferência de conhecimentos é juntar, estimular e motivar um grupo, torná-lo criativo, inovador, curioso pela pesquisa e seus resultados, e por novos conhecimentos. O lugar propício para estes fins é a Escola de Medicina e Cirurgia. ■







DEPOIMENTOS

Ex-diretores

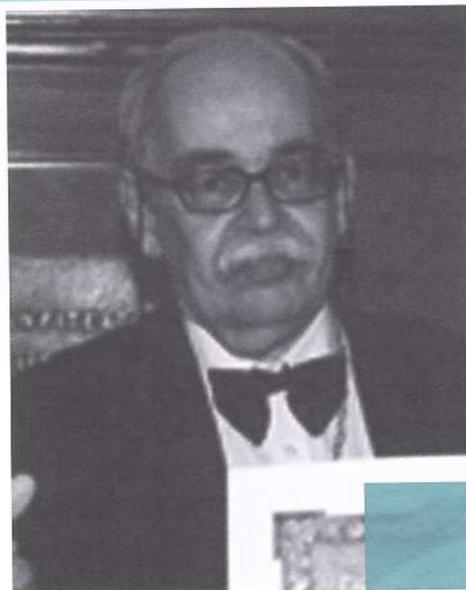
Omar da Rosa Santos

Ex-Diretor da Escola de Medicina e Cirurgia
Professor Titular e Emérito

Aluno da Escola de Medicina e Cirurgia (1959/1964), alegre-me formar entre os primeiros ex-alunos a ocupar a Diretoria. Ingressei na carreira docente em 1966 depois de haver colaborado com o Prof. Jacques Houli no preparo do seu memorável concurso (1965) para a 1ª a Cadeira de Clínica Médica. Inscrevi-me no concurso para Livre-Docente em fins de 1969 e, sem o saber, vim a ser o primeiro Docente-Livre de Clínica Médica-Nefrologia, em maio de 1971. Tive também o privilégio de compor um grupo de professores que ascenderam a todos os postos da carreira através de aprovação em sucessivos concursos. Óbvio, não poderia ser daqueles que procuram afastar-se dos prélios acadêmicos alapardados nas desbotadas desculpas da pseudomodernidade. Cheguei a Prof. Titular em fevereiro de 1983, no mesmo concurso prestado também pelo Prof. C.A. Morais de Sá, e fomos ocupar as Clínicas Médicas B e C. Em 1988 foi escolhido o Reitor, Prof. Osmar Teixeira Costa, que acatou a indicação, regimental, do Decano, o saudoso Prof. Waldemar Kischinhevsky, editando a Portaria que me nomeou Coordenador (era a designação da época) da EMC. No posto, tive a alegria de ver: primeiro, restituído o nome da Escola que havia sido, insensatamente, abolido e substituído por "Curso de Medicina da UNI-RIO"; segundo, a designação "Coordenador" transformada, de volta, em "Diretor" da EMC.

Lembra-me, em meu favor, o fato de numa reunião do Colegiado, eventualmente presidida pelo Reitor Guilherme de Figueiredo, haver pedido a palavra e, aludindo às palavras de Antonio Vieira, proposto o retorno da denominação Escola de Medicina e Cirurgia, usurpado no regimento vigente à época. Era Diretor o futuro Reitor Osmar T. Costa. O Colegiado incumbiu ao seu Professor mais antigo (Prof. Newton Bethlem) e a mim de redigir o argumento, que iniciava assim: "(...) não vimos pedir pedindo, e sim protestando e exigindo...". Fato é que o Reitor Figueiredo levou o rogo ao Conselho Universitário e a denominação histórica das Escolas da UNIRIO foi devolvida.

Na sessão do Colegiado de agosto de 1988, o ex-Diretor, então novo Reitor, teve a gentileza de comparecer para a transmissão do cargo. Meu antigo chefe, Prof. Jacques Houli, veio à sessão. Minu-



tos antes, chegou uma jovem trazendo uma Portaria e, vendo o Prof. Houli, ia já se dirigindo a ele, quando percebi o teor: "Jacques Houli, Professor Emérito!". A simplicidade da funcionária ia já atropelando o mérito universitário ... Consegui tomar-lhe o documento e, no breve discurso que fiz, ocorreu-me mudar aquela simples reunião ordinária em Sessão Solene dedicada à entrega, pelo Reitor, ao Prof. Houli, da Portaria com a máxima láurea acadêmica. Recordo que improvisaram saudações: o Prof. Francisco Fialho, o Decano Waldemar Kischinhevsky, os Profs. Morais de Sá, José de Barros, Correa Lima, J. Maria Barcellos e Pietro Novellino, e a sessão foi encerrada pelo Reitor Prof. Osmar, levando o agraciado às lágrimas. Procedi logo ao levantamento das Disciplinas (Cadeiras) que estivessem sem Professor Titular: Dermatologia, Pneumologia, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Psiquiatria, Anestesiologia, Clínicas Cirúrgicas A e B, e, pouco depois, encaminhei o pedido, regimental, para o provimento dos postos. Começaram os problemas ... Uma tarde fui avisado de que se daria naquele dia a promoção de 14 novos titulares, sem concurso ... Compareci e, estarecido, ouvi um orador agradecer o ato com palavras que é melhor não repetir. Apenas um, o Prof. Mario Santos



Moreira, negou-se a receber a promoção. Não imaginava eu que a partir de então estaria na oposição...

Era contudo uma fase em que ainda havia respeito. A EMC prosseguiu nas tarefas da rotina, e, diga-se, o Reitor não ofereceu obstáculos para a realização de concursos para os demais graus acadêmicos. O Colegiado reuniu-se, rigorosamente, com a presença dos titulares ou responsáveis pelas disciplinas todos os meses, inclusive nas férias. Enfrentaram-se questões delicadas, qual a da responsabilidade dos docentes por toda a assistência no Hospital Universitário, ferindo-se, por vezes, debates acérrimos. Os Cursos de Especialização expandiram-se para todas as Disciplinas. Ao final do quadriênio, por iniciativa do Prof. Azor J. de Lima, teve início o programa de Residência Médica em Pediatria, infelizmente tardando as providências para outros programas que só vieram depois. A UNIRIO teve a coragem de aceitar os pedidos do Colegiado da EMC e fazer realizar concursos para Livre-Docência em todas as Disciplinas, o que dotou a Instituição de cerca de 60/80 inscritos, novos docentes, muitos ainda sem haver completado o doutorado, a exemplo do que fizera pouco antes outra respeitável universidade no Rio de Janeiro. Muitos validaram o título no âmbito nacional posteriormente, com o doutorado. Houve o instante em que o Ministério da Educação detectou que a UNIRIO detinha mais de 200 funcionários em excesso do que o prescrito pela relação numérica. Partiu do Colegiado da EMC e da Decania do CCBS, que ocupava eu durante o ano de 1991, substituindo o Prof. Kischinhevsky, enfermo, a solução de aumentar o número de alunos de 50 para 75 por turma (Claro! Um semestre adiante e o número poderia ser reduzido de novo, e foi para 60). Assim foram conservados os funcionários ameaçados. Apesar das promoções espúrias de 1988, pôde a EMC fazer realizar alguns concursos para Professor Titular naquele quadriênio. Foram incorporados mediante provas e títulos os Professores: Mario P. Santos-Moreira, Anna Kossac, Pietro Novellino e Antonio Helio Figueiredo.

Este Diretor acumulava a Direção da Escola, a Disciplina de Clínica Médica, os Cursos de Especialização de Clínica Médica e de Nefrologia, a responsabilidade do CTI, a Decania do CCBS (por um ano), além das incumbências pessoais noutros arrais, naquele tempo os Diretores não usavam licenciar-se de tudo para ocupar qualquer posto. Sucederam-se episódios tanto de grandeza humana quanto, mais, de outro lado, deploráveis. Melhor calar! Na época dispôs-se o Hospital do Andaraí a tornar-se afiliado da UNI-RIO/EMC oferecendo inegáveis vantagens de

treinamento médico, intercâmbio de funcionários, estágios e cursos especializados, gerando numerosas matrículas, que apagariam a questão do excesso de funcionários. Conduzi pessoalmente o Dr. Avelino Medina à sessão dos Conselhos Superiores na qual ele oficializou a disposição. Infelizmente o cantar da sereia de outro hospital (HSE) fez abandonar a oferta. Pena que a sereia era rouca ...

Os aniversários da EMC constituíram instantes faustosos. Em 1989 convidamos o Dr. Heraclito Sobral Pinto que proferiu lição inesquecível. Em 1990 veio o Fundador da Faculdade de Ciências Médicas (UERJ), Rolando Monteiro, que discorreu sobre as batalhas administrativas, as quais com o Prof. Fioravanti Di Piero, ambos travaram na Administração Pública. Em 1991 o convidado foi o insigne Austregésilo de Athayde, que endereçou conselhos sábios; naquela Sessão Solene foram entregues os diplomas de Professor Emérito aos Profs. Francisco Fialho, Alcântara Gomes, J. Houli, Osmar T. Costa, Josias de Freitas, Lucio Galvão, Newton Bethlem e Jorge de Rezende, pelos Eméritos diplomados anteriormente. As aulas inaugurais foram outro ponto de conagração: Fioravanti Di Piero, Anníbal Nogueira Jr., Newton Bethlem e Rubens Maciel as ministraram auspiciosamente... O Secretário-Geral do Ministério da Educação e sua equipe participaram de memoráveis jornadas sobre Diplomacia e Educação. Curso Médico de 10.000 horas. Hospital cheio. Concursos. Cursos. Sessões. Meninos, eu vi!

Acabara, entretanto, de ser promulgada a Constituição de 1988. Tornávamo-nos, de contratados pela CLT, regidos pelo Regime Jurídico Único. Persequiam-se os "acumuladores" de cargos. O estado era de inegável confusão de ideias. Respirava-se um ar de devaneios. Tonitroavam discursos ociosos. Aspiravam-se quimeras. Infantilizava-se o corpo acadêmico. Os aproveitadores não tardaram de se aformosear. A juventude acadêmica bradava vanidades. Grassava o analfabetismo funcional, o pior do respigo da época restrita. Cupulismo populista ... Reduziu-se o pensamento humano a um primitivo rancor difuso cujo remédio seria eleições ... para tudo ... Vejam o resultado! Pessoalmente me opus claramente, o que decerto me rendeu a rejeição irreversível. Alguns, poucos, entre os algozes tiveram a cortesia de, anos após, reconhecer sua precipitação conveniente. Melhor haver combatido a sombra ... Decorreram resoluções de pasmal! O desrespeito foi transformado em heroísmo. Os encéfalos foram vergastados até a jargonofasia. Os concursos, sobretudo para Professor Titular, haveriam de ser simplificados, tornados simplórios ... Agora ...

Inexistentes! Só para ficar no terreno da EMC, as antigas “Escolas” lideradas por Professores de robusto resíduo –v.g. Escola Anatômica (dos Baptista), Escola Cirúrgica (dos Paulino, de Lucio Galvão, de Josias de Freitas), a Escola Biotipológica (de Berardinelli, Fioravanti e Monteiro), a Escola Reumatológica (de J. Houli), a Escola Obstétrica (de J. Rezende), a Escola otorrinolaringológica (de Kós) e a Escola Neurológica (de Deolindo Couto) – simplesmente foram sufocadas na destinação cega da direção das Disciplinas a “responsáveis eleitos” (e amordaçados) sem força inata e sem bravura para conduzir-se independentemente. Vivemos hoje o resultado que reflete de sorrisos alvares e esgares paucilálicos.

Felizmente a EMC nunca teve as portas trancadas e, menos ainda, as luzes vermelhas ... Estou convicto de que isto só se dá quando o dirigente ou procede a negócios esconsos, ou é incompetente, ou, frequentemente, ambos. Colaboraram com a Direção no quadriênio 88/92 a Secretária Escolar Maria de Jesus, a Secretária Heloisa Helena, a funcionária Dulce B. Lydia e outros, consagradamente. Os estudantes, na época, tinham sua representação, livre, fugidia, envolvida pelos atordoamentos dos sibilares difusos que diziam parte da verdade (e o maior dos escândalos é pregar a mentira recoberta por uma camada verossímil). A rigor a mor parte das mentiras vem à luz por meio das suas antíteses. Contudo, encontro

hoje numerosos daqueles, então estudantes, a ostentar formação profunda e habilidades magníficas, a ocupar postos de liderança.

A pelo menos três turmas coube a mim a imposição do grau de médico; então experimentei borbullhar-me o coração ao declarar: “ (...) podeis exercer, e praticar, a Medicina”. De uma feita (1991) findava um concurso para Livre-Docência de Radiologia. Saíamos o Decano Kischinhevsky, o Prof. Nicola Caminha e eu, quando a funcionária da secretaria me chamou para atribuir o grau de médico a dois alunos que não haviam ido à formatura. Era época de greves sobre greves ... O Regimento exigia o Diretor e dois Professores. Lembrei-me de que o Prof. Nicola Caminha era Livre-Docente (1943) da EMC, e o convidamos. Ele foi com bondade, e enquanto eu proferia as palavras hipocráticas de praxe, que os alunos repetiam, notei que o Prof. Caminha também as pronunciava. Ao final ele disse: “eu também não pude comparecer à minha festa de formatura. Aproveitei a ocasião e coleí meu grau agora (...)” - Não pudera este prolixo redator merecer melhor paga.

Sento-me agora na beirada da minha cova, ao lado da minha alma, e atijo as brasas no frio odor do crepúsculo mais profundo e, qual eremita, protejo-me do meu falso fanatismo rijo e da impaciência da entalpia teimosa e lanço um uivo lupino: brado de esperança! ■



Agostinho Manuel da Silva Ascensão

Professor Titular de Clínica Cirúrgica
Ex-diretor da Escola de Medicina e Cirurgia

Sonho, desejo, fé, amor e gratidão

Lá pelos idos de 1965, um jovem de 15 anos, ajudante de um vitrinista chamado João, mais tarde conhecido como Joãozinho Trinta, passa em frente ao número 775 da Rua Mariz e Barros. O prédio à esquerda chama sua atenção, não só pela beleza, mas principalmente por uma placa onde se lia ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA. O rapaz fixa seus olhos e diz solenemente para si: Ainda vou estudar aí. A partir daquele instante mudou sua atitude perante a vida, pois passou a estudar com afinco, mesmo com a grande dificuldade de trabalhar durante todo o dia e estudar à noite em colégios públicos ou com bolsa de estudos. Para isso abandonou o futebol, as paqueras, as festas americanas nos fins de semana e as amizades lá em Guadalupe. Por algumas vezes foi chamado de bobo por este comportamento. Em 1972 pede demissão do emprego e dedica-se única e exclusivamente ao pré-vestibular intensivo no curso Gradiente sob o comando do Prof. Enéas Carneiro, aquele do meu nome é Enéas. Tem seu esforço recompensado e classifica-se para sua primeira opção: Escola de Medicina e Cirurgia da FEFIEG. Paga sua promessa e vai a pé de Guadalupe ao Cristo Redentor e humildemente agradece a “graça alcançada”.

A partir daí estuda de dia e trabalha alguns dias à noite dando aula de química em cursos pré-vestibulares. Participa ativamente do curso como monitor, membro e diretor do Diretório Benjamin Baptista e como representante discente junto aos colegiados do Departamento de Cirurgia e do Curso de Medicina. Nunca se afasta do Hospital, pois aprende a cirurgia com os mais valorosos mestres, como: Josias de Freitas, Antônio Hélio Barros de Figueiredo, Pietro Novellino e José Galvão. Em 1982 ingressa como professor auxiliar e faz carreira docente com especialidades de cirurgia geral, cabeça e pescoço e cirurgia torácica, reconhecidas pelo Conselho Federal de Medicina Completa a sua formação com mestrado, doutorado e livre-docência e posteriormente professor titular da Disciplina de Clínica Cirúrgica II, em que foi formado. Nestes 39 anos participa ativamente da vida acadêmica e política da FEFIEG,



FEFIERJ e da UNIRIO, pois foi fundador, diretor e presidente da ADUNIRIO. Foi e ainda é representante em todos os colegiados e teve a honra de ser Chefe do Departamento de Cirurgia, Diretor do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle e da Escola de Medicina e Cirurgia. Aqui aprendi e desenvolvi minha cultura, minha sensibilidade, o meu senso democrático e, principalmente, o meu humanismo com respeito e responsabilidade.

Portanto, devo à Escola de Medicina e Cirurgia minha plena realização como homem, pois meu sonho se tornou realidade e com ele o amor e a imensa gratidão que tenho pela minha querida “ESCOLINHA”. ■

Mário Barreto Correa Lima

Ex-Diretor da Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Professor Titular Emérito,

Membro Titular da Academia Nacional de Medicina.

Embora tenhamos prestado vestibular para a Escola de Medicina e Cirurgia (EMC) em 1954 e sido bem aprovados e classificados, nela não fizemos nosso curso médico, portanto, este primeiro contato com a mesma foi apenas superficial; tendo sido também aprovado para a então Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro), Escola onde meu pai Hyder Corrêa Lima havia se formado em 1930, nós preferimos cursá-la.

O Professor Jacques Houli, que havia ganho o concurso para Catedrático de Clínica Médica da EMC (1ª Cadeira de Clínica Médica) nos convidou para ser o 1º Assistente e Chefe de Clínica da Disciplina, o que ocorreu no início de 1966. Em 1º de Março daquele ano fomos contratados (oficialmente como Auxiliar de Ensino) junto com o Professor Omar da Rosa Santos e outros. Então deixamos nossa alma mater e aí realmente começa nosso íntimo (e indissolúvel) contato com a EMC que perdura até hoje, pois para ela nos transferimos então, com armas e bagagens. Foi um período de febricitante atividade esta primeira fase quando vários e talentosos jovens médicos foram atraídos para participar do grupo, como Paulo Roberto Saubermann, Carlos Doin, Mauri Svartmann, Marcial Portella Filho, Pinkwas Fiszman, Mair Simão Nigri, Boris Klein, Julio Polissuk, Waldemar Kischinhevsky, Moacyr R. Abreu, José Carlos Spielmann, Sérgio Antonio Ribeiro e Ivan Nicolau dos Santos entre tantos outros.

Foram criadas Divisões referentes a literalmente todas as especialidades da Clínica Médica, além de uma de Pedagogia e Didática, que se reunia aos sábados, para avaliar os acontecimentos da semana, sempre com o anfiteatro cheio de assistentes e alunos, que compareciam em massa. Rapidamente a Cadeira se transformou numa das mais atuantes de todo o país. Os Arquivos Brasileiros de Medicina, fundados em 1911, passaram a órgão oficial da mesma, difundindo suas atividades e os trabalhos dos assistentes, que se multiplicavam em número e se aprimoravam em qualidade. Esta atividade áurea, se assim podemos dizer, durou até o final de 1968.

Em fevereiro de 1969 nos submetemos a Concurso de Docência Livre em Clínica Médica, passando logo a seguir a Reger



a Disciplina de Clínica das Doenças Infecciosas e Parasitárias, CDIP, que se encontrava vaga, o que perdurou até 1973, quando nos submetemos a Concurso para Professor Titular da referida disciplina, posição que exercemos até 1984, ocasião em que passamos a Titular da já então denominada Clínica Médica A, na qual permanecemos, como tal, até setembro de 2005, quando nos aposentamos.

Nas Doenças Infecciosas tivemos vários colaboradores, como Eduardo Araújo de Vilhena Leite (Chefe de Clínica), brilhante inteligência, excelente figura, que veio a submeter-se a Concurso de Livre-Docência na disciplina e que infelizmente faleceu muito jovem ainda, cortando uma carreira promissora. Ainda pertenceram ao quadro da mesma Antonio Luiz Chaves Gonçalves, Edson Fadiga, Rubens Lopes da Costa Filho, Márcia Lazera, Ana Maria, Celso Ferreira Ramos Filho e Marília de Abreu Silva.

Sendo à época médico concursado do Estado, servindo no Hospital Carlos Chagas, nos transferimos para o então Hospital Francisco de Castro de Doenças Infecciosas, com a ideia de tornar prático o curso que ministrávamos. Com o mesmo objetivo obtivemos da Escola, então dirigida pelo Pro-



fessor Francisco Alcântara Gomes, uma enfermaria exclusivamente destinada às Doenças Infecciosas e Parasitárias, com quartos para isolamento, que a partir da sua inauguração funcionou como tal por todo o período em que dirigimos a disciplina. Coube-nos criar, também, um Curso de Pós-Graduação da especialidade. A CDIP patrocinou ainda cursos vários sobre diversos assuntos relacionados à especialidade, particularmente a antibioticoterapia, em múltiplos estados brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e Ceará, entre outros.

Desenvolvíamos o curso com total cumprimento do programa, através de aulas teóricas e abundantes trabalhos práticos no Hospital Francisco de Castro e depois no São Sebastião e em nossa enfermaria especializada no Gaffrée e Guinle. Muitos dos alunos e monitores participaram em investigações clínicas, inclusive de nível internacional, que foram levadas a congressos, jornadas e simpósios, principalmente no Rio de Janeiro e no resto do país, como também em outros países, como Estados Unidos e Suíça.

O mesmo pode ser dito da atuação da Clínica Médica "A", em que se procurou criar um ambiente de ampla liberdade, camaradagem e apreço pelo paciente. Deu-se grande destaque sempre ao ensino/aprendizado da Semiologia e da Clínica, dentro do conceito Osleriano. Tentou-se destacar a importância do estudo da semiologia, desenvolvendo o programa em toda sua extensão, particularmente enfocando a atividade prática através de tutores e monitores (além é claro, dos assistentes), que foram sempre bem treinados e estimulados no exercício das suas tarefas. Criou-se um invejável esprit de corps, com grande procura nos concursos para monitores. Além disso procurou-se desenvolver ao máximo a relação médico-paciente, como base de toda a atividade médica presente e futura. Houve sempre uma ideia de terminalidade do curso médico, no qual os egressos do mesmo seriam plenamente capazes de exercer a medicina, no que se obteve grande sucesso. Além de uma enfermaria sempre funcionante, a "8ª" que está no coração dos que nela militaram e ainda militam, fazem ou fizeram parte do serviço os ambulatórios de Clínica Médica, Gastroenterologia, Endocrinologia, Reumatologia e de Medicina Familiar, atendendo a milhares de pacientes-ano, aos quais os alunos sempre tiveram amplo acesso e nos quais sempre tiveram participação. Em muitas dessas especialidades criamos cursos de pós-graduação, como os de Medicina Familiar, Endocrinologia e de Gastroenterologia, os dois

últimos há anos dirigidos pelos Professores Maria Lúcia Elias Pires, atual Diretora da Escola de Medicina e Cirurgia, e Carlos Eduardo Brandão Mello, desde 2005 Professor Regente da Clínica Médica "A", respectivamente. Ambos os cursos já formaram dezenas de bons especialistas e têm importante papel dentro do quadro das ditas especialidades em nosso país.

Foi sempre dada aos alunos oportunidade para participarem de grupos de trabalho com monitores e assistentes, encarregados dos cuidados com os doentes. Procurou-se inculcir-lhes um alto apreço e respeito pelos pacientes, a par de curiosidade com relação a seus problemas e possíveis soluções, incentivando o raciocínio clínico, ao mesmo tempo em que era preservada a privacidade dos mesmos, tudo dentro dos mais elevados preceitos éticos. Os rounds e as sessões clínicas de medicina interna e das especialidades médicas foram e são permanentemente executadas, as últimas semanalmente, com estímulo à participação dos alunos. Nos últimos anos a presença de residentes oficiais na Clínica Médica "A" muito contribuiu para aprimorá-la em todos os aspectos. Sobretudo tem imperado no serviço um clima de grande liberdade com responsabilidade, de cordialidade, que certamente contribuiu para conferir-lhes discernimento, progresso profissional e autoconfiança.

Também a pesquisa tem sido constantemente estimulada, através de variados projetos que sempre contaram com bolsistas, inclusive de iniciação científica, procurando de forma permanente estimular o hábito de escrever artigos científicos, desde os bancos escolares. Com este propósito foram criados desde outubro de 1988 os Cadernos Brasileiros de Medicina que vêm funcionando ininterruptamente até hoje, tendo sido publicados dois números em 2011. Inicialmente a revista era publicada em papel e desde 2000 o vem sendo na forma de uma publicação eletrônica, hospedada no portal da UNIRIO, agora, também, com site próprio CadBrasMed.com.br.

Há cerca de 25 anos a Disciplina instituiu a obrigatoriedade de cada aluno produzir uma monografia, o que foi depois de algum tempo adotado por outras disciplinas e, finalmente, pela própria Escola de Medicina e Cirurgia, hoje condição sine qua non para a graduação dos alunos da Escola.

De 2000 a 2005 exercemos o cargo de Decano de Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade quando procuramos manter um grande grau de coesão, cultivando propósitos comuns nas cinco Escolas que compõem o Centro. Em setembro

de 2005, por implemento de idade, fomos aposentados, vindo, no entanto, em 2007 a atingir a emergência. Nesta situação exercemos a Coordenação dos Assuntos Internacionais da Universidade, na qual procuramos com as autoridades máximas da mesma projetá-la internacionalmente, e, de outubro de 2007 a maio de 2009, exercemos o cargo de Diretor da Escola de Medicina e Cirurgia, num clima de cordialidade, de respeito mútuo entre as várias categorias, de estímulo ao trabalho, procurando abrir novas perspectivas para a Escola. Durante esse período foram obtidos recursos para a compra de uma sede para a escola, incluindo amplas e modernas instalações didáticas.

Durante estas quatro décadas e meia, embora tenhamos exercido funções como as de Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e da Associação Médica Brasileira, em fase difícil da vida nacional, jamais negligenciamos nossas funções didáticas, sempre junto aos alunos e zelando pelo bom nome do serviço, da Escola e da Universidade. Assim, continuamos até hoje dando

aulas regularmente, executando e monitorando projetos, com vistas ao futuro. Temos trabalhado em prol da humanização da medicina, atualmente liderando um projeto sobre Literatura e Medicina, com o aval da FAPERJ, que visa a oferecer condições para que a EMC e outras escolas médicas do país possam criar em seus respectivos currículos disciplina optativa sobre o assunto.

Nosso pensamento e atuação presente, pessoal, da chefia da disciplina e de todos os seus integrantes, neste ano em que a EMC festeja seu centenário, como não poderia deixar de ser, estão dirigidos ao porvir. Trata-se de momento privilegiado para uma profunda reflexão a ser seguida de ação consequente, permanente, visando a melhorar ainda mais sua posição no ranking das escolas brasileiras e mesmo, mundiais. Pensar grande, planejar e propor projetos renovadores, obter recursos, formar (não apenas graduar) profissionais cada vez melhores, através do exemplo, da boa prática, da ética elevada. Esta é a grande tarefa a ser executada. ■



Márcia da Silveira Charneca Vaz

Primeira mulher a ocupar a direção da EMC

Ser professora foi a minha atividade lúdica infantil preferida. Depois que cresci, ao lado da Medicina, foi a profissão de coração. Ser diretora era impensável, visto que nossa Escola nunca havia tido uma antes e no Departamento de Cirurgia Geral e Medicina Especializada a presença feminina sempre foi mínima. Aceitei este desafio porque, para mim, o objetivo principal da educação é aumentar as possibilidades de o indivíduo obter prazer e alegria, pois, através do conhecimento, esses sentimentos podem ser conquistados.

No pleito realizado nos dias 26, 27, e 28 de abril de 2005 para escolha da direção da Escola de Medicina e Cirurgia, fui eleita com 80,58% de votos válidos, entre toda comunidade da Escola. Pensei que poderia colaborar com muitas inovações e realinhamentos de que a Escola precisava à época. Adequar-se a DLB, ao SINAES, melhorar a estrutura física, ter uma sede, educação continuada, atualização pedagógica do curso e de seus componentes, concurso para várias disciplinas, melhoria do acervo da biblioteca e de seus funcionários, ampliar o atendimento em tempo e qualidade neste local. A secretária da Escola de Medicina contava com três funcionárias Valéria, Ângela e Fátima e duas estagiárias, a direção com uma secretária Elza Barreiro. Tínhamos poucos recursos de mídia e fomos comprando a medida que recebíamos recursos dos Cursos de Especialização. O diretório Acadêmico Benjamin Baptista tinha problemas de infiltração no telhado, e os alunos não contavam nem com um bebedouro no local. Quantos desafios! Dentro dos poucos recursos que tínhamos à época fomos conseguindo transpor alguns problemas.

No entanto, havia resistência e incompreensão da necessidade de mudanças sérias e prementes, inclusive pela forma, como se deve ser feita democrática. Isto não agradava a muitos. Infelizmente por este motivo tive uma séria crise hipertensiva, fiquei internada. Pensei: vou morrer. Apresentei a nossa Reitora Malvina Tuttman meu pedido de renúncia com anexo de laudo médico. E pensei: a luta continua. Esta batalha, eu não consegui vencer, porém outros com melhor saúde e inteligência conseguiram. Fui então convidada, pelo Professor Adid Jatene, para parti-



cipar da Comissão de Especialista do Ministério da Educação que avalia in loco Escolas com notas que demonstram esta necessidade e acompanhar termos de saneamento. Esta missão é árdua, porém tem sido exitosa, e permaneço na mesma Comissão desde 2007. Fiz e faço de cada avaliação de curso um MBA em gestão, pois todas têm suas particularidades e dificuldades, porém muitas superaram. Foram feitas algumas conquistas e muitas ficaram em processo. A partir da minha renúncia em 01 de outubro de 2007, o que passou é memória, o presente é agora e o futuro é projeto. De sucesso, de conquistas, de vida tanto é para mim como para a Escola que este ano comemora 100 anos.

Eu tenho que agradecer aos colegas que foram grandes esteios de virtude e conselhos na minha gestão: Maria do Carmo Crasto, José Francisco de Freitas, Maria Lúcia Pires, Telmo José de Magalhães, Maurício Ribeiro, Maria Mazzarone, Ana Comandulli, Elizabeth Vasserman, Isidoro Binda Neto, Dasio Marcondes, Marco Areal e Carlos André Kloja. Aos técnicos-administrativos, sempre solidários: Elza Barreiros, Ilza Cotrin, Sonia Veiga, Valéria, Fátima, Cristina Marreiro, Francinette, Paulo e Lucia Helena. ■



Domingos Marques de Oliveira
1912



Licínio Athanasio Cardoso
1912 - 1922



Alcides Nogueira da Silva
1922 - 1923



Antônio Alves Cerqueira
1933 - 1934



Jorge do Amaral Murtinho
Interino 1933 1934 - 1943



Silio Pereira Lima
1943 - 1946



Benjamin Vinelli Baptista
1955 - interino



Hamilton Lacerda Nogueira
1955 - 1958



Fioravanti Alonso Di Piero
1958 - 1964



Annibal Nogueira Junior
1978 - 1981



Francisco Fialho
1981 - Interino



Josias de Freitas
1981 - 1983



Lucio Villa Nova Galvão
1983 - 1985



Carlos Alberto Basilio de Oliveira
1992 - 1996



Ricardo Marques Dias
1996 - 1999



José César Junqueira
1999 - 2000



Antônio Carlos Ribeiro
Garrido Iglesias
2000 - 2003

DIRET



ESCO
MEDI
CIRU

ORES



OLA CINA RGIA



Garfield Augusto Perry de Almeida
1923 - 1927



Sabino Theodoro da Silva
1927 - 1933



Umberto Auleta
1933 - Interino



Augusto Paulino Soares de Souza
1946 - 1949



Sílio Pereira Lima
1949 - 1952 1952 - 1955



Antonio Guerreiro de Faria
1952



Alberto Soares de Meirelles
1964 - 1970



Francisco Alcântara Gomes
1970 - 1974



Nilton Salles
1974 - 1978



Antônio Giardulli
1985 - Interino



Antar Padilha Gonçalves
1985 - 1986



Osmar Teixeira Costa
1986 - 1988



Omar da Rosa Santos
1988 - 1992



Agostinho Manuel da
Silva Ascensão
2003 - 2004



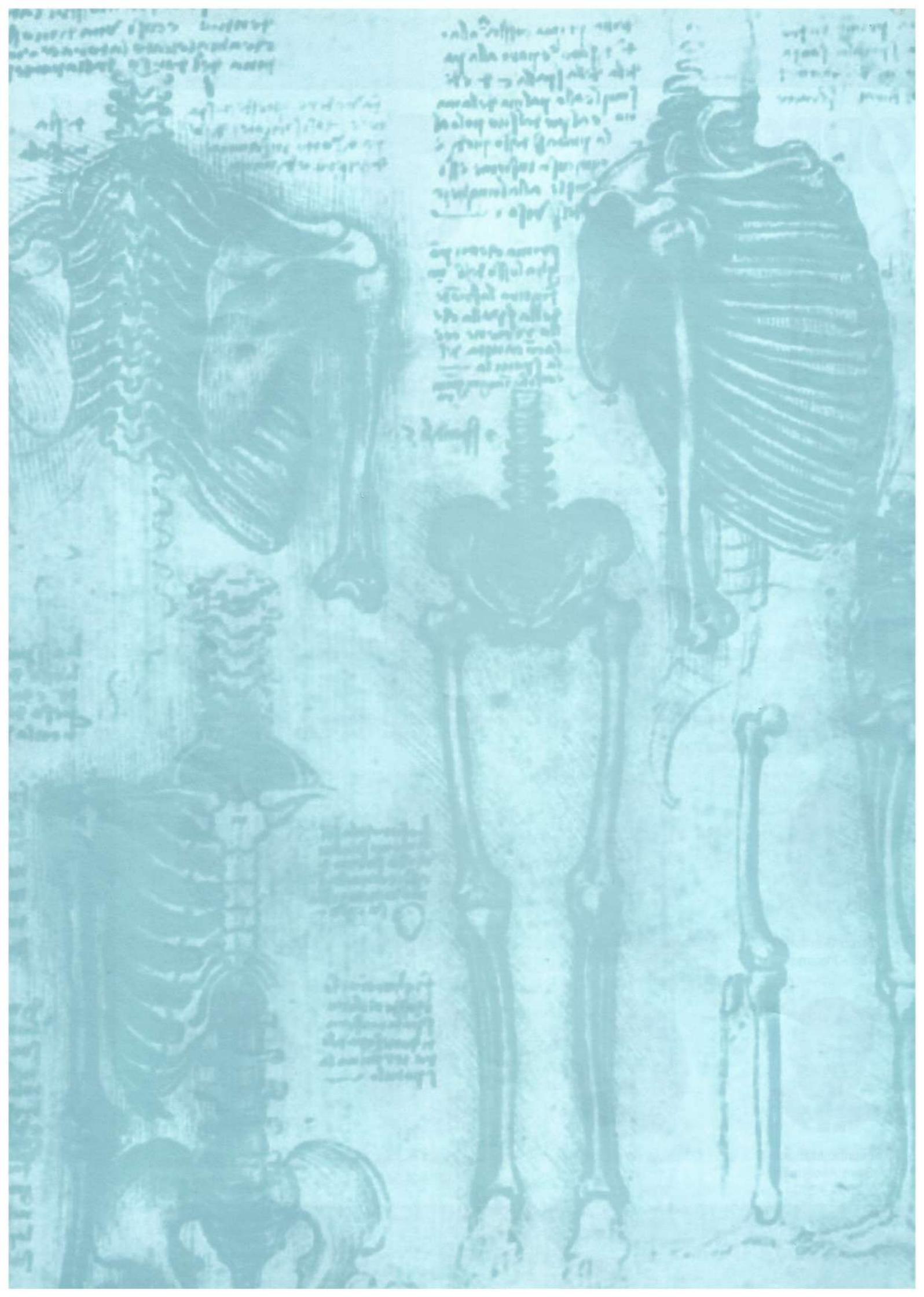
Márcia da Silveira
Charneca Vaz
2004 - 2007



Mário Barreto Corrêa Lima
2007 - 2009



Maria Lúcia Elias Pires
2009 - Atual



Handwritten text in the top left corner, likely describing the skull and facial bones.

Handwritten text in the top center, likely describing the ribcage and thoracic region.

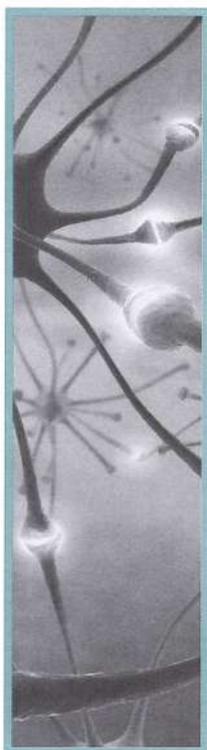
Handwritten text in the top right corner, likely describing the upper limb bones.

Handwritten text in the middle center, likely describing the pelvic region and lower limb bones.

Vertical handwritten text on the left side, possibly a label for a specific bone or region.

Handwritten text in the lower middle section, likely describing the lower limb bones.

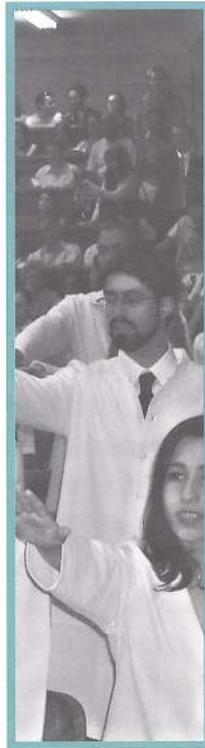
Vertical handwritten text on the bottom left corner, possibly a page or section identifier.



PÓS-GRADUAÇÃO

Mestrado e Doutorado





DEPOIMENTOS

Alunos

Carolina Maria Motta Stoffel

Aluna 9º período

100 anos. É difícil expressar com poucas palavras o sentimento de cada acadêmico no decorrer dos seis anos da faculdade de Medicina. Ainda mais quando estamos na Escola de Medicina e Cirurgia, por onde tantas pessoas já passaram e fizeram História.

100 anos. Quanta água já passou debaixo dessa ponte. Quantos alunos já se formaram; quantas vidas já salvaram; quantas lembranças já marcaram. E aqui eu me encontro, por entre essas paredes que guardam segredos centenários. Orgulho? Mais que isso! Satisfação! Satisfação de poder escrever a História e fazer parte dela. Satisfação de ver, nos olhos de nossos mestres, o carinho e a dedicação com a Instituição! Satisfação de ver, nas paredes do 3º andar de nosso Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, parte de nossa história!

100 anos. Tradição. Responsabilidade. Sentimento de dever cumprido? Não! Sentimento de que muito ainda falta para ser feito! A Escola se renova, porém, não se pode, jamais, deixar que a Tradição se perca!

100 anos. Família. Sim! Uma Grande Família! Amizade. Respeito. Carinho. Amor. Dedicação. "Segunda casa". Agradeço, em especial, aos professores: Marcelo Costa Velho Mendes de Azevedo (Semiologia), Maria Marta R. de Lima Tortori e Patrícia Barreto (Pediatria), Ana Lúcia Rodrigues (Patologia Geral), Maurício Ribeiro Borges (Patologia Clínica), Regina Lugarinho (Genética, in memoriam), Luiz Henrique Pereira Alves (Anatomia), Lucia Marques Alves Vianna (Iniciação Científica), Cleonice Alves de Melo Bento (Imunologia), Carlos Alberto Basílio de Oliveira e Rodrigo Panno Basílio de Oliveira (Anatomia Patológica), Paulo Viera Damasco (Doenças Infecto-Parasitárias) por me ensinarem que, com Dedicação, Amor, Respeito, Profissionalismo e Novas Ideias, somos capazes de construir o conhecimento e fazer com que ele se perpetue.



100 anos. Admiração. Conquista. Esperança. 100 anos não são 100 dias. Parabéns alunos e ex-alunos que fazem e fizeram parte dessa história! Parabéns docentes e funcionários, de hoje e de ontem, que construíram e constroem diariamente nossa história! Que possamos por mais 100 anos cuidar desse Patrimônio que é NOSSO! ■



Laryssa de Carli de Almeida Couto

Aluna 6º Período



Tradição é uma das primeiras palavras que me vêm à cabeça quando penso na minha faculdade, a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, uma das mais antigas e tradicionais do Brasil. Há quase 50 anos, o Hospital Universitário Gaffrée e Guinle faz parte do seu patrimônio. Ali, passado, presente e futuro se entrelaçam com grande facilidade. Não há como andar pelos seus corredores e não sentir cheiro de história. Profissionais, estudantes, funcionários, pacientes e famílias inteiras que passaram e ainda passam horas das suas vidas naqueles corredores e salas deixam um pouquinho de si e levam a experiência de milhares de pessoas sintetizada em um único lugar. Ali, médicos renomados e outros excelentes profissionais receberam não só a formação teórica como a prática, ambas essenciais para o exercício profissional. Absorveram dos livros e dos ensinamentos dos mestres a formação teórica, o corpo humano como uma máquina perfeita. Mas na prática aprenderam que nem sempre essa máquina possui suas peças nos lugares certos. O paciente ensina tanto quanto o respeitado livro. Ensina que o corpo humano é muito mais do que uma máquina e que ser médico é muito mais do que curar uma doença. Ser médico é entender e saber ouvir a alma do seu paciente. É saber que uma pessoa confia em seus conhecimentos e no seu poder de curar. É saber que vida e morte caminham sempre juntas e que lidar com essa dupla contraditória é um aprendizado diário e constante.

Estudar em uma escola centenária não só me propicia essa experiência de vida sem precedentes, como também me permite estar diante de professores que sabem exatamente como é estar sentado no meu lugar, pois já ocuparam aquelas cadeiras, naquela mesma sala, um pouco mais nova em sua época. É por tudo isso que digo com enorme prazer e orgulho: sou aluna de medicina da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e faço parte de sua história centenária. ■

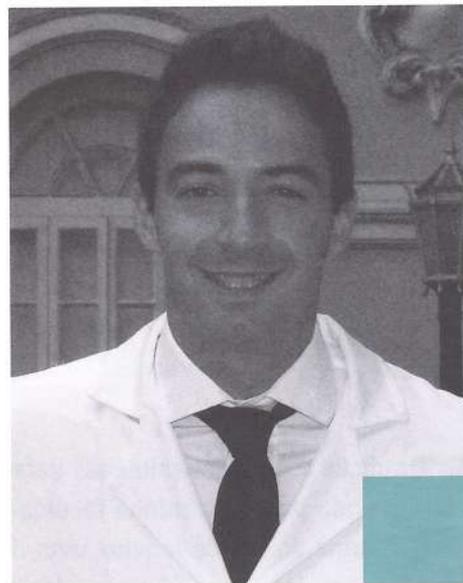
André Ricardo Accacio Veloso

Aluno 12º Período

Presidente da comissão de formatura da Turma do Centenário.

Orgulho é o sentimento que mais se aproxima do prazer de estudar medicina em uma faculdade de tão rica história. Principalmente convivendo com inúmeros questionamentos sobre a qualidade atual do ensino médico no Brasil. Notícias sobre falsos médicos, sucateamento do serviço de saúde pública, mercantilização do setor privado, os inúmeros casos de imperícia, a própria negligência governamental, a dominação dos planos de saúde, entre outros comemorativos com que nos deparamos todos os dias nos noticiários.

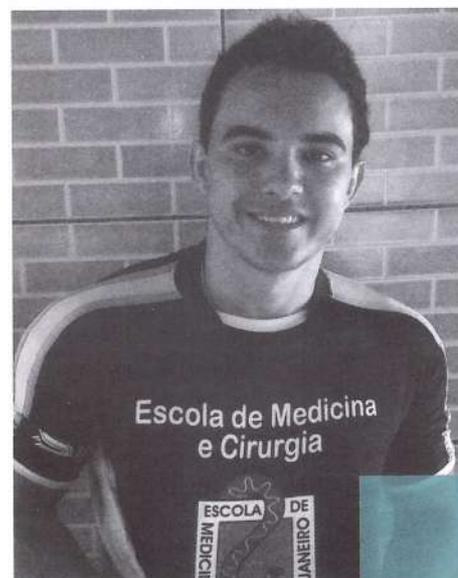
Hoje, a Escola de Medicina e Cirurgia continua a trilhar o caminho de sucesso e de qualidade de ensino. Professores especializados e médicos competentes continuam a ser a ferramenta primordial para a construção de uma elite médica capaz de perpetuar o ideal, para o qual esta Escola foi fundada. Desta forma, sinto-me honrado em fazer parte desta história tão vitoriosa. E mesmo após 100 anos, o incentivo à pesquisa e ao mérito acadêmico permanecem vivos no interior de cada aluno desta Instituição. E, com certeza, estes são os segredos do nosso sucesso. ■



Eduardo Alvarenga Junqueira Filho

Aluno 8º Período

Em 2009 tive o prazer de começar a fazer parte dessa história. Além de tudo que é necessário para ser médico, levo do curso de medicina e, principalmente, de seus professores um modelo. Modelo de como ser comprometido com o paciente, de como se colocar no lugar das pessoas, de como ser HUMANO. Estudar em uma Escola centenária não tem preço. Deixo aqui meus sinceros agradecimentos e orgulho eterno. ■



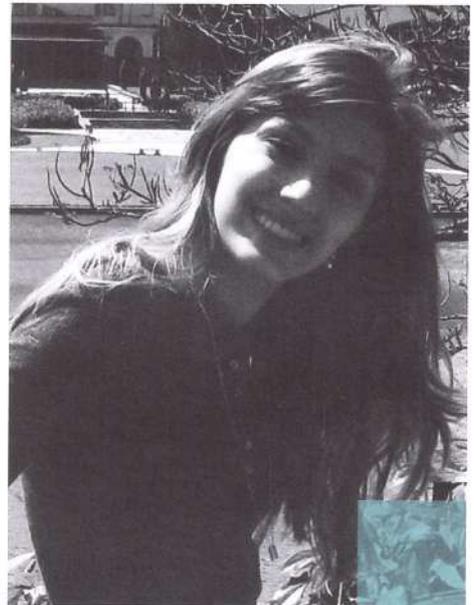
Júlia Reich Camasmie

Aluna 9º Período

Nós alunos ingressamos na faculdade com a certeza de uma vaga e uma porção de dúvidas na mão: será que vou me adaptar? Será que passo do 1º período? Será que tenho mesmo talento para a medicina? É já nesse primeiro momento que a UNIRIO nos acolhe, como recém-nascidos, e nos oferece todo tipo de suporte; nossos veteranos nos orientam como irmãos mais velhos, desde a escolha dos livros e até nas dicas para as primeiras provas. É um ciclo que não termina no básico, mas perdura por toda a graduação.

O tempo passa rápido e logo estamos no hospital. A ansiedade de por as mãos inexperientes no paciente é acompanhada por nossos professores, como pais ensinando um filho jovem a dirigir. A convicção coletiva do “eu não sei nada de medicina” vai sendo aos poucos apagada pelas aulas teóricas e longas jornadas nas enfermarias. De repente somos nós mesmos os respeitados veteranos, e surge daí a responsabilidade de passar algum do nosso conhecimento aos mais novos, através das monitorias, por exemplo. Um pouco mais introduzidos na vida médica, ganhamos cada vez mais liberdade – é-nos confiado examinar sozinho alguns pacientes, ajudar no atendimento nos diferentes ambulatórios, e por aí vai. Porém, nem todos apreciam de vez a liberdade de poder voltar mais tarde da festa, ou sentem medo de pegar emprestado o carro dos pais e bater no primeiro poste da esquina. E é aí que entra, mais uma vez, nossa UNIRIO, uma verdadeira mãe, e nos transmite cada vez mais confiança por saber ensinar cada coisa em seu momento certo.

Ainda tenho um vasto internato pela frente, mas dessa vez não olho para a frente com tantas incertezas, mas sim sabendo que faço parte de uma família disposta a me ajudar no que for preciso. Por isso me orgulho de fazer parte dessa Instituição de tradição, de poder carregar esse sobrenome. Posso representar apenas mais um tijolo, mas de uma casa com sapatas de aço e revestimento em ouro! ■



Lucas Franco Pacheco

Aluno do 12º período da EMC, Membro da comissão de formatura da Turma do Centenário e ex-membro do Diretório Acadêmico Benjamin Baptista.



O Brasil conta hoje com 185 escolas médicas sendo que destas, 102 surgiram nos últimos 15 anos, fruto da mercantilização do ensino, que gerou uma abertura desenfreada de faculdades, em que a maioria é autorizada a funcionar sem hospital-escola, com qualidade contestável. Assim, os empresários do ensino seguem criando escolas de péssima qualidade enquanto o governo tenta facilitar a revalidação de diplomas estrangeiros, principalmente dos alunos formados pela ELAM de Cuba através de financiamentos com nossos impostos. Busca-se mão de obra barata. Em meio a este caos instaurado no ensino médico brasileiro, ainda se sustentam respeitosamente tradicionais escolas médicas, em que se formam com excelência os melhores médicos do país.

A Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (EMC) é uma destas escolas de tradição, a quarta mais antiga do Brasil, criada em 1912, comemora este ano um século formando respeitosos médicos que são referência em qualidade, que fizeram e ainda fazem história no cenário médico nacional. A EMC é referência na formação médica brasileira. Seu Hospital Universitário é completo, possui todas as especialidades médicas exigidas pelo MEC, seu corpo docente é extremamente capacitado, proporcionando uma das mais elevadas qualidades de ensino do país, o que reflete no alto índice de aprovações de seus formandos nas provas de residência e no alto conceito do IGC do MEC. Mesmo neste cenário nacional em que o Governo visa a aumentar a quantidade de médicos e não a qualidade, alguns centros tradicionais de referência fazem sobreviver a esperança da formação de médicos capacitados para nossa população. Parabéns, Escola de Medicina e Cirurgia pelos seus 100 anos, a você o nosso muito obrigado! ■



Stephanie Benikes Ferreira

Aluna 8º Período.

Fazer parte de uma Escola Centenária é um verdadeiro orgulho. Orgulho esse que já começa na sua porta de entrada, o tão temido vestibular, ou o iniciante ENEM, que foi quem me deu a oportunidade de fazer parte dessa família. Tantos candidatos, tão poucas vagas, mas a vontade de estudar na Escola de Medicina e Cirurgia foi grande, e devo dizer não me arrependo jamais.

Claro que temos problemas estruturais pelos campi, mas eles sempre foram superados pela vontade do saber, do aprender. Mesmo carentes de infraestrutura, a palavra do professor 'medalhão' era o que mais importava. E não são poucas as verdadeiras estrelas que nos deram aulas. Sempre com muito carinho e acreditando que a UNIRIO é a "melhor do mundo", eles insistiam em nos fornecer aquele conhecimento a que ao longo dos anos nós damos cada vez mais valor. Não estão disponíveis os equipamentos de última geração para ministrar aquela aula? Calma, sem estresse, o professor vai manter a aula e explicar de outra maneira. Sinceramente? Às vezes se tornavam as melhores aulas.

Fazer parte da UNIRIO é isso. É não medir esforços para que o conhecimento chegue até o aluno. Claro que há suas exceções, mas esses professores também existem em qualquer outra universidade, ainda mais sendo do governo.

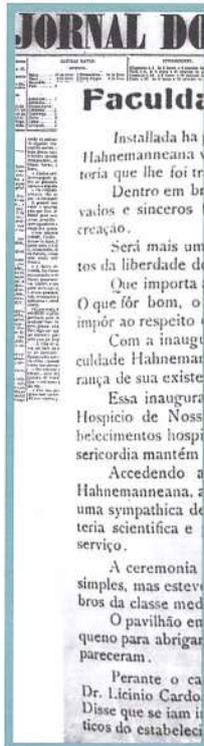
Estou no nono período e cada vez que me perguntam à qual faculdade eu pertencço eu encho o peito e digo: faço parte da Escola Centenária, faço parte da UNIRIO! ■



Centro Académico



Benjamin Baptista



IMPRESA



A criação do DABB e a Ação contra a Ditadura

O antigo Diretório Acadêmico da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro trocou de nome e passou a ser denominado Centro Acadêmico Benjamin Baptista e, atualmente, Diretório Acadêmico Benjamin Baptista (DABB). Fundado em 1960 na nova sede da Escola de Medicina e Cirurgia no prédio construído na Rua Frei Caneca, o Centro Acadêmico da Escola passou a homenagear em seu nome, João Benjamin Ferreira Baptista, considerado o Pai da Anatomia Brasileira, que havia sido professor da Escola e homenageado com o título de Patrono do Instituto Anatômico que leva o seu nome. Durante longo tempo, a Escola de Medicina e Cirurgia foi considerada referência no ensino da Anatomia, graças à atuação e ao prestígio de João Benjamin Ferreira Baptista nos anos 1930 e ao trabalho desenvolvido por seu filho, o professor Benjamin Vinelli Baptista à frente do Instituto Anatômico Benjamin Baptista, ícone da história da Escola.

O DABB contra a Ditadura

Um mundo em protesto. A juventude protestava contra a guerra no Vietnã, as elites conservadoras, o capitalismo, a Igreja, e, nos países latino-americanos, a luta se desenvolvia contra os governos militares de ação ditatorial e repressora.

A Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro desenvolveu uma intensa participação política contra a Ditadura Militar que se constituiu no Brasil desde 1964. Os alunos da Escola e membros do Diretório Acadêmico Benjamin Baptista participavam de reuniões internas e passeatas muitas vezes repelidas por violenta repressão policial ou militar se valendo de golpes de cassetete e de sabre, bombas dispersivas, além de gás lacrimogêneo. A situação ainda pioraria nos “anos de chumbo”, período do governo do Presidente Emílio Garrastazu Médici, principalmente 1969 a 1970, quando membros do DABB foram presos. Sem perspectivas de abertura política e liberdade de expressão, aqueles anos de cerceamento seguiam com os alunos evitando falar de política e, muitas vezes, sem contar com o apoio do corpo docente, pois se sabia que agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), provavelmente infiltrados na Escola, monitoravam movimentos e manifestações.

Com o aumento da resistência à política ditatorial, a partir de 1968, o DOPS obteve maior autonomia e poder, atentando violentamente contra os direitos humanos com monitoramento, espionagem, torturas, execuções e cassações de direitos políticos. Milhares de dossiês contendo documentos e dados pessoais com atividades abertas ou clandestinas, eleições sindicais, movimentos grevistas, instituições, partidos políticos, propaganda

eleitoral, invasão de terras, ação integralista brasileira e aliança nacional libertadora, atos públicos e jornais foram elaborados pelas centenas de agentes em todo o país. A partir de 1968, o governo militar ampliou ainda mais a sua ação repressora, dando início a um dos períodos mais violentos da política nacional. Em duas importantes oportunidades ficou nítida a forte participação política dos alunos e do DABB da então Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro contra a ditadura militar: o episódio Édson Luis e o pronto-socorro clandestino no Hospital Gaffrée e Guinle.



Centro Acadêmico Benjamin Baptista. Inauguração das novas instalações patrocinadas pelo Laboratório Prociex, em 1962. Na imagem, o professor Alberto Soares de Meirelles (4^o esquerda para direita).
Fonte: Arquivo Evangelista Pereira.



O episódio Édson Luis

Em 28 de março de 1968, morreu baleado o estudante paraense Édson Luis de Lima Souto, após um confronto da Polícia Militar com estudantes que faziam um protesto contra o aumento dos preços e condições de higiene do restaurante Calabouço no centro do Rio de Janeiro, custeado pelo governo para atender a alunos carentes. Desde 09 de novembro de 1964, quando foi assinada a Lei 4.464 pelo Presidente Castelo Branco, também chamada Lei Suplicy com referência ao Ministro da Educação Flávio Suplicy de Lacerda, estavam proibidas as mobilizações estudantis, sufocando a liberdade organizativa dos estudantes. Tal dispositivo legal contribuiu para a crescente atividade estudantil de crítica e denúncia aos desmandos do governo militar.

dens religiosas, que eram professores de colégios católicos e participantes do Movimento Intercâmbio de Grêmios (MIG), formaram uma corrente à frente dos cavalos e cavaleiros que portavam cassetetes e armas, para impedir a deflagração de nova tragédia e negociar com os oficiais uma saída pacífica. Uma onda de veementes manifestações e greves se espalhou pelos ambientes universitários no país em protesto pela morte de Édson Luis e pela brutalidade e inabilidade da polícia, alcançando o repúdio inclusive de setores mais conservadores da sociedade. Mais do que um estopim de greves e manifestações estudantis, o episódio Édson Luis surtiu o efeito de alertar, mais uma vez, a sociedade

brasileira para a degradação política e a supressão da liberdade.

Alunos da Escola de Medicina e Cirurgia e membros do DABB decidiram protestar contra a ditadura militar e a morte de Édson Luis, desenvolvendo uma estratégia para publicar uma edição extra do Jornal "emecê", órgão de divulgação do diretório na época, no dia 01 de abril de 1968. Os jornais foram impressos na sede da Tribuna da Imprensa e transportados num inocente fusca do aluno Jonas Talberg para o Colégio São Vicente de Paulo, o que foi permitido pelo padre Dario Nunes Coelho. A arriscada e sigilosa operação de impressão de 5.000 exemplares transcorreu sem despertar suspeitas de agentes do temido DOPS, e o emecê foi distribuído diretamente ou via correio para estudantes de todo o país. Seu editorial destacou "É

Edson Luis, 28 de março de 1968. Cenas pós-confronto e velório. Fonte: UNE.





dio Édson Luís surtiu o efeito de alertar, mais uma vez, a sociedade brasileira para a degradação política e a supressão da liberdade.

Alunos da Escola de Medicina e Cirurgia e membros do DABB decidiram protestar contra a ditadura militar e a morte de Édson Luís, desenvolvendo uma estratégia para publicar uma edição extra do Jornal "emecê", órgão de divulgação do diretório na época, no dia 01 de abril de 1968. Os jornais foram impressos na sede da Tribuna da Imprensa e transportados num inocente fusca do aluno Jonas Talberg para o Colégio São Vicente de Paulo, o que foi permitido pelo padre Dario Nunes Coelho. A arriscada e sigilosa operação de impressão de 5.000 exemplares transcorreu sem despertar suspeitas de agentes do temido DOPS, e o emecê foi distribuído diretamente ou via correio para estudantes de todo o país. Seu editorial destacou "É preciso que a população brasileira perceba a gravidade do momento em que tudo foi desmascarado e se una: Liberdade ainda que tardia". Além do contundente editorial e da manchete explosiva "Estudantes unidos contra ditadura assassina", o emecê reunia um documentário de manchetes dos jornais da época, a reprodução de artigos e opiniões de personalidades como Millôr Fernandes e Jorge Amado, além de um artigo intitulado "E se fosse um filho seu?" do jornalista Hélio Fernandes.

A bravura dos alunos da Escola e dos membros do valoroso Diretório Acadêmico Benjamin Baptista, presidido na época pelo aluno Carlos Alberto Morais de Sá, que se destacaria anos depois por ser nomeado um dos professores titulares mais jovens e na luta

nacional contra a AIDS, marcou a importante participação política dos alunos contra a ditadura militar após a morte de Édson Luís.

O pronto-socorro clandestino

Os movimentos estudantis se tornaram uma das principais formas de oposição ao regime militar, e após outros violentos confrontos que sucederam após a morte de Édson Luís, três meses depois, em 26 de junho de 1968, ocorreu a Passeata dos Cem Mil, a maior manifestação até então contra o Governo Militar. Organizada a partir de um ato político na Cinelândia, centro do Rio de Janeiro, a passeata integrou estudantes, artistas, intelectuais, mães e padres, em número tão expressivo que tal adesão preocupou o Governo e as autoridades militares que preferiram não intervir. Milhares de pessoas protestaram contra a repressão e violência do governo militar, além da política educacional que se direcionava a privatização. Pregava-se também a reação quanto à influência do capitalismo norte-americano no processo educacional brasileiro.



Passeata dos Cem Mil, 26 de junho de 1968. Fonte: Arquivo ALERI.

Com o propósito de criar um pronto-socorro para as vítimas da repressão policial em manifestações estudantis no Rio de Janeiro, um grupo que integrou alunos e professores da Escola de Medicina e Cirurgia montou um pronto-socorro clandestino nas dependências do Hospital de Clínicas Gaffrée e Guinle. Idealizado por Almir Dutton Ferreira, médico ginecologista do Hospital da Ordem Terceira da Penitência e militante da base médica da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) – movimento revolucionário surgido em 1968 de uma dissidência da Organização Revolucionária Marxista no Estado de São Paulo –, o pronto-socorro se tornaria uma unidade importante para o atendimento de emergência aos feridos nas batalhas pelas ruas e evitaria eventuais prisões.

A unidade de pronto-socorro foi organizada por professores e alunos da Escola de Medicina e Cirurgia em um grande galpão com quatro salas interligadas anexo ao Hospital Gaffrée e Guinle, localizado, estrategicamente, à esquerda da entrada do hospital. Com uma infraestrutura básica, o atendimento clínico era prestado por assistentes e internos da primeira cadeira de Clínica Médica e as intervenções cirúrgicas proporcionadas pela segunda cadeira de Clínica Cirúrgica, serviço do Professor Josias de Freitas. No local onde funcionou o hospital clandestino, hoje se encontra um prédio anexo de dois andares ocupado pelo Serviço de Pediatria.

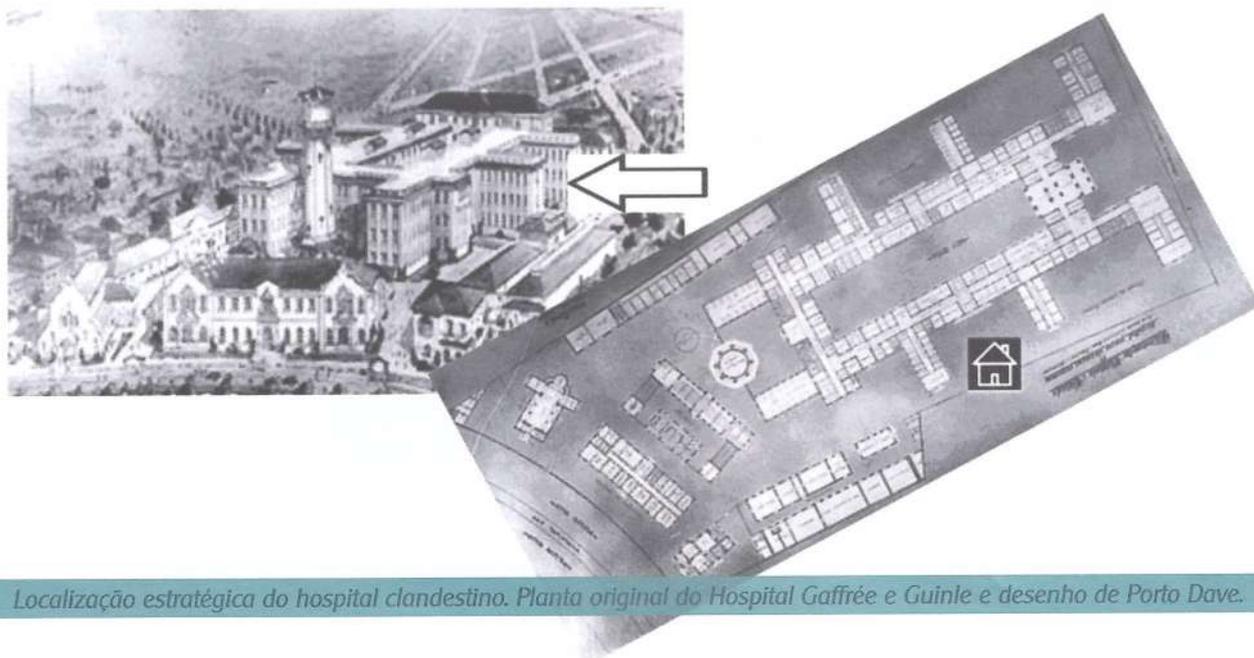
Um antigo camburão que transportava cadáveres indigentes do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro para o Instituto Anatômico Benjamin Baptista, após limpeza e adaptação, serviu de ambulância para o transporte dos feridos nas manifestações estudan-

tis, na maioria lesionados por golpes de cassetetes, sabre, bombas de efeito moral ou intoxicados por gás lacrimogêneo. As equipes no hospital e a ambulância improvisada ficavam de prontidão nos dias de concentração e passeatas, previamente combinado com as lideranças estudantis e nas assembleias da União Metropolitana de Estudantes (UME).

O pronto-socorro clandestino funcionou durante alguns meses com a permissão de professores da Escola como Jacques Houly e Mário Barreto Corrêa Lima, entre outros que se destacaram na viabilização daquele pequeno, mas importante sistema de atendimento. A participação do DABB, e alunos da Escola de Medicina e Cirurgia se tornou preponderante para a efetivação daquele ideal de socorrer colegas feridos covardemente pela repressão policial. Entre aqueles que se destacaram naquele momento de luta e perseverança: Carlos Alberto Moraes de Sá, Carlos Alberto Nascimento Santos, Eduardo Araújo Vilhena Leite, Antônio Luiz Chaves Gonçalves, Edson Martins Fadiga, Flamarion Gomes Dutra, Milton Nahun, Luiz Nagamini e Eduardo Bordallo.

O editorial daquela edição histórica do emecê de autoria dos membros do DABB remonta àquele passado angustiante e será transcrito abaixo a fim de documentar a história de nossa Escola e como uma homenagem àqueles que lutaram por sua impressão e distribuição.

“Após os graves acontecimentos do dia 28 de março todo brasileiro torna-se responsável, não pela segurança nacional, como diria certo governo, nem pela “rosa” como diria Saint Exupery, mas pelo novo curso da história brasileira. Toda morte é igual como morte, mas seu significado transcende ao significado



Localização estratégica do hospital clandestino. Planta original do Hospital Gaffrée e Guinle e desenho de Porto Dave.



da própria morte em si. Mata-se hoje em defesa de interesses distantes e muito escusos, em terras alheias atiram-se bombas sobre escolas e hospitais, pratica-se verdadeiro genocídio em nome de uma civilização em decadência, contra um povo que vive o maior momento de sua história. Dobram-se eles? Dobram-se os agressores? Não. A cada ataque de violência há uma resposta mais violenta ainda. Mata-se no Oriente Médio, na Bolívia, no Panamá, na Venezuela, no Brasil!!!

Por que mataram Édson? Por que a polícia age com tanta liberdade, contra a liberdade daqueles que só lutam por dias melhores? Comer, morar, estudar, transformou-se em crime, em subversão. Como se a generalocracia tivesse o poder e a sabedoria incontestáveis dos profetas que se diziam investidos de superpoderes.

Sairiam policiais à rua simplesmente a mando de um general, de um chefe de polícia para massacrar indiscriminadamente qualquer cidadão que se manifestasse contra o status quo? Não. A origem de tais crimes, como aquela morte, transcende à simples burocracia de uma central de polícia. A polícia é criminosa, como o foi a Gestapo; se uma obedecia à Himmler outra obedece à Niemeyer. Uma se alinhava a um estado militarista (nazismo) e fazia "tudo de acordo". Outra se enquadra num estado também militarista. Repetimos: por que mataram Édson? A polícia foi o elemento executor, o general o elemento mandante, o governador consentiu. E atendendo a que interesses se mantém a juventude de um país, vanguarda das novas ideias e porta-voz da liberdade (juventude nunca tolerou tirania) amordaçada e ameaçada. Por que se treme tanto com a palavra LIBERDADE? Por que se mantém este país atrelado



a um esquema militarista? A que potência se alia o governo para em momentos de conflito ter tão péssimas inspirações. Ao lado disso tudo, o espírito de Hitler paira sobre a nação e sua inspiração não é assimilada pelos jovens e sim pelos que ensandeceram à margem da história: "quem pode dizer quando começou a revolução francesa, quem pode afirmar que a revolução russa de 1917 não teve seu início e sua gestação dezenas e dezenas de anos antes, nas brutalidades e assassinatos cometidos pela aristocracia?"

Quando um menino de 16 anos morre esfaqueado por uma bala disparada por um boçal que foi (quem sabe?) estimulado por tudo que viu ou ouviu, estão está na hora de cessarem os privilégios, dos acomodados deixarem sua comodidade, dos mais felizes, cederem um pouquinho de suas felicidades, dos mais calmos perderem a paciência, em suma: de todos abandonarem suas torres de marfim onde se refugiaram até inconscientemente, e exigirem a liberdade para todos, de lutarem pelo direito de todos serem livres, de viverem sem medo de ser assassinados numa esquina qualquer. Por isso e por muito mais a hora que se apresenta é grave para a nossa história. É preciso que o povo: operários, camponeses, estudantes, funcionários, militares e demais trabalhadores não fiquem para a história como o bêbado de um famoso romance francês que ao ver alguns cavaleiros em debandada não sabia que era testemunha ocular da história: Napoleão se retirava de Waterloo. Os alunos da EMC não se omitiram neste momento e cerraram fileiras juntamente com os demais estudantes brasileiros. Todos na frente da luta, omissão também é crime. É preciso que a população brasileira perceba a gravidade do momento em que tudo foi desmascarado e se una: Liberdade ainda que tardia." ■



DEPOIMENTO

Leandro Moreira Peres

Coordenador-Geral DABB Gestão 2011-2012



Equipe atual do diretório acadêmico Benjamin Baptista

Nós estamos aqui há cinco, quatro, três, dois anos ou apenas alguns meses na Escola de Medicina e Cirurgia e já temos o privilégio de represen-

tar os estudantes da Escola Centenária, a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. E estamos aqui porque, mesmo com pouco tempo nessa Instituição, nós já a amamos.

São 100 anos de EMC e mais de 50 anos de existência do Diretório Acadêmico Benjamin Baptista, é um grande orgulho fazer parte dessa história. Mesmo não conhecendo cada parte da história dessa Escola e não conhecendo todos os estudantes que ocuparam a gestão do DABB, a bem da verdade nós os conhecemos. Sabemos que essa Escola faz parte da história da Medicina deste país e que sua contribuição para o cenário nacional foi, é e sempre será de grande importância.

Pelos bancos da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e pelo DABB já passaram diversos personagens marcantes da vida política e social do estado do Rio de Janeiro e do Brasil, sendo eles membros de grande atuação na saúde pública e política nacional, entre eles até mesmo um candidato à Presidência da República. Sabemos e conhecemos o sentimento daqueles que ocuparam a gestão do DABB nesses anos, um sentimento de luta pela melhoria de nossa Escola, pela melhor qualidade de nosso ensino e pela melhor qualidade da assistência dada aos nossos irmãos. Principalmente quando somos diariamente induzidos a pensar que nada pode ser mudado em nosso meio. Porém é preciso que nosso questionamento não limite nosso pensamento e compreensão da real importância dessa organização para a nossa formação.

Nós, do Diretório Acadêmico, buscamos representar e defender os direitos dos estudantes, que lutaram para estar em uma instituição pública e merecem receber dela o melhor. Acreditamos numa EMC cada dia melhor, com ensino de qualidade, com boas instalações para os pacientes e os alunos. Queremos

continuar resgatando o ORGULHO de ser UNIRIO diariamente, de pertencer a uma das mais antigas faculdades de Medicina do país! Porque aprendemos a amar a Escola de Medicina e Cirurgia!

O DABB não foi feito para ter uma opinião própria e única e sim para representar a opinião e a vontade coletiva dos estudantes. O DABB não é feito por 15 ou 20 pessoas e sim por todos os alunos. O DA não é uma chapa ou um grupo, é um todo! Por isso estamos aqui: para representar, organizar e unir todos em uma causa única, em benefício de todos os que desejam uma formação acadêmica de excelência... É preciso acreditar que muito pode ser feito e mudado, mas que para isso é necessário união. O DABB em todos esses anos representa essa união e luta pelos interesses do todo. Para conseguirmos construir uma EMC melhor, é preciso uma troca entre alunos e diretório, é necessária uma relação íntegra, de confiança e reciprocidade. Sozinhos não somos nada e nada representamos, mas juntos somos muito fortes e teremos grandes vitórias! ■



Gestão 2011-2012

Leandro Moreira Peres - Coordenador-Geral

Gabriel Amorelli M. da Silva - Vice-Coordenador-Geral & Relações Estudantis

Gabriel Suzano Zan - Coordenador do IB & Comunicação

Luiz Eugênio B. P. Filho - Coordenador Financeiro

Ana Júlia Canabrava Carvalho - Relações Estudantis & Vice-Coordenadora Financeira

Eric Shiguelo B. Kunizaki - Coordenador de Ensino

Maria Otávia Sanchez da Cunha - Coordenadora de Ensino

Vinicius Almeida de Oliveira - Coordenador de Ensino

Nathan da Cunha Costa - Coordenador SócioCultural

Luiza Máximo Cunha Pinto - Coordenadora de Patrimônio

Talita Machado de Carvalho - Coordenadora Científica & Coordenadora de Ligas Acadêmicas

Vitória da Costa Fonseca - Coordenadora Local de Estágios e Vivências

Felipe Monte Santo R. Ferreira - Coordenação Científica & Extensão Universitária

Marília Ribeiro de A. Aguiar - Coordenadora Local de Estágios e Vivências

Ricardo Luciano Dias e M. de Miranda - Coordenador Local de Estágios de Vivências

Yuri Cardoso R. B. Bittencourt - Coordenador SócioCultural

Débora Souza Beck - Coordenadora de Comunicação

Raquel Tiezzi Fernandes - Coordenadora de Patrimônio

Barbara Pardo Rossini de M. Justo - Coordenadora de Ligas Acadêmicas

Isabela Martins Becattini Pereira - Coordenadora de Comunicação

Juliana Ribeiro Peres da Silva - Coordenadora Científica

Rafaella Orlow Oliveira - Coordenadora de Ligas Acadêmicas & Extensão Universitária

Nathalia Matola - Rede de Ajuda





TURMA DO CENTENÁRIO



TURMA DO CENTENÁRIO

ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA



Patrono: Carlos Alberto Basilio de Oliveira

Professores homenageados:

Adilson José de Almeida
Antônio Luiz de Araújo
Eduardo Pernambuco de Souza
Fernando Regla Vargas
Ieda Lucia Pereira Bravo
Maria Marta Regal de Lima Tortori
Regina Rocco
Rodrigo Panno Basilio de Oliveira

Homenagem póstuma:
Regina Maria Lugarinho da Fonseca



Nome dos formandos:

1. Alice Viana Garcia da Rosa
2. Aline Macedo La Ruina
3. Almir Francisco da Silva Neto
4. Ana Claudia Pinheiro de Carvalho
5. Ana Luíza Guimarães Ferreira
6. Anderson Facina Roçadas
7. André Luis Pinheiro de Carvalho
8. André Ricardo Accacio Veloso
9. Bárbara dos Santos Bastos
10. Beatriz Vasconcellos de Souza
11. Bruna Suzarte Campelo
12. Carla Elias Lima
13. Carla Pardini de Oliveira
14. Carla Silva Salles
15. Carlos Augusto de Oliveira Junior
16. Carlos Daniel van der Haagen Llosa
17. Carolina Linhares Martins
18. Cássio Ferreira Pena
19. Daniela Pires Ferreira Vivacqua
20. Delisie Lima da Costa Moraes
21. Edno Giriboni Junior
22. Eduardo Silva Barbosa
23. Fausto Petrillo Cotrim
24. Fellipe Cardoso Neves
25. Fernanda Salles Cesar de Oliveira
26. Fernando Jorge Kaddoum
27. Flávio Nascimento e Silva
28. Frederico Malta Pio
29. Gabriela Ferreira Vaz
30. Giovanni Araujo Godinho Filho
31. Gisella de Souza Constância Pereira
32. Jarbas Monteiro Cerdeiro
33. Julia Cabral Bastos
34. Larissa Araujo Fernandes
35. Laura Freitas Barros
36. Laura Lino Passos Machado
37. Luana de Assis Ribeiro Laurito
38. Luane Duarte Fernandes
39. Lucas Franco Pacheco
40. Lucas Leonardo Knupp dos Santos
41. Luciana Ribeiro Moliterno
42. Luiza Kimiê de Queiroz Taniguchi
43. Marcellus Henrique da Costa Moreira
44. Mariana de Brito Colombo
45. Mariane Martha Azevedo Aragão Cunha
46. Marina Rigoni Costa Moreira
47. Maristella Reis da Costa Pereira
48. Pamela Goldstein Felipe
49. Paula Guilherme Corrêa
50. Paulo João Carelli
51. Rafael Almeida Suhett
52. Rafael Silva Severino
53. Renan Thomaka de Figueiredo Cruz
54. Renata Moraes Fagundes da Costa
55. Rita Helena do Espirito Santo Borret
56. Samira Barroso Jorge
57. Samuel Alves Pereira Neto
58. Solange Akemi Yosioka Ribeiro
59. Tainã Medeiros Versiani Ribeiro Matos
60. Talita Faria Aleixo
61. Tarcisio Silva de Oliveira
62. Thiago Boscher da Costa



Ieda Lúcia Pereira Bravo

Docente Ginecologia

Conselheira Emérita pelo Diretório Acadêmico Benjamin Baptista

O que dizer de um romance que já dura mais de 37 anos? De uma escolha inexplicável aos meus 18, quando a primeira opção ao inscrever-me no Vestibular do Cesgranrio foi pela FEFIEG, e não pela UFRJ, “a preferida” dos candidatos ao Curso de Medicina? Estava escrito... São tantos nomes, tantos fatos, que é muita pretensão para uma incorrigível sonhadora e contadora de estórias tentar sintetizar tudo!

Desde 1975 e o “terror” das primeiras Cadeiras Básicas do Instituto Biomédico, onde nós calouros contávamos uns com os outros e com alguns “anjos de guarda”, como Adair Frattani nas tardes de dissecação e provas no Anatômico da Frei Caneca, pudemos saborear ensinamentos magistrais. Guardo doces lembranças, como as “visitas humanizadas” a certo biotério no 7º andar, conduzidas pelo professor Jurandyr da Motta Guimaraes da Histologia, onde mais tarde tive o prazer de ser monitora. Lembro-me com orgulho dos primeiros contatos com a pesquisa de campo capitaneada pelo professor Alcides da Silva Santos na Favela do Jacarezinho. Estudioso da pineal e da Ciência à luz do Espiritismo, precocemente foi roubado do nosso convívio privilegiado por um tumor de pâncreas. Estou certa de que eminentes professores e personalidades brilhantes foram e sempre serão revividos e exaltados em nossos anais, ao longo de 100, 200, 1.000 anos... Entretanto, particularmente, há alguns que me vêm à lembrança de forma espontânea e agradável, ora como exemplo, inspiração, admiração, ora como camarada e amigo, como alguém que acredita em nós e em quem se pode confiar e contar, incondicionalmente.

Assim foram e são, também, muitos dos meus colegas da turma que colou grau em 18 de dezembro de 1980 e homenageou o saudoso professor de Pediatria Celso Dias Gomes, falecido no Anfiteatro Geral do Hospital Universitário Gaffrée Guinle em 1979, no exercício de sua função, como Nome de Turma. “O colega de turma” é entidade que reputo da maior importância na vida do profissional e do Homem. Quero homenageá-lo na figura do companheiro Ewerton Mozart Nogueira Martins, cuja perseverança e dedicação em nos manter presentes e unidos em convivência fraterna representa cada um dos meus particulares e especiais amigos de verdade!



Hoje, como docente desta Escola há quase 30 anos, renovo a cada dia meu propósito de “passar o bastão” (como dizia nosso Paraninfo, professor Rogério Rocco) às novas gerações de médicos: humanos, criativos, estudiosos, críticos, responsáveis e comprometidos com o bem estar de seu semelhante, muito mais que práticos ou apenas cientistas. E, encantada, me emociono diuturnamente com notícias de seu sucesso. Como são generosos esses “filhotes”... Cumprimentos diários e gestos de carinho, muitas dezenas de homenagens acadêmicas, inclusive de Conselheira Emérita pelo Diretório Acadêmico Benjamin Baptista e de Nome da 1ª Turma de Medicina do século XXI da EMC, além da Grande Homenagem da Turma de seu Centenário (2012.1), eternizam meus ideais e me fazem crer que fiz a escolha certa.

Sinto-me orgulhosa da grande família a que pertenço, recordando com ternura e gratidão os professores: Egídio Tancredo, Vasco Azambuja, João Roberto Monteiro de Carvalho, Therezinha de Jesus da Torre Bogossian, Yeda Barroso de Medeiros, Osmar Teixeira Costa, Avani Jorge Moreira, Mário Gáspare Giordano, Regina Lugarinho, He-



lion Póvoa, Azor José de Lima, José Cortines Linhares e Dr. Antonio Bernabé, entre tantos que, por motivos diversos, nos privaram de sua companhia enriquecedora.

Muito me honra e alegra poder representar meus pares, ao ser convidada a dar esse depoimento. Heróis anônimos de infindáveis batalhas, que resistem à precariedade da Educação, da Saúde e de valores Morais e Éticos, bem como à indiferença de alguns, que sequer lhes reserva os merecidos parabéns e muito obrigado!

Ao longo dessa sinuosa estrada da vida, pude experimentar outras escolas, diferentes correntes e tendências. Porém, algo fisicamente pequeno e, ao mesmo tempo, tão peculiar e grandioso, que nasceu e convive com tanta diversidade (como a coexistência harmoniosa da Clínica Cirúrgica, Clínica Médica, alopática e homeopática, e outras especialidades de excelência, num legendário hospital e num templo de Hahnemann), esculpiram minha alma de médica e professora.

Agradeço a Deus, o Mestre dos Mestres, por ter-me colocado aqui... Exatamente na Escola de Medicina e Cirurgia, onde aprendi, entre outras coisas, que obstáculos, adversidade e dor existem a fim de nos tornarem melhores e fortes o suficiente para não julgarmos nem desistirmos, mas sim, compreendermos e termos esperança! ■

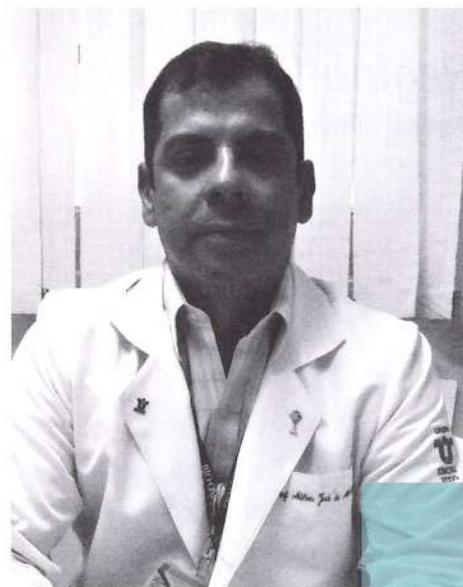


DEPOIMENTO

Adilson José de Almeida

Docente – Clínica Médica/Hematologia

É com orgulho e satisfação que recebo essa homenagem em associação às comemorações dos 100 anos da Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO. O cuidado com a saúde dos indivíduos me motivou a ingressar na carreira médica, em 1984, tendo como 'porta de entrada' esta Escola, uma das mais conceituadas do País. Alguns anos após minha colação de grau (1990), quando ingressei como docente nesta mesma Escola, não poderia imaginar a real magnitude de sua essência. E durante este período de 18 anos de carreira no magistério pude acompanhar de perto o crescimento e amadurecimento institucional. Essa essência, a ser aprimorada a cada dia, serve de incentivo para se buscar novos desafios e deve ser passada a cada nova geração. ■



Regina Rocco

Docente - Obstetrícia

Deus meu, a nossa Escola de Medicina chegou ao Centenário! E esta turma tão especial me fez sua professora homenageada. Ao longo da minha vida acadêmica, na especialização e hoje no quadro de professora, guardo as mais lindas lembranças da minha vida profissional. Adquiri profundas e valiosas amizades que estabeleci entre colegas de turma, funcionários, professores e alunos. Retornando ao passado, são tantas as emoções vividas, por tantos colegas, professores que me marcaram, principalmente no meu coração. De todos, destaco o professor Rogério que tive a grande oportunidade de ter como pai. O nosso professor, que tanto amou - e se dedicou - a nossa Escola, foi para todos que passaram por ele um grande exemplo de como exercer a Medicina de forma humana e eficaz. De todos os seus inúmeros ensinamentos, tem um que levo no meu dia a dia profissional: seja simplesmente você, tenha um contato mais saudável com o seu paciente, divida com ele as suas dúvidas e solicite seu retorno num prazo mínimo, para que possa estudar seu caso (lógico, se tiver dúvida).

A doçura de se fazer humano é que faz a diferença no médico vocacionado. Mas a forma política pela qual são tratados o ensino e a saúde neste país leva muitos de nós para as trincheiras do front desta batalha, transformando o nosso dia a dia distante do nosso ideal. Respirem fundo neste momento, meus queridos alunos, e em segundos se deixem inundar pela mesma força que os trouxe até aqui. Que este reforço se transforme numa película protetora nos seus nervos e no seu coração para que possam tolerar o grande da vida! ■



DEPOIMENTO

Maria Marta Regal de Lima Tortori

Docente - Pediatria

Minha história com a Escola de Medicina e Cirurgia (EMC) envolve laços muito mais do que acadêmicos, são laços de sangue. Aqui ingressei, após o vestibular, classificada em 2º lugar, o que me rendeu propaganda na mídia pelo meu antigo colégio. Em linguagem pediátrica, posso dizer que aqui nasci como médica, sendo muito bem-atendida na sala de parto por meus pediatras, o que me proporcionou um crescimento e um desenvolvimento saudável, supervisionado por meus “pais”, então meus mestres. Encontrei na EMC o “Prof. Cláudio”, companheiro de tantas jornadas (parafraseando a música) ao longo de mais de 25 anos e que me concedeu a dádiva de ser mãe do João Pedro. E coroando os laços de sangue, a alegria de ter sido aluna do “Prof. Azor”, meu maior exemplo de ser humano, de médico, de excelente professor (de quem gostaria de ter herdado um décimo do talento para a docência), o pai que sempre está ao meu lado. Sua paixão pelo ensino e por esta Escola me faz, às vezes, esquecer de que se formou pela “irmã” UFRJ. Mais tarde, após um “crescimento e desenvolvimento” saudável, abracei a vocação familiar e reingressei em 07/06/1994 como professora. Realizei-me mais uma vez nesta Escola. Encontrei meu rumo, encontrei o prazer de ser professora a despeito dos percalços que somos obrigados a enfrentar. Desde então assisti a muitas cenas: partidas de colegas e de alunos que auxiliei nos primeiros passos; reformas curriculares; algumas mudanças estruturais; ingresso de outros médicos e professores que hoje aqui estão; homenageada em 15 turmas além de paraninfa em cinco turmas (a 1ª. turma, em 1996/1; depois 1996/2 ou 1997/2; 2003/1; 2010/1 e 2011/1). Aos alunos que passam tento transmitir um exercício médico pautado na ética, no respeito ao próximo, na atualização científica e no orgulho de ser da EMC. Portanto, estar aqui, no ano do Centenário, é reafirmar meus votos de um casamento feliz, repleto de amor, confiança, parceria, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, para toda uma eternidade. ■





Em referencia ao officio n.º 88, de 16 de agosto ultimo, declaro que na presente data é concedida a equiparação solicitada pela Faculdade Hahnemanniana. O que o art. 8.º letra e, da lei n.º 3.454 de 6 de janeiro de 1918, teve em vista foi modificar o art. 12 do decreto n.º 11.530, de 18 de março de 1915, que, tratando da fiscalização dos institutos, para o effeito da equiparação, dispunha: "O Conselho Superior poderá indeferir, logo, o requerimento si tiver informações seguras da falta de idoneidade dos directores ou professores do Instituto". O alludido art. 8.º, restringindo esse arbitrio, determinou: "e) a fiscalização ou equiparação requerida por qualquer insstituto poderá ser negada sómente pelo voto da maioria absoluta do Conselho Superior do Ensino". O parecer da Commissão do Ensino Superior, referente á equiparação da Faculdade Hahnemanniana, opinava, por maioria dos membros que o subscreveram, pelo deferimento do pedido, de accôrdo com o relatório do inspector federal concernente ao pedido da fiscalização preliminar a que se submetteu a faculdade. Levado a plenario, esse parecer só poderia ser regeitado pelo voto da maioria absoluta do Conselho, nos termos da citada lei n.º 3.454. Dos doze membros presentes á sessão do Conselho, sete votaram pela regeição do parecer e cinco contra. Logo, não houve maioria absoluta, e esse não foi regeitado; devendo, por isso, subsistir, em seus fundamentos, tal qual se acha redigido. Assim, a equiparação não pôde ser negada por decisão posterior do Governo, contrariando o espirito e a letra da lei.

Saúde e fraternidade.

Joaquim Ferreira Chaves".

"Ministerio da Justiça e Negocios Interiores — Directoria do Interior
— 2.ª Secção — Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1921.
Sr. Presidente do Conselho Superior do Ensino.



NOTA E INTERIOR.
Preços adiantados.
Por 12 meses... 20000
Por 6 meses... 10000
Por 3 meses... 5000

JORNAL DO COMMERCIO.

PROVINCIAS e EXTE
Preços adiantados
Por 12 meses... 200
Por 6 meses... 100
Por 3 meses... 50

SUBSIDIOS BASTOS	EPIDEMIOLOGIA	COMPANHIA POLIGRICA	NOTAS e PONTOS POLITICOS	SAHIBOS DO DIA e DE FEVEREIRO
<p>1. A. ...</p> <p>2. ...</p>	<p>1. ...</p> <p>2. ...</p>			

INTERIOR.

MINAS GERAIS.

1. ...

2. ...

3. ...

4. ...

5. ...

6. ...

7. ...

8. ...

9. ...

10. ...

11. ...

12. ...

13. ...

14. ...

15. ...

16. ...

17. ...

18. ...

19. ...

20. ...

21. ...

22. ...

23. ...

24. ...

25. ...

26. ...

27. ...

28. ...

29. ...

30. ...

31. ...

32. ...

33. ...

34. ...

35. ...

36. ...

37. ...

38. ...

39. ...

40. ...

41. ...

42. ...

43. ...

44. ...

45. ...

46. ...

47. ...

48. ...

49. ...

50. ...

Faculdade Hahnemanniana

Installada ha pouco tempo no Rio de Janeiro, a Faculdade Hahnemanniana vae marchando triumphadoramente na trajetoria que lhe foi traçada pelos seus fundadores.

Dentro em breve ella demonstrará, certamente, quão elevados e sinceros foram os sentimentos que motivaram a sua criação.

Será mais um estabelecimento superior a attestar os fructos da liberdade do ensino.

Que importa a exploração dos deturpadores contumaces? O que fôr bom, o que fôr sincero e bem orientado, ha de se impôr ao respeito e á estima do publico.

Com a inauguração do curso pratico de anatomia, a Faculdade Hahnemanniana vence uma etapa que vale pela segurança de sua existencia definitiva.

Essa inauguração realizou-se pela manhã de hontem, no Hospicio de Nossa Senhora da Saude, um dos diversos estabelecimentos hospitalares que a benemerita Santa Casa de Misericordia mantêm no Rio de Janeiro,

Accedendo ao que lhe foi requerido pela Faculdade Hahnemanniana, a administração da respeitavel instituição deu uma sympathica demonstração do seu espirito liberal em materia scientifica e prestou á sociedade mais um humanitario serviço.

A cerimonia inaugural levada a effeito na Gambôa foi simples, mas esteve muito concorrida não só por parte de membros da classe medica como por parte da classe academica.

O pavilhão em que se realizou essa inauguração foi pequeno para abrigar o elevado numero de pessoas que lá compareceram.

Perante o cadaver de um indigente usou da palavra o Dr. Licinio Cardoso, Director da Faculdade Hahnemanniana. Disse que se iam inaugurar naquelle momento os trabalhos practicos do estabelecimento, cuja direcção lhe fôra confiada.



NOTICIARIO



A Faculdade de Medicina Homœopathica do Rio de Janeiro

Creada de accordo com a Lei Organica do Ensino Superior e do Fundamental na Republica, approvada pelo decreto n. 8659 de 5 de Abril de 1911, acha-se instalada e funcionando essa Faculdade á Avenida Rio Branco n. 133, 2º. andar.



**Os novos Cathedrauticos da Escola de
Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro**



A renovação dos catedráticos em 1934



medicina e cirurgia rejuvenesce aos 50 anos

A Escola de Medicina e Cirurgia comemorou no dia 10 do corrente seus cinquenta anos de existência. O Centro Acadêmico Benjamin Batista, presidido por Evangelista Pinto Pereira, organizou uma semana de festividades, que se encerram hoje à noite com um baile no Copacabana Palace. Isto é o presente. A gestão iniciada a 15 de janeiro, neste pouco espaço de tempo tem um saldo a apresentar e futuramente conta realizar outros planos. Um restaurante, um hospital próprio, aparelhagem específica para cadeira, fazem parte dos projetos, muitos já iniciados outros em fase de estudos.

Contando atualmente oitocentos alunos, a Escola de Medicina e Cirurgia precisa expandir-se, dar conforto aos que entram e os que já estão. O Centro Acadêmico Benjamin Batista tem, de acordo com as possibilidades, lutado por conseguir o cumprimento de suas promessas. Muito foi conseguido. O calçamento do pátio interno da escola, em parte pago pelo CABB (350 mil cruzeiros), estava orçado em dois e meio milhões de cruzeiros. Contribuiu principalmente para a consecução desta melhoria a oferta da Bloket artefatos de cimento armado, que ofereceu gratuitamente todo o material (2 milhões, 150 mil cruzeiros) à Escola. O governo do Estado levantou um muro para a rua e pavimentou a calçada externa a pedido do CABB. Ampliou-se também a biblioteca, através doações de ex-alunos, em campanha que angariou a quantia de quatrocentos mil cruzeiros. Ao lado da biblioteca, numa ampla sala, montou-se uma sala de estudos, ofertada pelo Laboratório Proviens. Além disto, houve a remodelação da sala de música, a instalação de uma barbearia, ajardinamento da escola, início de um curso de alfabetização de adultos e a criação de um curso de pré-vestibular. Em destaque devemos lembrar o departamento de apostilas instalado e que receberá do Ministério da Educação e Cultura, para expansão, a verba de 800 mil cruzeiros, o que virá por certo facilitar o estudo.

olhos no futuro

Os planos futuros, por serem de maior amplitude, têm seus adiantamentos em fase inicial, detendo alguns terem solução breve. A construção de um restaurante na EMC, levou o CABB a solicitar do MEC uma ajuda para iniciá-lo. O ministro Oliveira Brito prometeu, desde que os planos de construção estejam prontos, uma verba de 3 milhões de cruzeiros, para início das obras. Quanto à alimentação, o SAPS tem o compromisso com o Centro Acadêmico de fornecê-la a preço comum.

Quando chegamos ao problema Hospital, os fatos se agravaram. Os estudantes da EMC possuem, oficialmente, noventa leitos no Hospital Gaffrée Guinle, o que, para 800 alunos, é insuficiente. Daí haver a necessidade da divisão de alunos por diversos outros hospitais. A solução pensada e que, ao que parece, dev. à ser concretizada, é a compra pelo MEC do Gaffrée Guinle, pelo qual a Fundação proprietária exige 500 milhões de cruzeiros, estando no momento o MEC, que seus órgãos especializados, estudando o assunto. Des-

reportagem de Walter Faria

de que estas comissões de estudo aprovem a compra, esta será realizada.

expansão

O prédio onde funciona a secretaria e diversas cadeiras básicas da Escola (do 1º e 2º ano) pertence ao Instituto Hammeimiano. O Ministério da Educação e Cultura pretende incorporá-lo ao patrimônio da EMC. Os estudos de aquisição tramitam, atualmente, pela Câmara dos Deputados Federais, em Brasília, e o preço de venda estipulado pelo Instituto é de oito milhões de cruzeiros.

o cinquentenário

Uma série de festividades comemorativas do cinquentenário de fundação da Escola de Medicina e Cirurgia foi programada pelo Centro Acadêmico, indo desde sessões solenes até os bailes animados por orquestra. Uma noite de arte no Teatro Rio de Janeiro (ex-Municipal), missa solene, entrega de um título de aluno-honorário da Escola ao professor Dumerval Trigueiro, diretor da Divisão de Ensino Superior do MEC, também constaram da programação semanal.

Como fato interessante, numa sessão científica, onde ex-alunos da EMC apresentaram descobertas suas em ramos especializados, realizou-se, com treze hoje doutores demonstrando ao que chegaram. Inaugurou-se a biblioteca e o Centro de Estudos. No programa ainda havia uma excursão à Refinaria Duque de Caxias, da Petrobrás, bem como a apresentação da peça teatral «As mãos de Eurídice», por Rodolfo Mayer e o encerramento dos festejos com o baile de hoje no Copacabana Palace.

excedentes

Com o apoio do diretor da Escola, dr. Floravanti Alonso di Piero, o Centro Acadêmico Benjamin Batista, através seu presidente Evangelista Pereira, procura matricular os 60 excedentes do exame vestibular, havendo apenas necessidade de adaptação da Escola, segundo seu diretor, para recebê-los. O ministro Oliveira Brito estuda o problema e tudo leva a crer que será favorável. Caso os excedentes não sejam matriculados, o CABB decretará greve na Escola, pois os excedentes concorreram com 1.484 candidatos e ficaram entre os 179 aprovados, quando a EMC só possui para todo o número de candidatos, 80 vagas.



MEDICINA TEM NOVA FACULDADE NO RIO

O Presidente da República assinou, ontem, dois importantes decretos-lei, o primeiro autorizando a funcionar, aqui na Guanabara, a Faculdade de Medicina, pertencente à Academia Brasileira de Medicina Militar, e, o segundo, autorizando a criação da Federação das Escolas Federais Isoladas da Guanabara.

A FACULDADE

Para o efeito de manter e administrar a Faculdade de Medicina, a Academia Brasileira de Medicina Militar instituirá, como entidade de direito privado, a "Fundação General Dr. João Severiano da Fonseca".

Os estatutos da Fundação e da Faculdade deverão ser aprovados, respectivamente, pelo Presidente da República e pelo Conselho Federal de Educação.

Do ato de instituição da Fundação, pela Academia Brasileira de Medicina Militar, participará, como interveniente, representante expressamente credenciado pelo Presidente da República.

O patrimônio da Fundação será constituído: I) Pelo terreno, com a área aproximada de 20.000,00 m² situado à Avenida Brasil, em Mangueiras, Estado da Guanabara, cedido gratuitamente pelo Ministério da Aeronáutica à Academia Brasileira de Medi-

cina Militar, de acordo com o Decreto número 62.268, de 15 de fevereiro de 1968; II) Pelos bens e direitos que vier a adquirir; III) Pelas doações que receber; IV) Por outras incorporações que reveriam dos trabalhos realizados pela instituição.

Serão recursos financeiros da Fundação: I) As dotações anualmente consignadas no orçamento da União; II) As ajudas financeiras de qualquer origem; III) As contribuições oriundas de convênio; acordo em contrato; IV) Os saldos de exercícios encerrados.

A Faculdade de Medicina disporá dos leitos hospitalares e instalações para médicos existentes no Hospital da Aeronáutica do Galeão, dos laboratórios do Instituto Estadual de Saúde Pública, do anfiátrio e de parte do 4º andar do Instituto Médico Legal, da Secretaria de Segurança do Estado da Guanabara, dos leitos hospitalares e das instalações para médicos existentes no Hospital Central da Marinha e de outros hospitais da Marinha Brasileira situados no Estado da Guanabara, de acordo com os termos de convênios respectivamente firmados, a 27 de julho de 1967, com a Diretoria de Saúde do Ministério da Aeronáutica, a 28 de agosto de 1967, com a Go-

vérno do Estado da Guanabara, a 29 de setembro de 1967, com o Governo do Estado da Guanabara, e a 21 de novembro de 1968, com a Diretoria de Saúde do Ministério da Aeronáutica.

A Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara, também criada pelo presidente da República, congregará: I) a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia de Ilho de Janeiro; II) a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto; III) a Escola Central de Nutrição; IV) o Curso Superior de Teatro, no Serviço Nacional do Teatro; V) o Instituto Vila Lobos; VI) o Curso de Biblioteconomia, da Biblioteca Nacional; VII) o Instituto Nacional de Câncer.

A FEFIEG é autorizada a admitir como instituições agregadas a Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro, a Escola Brasileira de Reabilitação Profissional e outros estabelecimentos de ensino, de pesquisa ou de assistência médico-social.

Aos professores, auxiliares de ensino e servidores das instituições e cursos integrados na FEFIEG serão assegurados os direitos e vantagens que lhes são atualmente concedidos pela legislação federal.

A nomeação do primeiro presidente da FEFIEG será livremente feita pelo Presidente da República.



Gaffrée e Guinle: importantes avanços

A sobrevivência dos pacientes com Aids tratados pelo Hospital Gaffrée e Guinle, mesmo sem uso do AZT, é hoje o dobro da registrada em 1987. Esse é, segundo o Diretor do Centro de Referência Nacional em Aids do hospital, Carlos Alberto Moraes de Sá, fruto de estudos que vêm sendo desenvolvidos no Gaffrée sobre a doença. A experiência já permitiu também conhecer particularidades da Aids no Brasil, tais como a maior incidência de mortes por tuberculose disseminada e por toxoplasmose cerebral, ao contrário do que ocorre na Europa e nos Estados Unidos, onde a principal causa de morte é a pneumonia.

— Com isso, constatamos que o tipo de Aids que temos aqui é típico do Brasil e que o aumento da sobrevivência talvez se deva a uma mutação do vírus, que estaria se tornando menos agressivo em nosso País — explica Moraes de Sá.

Outro possível fator de aumento da sobrevivência, na opinião do médico, estaria na relação médico-doente.

— Nossa idéia é fazer com que cada paciente seja atendido sempre pelo mesmo médico, criando uma relação de confiança que favorece consultas voluntárias regulares. Dessa forma é possível diagnosticar precocemente infecções oportunistas, combatendo-as em estágios iniciais — explicou.

O primeiro portador do vírus da Aids atendido no hospital está vivo até hoje, segundo Moraes de Sá. Infectado provavelmente em 1981, ele chegou ao Gaffrée em 1983.

O Diretor do Centro de Referência Nacional em Aids queixa-se da falta de recursos para ampliar o atendimento e as pesquisas e acha necessário que, na estratégia global que o

Ministério da Saúde está adotando para a recuperação dos hospitais, o Gaffrée e Guinle passe a receber remessas regulares de verbas.

— Falta a maior parte dos remédios básicos, como antibióticos, cortisona, a Pentamidina, droga essencial para tratar um tipo de pneumonia que ataca os doentes com Aids, sem falar no AZT. As últimas caixas do Retrovir (AZT), distribuído no Brasil pelo laboratório Wellcome, acabam esta semana e não sabemos o que fazer. Também precisamos de reagentes para análises laboratoriais, não temos endoscópio nem tomógrafo computadorizado. Também não temos verbas para manutenção dos equipamentos existentes. Se um aparelho quebrar ficamos sem ação, porque não há dinheiro para os consertos — diz ele.

Apesar das dificuldades, o hospital ainda é o melhor local para tratamento da Aids, de acordo com Moraes de Sá.

— Todo mundo quer vir estudar a doença aqui, apesar de não termos recursos para ampliar as pesquisas. Recebemos uma boa colaboração de instituições como o Inamps, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Finep, e de empresas privadas (Itautec, Gillete do Brasil, Alto Astral, Dimed, Coca-Cola, Computer Ware, Supermercados Makro e outras) para as pesquisas. Esse apoio está nos permitindo ampliar estudos e manter o nome que já conquistamos internacionalmente no campo da pesquisa. Prova disso é que dos 22 trabalhos que enviamos à Conferência Internacional sobre Aids, realizada em São Francisco, 15 foram aprovados — afirma.



Gaffré e Guinle: um passo à frente no combate à Aids

MARISA CASTELLANI

O Hospital Universitário Gaffré e Guinle, na Tijuca, ligado à Uni-Rio, tem tido seu nome bastante mencionado pela imprensa nos últimos meses. Não por causa da greve dos profissionais de saúde, coisa que não houve por lá, como garante o Diretor Sérgio Magarão. Mas por ser, atualmente, um dos principais pólos do Rio de Janeiro no diagnóstico e controle da Aids (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida), uma doença que já matou 145 brasileiros desde que chegou ao País, em 1982.

Através dos dois telefones que a Secretaria de Saúde colocou à disposição da população para informações sobre a Aids (240-4331 e 240-4481), muitas das pessoas que dizem ter algum sintoma da doença são aconselhadas a procurar o Gaffré e Guinle. Lá, uma equipe de médicos e pesquisadores, coordenada pelos médicos Fernando Samuel Sion e Carlos Alberto Moraes de Sá estuda o problema há mais de um ano e trabalha junto com o Departamento de Imunologia da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) na realização de pesquisas.

Foi no Gaffré e Guinle, segundo Sérgio Magarão, que houve a notícia do primeiro caso de Aids no Município do Rio,



O Hospital Gaffré e Guinle é o principal pólo de estudo e diagnóstico da Aids na cidade

há cerca de um ano. Outros casos começaram a surgir e até 30 de maio deste ano o Estado do Rio de Janeiro já tinha diagnosticado, em dados oficiais, 41 casos, com a ocorrência de 28 mortes. Foi o segundo Estado em número de diagnósticos só superado por São Paulo que, até 20 de maio, havia notificado 248 casos, com 195 mortes.

A Aids é uma doença caracterizada pela perda de imunidade mediada por células, a partir da ação de um vírus especial. Isso significa que o organismo da pessoa perde a capacidade natural de se defender contra fungos, bactérias ou outros agentes aos quais está exposto diariamente. As primeiras manifestações da doença são as chamadas "infecções oportunistas": o pa-

ciente pode se apresentar, por exemplo, com uma pneumonia, que na verdade pode ser já uma consequência da Aids. A doença progride mais facilmente nos considerados grupos de risco, compostos por homossexuais e bissexuais masculinos, usuários de drogas injetáveis, hemofílicos ou politransfundidos.

O Gaffré e Guinle tem, atualmente, três pacientes internados, sendo que dois já têm a Aids confirmada e um está sob forte suspeita. No ambulatório do hospital, outras 40 pessoas estão sob verificação dos médicos.

— Hoje, sem sombra de dúvida, a coisa piorou muito, tendo em vista sobretudo a promiscuidade. Os grupos de risco têm um papel fundamental na

transmissão da doença. Nos Estados Unidos os números são altamente preocupantes. Há muitas teorias a respeito da origem da Aids e uma delas admite que possa ter surgido na África e no Haiti. Mas são principalmente os africanos e os haitianos que contestam isso — diz o Dr. Sérgio Magarão.

Embora considere o crescimento do número de casos no País alarmante, Sérgio Magarão acha que a população deve ser bem orientada para que a síndrome não seja de pânico geral.

— Não se conhece no Brasil casos de Aids em heterossexuais fora do grupo de risco. Também não há na literatura médica qualquer citação de contágio entre o doente e o pessoal do corpo de saúde. A trans-

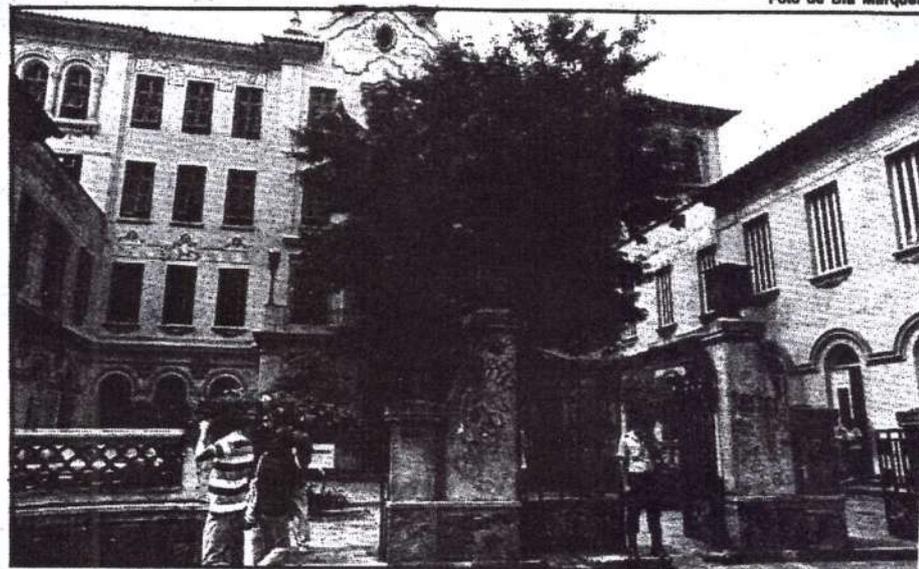
Gaffrée é o pioneiro no País no tratamento da Aids

Foto de Bia Marques

No Gaffrée e Guinle, funciona o Centro Nacional de Referência da Aids. O hospital foi o primeiro do País a desenvolver um programa de pesquisa e tratamento da doença e vem desenvolvendo desde então um tratamento integrado às pessoas contaminadas pelo HIV. Isto é, os portadores do vírus não são isolados dos demais internos, ocupando as mesmas enfermarias.

— Descobrimos que o aspecto psicológico dos pacientes durante o tratamento da Aids, assim como de outras doenças, é fundamental para sua rápida recuperação. Por isso, no Gaffrée e Guinle, todos os doentes são mantidos em contato com suas famílias e recebem assistência psicológica. Atualmente, temos cerca de 30 pacientes aidéticos internados aqui — conta.

Um dos serviços oferecidos pelo hospital é o aconselhamento anônimo sobre a Aids, onde, sem se identificar, qualquer pessoa pode buscar informações a respeito da doença. Quando necessário, também sem



O Hospital Gaffrée Guinle, onde funciona o Centro Nacional de Referência da Aids

dar o nome, o paciente pode fazer o exame. Neste caso, ele recebe um número que servirá como código na hora de receber o resultado.

— Por incrível que pareça, ainda há muito preconceito em torno da Aids. Através do aconselhamento anônimo os doentes se sentem mais a vontade para procurar um médico — explica Carlos Alberto Moraes de Sá.

Mas não são só os aidéticos que encontram tratamento no Gaffrée e Guinle. O programa de cuidados à gestante hipertensa também figura entre os serviços mais importantes oferecidos na instituição. Neste setor, as mulheres grávidas tomam conhecimento dos riscos a que estão sujeitas e da melhor maneira de controlarem sua pressão arterial:

— No Gaffrée e Guin-

le há setores de cardiologia, tratamento do câncer, pediatria, além de uma assistência para crianças que sofrem de alergia e asma. Estamos trabalhando, apesar de todos os percalços, a todo vapor. É o que chamamos carinhosamente de milagre do Gaffrée. Nosso ambulatório, onde é feita a triagem dos doentes, recebe, em média, diariamente, mais de mil pacientes — relata Carlos Alberto.



Hospital dá assistência especializada para os portadores do vírus da Aids

Ali, os doentes se sentem como se estivessem em sua própria casa — e, na verdade, alguns não têm nem mesmo para onde ir. O carinho com que são tratados não os faz querer sair de lá. A característica principal no atendimento aos aidséticos do Gaffrée e Guinle é a não discriminação. De acordo com o Diretor do Centro de Referência em Aids, Carlos Alberto Morais de Sá, essa é a maior contribuição do Gaffrée no que se refere à doença e é também um modelo que pode ser seguido por toda rede hospitalar.

— Nós estamos enquadrados dentro da realidade nacional e, seguramente, temos o mais barato custo de tratamento ao aidsético — assegura ele, acrescentando que os índices de sobrevivência dos pacientes são elevados, se comparados às outras instituições.

Porém, a ênfase na pesquisa da Aids e na busca de soluções para a cura da doença têm feito com que o Gaffrée sofra pressões, não só



A imponente fachada do Hospital Gaffrée e Guinle, na Rua Mariz e Barros, mantém a sua arquitetura original



O Diretor Carlos Alberto Morais

dos que estão na fila de espera, como também dos demais hospitais que volta e meia encaminham pacientes para a instituição. Com isso, cria-se uma situação embaraçosa para os médicos que lá trabalham, segundo o Superintendente Médico, Célio Oliveira.

— O Gaffrée está adotando um perfil de hospital exclusivo para aids

éticos, quando absolutamente não o é. Nós queremos ser conhecidos também como um hospital de tratamento geral — lembra ele.

Quatro dos 22 leitos disponíveis para os pacientes aidséticos estão bloqueados — o que representa 25% da capacidade total. A causa disso, segundo Carlos

Alberto, é que o Gaffrée sofre, principalmente, de carência de profissionais em algumas áreas específicas, como a enfermagem, a anestesia, a psicologia e a fonoaudiologia. Com planos de abrir uma outra unidade para o tratamento dos doentes de Aids, o diretor ainda não pôde concretizá-los justamente por não contar com uma equipe maior.

— É uma insensibilidade o que fazem com os doentes aidséticos que vivem um drama quando têm, por exemplo, de ser transportados para outros hospitais, porque não temos aqui aparelhos como o de resso-

nância magnética nuclear e o tomógrafo computadorizado de corpo inteiro — desabafa ele, acrescentando ainda que a falta de equipamentos de ponta aumenta a permanência do paciente no hospital.

Na página seguinte, 'Falta de recursos determinou o fechamento do ambulatório'

Gaffrée e Guinle firme no Combate a AIDS

O Hospital de Clínicas Gaffrée e Guinle, que implantou, em 1993, um programa de clínica médica especializado no tratamento de aids, torna-se pioneiro no Sistema de Assistência Médica e Pesquisa Simultânea. Neste sistema, laboratórios de pesquisa funcionam em conjunto com o ambulatório de clínica médica, oferecendo melhor assistência ao paciente, maior qualidade e eficiência no tratamento diferenciado, com bases científicas, para cada paciente. O objetivo principal desse sistema é "recuperar o prestígio da medicina, através da qualidade dos serviços médicos e do bom relacionamento humano", decaia Dr. Carlos Alberto Moraes de Sá, diretor do Centro de Referência Nacional em AIDS do Hospital Gaffrée e Guinle e professor titular de Clínica Médica da Universidade do Rio de Janeiro - UNI RIO.

Dentro do novo sistema implantado, destaca-se o laboratório

de Biotecnologia, que abriga a maior soroteca latino-americana, composta por 2.500 soros estudados e cadastrados, com os dados armazenados em computador. A partir do estudo desses soros, é possível controlar o perfil de uma epidemia e testar técnicas de combate de vírus e a aplicação de novos reagentes, resultando num aprimorado controle de qualidade.

Utilizando técnicas revolucionárias, o laboratório de biotecnologia do hospital Gaffrée e Guinle pretende: cultivar células, isolar e cultivar o vírus HIV e realizar o PCR, método que amplia o código molecular da célula, permitindo diagnosticar seguramente a existência de Vírus - incluindo o HIV+, que determina o diagnóstico da AIDS - examinando apenas uma célula. Com a implantação do PCR será possível acompanhar, com precisão, o que está acontecendo no país, em termo de prolifera-



Laboratório de Biotecnologia do Hospital de Clínicas Gaffrée e Guinle

ção de vírus, além de controlar o tratamento dos doentes e das vacinas pesquisadas.

Com toda essa tecnologia, torna-se possível dizer que o Sistema de Assistência Médica e Pesquisa Simultânea do hospital Gaffrée e Guinle é o mais avançado do país. A partir de sua implantação, a sobrevivência dos pacientes

HIV+ dobrou. "Antes, 30% dos pacientes aids viviam durante dois anos; agora, este número subiu para 60% e apenas 10% dos pacientes assintomáticos desenvolvem a doença,

a cada dois anos", informa Dr. Carlos.

Atualmente, cerca de 5 crianças e 30 adultos estão internados no hospital, que não possui uma enfermeira exclusiva para o trata-

mento de pacientes com AIDS, como todos os hospitais. Os medicamentos são insuficientes, principalmente o AZT. Segundo o Dr. Carlos Alberto, o número de hospitais,

médicos e enfermeiros que gostem de doentes, também é insuficiente: "Os profissionais da saúde estão em extinção, fato que se reflete na omissão de outros hospitais no atendimento de doentes com

AIDS, sob a alegação que a doença necessita de um tratamento especializado. Basta ser médico para tratar de um aids. Basta gostar do doente." Tal fato é relacionado pelo Dr. Carlos Alberto como "a falta de estímulo dos profissionais da área de saúde e, principalmente, à falta de vergonha dos governos, que não se interessam em investir na saúde".

Suedyr Nakane



Um hospital que não discrimina pacientes

Desde que a Aids foi constatada pela primeira vez no Brasil, no início da década, os hospitais universitários vêm tomando a dianteira no atendimento aos pacientes. No Rio, o Gaffrée e Guinle, na Rua Mariz e Barros, subordinado à Universidade do Rio de Janeiro (UNI-Rio), pode se orgulhar de ter sido o pioneiro no tratamento da doença, sem discriminar os aidéticos, integrando-os aos demais pacientes. Além da falta de recursos financeiros, atualmente a instituição enfrenta o problema gerado pela falta de pessoal especializado, o que obrigou o hospital a desativar um terço da capacidade de cada uma das suas enfermarias.

Com apenas 34 enfermeiras, quando seriam necessárias pelo menos 187, e 52 auxiliares de enfermagem, em vez dos 800 que precisaria ter, o Gaffrée e Guinle está aguardando desde 1985 que o

Ministério da Educação abra concurso público para a contratação de novos profissionais. Até lá, de acordo com o Diretor do Programa de Aids, Carlos Alberto Moraes de Sá, o hospital optou por uma política voltada principalmente para a qualidade do atendimento.

— Se não temos condições de internar um número maior de doentes, preferimos então acompanhá-los de forma eficiente. Por isso criamos a Unidade de Assistência e Pesquisas em Hematologia. As adversidades não vão nos impedir de praticar a boa medicina — garante.

Dentro de 15 dias o hospital espera receber NCZ\$ 40 mil do Inamps, a primeira injeção de recursos em mais de um ano. No entanto, segundo Carlos Alberto, a ver-

ba não é suficiente para suprir as deficiências do hospital. Ele explica que os gastos com o tratamento da Aids são grandes:

— Precisamos comprar reagentes, medicamentos importados, entre outras despesas indispensáveis. É necessário recursos constantes para que possamos sobreviver. Diariamente, entre 20 e 40 portadores da doença são atendidos em nosso ambulatório. Deste número, temos capacidade para internar apenas 20. E é bom lembrar que não tratamos apenas de portadores do HIV. Em cada uma das enfermarias, que têm 24 leitos, devido à falta de pessoal, somos obrigados a manter seis ociosos. Para os aidéticos não sobram nem 20 leitos em todo hospital e somos levados a improvisar.

Na página seguinte: 'Para os portadores do vírus, tratamento melhora dia-a-dia'





IMAGENS



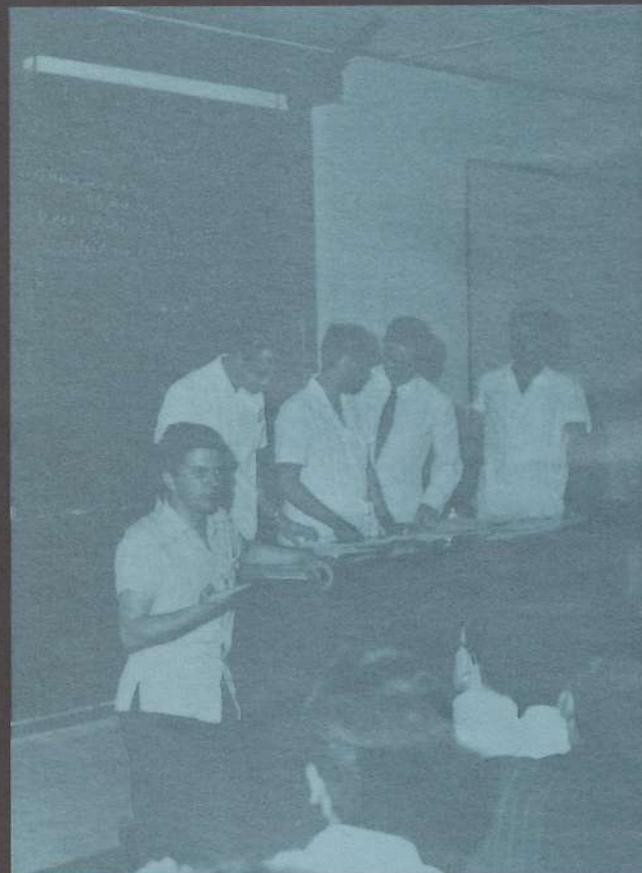
INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL
ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA
 20 de Janeiro de 20 de Março de 1947
 Tobias Kant C. Rothier
 Aluno matriculado na primeira série do
CURSO MÉDICO sob o n.º 58

Tobias Kant C. Rothier
 SECRETÁRIO

Augusto
 DIRETOR

Tobias Kant C. Rothier
 O ALUNO

O aluno deve trazer sempre consigo este cartão de identidade que lhe será exigido na entrada das aulas, laboratório, etc.



DOMORANDOS DE 1950

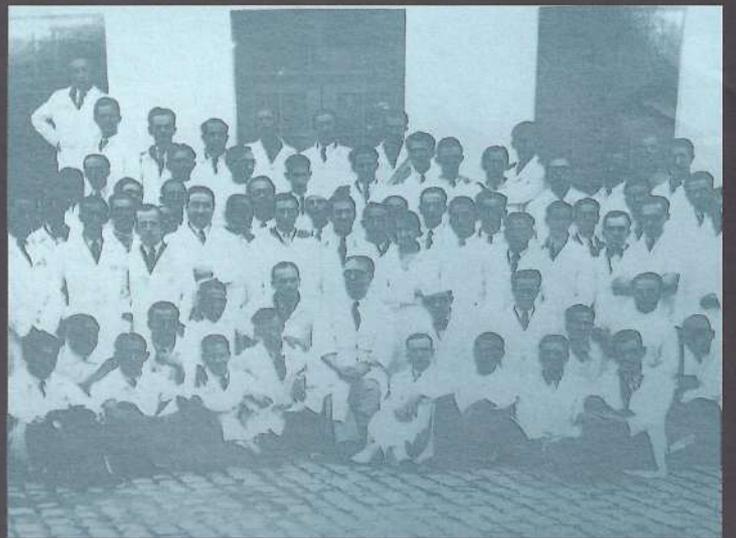
DIRETOR
 Prof. Edmundo Pereira Lima
PABANINHO
 Prof. Jorge de Paiva
GRANDE HOMENAGEM
 Prof. Augusto Frederico Torres de Souza
HOMENAGEM DE HONRA
 Prof. Edmundo Pereira Lima
HOMENAGENS ESPECIAIS
 Prof. Benjamin David Baptista
 Prof. Flávio Epifânio
 Prof. Joaquim de Faria
 Prof. João Ramos e Silva
HOMENAGENS
 Prof. Antonio Moreira
 Prof. Estácio Gomes de Azevedo
 Prof. Carlos Augusto Martins
 Prof. José de Lima Bastião
 Dr. João de Almeida Gigante
 Dr. João de Albuquerque
HOMENAGEM PÓSTUMA
 Prof. Antônio Soares Penna de Aguiar
ORADOR
 Doutorando
 Wilson de Silva Lima

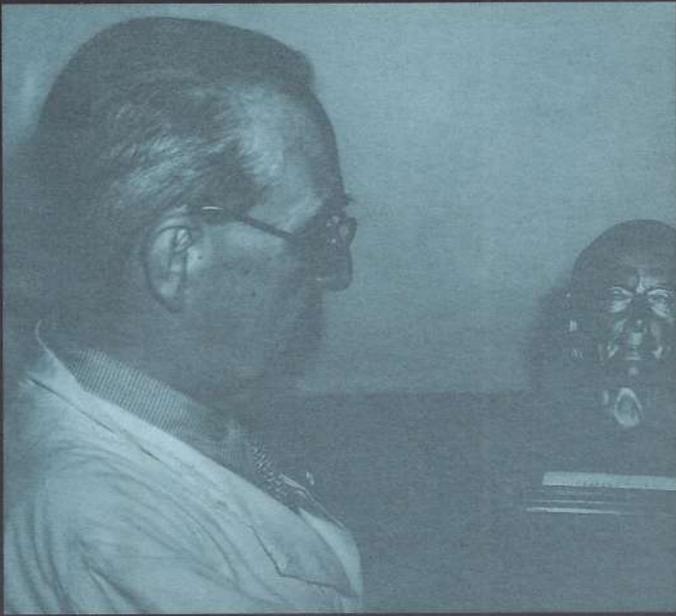


AUDITÓRIO VERA JANACOPULOS

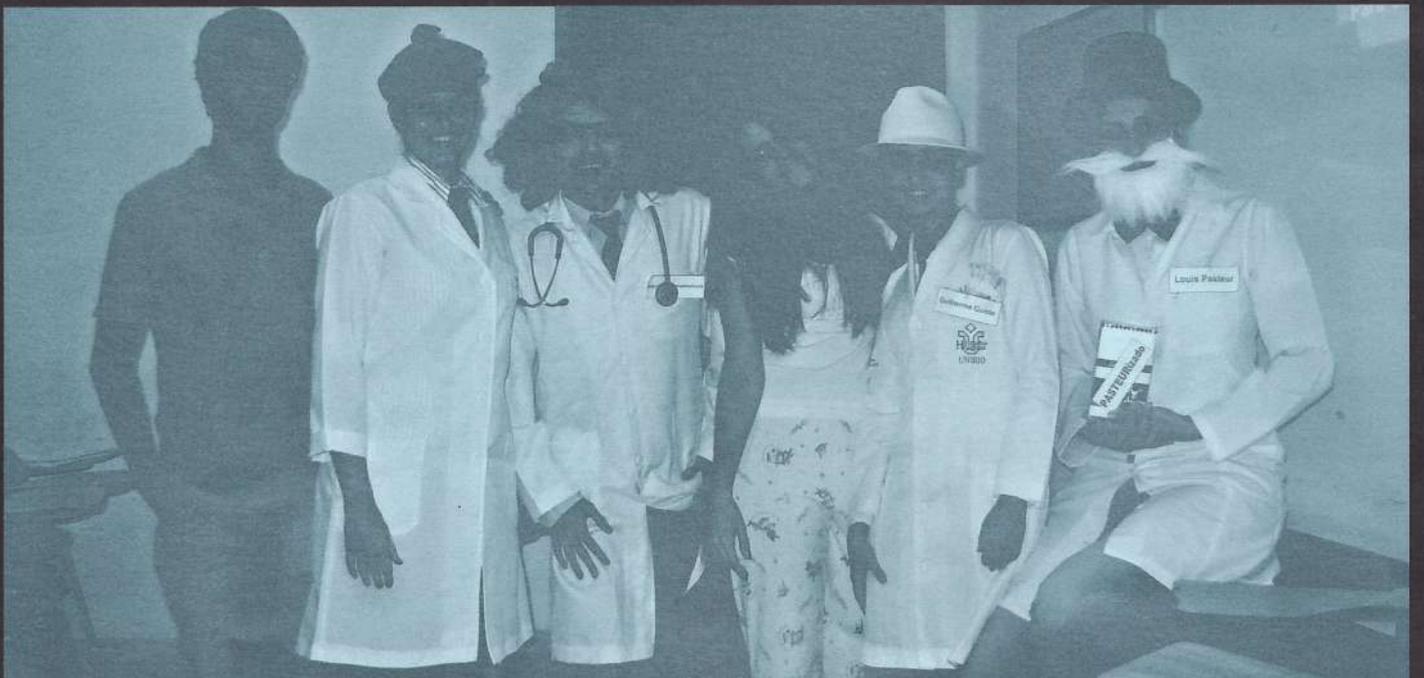


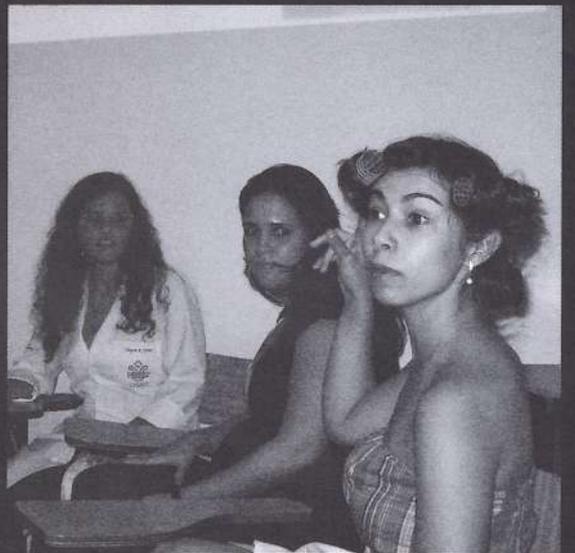
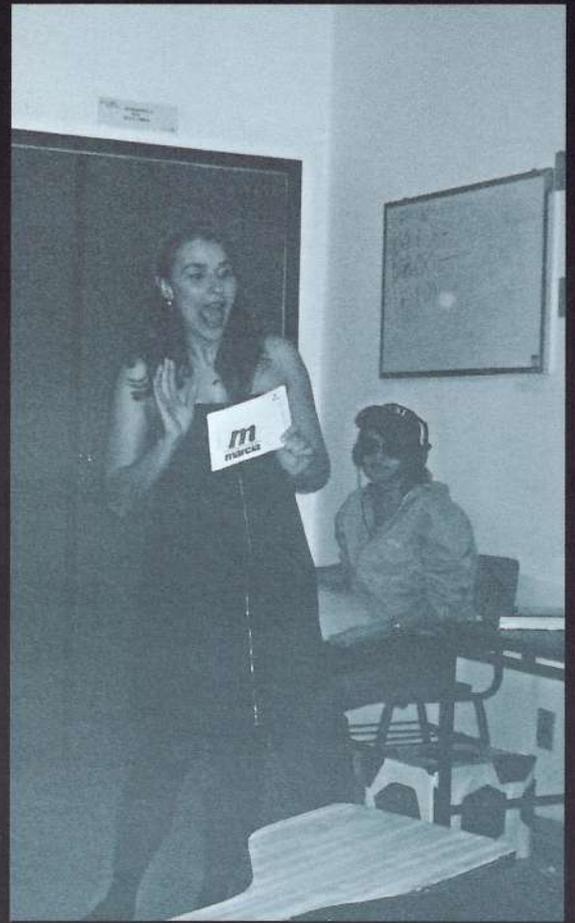


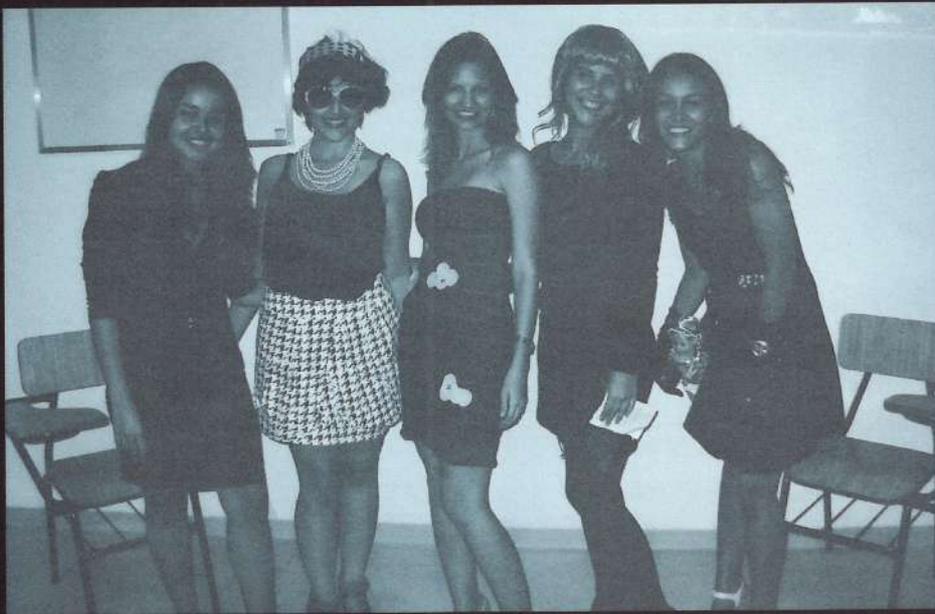












EMC - Novo prédio da Escola

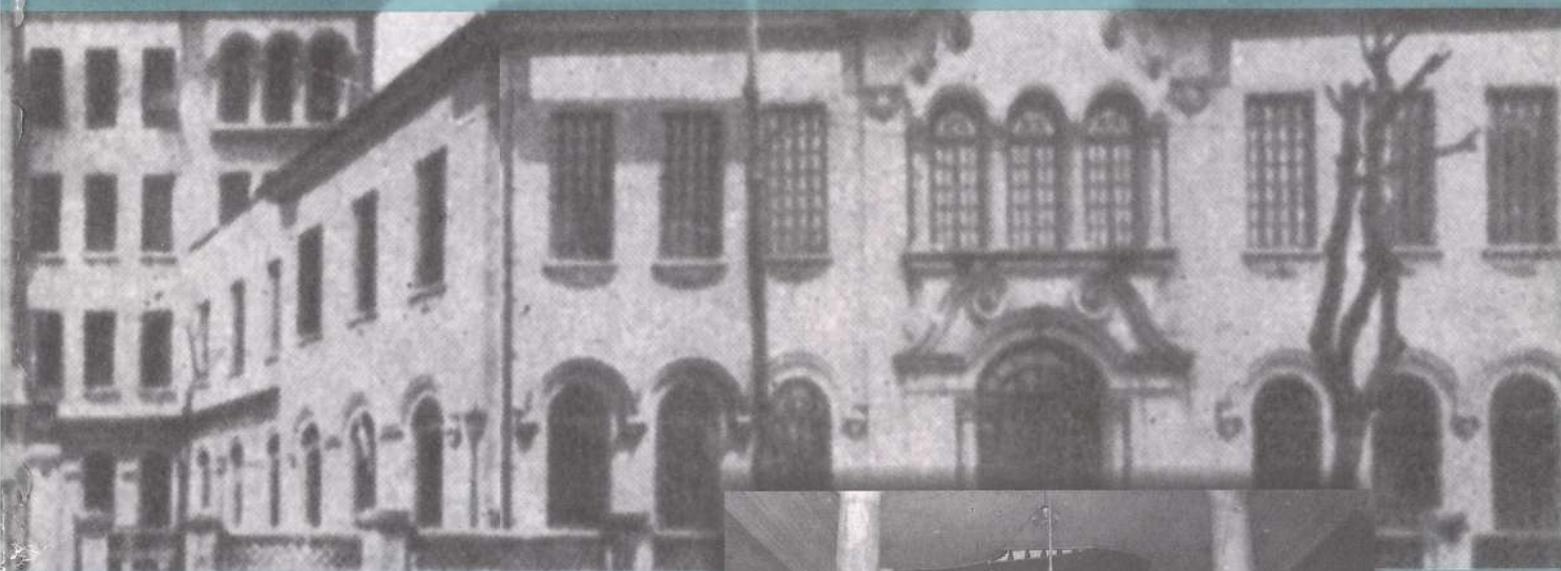






DIRETÓRIO ACADÊMICO
BENJAMIN BAPTISTA







A escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, segunda escola de medicina criada no Estado do Rio de Janeiro e a quarta do país, completa seu centenário no corrente ano e esta edição especial da revista Chronos integra nosso projeto comemorativo. Seu conteúdo documenta a história da Escola e relata o depoimento daqueles que vivenciaram e se dedicaram a esta instituição, enquanto docentes, funcionários ou alunos.



A revista retrata, por meio de fotos e descrição, figuras ilustres que se destacaram na trajetória de nossa Escola, como aqueles que lutaram para a sua criação, para o seu reconhecimento como instituição de ensino superior e para a sua incorporação no sistema de ensino federal (federalização). Além disso, traz o relato de personagens que fazem parte da história da escola, passada ou atual, onde contam experiências vividas na Escola de Medicina e Cirurgia.

O Coordenador Temático da revista, ex-aluno e professor da Escola de Medicina e Cirurgia, Maurício Ribeiro Borges, é um historiador nato e profundo conhecedor da história de nossa escola. Em sua narração, deixa transparecer nas entrelinhas o amor e o orgulho que tem pela instituição em que se formou e que, hoje, integra seu corpo docente.

A Escola de Medicina e Cirurgia agradece à Secretaria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UNIRIO, ao Professor Luciano Maia e equipe, e, ao seu historiador, Professor Maurício Ribeiro Borges, a possibilidade de, nesta edição especial da revista Chronos, eternizar a história dos 100 anos, de uma das mais tradicionais escolas no ensino médico no país.

Maria Lúcia Elias Pires

Diretora da Escola de Medicina e Cirurgia da Unirio

CHRONOS

Publicação cultural da UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro